



## A PEREGRINAÇÃO AO SAGRADO: OS CAMINHOS QUE LEVAM À ROMARIA/MG



UBERLÂNDIA, 2017

**LUANA MOREIRA MARQUES**

**A PEREGRINAÇÃO AO SAGRADO: OS CAMINHOS  
QUE LEVAM À ROMARIA/MG**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Vicente de Paulo da Silva.

Co-orientador: Prof. Dr. Jean Carlos Vieira Santos.

Supervisora no Doutorado Sanduíche: Profa. Dra. Maria Gravari-Barbas. (*Université Paris 1- Panthéon-Sorbonne*)

**UBERLÂNDIA, 2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil

---

MB57p  
2017

Marques, Luana Moreira, 1985-  
A peregrinação ao sagrado : os caminhos que levam à Romaria MG /  
Luana Moreira Marques. - 2017.  
250 f. : il.

Orientador: Vicente de Paulo da Silva  
Coorientador: Jean Carlos Vieira Santos.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa  
de Pós-Graduação em Geografia.  
Inclui bibliografia.

1. Geografia - Teses. 2. Geografia humana - Teses. 3. Festas  
religiosas - Romaria (MG) - Teses. 4. Religiosidade popular - Teses. I.  
Silva, Vicente de Paulo da II Santos, Jean Carlos Vieira. III.  
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em  
Geografia. IV. Título.

---

CDU: 910.1

**A PEREGRINAÇÃO AO SAGRADO:  
OS CAMINHOS QUE LEVAM À ROMARIA/MG**

Tese de doutorado aprovada para obtenção do título de Doutora no Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (MG) pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, \_\_\_\_ de maio de 2017.

---

Prof. Dr. Vicente de Paulo da Silva (orientador) – (IG - UFU)

---

Profa. Dra. Gláucia Carvalho Gomes – (IG - UFU)

---

Prof. Dr. Jean Carlos Vieira Santos – (UEG)

---

Profa. Dra. Maria Clara Tomas Machado – (INHIS - UFU)

---

Profa. Dra. Zeny Rosendahl – (UERJ)

*Aos meus antepassados. Que este trabalho honre a cada um deles. Suas lutas e histórias estão impregnados em mim e é isso que me dá força para seguir em frente e trilhar meus próprios passos.*

## **Agradecimentos**

Pelos caminhos de Romaria encontrei muitas pessoas e instituições que participaram direta e indiretamente da presente pesquisa. Agradeço cada uma delas, pois foram coautoras desse trabalho.

Agradeço especialmente à minha família pelo apoio e estímulo durante toda minha trajetória acadêmica. Também agradeço ao meu companheiro por saber estar presente nas horas difíceis e se ausentar quando também era importante. Vocês me deixaram mais fortes nesses últimos anos. Amo-os profundamente, muito obrigada.

Agradeço ao poder superior que tem me permitido trilhar os caminhos da vida. Acredito que Ele tenha delineado e acompanhado muitos dos meus encontros nesses últimos quatro anos. Espero um dia conseguir retribuir ao mundo tantas graças recebidas. Destaco, também o amparo da espiritualidade e de Nossa Senhora, a quem busquei aconchego nos tempos de vazio.

Reconheço e agradeço aos meus terapeutas e médicos que cuidaram da minha saúde física e mental durante essa jornada. Vocês foram fundamentais para meu equilíbrio. Algumas de suas falas ainda reverberam em minha mente.

Agradeço aos meus professores de vida. Tive vocês como referência enquanto escrevia cada linha aqui apresentada. Destaco, em especial, meus orientadores da pós-graduação, tanto no mestrado quanto no doutorado. Tentei materializar seus ensinamentos em cada parágrafo escrito.

Não posso deixar de mencionar meus amigos, novos e velhos, que muitas vezes me trouxeram para a realidade em meio ao turbilhão de informações e tarefas vividas numa pós-graduação. Sei que vocês estiveram comigo, mesmo durante minha ausência.

Agradeço à Universidade Federal de Uberlândia, um dos meus lugares no mundo. Não consigo pensar minha vida sem atrelá-la aos anos que passei percorrendo os blocos, salas, laboratórios, bibliotecas, cafés, ruas, dentre tantos espaços dessa instituição. Uma parte de mim vive ali.

Muito obrigado à Capes pela bolsa de doutorado sanduíche concedida pelo processo nº 99999.003222/2015-02 do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) e ao CNPq pela bolsa de doutorado concedida pelo processo 142047/2013-9.

Agradeço à *Maison du Brésil* e à *Cité Internationale Universitaire de Paris* pelo abrigo na França, assim como aos funcionários desta instituição e aos colegas que fiz durante minha temporada em Paris. Meu muito obrigado também à *Université Paris 1- Panthéon-Sorbonne* e aos companheiros e professores do *Institut de Recherche et d'Études Supérieures du Tourisme* (IREST) que tão bem me acolheram.

Agradeço notadamente àqueles que me receberam em Braga, Portugal e me auxiliaram diretamente com preciosos documentos e entrevistas que subsidiaram a compreensão do início da devoção à Nossa Senhora da Abadia.

Meu muito obrigado aos amigos e parceiros que me ajudaram na elaboração dos mapas, na revisão do texto, nos resumos em língua estrangeira e nos trabalhos de campo. O apoio de vocês me deixou mais segura para seguir em frente com a pesquisa. Obrigada também à Arquidiocese de Uberaba e à Paróquia de Romaria que permitiram a realização da pesquisa no espaço da igreja.

Finalmente, agradeço aos moradores de Romaria, aos devotos de Nossa Senhora da Abadia, aos assistencialistas que encontrei pelas estradas, aos carreiros, aos feirantes, aos trabalhadores da festa, enfim, a todos os que percorrem os caminhos de romarias. Sem vocês esse trabalho não teria sentido.

*Para o homem cuja realidade é irremediavelmente cindida entre o finito e o infinito, entre o bem e o mal, entre a vida e a morte, entre o castigo e a graça, entre o que é e o que deveria ser, a religião aparece como o amálgama entre criatura e criador restabelecendo a ordem, a harmonia e a esperança na transcendência da vida. Indicada por alguns filósofos como forma exemplar de alienação em contraposição à racionalidade, que permitiria ao sujeito histórico (re)construir a sua realidade, a religiosidade é, no entanto, sob perspectivas diferenciadas, entendida como um campo no qual o político se revela através das relações de poder. Sem intenção de aprofundamento, se a religião é vista como fruto da irracionalidade em Hegel, da alienação em Feuerbach, como instrumento para a dominação política em Espinosa, em Marx, a sua miséria “é ao mesmo tempo, expressão e protesto contra a miséria real”. Nesse sentido, para o homem simples a religião é lamento e recusa a um mundo tão desigual. (MACHADO, 1998, p. 175-6)*

## RESUMO

As peregrinações constituem-se como uma forma de se aproximar da materialização do sagrado em diferentes religiões e destinos. Tais destinos, quando reconhecidos coletivamente, são entendidos como lugares sagrados. Muitos sujeitos se põem na estrada para alcança-los. Na jornada, eles modificam os espaços, as paisagens, o cotidiano, além de transformarem a si mesmos, envolvendo-se numa teia de relações, práticas, lugares e pessoas que é (re)construída a todo momento. Considerando a importância do lugar sagrado para o estudo da religiosidade, o presente estudo incide em desvendar o porquê e como se dá a sacralização de um lugar, observando o modo com que esse processo altera o espaço e o cotidiano de múltiplos sujeitos. Tem-se como estudo de caso o município de Romaria-MG, onde a devoção à Nossa Senhora da Abadia modifica as práticas e as paisagens, sobretudo nos períodos de peregrinação e festa. A tese parte da análise do lugar sagrado, passando pela importância e características das peregrinações ao longo do tempo e espaço. Em seguida, ela envereda pelo caso da devoção de Nossa Senhora da Abadia que peregrina junto a seus devotos até o Brasil, se estabelecendo, entre outros destinos, em Romaria-MG. A peregrinação deste símbolo sagrado propulsiona o deslocamento de diversos sujeitos que obtêm no caminho o alimento social, cultural, espiritual e até físico para seus anseios e necessidades. Já no destino, conjugam-se diferentes relações socioespaciais durante a festa da padroeira, advindas da intensa convergência de fluxos de múltiplos sujeitos carregados de distintas motivações, o que transforma Romaria em um palco de ricos e complexos encontros, conflitos e trocas. A pesquisa foi desenvolvida a partir de revisões bibliográficas, análise documental, além da coleta de dados e informações em trabalhos de campo que compreenderam o período entre 2011 a 2017. Ao longo do texto é possível acompanhar a gênese e o desenvolvimento do município de Romaria e sua constituição como um lugar sagrado, assim como refletir sobre os motivos da sacralização de outros espaços.

**Palavras-chave:** Nossa Senhora da Abadia. Lugar. Religião. Romeiros. Festa.

## ABSTRACT

Pilgrimages are a way of approaching the materialization of the sacred in different religions and destinations. Such destinations, when collectively recognized, are understood as sacred places. Many subjects get on the road to reach them. In the journey, they modify spaces, landscapes, daily life, and also transform themselves, engaging in a web of relationships, practices, places and people that is (re)constructed all the time. Considering the importance of the sacred place for the study of religiosity, the present study focuses on uncovering why and how the sacredness of a place occurs, observing the way in which this process changes the space and the daily lives of multiple subjects. It has as a case study the municipality of Romaria-MG, where the devotion to Our Lady of the Abbey modifies practices and landscapes, mainly in the periods of pilgrimage and celebration. The thesis starts from the analysis of the sacred place, passing through the importance and the characteristics of the pilgrimages over time and space. Afterwards, it goes on to the case of the devotion of Our Lady of the Abbey, who pilgrims along with her devotees to Brazil, establishing herself in Romaria-MG, among other destinations. The pilgrimage of this sacred symbol propels the displacement of several subjects who obtain on their path social, cultural, and spiritual nourishment, and even physical nourishment for their desires and needs. Once at the destination, during the celebration of the patroness, different types of socio-spatial relationships are conjugated, coming from the intense convergence of flows of multiple subjects laden with different motivations, which turns Romaria into a stage of rich and complex encounters, conflicts and exchanges. The research was developed based on bibliographical reviews, documentary analysis, as well as the collection of data and information during fieldwork comprised in the period between 2011 and 2017. Throughout the text it is possible to follow the genesis and development of the municipality of Romaria and its constitution as a sacred place, as well as reflect on the reasons for the sacredness of other spaces.

**Keywords:** Our Lady of the Abbey. Place. Religion. Pilgrims. Party.

## RÉSUMÉ

Les pèlerinages sont une façon d'aborder la matérialisation du sacré dans les différentes religions et destinations. Ces destinations, quand collectivement reconnues, sont compris comme des lieux sacrés. Beaucoup de sujets se mettent sur la route pour les atteindre. Dans le voyage, ils modifient les espaces, les paysages, la vie quotidienne, et se transforment eux-mêmes, s'engageant dans un réseau de relations, de pratiques, de lieux et de personnes qui est (re)construit tout le temps. Considérant l'importance du lieu sacré pour l'étude de la religiosité, la présente étude se concentre sur la découverte du pourquoi et comment le caractère sacré d'un lieu se produit, en observant la façon dont ce processus change l'espace et la vie quotidienne de multiples sujets. Il a pour étude de cas la municipalité de Romaria-MG où la dévotion à Notre-Dame de l'Abbaye modifie les pratiques et les paysages, principalement dans les périodes de pèlerinage et de célébration. La thèse part de l'analyse du lieu sacré, en passant par l'importance et les caractéristiques des pèlerinages dans le temps et dans l'espace. Ensuite, on passe au cas de la dévotion de Notre-Dame de l'Abbaye, qui pèlerine avec ses dévots au Brésil et s'établissant en Romaria-MG, entre autres destinations. Le pèlerinage de ce symbole sacré propulse le déplacement de plusieurs sujets qui obtiennent sur leur chemin la nourriture sociale, culturelle et spirituelle, et même la nourriture physique pour leurs désirs et leurs besoins. Une fois à la destination, pendant la célébration de la patronne, différents types de relations socio-spatiales sont conjugués, venant de la convergence intense des flux de sujets multiples chargé de différentes motivations, qui tourne Romaria en une theater de rencontres riches et complexes, de conflits et d'échanges. La recherche a été développée sur la base de revues bibliographiques, analyse documentaire, ainsi que la collecte de données et d'informations au cours de travaux sur le terrain compris entre 2011 et 2017. Tout au long du texte, il est possible de suivre la genèse et le développement de la municipalité de Romaria et sa constitution comme lieu sacré, aussi bien que réfléchir sur les raisons de la sacralité d'autres espaces.

**Mots-clés :** Notre-Dame de l'Abbaye. Lieu. Religion. Pèlerins. Fête.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Cemitério do Peixe – MG. ....	35
Imagem 2: Procissões em Fátima e Lourdes. ....	42
Imagem 3: Matriz de Nossa Senhora da Abadia, construída entre 1870 e 1874. ....	46
Imagem 4: Santuário de Nossa Senhora da Abadia, em Romaria-MG. ....	47
Imagem 5: Interior do Templo da Sagrada Família em Barcelona, Espanha. ....	49
Imagem 6: Cartazes de diferentes festas e encontros em Romaria-MG. ....	54
Imagem 7: Paisagem do Santuário de Nossa Senhora da Abadia fora do tempo da festa e durante a festa à padroeira. ....	55
Imagem 8: Romeiros chegando aos pés de Nossa Senhora da Abadia. ....	56
Imagem 9: Densidades demográficas por freguesia no Sertão da Farinha Podre, em 1872. ....	57
Imagem 10: Via-sacra em Fátima-PT. ....	77
Imagem 11: A concha vieira como objeto simbólico de representação da peregrinação a Santiago de Compostela. ....	78
Imagem 12: Pirâmide da hierarquia das necessidades propostas por Maslow. ....	81
Imagem 13: Campanha política durante a romaria em Romaria-MG. ....	91
Imagem 14: Aviso em uma das barracas de apoio entre Uberlândia e Romaria-MG. ....	92
Imagem 15: Romeiros cuidando dos ferimentos nos pés na "Barraca da Antena", 2016. ....	97
Imagem 16: Visitantes no acesso ao Mont Saint-Michel. ....	101
Imagem 17: Catedral de <i>Notre Dame</i> e Capela de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, Paris - FR. ....	102
Imagem 18: Local onde foi encontrada a imagem de Nossa Senhora da Abadia. ....	108
Imagem 19: Estrada de acesso ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia em Amares, Portugal. ....	111
Imagem 20: Vista frontal e lateral do Santuário de Nossa Senhora da Abadia. ....	112
Imagem 21: Vista interna frontal e traseira do Santuário de Nossa Senhora da Abadia. ....	113
Imagem 22: Altar e escultura de Nossa Senhora da Abadia. ....	114

Imagem 23: Acesso ao Museu dos Peregrinos e antigos quartéis para hospedagem de peregrinos.....	114
Imagem 24: Interior do museu e livro de visitantes com recordação de grupo de peregrinos brasileiros. ....	115
Imagem 25: Áreas para piquenique no entorno do Santuário. ....	116
Imagem 26: Capelas dedicadas à vida de Nossa Senhora e à paixão de Cristo, respectivamente. ....	116
Imagem 27: Vista superior de parte da via de chegada ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia em Amares. ....	117
Imagem 28: Peregrinação Arciprestal à Senhora da Abadia em Amares, Portugal. ....	119
Imagem 29: Divulgação da peregrinação de maio de 2016. ....	119
Imagem 30: Rotas de peregrinação que passam por Amares - PT.....	121
Imagem 31: Loja do Santuário e venda informal de produtos regionais no entorno do prédio.....	122
Imagem 32: Bista dos Santuários de Fátima.....	123
Imagem 33: Talhas em ouro no interior da Igreja do Carmo, Porto, Portugal. ....	125
Imagem 34: Dificuldades e paisagens vivenciadas no caminho de Romaria. ....	137
Imagem 35: Dois usos e dois tempos no mesmo espaço. ....	141
Imagem 36: Manchetes sobre acidentes com romeiros nas estradas de acesso à Romaria-MG. ....	142
Imagem 37: Barraca Bethânia atendendo romeiros durante a madrugada.....	144
Imagem 38: Barraca da Antena.....	144
Imagem 39: Diferentes formas de peregrinação à Romaria - MG. ....	149
Imagem 40: Preparação e saída em romaria dos carros de boi.....	153
Imagem 41: Comitiva de carros de bois. ....	154
Imagem 42: Desmonte do pouso e café da manhã dos carreiros. ....	155
Imagem 43: Coleta de material para a montagem das barracas em Romaria-MG. ....	156
Imagem 44: Bênção dada aos carreiros que chegam em Romaria - MG.....	157
Imagem 45: Arranjos das romarias. ....	157
Imagem 46: Carreiros na rodovia. ....	158
Imagem 47: Sala das promessas.....	168
Imagem 48: Estacionamento da igreja. ....	169
Imagem 49: Sanitário público (ponto 12) e velário. ....	169

Imagem 50: Capela da Paz, Museu Padre Eustáquio e Gruta.....	170
Imagem 51: Curral da santa.....	170
Imagem 52: Bica d'água.....	171
Imagem 53: Acampamentos: montagens, arranjos e cotidiano.....	171
Imagem 54: Folias de Reis em Romaria, MG.....	174
Imagem 55: Oferta de aluguel dos espaços privados antes e durante a festa.....	176
Imagem 56: Descarte de urina em garrafas PET durante a festa. ....	181
Imagem 57: Área dos pedintes separada com cones e faixas ao lado do santuário, 2016.....	185
Imagem 58: Famílias de pedintes em Romaria, 2016.....	186
Imagem 59: Acampamento dos hansenianos na Festa de Nossa Senhora da Abadia em Romaria, 2016. ....	187
Imagem 60: Organização do acampamento dos hansenianos em Romaria, 2016. ....	188
Imagem 61: Barraca armada em terreno em Romaria, MG. ....	193
Imagem 62: Mutirão para montagem das barracas no acampamento e almoço para a comitiva. ....	197
Imagem 63: Carreiro e candieiro munidos de suas varas de ferrão. ....	198
Imagem 64: O retorno da romaria em carros de bois.....	199
Imagem 65: Comércio informal durante a Festa de Nossa Senhora da Abadia, 2012. .....	201
Imagem 66: Feira em Romaria.....	202
Imagem 67: Alvará disposto em uma das barracas da feira e vendedora ambulante circulando pela festa.....	203

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização de Romaria - MG. ....	51
Mapa 2: Localização do Santuário de Nossa Senhora da Abadia, em Portugal. ....	109
Mapa 3: A influência regional da devoção de Nossa Senhora da Abadia em Romaria-MG. ....	128
Mapa 4: Origem dos romeiros em 2013. ....	133
Mapa 5: Municípios de origem da maior parte dos carros de boi no período de construção do Santuário de Nossa Senhora da Abadia, em Romaria/MG. ....	152
Mapa 6: Principais pontos da festa. ....	167

## SUMÁRIO

	<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>2.</b>	<b>ROMARIA E O LUGAR SAGRADO.....</b>	<b>29</b>
2.1	O sentido de Lugar .....	29
2.2	Os lugares sagrados.....	37
2.3	De Água Suja a Romaria: a transformação da promessa diamantífera num polo de fé.....	43
<b>3.</b>	<b>O CAMINHO QUE LEVA AO SAGRADO: PENSANDO AS PEREGRINAÇÕES .....</b>	<b>65</b>
3.1	<i>O homo viator</i> como uma das nuances do <i>homo complexus</i> .....	66
3.2	Deslocamentos ritualizados.....	71
3.3	A importância da <i>práxis</i> religiosa para os indivíduos .....	79
3.4	As motivações para as peregrinações.....	86
3.4.1	Motivações culturais e de lazer .....	89
3.4.2	Motivações políticas .....	91
3.4.3	Motivações econômicas .....	93
3.4.4	Motivações sociais .....	94
3.4.5	Motivações religiosas ou transcendentais.....	95
3.5	O turismo religioso e a peregrinação .....	99
3.6	O epítome das peregrinações.....	104
<b>4.</b>	<b>A PEREGRINAÇÃO DE NOSSA SENHORA DA ABADIA: DE AMARES-PT À ROMARIA-BR .....</b>	<b>106</b>
4.1	O início da devoção e o Santuário de Nossa Senhora da Abadia em Amares .....	106
4.2	As peregrinações ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia em Amares, Portugal .....	117
4.3	Nossa Senhora da Abadia a caminho do Brasil.....	124
<b>5.</b>	<b>AOS PÉS DE NOSSA SENHORA DA ABADIA: PELOS CAMINHOS DE ROMARIA - MG.....</b>	<b>135</b>

5.1	Os múltiplos sujeitos e caminhos até Romaria – MG .....	135
<b>6.</b>	<b>OS TEMPOS, ESPAÇOS E SUJEITOS MÚLTIPLOS DA FESTA DE NOSSA SENHORA DA ABADIA EM ROMARIA – MG.....</b>	<b>161</b>
6.1	A festa de Nossa Senhora da Abadia como prática social do cotidiano em Romaria – MG .....	161
6.2	Os sujeitos e práticas do tempo-espaço festivo.....	174
6.2.1	“A gente espera o ano inteiro, né? É bão, mais é ruim também” .....	174
6.2.2	“A igreja é de todos, tanto rico como pobre e até do mendigo” .....	184
6.2.3	“Aqui vem gente doar de todo lado” .....	187
6.2.4	“Hoje eu já não sei porque eu venho mais, eu sei que não é porque eu sou devota da santa” .....	191
6.2.5	“Querendo ou não quem faz a festa é o feirante” .....	201
6.2.6	“Quem toca o sino não acompanha a procissão”.....	206
<b>7.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>210</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>217</b>
	<b>APÊNDICE A – GRÁFICOS COMPARATIVOS REFERENTES À POPULAÇÃO E À DENSIDADE POPULACIONAL DE UBERLÂNDIA, ROMARIA, UBERABA E ESTRELA DO SUL EM 1872 E 2016.....</b>	<b>231</b>
	<b>APÊNDICE B – FLUXO DE VISITANTES NO MUSEU PADRE EUSTÁQUIO EM 2013, ROMARIA - MG .....</b>	<b>232</b>
	<b>ANEXO A – REPORTAGEM - AMARES: NOSSA SENHORA DA ABADIA QUER ACOLHER MAIS PEREGRINOS.....</b>	<b>240</b>
	<b>ANEXO B – CARACTERIZAÇÃO DA ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA ABADIA EM AMARES – PORTUGAL.....</b>	<b>242</b>
	<b>ANEXO C – PROGRAMAÇÕES DAS FESTAS EM LOUVOR À NOSSA SENHORA DA ABADIA EM AMARES, PORTUGAL E EM ROMARIA, BRASIL, NO ANO DE 2015.....</b>	<b>248</b>

## APRESENTAÇÃO

Passos no escuro, som de pneus esmagando o asfalto. Vejo algumas luzes, junto a elas vultos. Tento ouvir o silêncio que é quebrado pelos sons de orações vindos de dois peregrinos concentrados e apressados. É noite da primeira sexta-feira de agosto de 2016 e estou começando minha caminhada rumo ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia, em Romaria, Minas Gerais. Eu e mais três companheiras saímos da cidade de Uberlândia, com a dura missão de caminhar os quase 90 quilômetros que ligam essas duas cidades mineiras. Cada uma carrega consigo o peso de poucos pertences, além do corpo, dos sonhos e das aspirações pela longa jornada que, em tese, durará até 24 horas.

Meus primeiros passos são ansiosos. Tenho medo, medo do novo, do não conhecido, medo da vitória e também do fracasso. Meus sentimentos são confusos e esperançosos. Coloco-me na estrada para tentar empreender as sensações da caminhada. Tento fazer um exercício de alteridade, mesmo tendo a consciência de sua subjetividade. Não o faria se não fosse pela presente pesquisa. Minha concepção de sagrado supera a necessidade do sacrifício e da troca. Mas tais manifestações devem ser respeitadas e têm seu lugar no exercício da fé num contexto temporal e espacial. Não vejo como poderiam ser diferentes considerando a construção histórica da devoção e das práticas vivenciadas na Igreja Católica Apostólica Romana.

Em algumas centenas de metros alcançamos a rodovia. Por todos os lados vejo pessoas refletidas pelos faróis dos carros. São dezenas de peregrinos que caminham para o mesmo destino. Jovens, adultos, senhores, homens mulheres. A romaria não parece, *a priori*, fazer distinção de gênero ou idade.

Os primeiros quilômetros são tranquilos. Dividimos a estrada com uma porção de caminhantes. Fazemos uma pequena parada num bar na saída da cidade. É um dos vários pontos de apoio e um dos únicos onde há o comércio – justificado pelo seu caráter fixo e perene. Seguimos pela noite adentro, hora conversando sobre a vida, hora em silêncio. Tratamos de trivialidades, de fofocas, de planos para o futuro. Não falamos do sagrado, mas ele nos acompanha.

O vento sopra gelado enquanto chegamos na primeira barraca de assistência. Descubro que aquele é um ponto de apoio para romeiros a vários anos. Nos servimos gratuitamente de bebidas e alimentos. Presenciamos a fartura, a doação e a partilha,

tão comuns nos caminhos dessa romaria. Percebo meus calçados sujos de terra e de fuligem do asfalto. Tiro fotos, converso com romeiros e assistencialistas. Por fim, deixo o nome de alguns antepassados no caderno de orações e seguimos para mais alguns quilômetros.

No meio da madrugada sinto, pela primeira vez, minhas pernas pesarem e as bolhas ocuparem meus dedos contrariando todas as medidas preventivas tomadas. As longas subidas começam a ficar duras. A incredulidade, a raiva, o riso e a dor se revezam em mim. Conheço outros peregrinos, ouço suas histórias e me divirto com um grupo de vários jovens que contam piadas no breu da madrugada. Meu corpo começa a pedir para parar, mas sigo após tomar a primeira medicação contra dor.

No curso de uma das longas subidas percebo freezers, carros estacionados e um grupo se divertindo ao som de músicas populares. Penso que são comerciantes aproveitando o movimento para vender bebidas, mas sou recebida carinhosamente com doces, lanches, caldos e uma infinidade de alimentos e bebidas, tudo gratuito. No ar percebo o cheiro de caldo feito com amor e dedicação, mas meu estômago já não aceita nada além de água e medicamento para aliviar as dores. Meu corpo anseia por descanso, mas seguimos adiante. Mais tarde, numa barraca de um pessoal de Belo Horizonte, deixamos a primeira companheira. Vencida pelo sono e pelas dores ela retorna para Uberlândia e leva consigo outros peregrinos que também alcançaram a exaustão. Reconheço que caminharei mais um pouco, entretanto sinto que dificilmente chegarei ao final do percurso.

A madrugada vai se adensando e meus pensamentos são preenchidos pela dor e pelo cansaço. Cada passo dado representa menos alguns centímetros para o final. Vamos passando por vários pontos de apoio. Anseio parar, mas sou coagida a continuar. O dia amanhece e lá pelas cinco da manhã, retardatária e caminhando sozinha, assumo a mim mesma que não chegarei ao final. Não nesse dia, não a pé. Minhas pernas já não se dobram, mesmo após várias pílulas que prometem relaxar os músculos. Os passos, muito curtos, se arrastam lentos. Tento pedir resgate, mas a tecnologia num lugar sem rede é o mesmo que tentar gritar no fundo do mar. Percebo que pouco vale um smartphone super tecnológico no meio de uma estrada sem cobertura telefônica. Estou virtualmente incomunicável. Então, começo a rezar pedindo força e paciência. Lembro das palavras de um peregrino que fez o Caminho de Santiago de Compostela: “É nesse momento, no auge do desespero, que se torna mais tentador aderir à dimensão religiosa da peregrinação [...] quando o vazio ameaça

e, com ele, o triunfo do tédio e dos pequenos estorvos do corpo, a espiritualidade aparece como tábua de salvação.” (RUFIN, 2015, Edição Kindle – posição 1299-1303). Assim, quando não há mais recursos, o que parece restar é o metafísico, o invisível. É em Deus ou na sua ideia que o sujeito se apegar.

Pouco antes das sete da manhã me arrasto até mais um ponto de apoio. Recebo uma massagem nas pernas. O ar cheira a arnica. A dor toma conta de mim e com tristeza reconheço que não consigo mais seguir. Ali, quase na metade do caminho e quase doze horas depois, se encerra minha caminhada. Apesar de debilitadas, minhas duas companheiras seguem por mais alguns quilômetros, mas são igualmente vencidas pela exaustão.

Demoro vários dias para me reestabelecer. Meses depois ainda carrego comigo as cicatrizes das bolhas. Um rápido olhar sobre meus pés também revela as unhas perdidas e seus hematomas. Mas o maior impacto foi marcado na minha alma. O caminho me transformou, assim como transforma todos os peregrinos, independentemente de suas motivações.

## 1. INTRODUÇÃO

A geografia e sua ampla teia analítica tem a capacidade de atuar sobre as relações entre espaços, cotidianos, sujeitos e também sobre as mudanças nos modos de vida, ou gêneros de vida – conforme o geógrafo francês Vidal de La Blache denominava (CLAVAL, 2001). Atuação que não se dá no sentido da modificação e criação de novas relações, mas no sentido de permitir a análise dos processos e entender suas características, fluxos, direcionamentos, justificativas, entrelinhas e uma enorme gama de outros elementos.

Os estudos antropológicos ainda não conseguiram encontrar uma sociedade sem religião (DURKHEIM, 1989). Isto porque a religião faz parte e atua diretamente na modelagem social. Como uma ligação do humano com o sagrado, ela se põe acima dos homens, ditando normas e delineando crenças e práticas. Nessa perspectiva, a fé e a devoção se configuram como elementos que incidem diretamente sobre o espaço, o cotidiano e seus sujeitos, modificando a maneira de ver e viver social.

O ser humano conjuga o corpo físico à capacidade de raciocínio. Mais do que a forma, temos, também, a condição de pensar e refletir, o que nos faz agir além do impulso instintivo. Nossas próprias escolhas geram movimentos e fluxos que superam o natural. Transformamos o espaço, suas formas e sobre ele criamos valores, normas e expectativas. Há, portanto, um conjunto de possibilidades que se instauram no espaço e no tempo presente a partir do vivido.

Entretanto, a materialidade não parece sustentar completamente parte da sociedade. Seu equilíbrio tende a passar por uma entidade metafísica e é por isso que os grupos sociais, de modo geral, adotam sistemas religiosos. A religião se constitui como uma solução para as frustrações da vida terrena e são os lugares sagrados como os santuários que ligam o humano à entidade metafísica (ROSENDAHL, 2009).

Pesquisar as cidades, por exemplo, sem considerar seus sujeitos, sua cultura, seu cotidiano, sua complexidade, pode trazer resultados demasiadamente fragmentados. Por outro lado, buscar a visão do todo, do conjunto, do complexo discutido por Edgard Morin<sup>1</sup> exige um esforço consideravelmente maior, além de uma

---

<sup>1</sup>O 'todo' para Morin (2008) deve ser analisado a partir do pensamento complexo, que, apesar de contraditório, desordeiro e ambíguo é total, abarca o conjunto, as redes e teias complexas do viver. Dribla a insídia do pensamento fragmentado, do reducionismo e da unilateralidade. Morin (2005) considera serem os sistemas, complexos, partes indissociáveis de um todo, caracterizados pela inter-relação de elementos manifestantes em múltiplas ações simultâneas, que em sua complexidade não

grande maturidade no perceber o outro a partir da alteridade. Não basta olhar, é preciso ver e, então, enxergar as nuances e sutilezas do que é posto e está disponível aos olhos do pesquisador.

Rosendahl (2009), ao abordar a geografia da religião, defende o estudo das hierópolis – cidades de função religiosa – tanto por sua organização espacial, como pela atração religiosa que exercem, uma vez que elas apresentam uma configuração espacial com uma lógica própria, decorrente da articulação dos elementos e processos com o sagrado. A autora ainda afirma que o fluxo de peregrinos, seja semanal, mensal ou anual, faz com que a vida urbana seja recriada nessas cidades e que as manifestações religiosas como festas, procissões e romarias devem ser pesquisadas pelo seu caráter aglutinador de pessoas.

A opção pela investigação sobre o sagrado e as peregrinações se deu em consideração à riqueza das manifestações religiosas no Brasil e seu escasso estudo pela geografia, além de motivações pessoais. Cresci numa família de tradição católica e, apesar de ter abandonado os ritos e a igreja (enquanto instituição) já na adolescência, o respeito, a curiosidade e a admiração pelas práticas religiosas de todo o tipo sempre estiveram presentes no meu cotidiano.

Ainda criança, observei em várias ocasiões minha mãe subir a escadaria do Santuário de Nossa Senhora da Abadia de joelhos. Por companheirismo, amor e diversão eu também subia, mesmo sem entender o porquê daquele esforço. Também me recordo de procurar o meu avô paterno em meio à multidão de romeiros que chegavam sujos e entravam no santuário para agradecer mais uma chegada. Ainda não me esqueço do frango com farofa, temperado com o carinho de minha família, e que era saboreado nos bancos da praça, assim como me recordo de dividirmos nossa comida com alguns pedintes. Talvez o que mais tenha me marcado foi o ano que meus pais fizeram litros de suco de laranja natural e centenas de laranjinhas<sup>2</sup> para distribuir no caminho. Lembro do nosso pequeno mutirão tarde da noite, na cozinha de casa, enchendo os saquinhos e colocando num grande congelador. No dia posterior, seguimos todos em um fusquinha<sup>3</sup>, nos apertando entre grandes latões de suco, para

---

compreendem apenas unidades de interação, mas também indeterminações na formação de um padrão organizativo, o que reforça a compreensão de tais conexões/relações mediante a formação de redes.

<sup>2</sup> Trata-se de um picolé no saquinho. Também é conhecido como geladinho, sacolé, chup chup, din din, etc.

<sup>3</sup> Fusca, carro da Volkswagen.

distribuir a produção entre os romeiros. Era uma partilha de amor. Eu era criança, mas não me esqueço

Na minha realidade infantil, infanto-juvenil e, posteriormente, adulta e enraizada em Uberlândia, no Triângulo Mineiro brasileiro, sempre observei, e por muitas vezes participei, da movimentação da Festa em Louvor à Nossa Senhora da Abadia, em Romaria – MG, município localizado à cerca de 90km de Uberlândia. Nunca entendi por que as pessoas se punham a caminhar tantos quilômetros e a passar por tanto sofrimento, privação, dor e dificuldade. Por mais que tentasse olhar com os olhos da alteridade, não me satisfazia. Foi esse questionamento, que me incomodava desde criança, o principal motivador para traçar os caminhos e problemas da pesquisa.

A escolha pela análise de uma prática católica – a peregrinação – se deu apenas pela minha maior proximidade com o tema. Creio que se tivesse nascido numa família judia, islâmica ou umbandista, por exemplo, poderia ter seguido por outros caminhos, mas que desembocariam no mesmo mar: o da análise do sagrado a partir de uma perspectiva geográfica.

O fio condutor da tese, ou a problemática que instigou a pesquisa, consiste em responder a seguinte pergunta: por que um lugar se torna sagrado? Nesta mesma direção é importante entender como e por que Romaria se tornou um lugar sagrado. Ousa-se pontuar, de antemão, os elementos que explicam como, ou de que forma, se dá essa sacralização do espaço: pelas hierofanias, pela história do lugar e pelo posicionamento social-político-religioso, mas entender o porquê dessa sacralização exige uma incursão ainda mais profunda.

Historicamente observamos diversos *lócus* que se tornaram sagrados por eventos, aparições e hierofanias. Foi assim com o Monte das Oliveiras, onde Jesus teria transmitido alguns de seus ensinamentos, com a Cova da Iria, local da hierofania de Nossa Senhora de Fátima, em Portugal, com a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, na França, e com a aparição da imagem de Nossa Senhora Aparecida, ocasionando a posterior construção de templos destinados a ela na cidade de Aparecida, estado de São Paulo, no Brasil. Esses lugares emergiram como símbolos sagrados e passaram a conferir importante significado aos devotos de diversas partes do mundo. Entretanto, nem todos os destinos sacros tiveram sua gênese devocional em hierofanias ou fenômenos de grande impacto religioso. Alguns deles nascem de forma aparentemente espontânea, a partir dos anseios dos fiéis e de arranjos políticos

entre igreja e governo fundamentados no apoio da comunidade, como é o caso de Romaria-MG.

A forma com que lugares como Romaria – MG, onde não se observa hierofanias ou eventos sobrenaturais ou até mesmo eventos históricos ligados ao sagrado, se destacarem frente a outros municípios circunvizinhos de maior inserção econômica, social e cultural, e se tornarem polos devocionais católicos, merecem observação e investigação. Além disso, os efeitos dessa sacralização para a comunidade local também devem ser analisados e relatados. Diante disso, utilizou-se a metodologia de Booth, Colomb, e Williams (2000) para criar a seguinte chave de estudos que norteará toda a pesquisa: *entender o sagrado como elemento que modifica o espaço, o cotidiano e seus sujeitos para descobrir por que determinados espaços se tornam sagrados a fim de compreender como Romaria se configurou como um polo devocional católico e quais os efeitos dessa sacralização.*

A partir dessa problemática é possível delinear os objetivos da pesquisa. O objetivo principal incide em: desvendar o porquê e como um lugar se torna sagrado, observando o modo com que esse processo altera o espaço e o cotidiano de múltiplos sujeitos, tendo como estudo de caso o município de Romaria-MG, onde a devoção à Nossa Senhora da Abadia modifica as práticas e as paisagens nos períodos de peregrinação e festa.

Já os objetivos específicos consistem em:

- compreender os lugares sagrados e entender o município de Romaria como uma hierópolis;
- entender as peregrinações como uma maneira de se ligar ao sagrado, destacando alguns de seus aspectos históricos, assim como suas principais características;
- descrever a gênese da devoção à Nossa Senhora da Abadia no norte de Portugal e sua posterior difusão no Brasil, enfocando o estabelecimento do culto à santa no município de Romaria, estado de Minas Gerais;
- conhecer os múltiplos sujeitos da peregrinação à Romaria-MG, apresentando suas motivações e atuações sobre o espaço;
- investigar a prática religiosa em Romaria-MG, onde se observa uma intensa modificação do cotidiano e das paisagens nos períodos de peregrinação e da festa em louvor à Nossa Senhora da Abadia.

Desvendando tais pontos será possível refletir sobre como um espaço se torna sagrado em detrimento de outros, isto é, quais as características e/ou fenômenos devem ser observados numa área para que ela se torne sagrada.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de revisões bibliográficas, coleta de dados e informações em trabalhos de campo e análise documental. Também foi realizado um estágio doutoral no exterior que permitiu o enriquecimento da pesquisa. Como já mencionado, tem-se o município de Romaria-MG como estudo de caso que, de acordo com Yin (2001), é indicado para resolver problemas que essencialmente questionam “como” e “por que” dos fenômenos, sobretudo quando o pesquisador não controla os eventos e quando o foco da pesquisa se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real.

As revisões bibliográficas foram marcadas pela diversidade de autores e linhas de pesquisa. Entende-se que em muitos casos é importante seguir uma linha de raciocínio e enveredar por uma bibliografia compatível que a sustente. Mas no presente caso foi fundamental “beber de várias fontes” e retirar contribuições de diferentes áreas e autores. Nesse sentido, os estudos sociais e etnográficos foram essenciais para dar subsídio sobre o sagrado e a religiosidade.

Os trabalhos de campo são fundamentais para desestabilizar o pesquisador e desafiá-lo a ir além, a responder a novas perguntas que surgem a cada novo movimento. O trabalho *in loco* tira-o do senso comum, dos limites das páginas dos livros e é a melhor maneira de fazer com que ele sinta o objeto de estudo e se integre com o mesmo, podendo ler a paisagem, espacializar a pesquisa e desvendar a problemática, desenvolvendo o trabalho e respondendo aos questionamentos levantados.

Desde 2011 foram realizadas diversas incursões à Romaria, mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Estado de Minas Gerais, onde foram empregados alguns procedimentos metodológicos, dentre eles destacam-se a observação participante, as entrevistas com sujeitos da pesquisa, a visita a acampamentos dos romeiros de carros de bois em 2013 e 2014, além de registros em fotografias do cotidiano e da festa em Louvor à Nossa Senhora da Abadia. Destaca-se que a observação participante é caracterizada pela inserção do pesquisador na realidade do sujeito da pesquisa. Isso é possível a partir da realização de trabalhos de campo contínuos que permitem a construção de inter-relações entre pesquisador e pesquisado.

Apesar dos trabalhos de campo terem sido realizados ao longo de toda a pesquisa é importante destacar a cobertura da festa em devoção à Nossa Senhora da Abadia realizada no ano de 2016. No decorrer do evento, foram acompanhados e entrevistados romeiros, assistencialistas, barraqueiros, moradores, entre toda a sorte de sujeitos presentes no evento do ano em questão. Na oportunidade, foram coletados diversos dados, imagens e entrevistas que ilustram este texto. A escolha dos peregrinos foi aleatória, já para os demais sujeitos utilizou-se a metodologia da “bola de neve” que consiste na formação de uma amostra não probabilística a partir de cadeias de referência, isto é, redes que detêm importantes e aprofundadas informações sobre o tema pesquisado.

Nessa perspectiva, foram contatados sujeitos de referência para cada parte do trabalho. Essas pessoas indicavam outros indivíduos que também poderiam contribuir com novas informações e assim por diante, até que as falas e dados começassem a se repetir com frequência. Destaca-se que o nome desses sujeitos foi suprimido para preservar sua identidade.

Naquele momento, a pesquisa seguia para a fase de análise das informações. É como se a Festa de Nossa Senhora da Abadia e tudo que a cercasse fosse um quebra-cabeças a ser organizado. A metodologia da “bola de neve” indicava quem poderia ajudar a reunir as peças e as colocar em seu devido lugar no tabuleiro. Com o quebra-cabeças montado, o pesquisador poderia distinguir e analisar a imagem formada.

Os documentos utilizados na investigação são de fontes secundárias e documentação direta. O primeiro é representado por livros de autores locais sobre a história local, além de matérias de jornais e documentários sobre a devoção de Nossa Senhora da Abadia, a romaria de carros de bois, entre outros; e o segundo por fotografias de acervo pessoal e filmagens da romaria cedidos pelos sujeitos pesquisados. Destaca-se que durante o estágio doutoral no exterior foi possível coletar diversos outros documentos diretamente no santuário de origem da devoção de Nossa Senhora da Abadia, localizado em Amares, em Portugal.

O período de estudos no exterior se deu entre os meses de junho a dezembro de 2015 e foi realizado a partir do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE). O estágio foi realizado no *Institut de recherche et d'études supérieures du tourisme* (IREST) –, instituto vinculado à *Université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne*, localizada em Paris, França, sob orientação da Profa. Dra. Maria Gravari-Barbas,

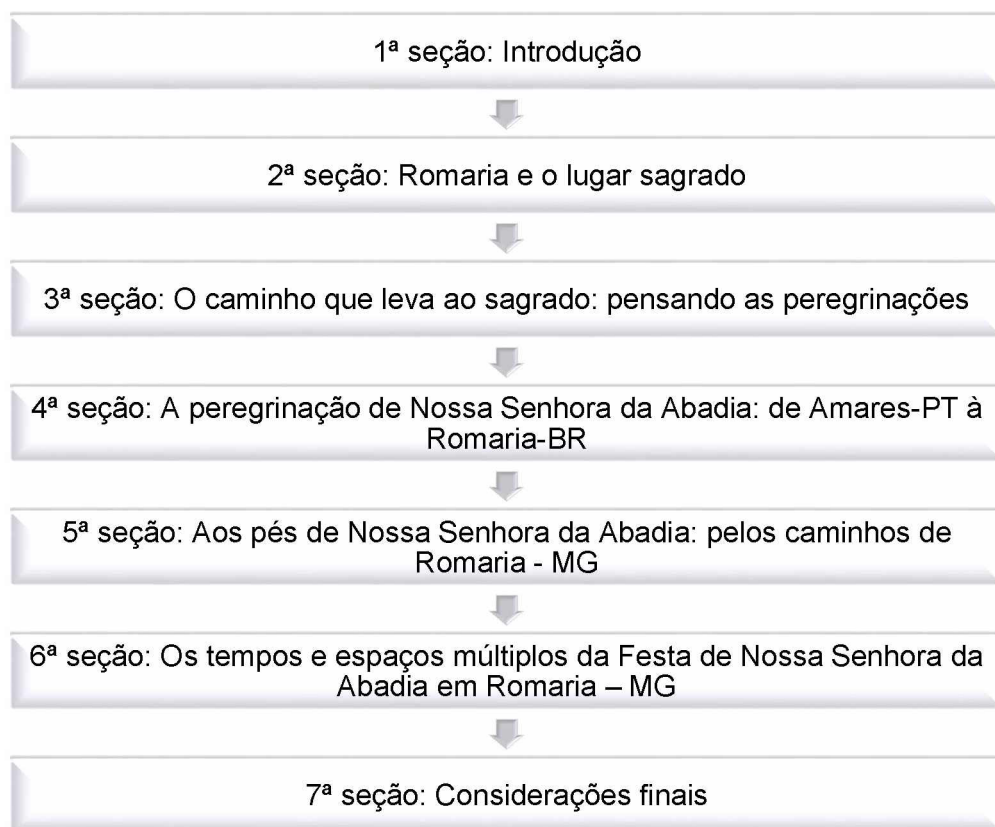
diretora do IREST e diretora da cadeira "*Culture, Tourisme, Développement*" da UNESCO.

A escolha da França se deu sobretudo por sua tradição na geografia, pelo seu patrimônio no que diz respeito aos santuários católicos e também por ser um polo de estudos turísticos – temas diretamente ligados à presente pesquisa. De acordo com levantamentos de Rosendahl (2009) a França tem a maior concentração de santuários católicos de toda a Europa:

Há mais de cinco mil locais de peregrinação na Europa (Nolan e Nolan, 1989), que são visitados por um número estimado de 70 a 100 milhões de pessoas por ano. A maior concentração de santuários católicos ocorre na França, com 1.035 catedrais; Áustria, 925 igrejas; e Itália, 661 espaços sagrados. [...] (ROSENDAHL, 2009, p. 110-11)

A presença na França permitiu a observação de alguns desses lugares sagrados, além da pesquisa direta a estudos a eles relacionados, com destaque para a *Chapelle Notre-Dame de La Médaille Miraculeuse*, em Paris; a *Abbaye du Mont-Saint-Michel*, no Mont Saint-Michel; e para os *Sanctuaires Notre-Dame de Lourdes*, no Sul da França. Todos esses lugares apresentam algumas características semelhantes à Romaria – MG, seja pela vocação religiosa, seja pelo fluxo de turistas, ou até pela alteração do cotidiano estimulada pelo fluxo devocional/turístico.

O resultado da pesquisa foi reunido e dividido em cinco sessões além da introdução e das considerações finais:



Após a introdução, a segunda seção parte do “lugar” como categoria de análise geográfica. Em seguida, busca-se entender os lugares sagrados utilizando diferentes exemplos de destinos de peregrinação para, então, chegar à Romaria. Tal município nasce e cresce motivado pela exploração diamantífera, mas se estabelece regionalmente como polo religioso. O texto aborda essa transformação vocacional da cidade.

A terceira seção apresenta a peregrinação como uma das formas de se aproximar do sagrado. O texto trata da diferença entre peregrinação e romaria; da história das peregrinações, das romarias pelo mundo e no Brasil; das formas de se realizá-las; dos símbolos e mitos que as justificam e é finalizado com apontamentos comparativos entre peregrinação e turismo religioso e entre peregrino e turista.

A quarta seção segue a linha da peregrinação e conta a história do surgimento da devoção de Nossa Senhora da Abadia em Amares, Portugal e seu posterior desenvolvimento na pequena cidade de Romaria, no Brasil, motivado pela devoção de imigrantes vindos da região norte de Portugal. Ou seja, a seção trata da “peregrinação” da devoção à padroeira desde as terras portuguesas até o Brasil.

Na quinta seção tem-se uma descrição e uma reflexão sobre os sujeitos e as práticas que compõem os caminhos de Romaria. Tal abordagem foi feita para compreender as nuances e os movimentos dos múltiplos sujeitos envolvidos na peregrinação até essa cidade. Tratam-se de caminhantes, carreiros, motoristas, motociclistas, ciclistas, cavaleiros, assistencialistas, entre uma infinidade de pessoas que se colocam em movimento para participar, de alguma forma, da peregrinação.

Seguindo a linha têmica-espacial, chegamos à Romaria contemporânea na sexta seção. Aqui são abordados os diferentes tempos e espaços dessa cidade durante a Festa em devoção à Nossa Senhora da Abadia partindo do olhar da população local, dos feirantes (barraqueiros), dos devotos, das prostitutas, dos pedintes, entre outros sujeitos. Tal direcionamento permite compreender parte das modificações e dos arranjos socioespaciais feitos na cidade para a festa, e, consequentemente, contribui para a reflexão sobre os efeitos da sacralização do espaço no lugar.

A tese parte, portanto, da análise do lugar sagrado (seção 2), tendo as peregrinações como uma das formas de se alcançá-lo (seção 3). A pesquisa envereda pelo caso da devoção de Nossa Senhora da Abadia que peregrina junto a seus devotos até o Brasil, se estabelecendo, entre outros destinos, em Romaria-MG (seção 4). A peregrinação deste símbolo sagrado propulsiona o deslocamento de toda a sorte de sujeitos que obtêm no caminho o alimento social, cultural, espiritual e até físico para seus anseios e necessidades (seção 5). Já no destino, conjugam-se diferentes relações socioespaciais durante a festa, advindas da intensa convergência de fluxos de diferentes sujeitos carregados de distintas motivações, o que transforma Romaria em um palco de ricos e complexos encontros, conflitos e trocas (seção 6). A partir de então, pode-se entender como e por que um lugar se torna sagrado.

Diante do exposto, observa-se que o estudo do sagrado e das manifestações religiosas, apesar de comumente subestimado, se torna um fértil campo de exploração na geografia e tem sua importância fundamentada no reflexo das práticas religiosas no espaço. Elas o transformam, assim como modificam o sujeito e seu cotidiano como um todo, integrado e em constante movimento.

## 2. Romaria e o lugar sagrado

A religiosidade está diretamente ligada aos elementos sagrados. Nesta perspectiva, a *práxis* religiosa acaba se vinculando ao espaço e nesse interim suscita relações sobre a espacialidade. Tais relações levam ao advento de diferentes elementos que podem ser analisados pela Geografia a partir de suas principais categorias de estudo. Tem-se como exemplos o sentimento de identidade que pode ser pensado a partir do Lugar; a transformação do espaço urbano, passível de captura pela Paisagem; os conflitos e disputas pelo poder sobre o espaço, analisados a partir do Território; a formação de contínuos que superam as fronteiras, podendo ser apreciada pelo viés da regionalização; o surgimento de pontos de intercessão sociais, econômicos e culturais, que são discutidos numa perspectiva de redes; entre diversas outras possibilidades de análise a partir da Geografia.

Entretanto, dentre as diversas possibilidades, a reflexão acerca da espacialização do Sagrado e seu vínculo com o humano, emerge-se a categoria lugar. Efetivamente, ela se destaca porque permite entender as relações espaciais a partir do ponto de vista das experiências humanas e de seu sentimento de pertença. Alcança-se, pois, a análise do espaço vivido. O lugar existe dentro de cada ser. Ele se materializa no espaço por meio do vivido. Cada qual carrega consigo as experiências passadas. Na memória revisitamos nossos lugares da infância como uma casa, uma igreja, uma paisagem, uma cidade, seus cheiros e seus sabores. Se os lugares são múltiplos, eles também únicos para cada indivíduo.

Nessa perspectiva, a seção tratará do Lugar como categoria de análise da Geografia e sobre a formação do lugar Sagrado para balizar a compreensão de toda a pesquisa apresentada. A reflexão abstrata materializa sua concretude no Município de Romaria que, no decurso desta pesquisa, a ela se revelou como uma Hierópolis, como se demonstra no transcurso da mesma. Em Romaria, diversos sujeitos se encontram para promover o Sagrado e o Profano e por meio de seus encontros, desencontros e reencontros eles vivem a devoção, a diversão e a festa.

### 2.1 O sentido de Lugar

O ser existe no espaço e, para a geografia, o espaço é o *lócus* da cultura e das sociabilidades. Trata-se de uma área imbricada de humanidades. Num emaranhado de possibilidades o ser se vê ligado a um lugar, espaço físico que, atrelado a diversos simbolismos, confere a ele um sentido único, concomitantemente individual e coletivo.

As relações humanas ganham sentido se vividas num espaço e é este espaço – o da vivência – que se transforma em lugar pela experiência humana. A abordagem de lugar que utilizamos aqui vem da escola humanística, com destaque para Tuan (1983). Este autor considera as experiências diretas e íntimas como fundamentais para o reconhecimento dos lugares. Existem outras linhas teóricas que rechaçam a ideia do subjetivo, do pessoal como elemento central para compreensão do Lugar, considerando-a limitada, romantizada e até excludente, pois incluem apenas aqueles que têm relação direta com o mesmo. Dentre grandes expoentes dessa crítica destacam-se as geógrafas Doreen Massey (2000) e Ana Fani A. Carlos (1996). Massey aponta os lugares num sentido global, isto é, como pontos únicos, particulares, nós de intersecções, lugares de encontro que possibilitam as interações de redes sociais, econômicas e políticas globais. Considera-o sob um sentido mais amplo, que não o restringe a um olhar local, mas o integra às relações que se fazem a partir do global. Carlos (1996), também considera o Lugar a partir de sua relação com o Global e como nele, no lugar, materializam-se contradições do global e que são essenciais para a redefinição/reestruturação das relações sociais e experiências nele constituídas. Assim, se o lugar comporta o elemento da subjetividade, mesmo esta, como ele, são frutos dos processos mais gerais e mais amplos que desenvolvem alhures, mas que se materializam no lugar, por vezes esgarçando ou rompendo suas tramas reestruturando-o a partir de demandas que são do global.

Todas as perspectivas – de Tuan, Carlos e de Massey – são pertinentes e têm grandes qualidades. De certa forma, não fosse pela relativização de Massey em relação ao papel substancial da subjetividade presente na proposta do primeiro, seria possível trabalhá-las em conjunto, de forma complementar. Nessa perspectiva, o lugar seria, concomitantemente, resultado do espaço vivido e nó global de intersecção econômica, social e política o que, em certo sentido, encontra-se na concepção desenvolvida por Carlos (1996). Contudo, considerando o escopo do presente trabalho, a proposta do lugar como espaço vivido/experimentado traz mais subsídios para a discussão da espacialização do sagrado, sendo, por isso, adotada.

O lugar é o espaço das relações. É onde o indivíduo vivencia seu trabalho, seus relacionamentos, seu cotidiano, é o espaço do aconchego, da identificação. Trata-se de uma construção diária que perdura por um longo período de tempo. Do mesmo modo que o espaço pode ser caracterizado pela vastidão, pela liberdade, pela metrópole, o lugar repercute o lar, a segurança, o reconhecimento, o bairro (TUAN, 1983;). A tessitura de um lugar é marcada pelas apropriações emocionais, físicas, simbólicas que permitem a formação da identidade. O lugar pressupõe reconhecimento da área em que a cultura é vivida, independente de extensão territorial ou domínio legal. Ele é construído ao longo do tempo e se diferencia do espaço por ser um ambiente marcado por relações de identidade e pertencimento. Carlos (1996) afirma que

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida. [...] (CARLOS, 1996, p. 29)

Se para a autora o lugar é produto da reprodução social do espaço em seu contexto global, ele também comporta as dimensões das experiências e apropriações que se dão no decurso da produção da vida.

O espaço contém o lugar e este o é pelo reconhecimento do indivíduo. O lugar de um não necessariamente é o mesmo de outro. Cada um constrói suas histórias, seus caminhos, suas experiências e para cada um existem diferentes relações espaciais e distintas construções de lugares. Ou seja, o Lugar se forma a partir da relação do sujeito com o espaço e da forma e com o conteúdo com que dele se apropria. Isto porque “[...] o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidas por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso.” (CARLOS, 1996, p. 22). Se o espaço é a liberdade, o lugar corresponde à segurança. Se o espaço é movimento, o lugar torna-se pausa (TUAN, 1983). Assim, “[...] As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade. [...]” (TUAN, 1983, p. 61), o que faz com que tanto o espaço quanto o lugar tornem-se elementos necessários ao indivíduo.

A transformação do espaço em lugar se dá à medida em que o primeiro adquire definição e significado a partir das experiências e vivências do sujeito. É como a criança que percorre pela primeira vez o caminho rumo à escola. Com o passar dos dias, semanas, meses e até anos aquele caminho passa a ser memorizado, reconhecido, captado nos mínimos detalhes, até que faça parte do cotidiano vivido, da rotina, do que é definitivamente interiorizado, ganhando para ela significado. E então, chega um dia em que não há mais dúvida no caminho, ele já é repetido automaticamente, é familiar e, apesar de ser ponto de passagem, pode ter significado suficiente – dependendo da relação que o sujeito teceu com tal rota – para ser reconhecido como lugar.

A casa também é lugar. Ela se torna um lar com o tempo, com os objetos simbólicos que nela guardamos, com os adornos cuidadosamente depositados nos cantos, nas paredes, nos nichos... Imprimimos em casa nossa estética. Elegemos as cores, os móveis, as disposições. O doar de nós mesmos sobre um espaço o torna humanizado, repleto de sentidos, de familiaridade. É a partir do vivido que a casa deixa de ser apenas residência e supera suas barreiras de significado, tornando-se um lugar simbólico. Se a metrópole é o espaço livre, o lar é o retorno para o conforto do reconhecido, é o lugar do descanso, é a segurança do regresso, do repouso, da descontração, da liberdade.

A reflexão sobre a memória da criança e a formação do lugar a partir da experiência despertou a recordação da conhecida expressão “*There's no place like home*”<sup>4</sup>, imortalizada pela personagem Dorothy Gale no clássico filme “*The Wizard of Oz*”, de 1939<sup>5</sup>. Quando Dorothy batia seus sapatinhos vermelhos um contra o outro e repetia que não há lugar como o lar, ela ritualizava o desejo de voltar para a familiaridade de sua casa, junto aos seus e às simbologias cotidianas que a cercavam. Com efeito, ela tentava retornar ao seu próprio lugar, espaço da referência, da segurança. O mundo de Oz seria, nesta analogia, o espaço, a liberdade, o movimento onde a personagem podia viver suas aventuras, se arriscar. Todavia, assim como necessitava do espaço, também buscava sua contrapartida, ou seja, o lugar – espaço

---

<sup>4</sup> Tradução livre: Não há lugar como o lar.

<sup>5</sup> A personagem fictícia Dorothy Gale aparece como heroína nos livros sobre o mundo de Oz, escritos pelo autor estadunidense L. F. Baum. A primeira aparição de Dorothy se dá na obra “*The Wonderful Wizard of Oz*”, publicada no ano de 1900. Mais tarde o livro foi adaptado e deu origem ao filme *The Wizard of Oz*, de 1939, além de diversas outras versões para o cinema e o teatro em todo o mundo. (NIX, 2015)

da segurança, do reconhecimento, da pertença. Por isso, Dorothy volta ao seu lar. Regressa diferente, munida de novas experiências, mas é no lugar que ela se reencontra com sua essência.

O lugar como espaço vivido está diretamente ligado à memória. É nele que se constituem as sociabilidades. O lugar que está dentro do indivíduo, por vezes, pode não existir mais no espaço físico, como, por exemplo, no caso das áreas que foram inundadas para a construção de barragens ou ainda aquelas com paisagens extremamente modificadas. Nestes casos, o lugar tende a ficar guardado na memória como lembrança de um tempo-espaço que se foi materialmente, mas que permanece registrado no ser. Via de regra, ligamo-nos a um lugar e, conseqüentemente, o utilizamos como referência, à qual se conecta o sentimento de pertença arraigado no interior de cada ser. Nessa perspectiva, o que aconteceria se não mais existisse o sentimento de pertencimento? E se o ser se modificasse de tal maneira que não conseguisse mais, pelo menos aparentemente, se vincular ao lugar? Tais questionamentos evocam um conto escrito por Guimarães Rosa, chamado “A terceira margem do rio”. Nele, narra-se a história de um pai que num dia remoto decide construir uma canoa...

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente – minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa. (ROSA, 2001, p. 79)

Quando pronta a canoa, a esposa, progenitora, bravia, arrimo da família, se manifesta contra a ação e faz chantagem: “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!” (p. 80). E assim, o velho fez.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho. (ROSA, 2001, p. 80)

Qual o lugar desse pai no seio familiar? Sem lugar social, ele perdeu sua referência no espaço. Talvez por isso, mandou construir uma canoa, objeto que

conferia a ele um lugar no mundo, mesmo que numa terceira margem do rio. No rio, ele não estava à margem, ao contrário, compunha o espaço e nele vivia. Vida regrada, monótona, mas vida.

[...] O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele agüentava. De dia e de noite, com o sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos – sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão de capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso. Mas não armava um foguinho em praia, nem dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo. O que consumia de comer, era só um quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento, aí quando no lanço da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo – de espanto de esbarro. E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos. (ROSA, 2001, p. 82-3)

Uns se foram (mãe, filha, sobrinho, genro), mas pai e o filho permaneceram. O primeiro porque no rio encontrara seu lugar (social, geográfico, psicológico); já o segundo porque se vinculara ao lugar de outrem. O restante da família buscou novos caminhos, experiências, espaços. O lugar, portanto, não se faz fixo, nem definitivo. No entanto, aqueles que vão, deixam parte de si no lugar, ao mesmo tempo em que levam consigo imagens e vivências experimentadas naquele *lôcus*.

O conto de Guimarães Rosa (2001) expressa, de forma bastante poética, o sentido de lugar para um indivíduo. O pai, que aparentemente não tinha importância social nem voz sobre seu grupo familiar – pois tal posição foi tomada por uma mãe extremamente forte e firme – acaba criando seu próprio lugar num território aparentemente neutro: o rio. Ele não se prendeu a nenhuma margem – na verdade criou a sua própria, a “terceira margem” – que remete ao título do conto, e passou a se reproduzir conforme suas possibilidades, se alimentando do pouco que lhe deixassem, mas amparado por uma referência espacial íntima. No seu lugar, na canoa, na terceira margem do rio, o pai podia ser ele mesmo, sem a interferência da esposa, dos filhos ou de qualquer outra pessoa. Ele se afirmava negando a espacialidade o outro. Era, assim, seu jeito, vivido a seu modo, no seu lugar.

Diante disso, observa-se que os lugares estão impregnados de humanidades, assim como a humanidade também se constitui de lugares. É uma troca e uma construção constante. O lugar definido pela subjetividade também está inserido no todo, no global. Nessa perspectiva, ele se torna coletivo quando há um sentimento de pertença coletivo, mas continua sendo formado pela subjetividade de cada indivíduo.

A continuidade do sentido de lugar depende do seu reconhecimento enquanto tal e de pulsação, de vida. Da mesma forma que o lugar é necessário para o indivíduo, este também é indispensável para a permanência do lugar. O que dizer de um povoado que praticamente se extinguiu? Juntamente com seu desaparecimento também seriam suprimidas ou substituídas as práticas religiosas e seus espaços sagrados? Para refletir sobre essas perguntas será evocado o distrito rural de Cemitério do Peixe.

Cemitério do Peixe pertence ao município mineiro de Conceição do Mato Dentro, localizado na mesorregião metropolitana de Belo Horizonte. De acordo com informações de Jácome (2010), Ordóñez e Francilins (2008), o povoado é constituído por um aglomerado de 200 a 300 casas, uma pequena igreja e um cemitério. Apesar das dezenas de residências e de suas condições – todas branquinhas, se destacando pela pintura anualmente renovada – possui apenas dois moradores, ou seja, o povoado praticamente não é mais habitado.

**Imagem 1: Cemitério do Peixe – MG.**



Fonte: CURI, Leandro / Estado de Minas / D.A. Press. Disponível em: ACONTECEU NO VALE, 2015. / IEPHA/MG, 2013. (respectivamente)

O que faz, então, com que toda a comunidade siga conservada? Por que as casas continuam recém pintadas e o cemitério renovado? A resposta parece se vincular à devoção e à Festa em louvor às Almas e ao São Miguel, realizada anualmente na semana do dia 15 de agosto. Neste período, o lugar recebe cerca de

5.000 pessoas entre devotos e visitantes que lá chegam para celebrar e para rezar. Trata-se de uma verdadeira romaria a pé, em carros de boi, em automóveis, em bicicletas, em ônibus, a cavalo etc. Na jornada os romeiros carregam consigo mantimentos e toda a estrutura necessária para permanecer no local nos dias de festa (JÁCOME, 2010; ORDÓÑEZ, FRANCILINS, 2008).

A romaria é feita porque esses sujeitos mantêm o vínculo com o lugar. A crença é de que apesar do povoado não ser habitado por gente viva, continua ocupado por “almas”. É lá que estão enterrados os mortos de muitas das famílias que retornam para a devoção e a posterior diversão. A conexão com o lugar é profunda. No tempo da romaria e da festa há o reestabelecimento de trocas e afetividades iniciadas no passado. Os velhos reveem os túmulos de seus entes queridos, seus amigos de infância, suas paisagens familiares. Há também o encontro entre os conhecidos – gente que se distanciou na jornada cotidiana da vida, mas que no tempo sagrado da festa retorna para o lugar comum, coletivo e nele reestabelece seu sentido no mundo. Ou seja, é nesse momento que se dá o reencontro consigo e com o outro, (re)significando e renovando o sentido do lugar.

Outro exemplo de retorno, mas não pelo sagrado e sim pelo significado do lugar é o caso dos atingidos pelo rompimento da Barragem de Fundão, na zona rural de Mariana – MG em cinco de novembro de 2015. Na ocasião, milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração percorreram dezenas de quilômetros até chegar ao rio Doce. Nesse interim, destruiu comunidades, soterrou casas, matou pessoas e animais, mudando totalmente a vida dos sobreviventes atingidos pelo desastre. Parte das famílias perdeu todos os objetos materiais, desde a própria casa, até as fotografias que materializavam seus momentos mais caros e simbólicos (AZEVEDO, 2016).

Mesmo em meio a tanta devastação, há quem resista no lugar. Tratam-se de testemunhos vivos do significado do lugar para a identidade e reconhecimento do ser. Um dos atingidos, por exemplo, é trabalhador rural e folião de Santos Reis. Com 63 anos, ele nasceu e foi criado em Paracatu de Baixo (o segundo distrito rural atingido, logo após Bento Rodrigues) e mesmo com o cenário desolador preferiu retornar ao lugar de origem, pois foi lá que fixou seu sentido para a vida. Ele voltou e tem vivido em meio aos escombros. É interessante que mesmo com a paisagem violentamente alterada, o entrevistado reconhece tal espaço como o seu (único) lugar:

Não sei de quase mais nada. Só sei que nunca mais vai ter folia [de Santos Reis]. Mas daqui não saio. Estou velho demais para aprender a morar em

outro lugar. Minha mulher e meus filhos ficaram na casa alugada pela Samarco em Mariana. **Mas lá não é o meu lugar.** Ficamos aqui, eu e meus cachorros. **Essa é a vida que sei viver.** (AZEVEDO, 2016, p. 1 – grifo nosso)

Quando esse morador volta ao lugar, ele retorna para buscar o sentido da própria vida. É como se parte dele ficasse entranhada na paisagem e nos objetos vividos. O retorno é o tempo do reencontro consigo mesmo. Quando o sujeito se desloca em busca do sagrado, a dinâmica é a mesma, ele também almeja o encontro e a completude de si mesmo que se dá com a presença do sagrado. Todas essas relações suscitam uma dimensão espacial. Tal dimensão tende a ser observada no lugar, pois ele agrega o sentimento de pertença que se liga à identidade e permite a inteireza do ser.

Fiéis de Nossa Senhora de Lourdes, de Fátima, da Aparecida, da Abadia, da Medalha Milagrosa, de São Miguel, de São Pedro, famílias atingidas pela Barragem do Fundão, ex-moradores de Cemitério do Peixe, todos esses indivíduos carregam consigo a dimensão do lugar e do sagrado. De certa forma, todos reconhecem o sagrado no lugar, talvez de maneiras diferentes e com práticas diferentes, mas se ligam a tais espaços carregados de simbolismos. E ao se distanciarem dos seus lugares simbólicos eles tendem a voltar (ou a ir). São seres que buscam a dimensão sagrada da vida e a encontram no lugar.

## 2.2 Os lugares sagrados

A religião é um sistema ligado a elementos ou símbolos sagrados que atua diretamente na concepção e modelagem da sociedade. Portanto, o sagrado é um dos elementos centrais da religião. Ele se separa do banal, do carnal, do sujo e imperfeito. Com sua ideia de ascendência ao que é correto e perfeito, ele se vincula ao que é reconhecido como superior se aparta das coisas mundanas. Galimberti (2003) destaca a dimensão divina e separada do sagrado quando remete à sua conceituação:

“Sagrado” é palavra indo-européia que significa “separado”. A sacralidade, portanto, não é uma condição espiritual ou moral, mas uma qualidade inerente ao que tem relação e contato com potências que o homem, não podendo dominar, percebe como superiores a si mesmo, e como tais atribuíveis a uma dimensão, em seguida denominada “divina”, considerada “separada” e “outra” com relação ao mundo humano. O homem tende a manter-se distante do sagrado, como sempre acontece diante do que se teme, e ao mesmo tempo é por ele atraído, como se pode ser com relação à origem de que um dia nos emancipamos. (GALIMBERTI, 2003, p. 11)

Berger (1985) destaca o sagrado como algo que “salta para fora” da rotina, que é extraordinário. Todavia, apesar de separado do homem, conforme apontado por ele e também por Galimberti (2003), refere-se e relaciona-se com o indivíduo, ao contrário dos outros fenômenos não-humanos, especificamente os considerados não-sagrados. Tal inter-relação ao mesmo tempo em que transcende, também inclui o homem que entende o sagrado como um elemento altamente poderoso, porém distinto/separado dele mesmo. Entretanto, é ao sagrado que parte da sociedade se dirige e que dota sua vida de significado, ordenando-a conforme suas necessidades.

O sagrado só se faz sagrado a partir da visão do outro. Ele não se torna divino por si mesmo. Com efeito, a sacralização advém do reconhecimento do profano. Entendido como diferente, o elemento sacralizado é apartado do ordinário e passa a exercer seu poder frente aos grupos que o reconhecem como tal. Uma rocha pode ser sagrada para determinadas comunidades, assim como um tipo de animal para outras. A ideia do sagrado é, portanto, universal, mas seu reconhecimento prático se dá nas especificidades e localidades.

Sobre tal direcionamento Durkheim (1989, p. 68) ressalta: “[...] por coisas sagradas, não se devem entender simplesmente esses seres pessoais que chamamos deuses ou espíritos; um rochedo, uma árvore, uma fonte, uma pedra, uma peça de madeira, uma casa, enfim, qualquer coisa pode ser sagrada. [...]”. Para ele, os objetos sagrados não podem ser determinados definitivamente, pois sua extensão tem uma variação infinita que se dá conforme cada religião. Diante disso, cada indivíduo carrega consigo uma concepção e prática do sagrado que é ligada ao seu sistema de crenças que, por sua vez, é direcionada pelo grupo social em que ele está inserido.

Galimberti (2003) ainda afirma que para o contato com o mundo sagrado são designadas *peessoas*, *espaços* e *tempos* separados ou diferentes que marcariam a distinção do sagrado em relação ao profano. As pessoas se caracterizariam por sacerdotes consagrados e apartados da comunidade em geral (marcada pela imperfeição profana). Já os espaços deveriam ser destacados dos outros e terem algum tipo de poder como os montes, as nascentes de rios e, posteriormente, os templos. Por último, os tempos sagrados deveriam se diferenciar dos outros e ser denominados festivos, isto é, tempos que se dão fora do cotidiano do trabalho e das proibições. Os três pilares: pessoas, espaços e tempos trariam uma diferenciação bastante clara do que é o sagrado frente ao mundo profano.

Apesar de sagrado e profano serem marcados por uma dialética, eles se relacionam entre si e têm uma interdependência que permite sua continuidade. Não haveria sagrado sem profano e vice-versa, pois a existência de um permite o reconhecimento do outro (ELIADE, 1999). Em relação aos espaços, pode-se afirmar que, embora haja áreas sagradas bem delimitadas, existe uma interação muito forte entre os espaços sagrados e profanos que modifica todo o entorno. Assim, a existência de bordas/limites/fronteiras não impede a influência mútua e a interdependência dos espaços sagrados e profanos.

Pensando numa dimensão mais pontual das relações humanas e de suas práticas com o sagrado chega-se ao Lugar. É no Lugar que o Sagrado se vincula aos sujeitos de forma mais íntima. O lugar contém a dimensão do espaço vivido e, por isso, consegue agregar a experiência do ser ao componente espacial, criando um ambiente favorável para a inter-relação entre o homem e a sacralidade.

Considerando que o lugar é subjetivo, que se trata de uma construção do indivíduo, como poderíamos agora ampliar o sentido desse conceito para algo coletivo? Acredita-se que por meio dos discursos e do sentido de representação do lugar para o indivíduo e para seu grupo.

[...] A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, 2005, p. 17)

Os discursos e as representações são fortes formadores de sistemas coletivos de crenças e comportamentos, pois estão vinculados diretamente ao que é simbólico. Muitos fiéis, por exemplo, sequer já visitaram os destinos sagrados de sua grande devoção, mas os têm em extrema conta pela simbologia que eles carregam. Esses destinos se tornam o lugar do sonho, do almejado, do sagrado. É dispensável, por exemplo, ir à Meca para conhecê-la como lugar de devoção muçulmana ou estar em Roma para perceber sua função religiosa. Para o fiel, de forma geral, não é essencial ter estado fisicamente nestes lócus, pois o poder simbólico que tais localidades dispõem é tão grande que suscita a criação de laços de identidade e pertença, transformando-os em lugares de referência. Ou seja, se tais localidades induzirem às mesmas sensações que foram apresentadas anteriormente na discussão dos lugares

(segurança, reconhecimento, pausa, intimidade, etc.) e se elas fizerem sentido internamente, tem-se um lugar. Neste caso, o lugar continua sendo o espaço vivido, mas vivido remotamente, simbolicamente, pela devoção do fiel que entrega parte de sua vida ao sagrado. De forma mais ampla, Tuan (1983, p. 204) aponta para a possibilidade do estabelecimento de afinidades por um lugar sem conhecê-lo diretamente: “[...] Ainda mais curioso é o fato de que as pessoas podem desenvolver uma paixão por um certo tipo de meio ambiente sem terem tido um contato direto com ele. É suficiente uma estória, um trecho descritivo ou uma gravura em um livro. [...]”.

É no lugar que o sagrado encontra seu sentido mais íntimo. E para que seja íntimo e dotado de valor ele tem que ser vivido, mesmo que remotamente. Em situações como estas, apesar de não haver a presença física, o indivíduo reconhece o lugar e estabelece com ele um vínculo emocional, pois o percebe dotado de uma simbologia que lhe é familiar. Para Carlos (1996) a análise do lugar está ligada à ideia de uma construção que, por sua vez, é tecida por relações sociais as quais se realizam no plano do vivido. Isso “garante a constituição de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizatória que produz a identidade homem-lugar, que no plano do vivido se vincula ao conhecido-reconhecido.” (CARLOS, 1996, p. 30)

Uma devoção coletiva é realizada no plano do vivido. Diversos sujeitos espalhados por diferentes lugares do mundo, por exemplo, podem ter a mesma religiosidade, serem devotos de uma mesma entidade metafísica e se unirem numa rede de significados e sentidos tecidos pela história dessa devoção. O lugar do culto costuma ser o santuário de origem desta entidade e, paralelamente, pode haver diversos outros santuários secundários ou locais para comportar os devotos na prática de sua religiosidade (assentados na dimensão espacial do possível). Tem-se, portanto, a prática da devoção que contribui para a formação da identidade do homem vinculada ao lugar. Materializando tais afirmativas, pode-se utilizar como exemplo o culto à Nossa Senhora de Lourdes e também à Nossa Senhora de Fátima na tradição cristã, vertente da Igreja Católica Romana. Seus fiéis estão espalhados por todo o globo terrestre.

As histórias de graças e milagres concebidos por essas deidades se disseminaram entre os crentes católicos de todo o mundo e muitos sujeitos passaram a fazer pedidos e promessas invocando seus nomes. A devoção é simbólica e ela carrega consigo uma noção de materialidade. Essa materialidade muitas vezes é

estabelecida num objeto ou mesmo em um lugar. É por isso que a ideia do santo recorrentemente se anexa a um objeto material, a uma imagem, seja de barro, madeira, gesso. O visual, o palpável, facilita a conexão entre o mundo físico e o metafísico, entre o profano e o sagrado.

O devoto de Nossa Senhora de Fátima, de Nossa Senhora de Lourdes ou de outro santo padroeiro normalmente possui algum tipo de imagem da devoção materializada como “santinhos” impressos, terços, esculturas, etc. E frequentemente ele intenta ir ao encontro da padroeira em seu próprio santuário. É nesse contexto que as cidades de Lourdes, no sul da França e de Fátima, no centro de Portugal recebem milhares de peregrinos de todas as partes do mundo todos os anos, sobretudo nas datas festivas. Mesmo que esses peregrinos não habitem no destino, eles o tem como lugar sagrado, pois se trata do reconhecido, do simbólico, da pausa. E esse lugar é coletivo, pois há nele o encontro de diversos indivíduos diferentes, mas carregando discursos, objetivos e valores espirituais semelhantes, pautados no culto a determinado elemento sagrado. Tem-se, portanto, um lugar que concentra sujeitos múltiplos e é nesse encontro que as identidades são reforçadas pela alteridade, conforme fragmento de Haesbaert:

Determinadas identidades ou, caso se preferir, facetas de uma identidade, manifestam-se em função das condições espaço-temporais em que o grupo está inserido. Finalmente, a(s) identidade(s) implica(m) uma busca de *reconhecimento* (Taylor, 1994) que se faz frente à *alteridade*, pois é no encontro ou no embate com o Outro que buscamos nossa afirmação pelo reconhecimento daquilo que nos distingue e que, por isto, ao mesmo tempo, pode promover *tanto o diálogo quanto o conflito* com o Outro. (HAESBAERT, 1999, p. 175)

O reforço da identidade também promove o lugar. Se há uma concentração de diferentes sujeitos com um mesmo objetivo, o reconhecimento mútuo gera uma experiência coletiva do lugar. Quando todos, cada um com seu idioma e sua história, saem em procissão para louvar uma entidade religiosa, tem-se o sentido coletivo do lugar, pois apesar das diferenças identitárias, há o encontro do que é representativo. O lugar promove a união pela semelhança de aspirações e, naquele momento, todos caminham por um só sentido: o sentido do sagrado. Nesse contexto, o lugar se torna, essencialmente, lugar do sagrado.

Pensando na sacralidade impressa no espaço, pode-se afirmar que as cidades abrigam diferentes monumentos e áreas sagradas. Estes locais são formados, em

geral, pelos templos de diversas religiões como os santuários, as mesquitas, as sinagogas, os terreiros, os templos budistas, hindus, entre tantos outros. Além deles, existem os lugares míticos como grutas, rios e montes que se tornam sagrados a partir de testemunhos relacionados a aparições de divindades. Há, ainda, os espaços de retiro ligados às práticas religiosas; e até dentro das próprias casas podem ser encontrados locais especificamente destinados ao culto do sagrado, como os oratórios das famílias católicas. Todos esses lugares guardam na sua essência a sacralidade.

Destacam-se as cidades de Fátima, em Portugal e de Lourdes, na França como exemplos de lugares sagrados. Em Fátima, a procissão reúne centenas de pessoas de diversas partes do mundo, observação que pode ser constatada durante o terço, uma vez que ele é rezado em diversos idiomas e acompanhado por diferentes grupos de pessoas. Além disso, há também o agradecimento às diferentes caravanas que ali estão, revelando a origem dos peregrinos.

**Imagem 2: Procissões em Fátima e Lourdes.**



À esquerda: procissão noturna diária realizada no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, em Fátima – Portugal. Fonte: MARQUES, Luana Moreira; set. 2015.

À direita: procissão de religiosas asiáticas no complexo do Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, em Lourdes, França. Fonte: Sanctuaire Notre-Dame de Lourdes/DURAND; capturado em trabalho de campo por MARQUES, Luana Moreira; dez. 2015.

Assim como Fátima, a cidade de Lourdes também recebe peregrinos de todas as partes do mundo. A inscrição “Duc Me La Vang”, presente na segunda imagem, significa “Nossa Senhora de La Vang” que é a padroeira do Vietnã. O encontro simbólico entre a padroeira vietnamita e a santa ocidental, retratado na imagem, permite a reflexão sobre a importância do lugar para o reforço da identidade religiosa.

A centralidade do presente estudo se dá, portanto, nos lugares sagrados da coletividade, isto é, nos espaços de representação públicos que materializam a prática espiritual num lugar comum e socialmente reconhecido como sagrado. Um desses lugares sagrados é o Santuário de Nossa Senhora da Abadia, localizado no município de Romaria-MG.

### **2.3 De Água Suja a Romaria: a transformação da promessa diamantífera num polo de fé**

A expansão territorial para oeste de Minas Gerais, área onde hoje é conhecida como Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba se deu num contexto de desbravamento do interior brasileiro a partir do século XVII. Neste período, os bandeirantes paulistas abriram caminho pelas terras do cerrado em busca de metais preciosos e captura de indígenas que serviriam como mão-de-obra escrava. Ribeiro (2008) aponta duas rotas seguidas por estes grupos:

A região situada entre os rios Grande e Paranaíba, hoje conhecida como Triângulo Mineiro, já era percorrida por bandeiras paulistas no século XVII que se dirigiam para oeste e noroeste desta capitania em busca de índios cativos e outras possibilidades de formar cabedal. Partindo de São Paulo em direção ao norte, passando por São João de Atibaia e Camanducaia, contornando a Serra da Mantiqueira, alcançava-se à bacia do Rio Grande e daí podia-se dirigir para noroeste, descendo por esse rio até o Triângulo Mineiro e de lá para Goiás; ou atravessar os vários rios dessa bacia (Sapucaí, Verde, Grande e das Mortes) em busca da região do Alto São Francisco e Rio das Velhas. O outro caminho, sempre se iniciando em São Paulo, partia na direção nordeste, para chegar ao Vale do Paraíba do Sul, passando por Taubaté e Guaratinguetá, que se constituíram em vilas já nos anos 1650, tomando aí a “Estrada Real do Sertão”, conforme expressão do Padre Vigário João Faria, em seu roteiro, transmitido por Bernardo Correia de Souza Coutinho, em 1694. Esse percurso atravessa a Mantiqueira pela Garganta do Embaú, alcançado as vertentes de vários rios da bacia do Rio Grande, se encontrando aí com o primeiro caminho e com as opções já apresentadas. (RIBEIRO, 2008, p. 20)

Após a crise da mineração no interior do estado de Minas Gerais, século XVIII, as regiões que ofertavam apenas rebanho e alimentação passaram a ser o *lócus* de moradia de muitas famílias. Isso promoveu uma migração para o interior, modificando o modo de vida e de reprodução no sertão. Os geralistas, grupos provindos do núcleo central de Minas Gerais, migraram para diferentes áreas, desde o sul de Minas até o

Alto Jequitinhonha, se estabelecendo, também no oeste do estado (LOURENÇO, 2001).

Nessas andanças, descobriu-se um novo ponto de mineração a oeste de Minas Gerais, no curso do Rio Bagagem, onde hoje localiza-se o município de Estrela do Sul. Lourenço (2010) afirma que o município de Bagagem se destacou como centro minerador desde 1818, alcançando grande crescimento depois de 1852 com a descoberta do diamante “Estrela do Sul”. Tal fato fez com que a região fosse ocupada por muitos garimpeiros carregando consigo o sonho de fazer fortuna.

Em 1864 eclode a Guerra do Paraguai que dura até 1870. Temerosos de serem chamados a lutar no conflito, muitos garimpeiros se embrenharam pelas matas e córregos, buscando evitar uma possível convocação. Em 1867, o garimpeiro Sebastião Silva encontra cascalho brotado nas encostas de um córrego que desembocava no Rio Bagagem. Percebendo o potencial diamantífero partilhou a descoberta, dando origem à ocupação de Água Suja. A água turva, consequente da mineração, inspirou o nome do córrego e do novo povoado. (DAMASCENO, 1997; GONTIJO, 2010; VIEIRA, 2001)

Entre 1867 e 1870 a mineração atingiu seu auge de prosperidade (DAMASCENO, 1997). A notícia de uma nova região diamantífera se espalhou e toda a região alcançou um significativo aumento na densidade demográfica. Em 1872 Água Suja somava 3.449 habitantes e possuía uma densidade de 8,58 habitantes por km<sup>2</sup> (LOURENÇO, 2010), pouco menos do que é verificado em 2017, mais de um século e meio após a ocasião.

O êxtase diamantífero não durou muito. “Ao mesmo tempo que as minas de Água Suja, descobriram-se as do Cabo da Boa Esperança; mas só em 1871 começou a produção abundante, que em 1872 ecoou nas lavras do Brasil como um verdadeiro tiro de morte.[...]” (VIEIRA, 2001, p. 49). Machado (1998), em seu estudo sobre a cultura popular no interior de Minas Gerais, reforça:

A “derrama” de diamantes no mercado internacional provocou, a partir da 2ª. Metade do século XIX, inclusive para as regiões nas quais a exploração fora retardada, consequências desastrosas. Com a produção para o mercado, em fins do século passado, o diamante do Alto Paranaíba não tinha quase nenhuma importância econômica. (MACHADO, 1998, p.35)

A queda no preço dos diamantes somado às difíceis condições vividas no garimpo, às grandes distâncias dos centros de comércio, além da dificuldade de

acesso, da falta de materiais e de estrutura fez com que muitos garimpeiros abandonassem o garimpo e buscassem trabalho em outros lugares, com destaque às vagas disponíveis na construção da estrada de ferro da Companhia Mogiana, que se estendia do interior de São Paulo até o Triângulo Mineiro.

A partir das pesquisas de Caio Prado Júnior, Pedro Pezzuti, Tito Teixeira, Auguste de Saint Hilaire e também de documentação histórica, Lourenço (2001) aponta que os povoados formados pelos geralistas se constituíam, geralmente, em torno de uma igreja. Os finais de semana eram o tempo do não trabalho e das sociabilidades – os fazendeiros e camponeses participavam dos eventos sagrados, das festas profanas. Este é o caso de Água Suja.

Parte dos habitantes de Água Suja, sobretudo os garimpeiros de origem portuguesa, eram devotos de Nossa Senhora. Para exercer seu culto costumavam empreender uma romaria à Muquém, distrito de Niquelândia, localizado no interior de Goiás, onde o culto à Virgem já era perene. Nesse local, os devotos renovavam sua fé e participavam da festa em louvor à padroeira (GONTIJO, 2010; VIEIRA, 2001; DAMASCENO, 1999). A distância entre os dois lugares – 690 km de automóvel seguindo pelas MG-223, BR-050, BR-352, GO-330, BR-414, GO-237 (GOOGLE MAPS, 2015) – e a crescente quantidade de fiéis se tornaram uma justificativa para a construção de uma capela para a Santa em Água Suja. Sobre isso, Neid Gontijo, moradora de Romaria, destaca:

Esse povo, sedento de fé e devoção a Nossa Senhora, todo ano, ia cumprir suas promessas religiosas na cidade de Muquém, no estado de Goiás, onde assistiam à tradicional romaria, uma festa dedicada a Nossa Senhora da Abadia. Devido à longa distância, as muitas dificuldades encontradas nessas peregrinações e o aumento dos fiéis, com devoção a Nossa Senhora, os água-sugenses tiveram a ideia de construir uma capela e, assim, em vez de irem a Muquém, ela seria cultuada aqui mesmo, em Água Suja. Para isso, era preciso obter uma licença do bispo de Goiás, Dom Joaquim Gonçalves de Azevedo. (GONTIJO, 2010, p. 21-2)

Concedida a autorização para o culto em Água Suja, foi encomendada de Portugal uma imagem da santa. Conta-se que em 1870 o português Custódio da Costa Guimarães, juntamente com Joaquim Perfeito Alves Ribeiro viajaram até o Rio de Janeiro para buscar a escultura. A chegada da imagem ao povoado mineiro foi marcada por grande comemoração. (GONTIJO, 2010; DAMASCENO, 1999; VIEIRA, 2001)

Num primeiro momento, a imagem foi abrigada numa capela improvisada com materiais rústicos e capim. Simultaneamente iniciou-se a construção da primeira igreja que tardou quatro anos para ser finalizada (1870 a 1874). A igreja não apresentava uma arquitetura definida, mas para os padrões de Água Suja tratava-se de um prédio suntuoso (VIEIRA, 2001; GONTIJO, 2010), conforme pode ser observado na imagem a seguir.

**Imagem 3: Matriz de Nossa Senhora da Abadia, construída entre 1870 e 1874.**



Fonte: Gontijo, 2010, p. 23

Vieira (2001) destaca que desde a chegada da imagem de Nossa Senhora da Abadia à Água Suja, trazida de Portugal, as romarias começaram. Primeiro, na capela improvisada e posteriormente, passaram à matriz. A partir de 1916, com o trabalho do Cônego Primo Maria Vieira – importante religioso que empreendeu grandes transformações em Água Suja – as romarias cresceram consideravelmente. De acordo com o autor:

E na verdade, no dia 14 [de 1919], véspera da festa, contaram-se 3.500 carros de bois. Ora, admitindo-se uma média de 10 pessoas por carro, o que é muito pouco, temos um número de 35.000; adicionando-se mais 10.000 pessoas contadas entre as que vieram a pé, a cavalo e em automóveis teremos o número de 45.000 pessoas; que, aliás, ainda não diz o que foi esta festa! Foram 25 os automóveis que da Palestina, Uberabinha, Araguari e de Estrela do Sul tráfegaram para esta Abadia, durante os festejos. E apesar de uma tão grande concorrência, e de pessoas de todas as classes e condições, *não se registrou a menor alteração da ordem!* Milagre de Nossa Senhora d'Abadia, exclamaram todos os que assistem e admiram tão boa ordem! (VIEIRA, 2001, p. 31)

Em 1925 chegam à Água Suja os padres holandeses da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria. Um ano depois Padre Eustáquio Van Lieshout assume a Paróquia de Água Suja e dá início à construção de um novo e imponente santuário dedicado à Nossa Senhora da Abadia. Padre Eustáquio permaneceu em Romaria até o ano de 1935 e, durante esse intervalo de tempo empreendeu diversas transformações no povoado como a inauguração de um cinema, de uma gráfica para a edição do jornal “O Romeiro”, além de promover mutirões para a construção do santuário e conseguiu arrebanhar a população local para a prática do catolicismo tradicional. (GONTIJO, 2010; DAMASCENO, 1999; VIEIRA, 2001).

Em 17 de dezembro de 1938, por meio do decreto-lei estadual nº 148, altera-se a toponímia de Nossa Senhora da Abadia da Água Suja para Romaria. O novo nome reflete a disposição do poder público local e dos moradores a investir e se consolidar como polo de peregrinação no interior de Minas Gerais.

Enquanto isso, o santuário continuava a ser construído. A obra durou 49 anos, sendo iniciada em 1926 e terminada em maio de 1975 (SANTUÁRIO DE N. SRA. DA ABADIA, *online*). Sobre a questão, Fernandes afirma:

Em 1926, quando o número dos romeiros já ultrapassava a casa dos cinquenta mil, na festa de agosto, o Santo Vigário de Água Suja, hoje Romaria, Pe. Eustáquio Van Lieshout iniciou a construção do atual e majestoso Santuário. Assim foi, a antiga Água Suja, tornou-se desde então o novo centro de devoção Mariana, daí espalhando-se por todo o Triângulo Mineiro. (FERNANDES, *online*)

A seguir é possível observar a construção do novo Santuário e de seu estado atual.

**Imagem 4: Santuário de Nossa Senhora da Abadia, em Romaria-MG.**





À esquerda: construção do Santuário de Nossa Senhora da Abadia a partir da Igreja Matriz. À direita: vista lateral do Santuário de Nossa Senhora da Abadia em 2012. Abaixo: vista aérea frontal. Fonte: GONTIJO, 2010, p. 36. MARQUES, Luana Moreira, julho de 2012. PEREIRA, Vinícius Peripato Borges, julho de 2016. (Respectivamente).

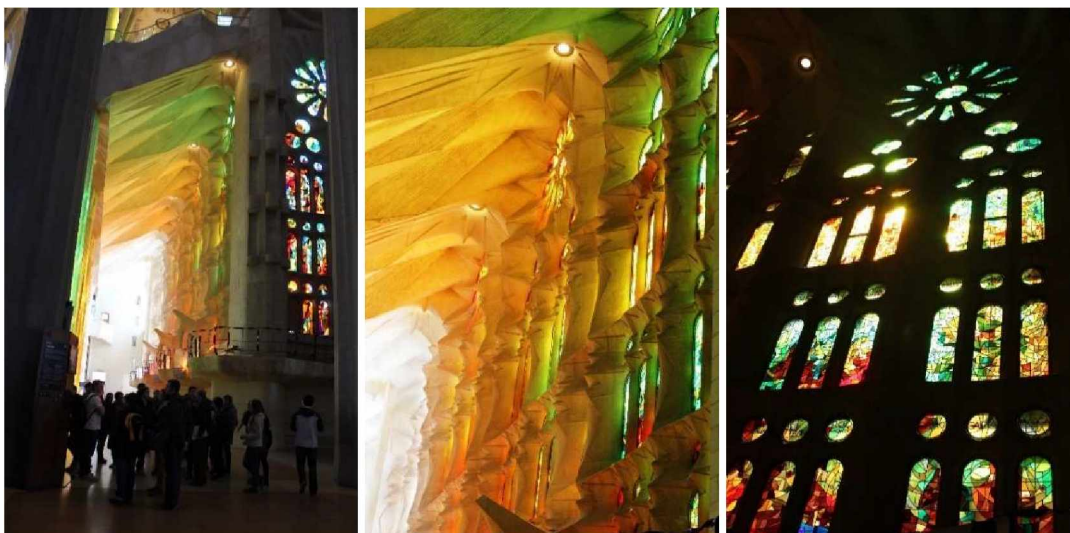
A edificação primeiramente da igreja e depois do Santuário em devoção à Nossa Senhora da Abadia reforçou o culto em Romaria. Nesta perspectiva, destaca-se que a maior expressão do sagrado no lugar é o santuário. Ele é construído, propositalmente, com o objetivo de separar o profano do divino. É nele que são realizados os ritos e as práticas de purificação das almas. O santuário é lugar da calma, da pausa, da tranquilidade. Pensando na construção dos santuários desde a Idade Média, todas as escolhas tendem a ser previamente pensadas: a localização, a disposição dos objetos, a quem será consagrado, a dimensão, a iluminação. Tais elementos, em conjunto, colaboram para a construção de uma simbologia do que representa o mágico, o superior, o metafísico. A sacralização, a água benta e as cruzes, no caso dos santuários católicos; a disposição dos túmulos dos Sete Santos (*Sab'atuRijal*) de Marraquexe nos mausoléus muçulmanos espalhados por tal cidade; as imagens dos pretos velhos nos terreiros de umbanda, todos eles são símbolos que conferem significado às crenças e fortalecem a expressão do sagrado no lugar.

[...] A alguns símbolos os fiéis respondem com um ato mais ou menos automático, como ajoelhar-se. Outros símbolos evocam idéias específicas. A cruz sugere sofrimento, expiação e salvação. Finalmente, a catedral como um todo e em seus detalhes é um símbolo do paraíso. [...] O símbolo é direto e não requer mediação linguística. Um objeto se torna um símbolo quando sua própria natureza é tão clara e tão profundamente manifestada que,

embora seja inteiramente ele mesmo, transmite conhecimento de algo maior que está além. Imaginemos um homem da Idade Média que vai à catedral para rezar e meditar. Ele é reverente e sabe alguma coisa; ele sabe sobre Deus e o céu. O céu são aquelas torres acima dele, tem grande esplendor e está banhado de luz diurna. Entretanto, são apenas palavras. Em um ambiente comum, quando ele tenta visualizar o paraíso através do poder de sua própria imaginação, seu êxito provavelmente será modesto. Porém na catedral sua imaginação não necessita de auxílio para elevar-se. A beleza do espaço e a luz que ele pode perceber permitem-lhe apreender passivamente outra glória muito maior. (TUAN, 1983, p. 129)

No santuário podemos ter uma experiência íntima com o sagrado, com o ser de adoração. Nos aproximamos fisicamente do nosso objeto de culto, do sagrado. Na igreja quase tocamos o céu (como símbolo do paraíso), por isso muitos fazem as peregrinações. É por isso que o espaço físico da Igreja tenta remontar o ar da pureza, o ambiente da tranquilidade. O efeito das cores provenientes da iluminação dos vitrais do Templo da Sagrada Família, em Barcelona, não foi concebido por acaso. As cores transportam os devotos e visitantes para outra dimensão, a dimensão do mágico, da perfeição, do sentimento que só é captado pela percepção subjetiva.

**Imagem 5: Interior do Templo da Sagrada Família em Barcelona, Espanha.**

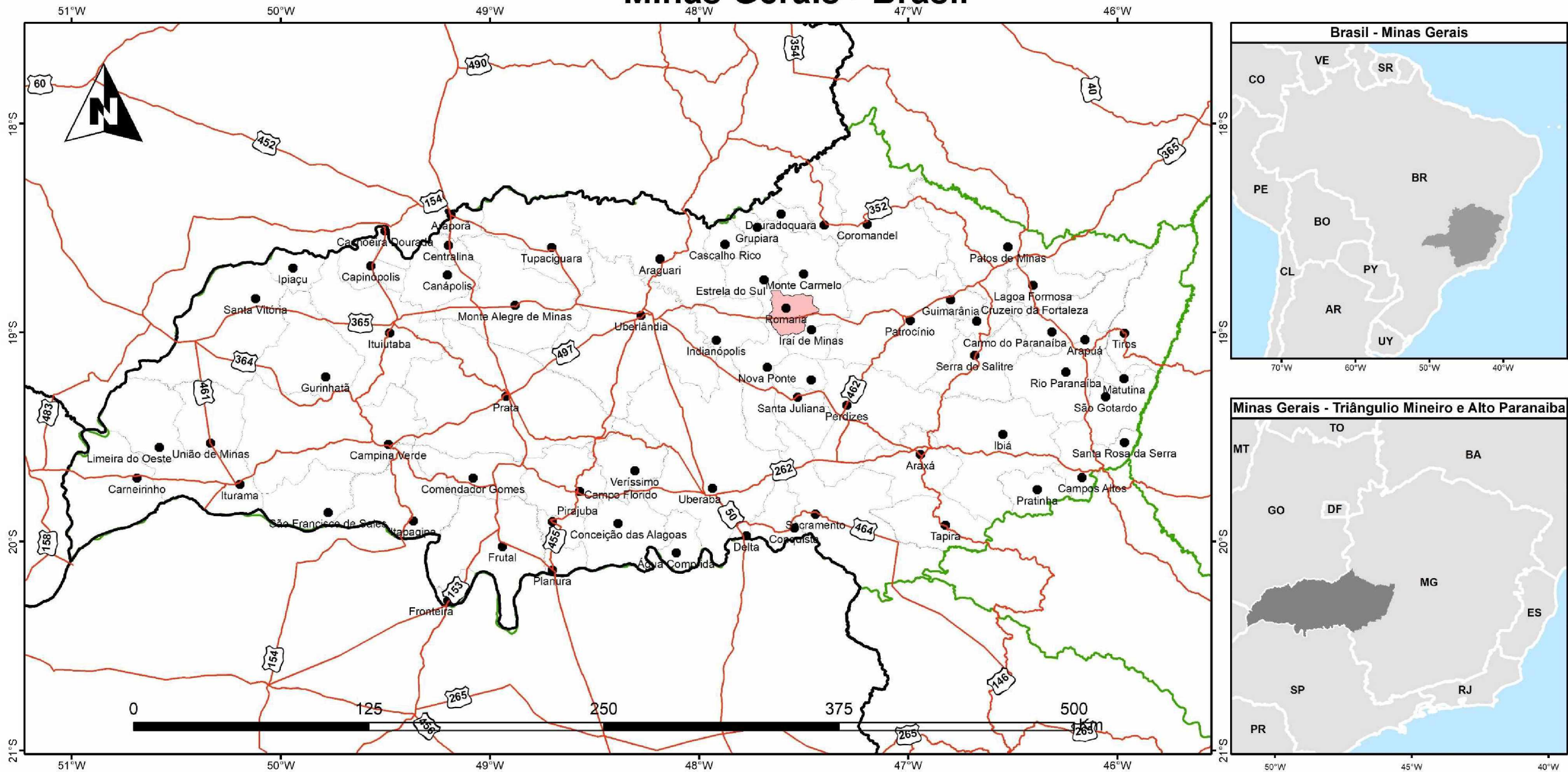


À esquerda vista lateral dos vitrais; ao centro detalhe para o efeito da iluminação natural entrando pelos vitrais coloridos; à direita foto dos vitrais. Fonte: MARQUES, L. M.; Março 2014.

O santuário de Romaria foi fundamental para a consolidação e crescimento da devoção à Nossa Senhora da Abadia e peregrinação até a cidade. Hoje o município é reconhecido como o principal polo devocional católico da região e é o *lócus* da festa em Louvor à Nossa Senhora da Abadia, evento que atrai milhares de pessoas ao destino anualmente.

Para contextualizar Romaria é importante saber que este Município está localizado no interior de Minas Gerais, mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, microrregião de Patrocínio. Alcança uma área de 407,557km<sup>2</sup> composta, originalmente, pelo bioma Cerrado (IBGE, 2017). Faz limite com os municípios de Estrela do Sul, Iraí de Minas e Monte Carmelo, conforme o mapa a seguir.

# Localização de Romaria na Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba Minas Gerais - Brasil



## Convenções Cartográficas

- Rodovias (BR)
- Sedes Municipais
- Limite Municipal de Romaria
- Limites Municipais
- Limites Mesorregionais
- Limites Estaduais

Projeção: Geográfica  
Datum: SIRGAS 2000

Fontes:  
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)  
Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT)

Elaboradores:  
MARQUES, L. M., SILVA, A. M., PEREIRA, V. P. B., 2017.

Mapa 1: Localização de Romaria - MG.

Durante o Censo de 2010 contabilizou-se uma população de 3.596 em Romaria e estima-se que ela alcançou 3.650 habitantes em 2016. A densidade populacional foi de 8,82 habitantes por km<sup>2</sup> em 2010 e seus moradores vivem, principalmente, de renda proveniente do setor agrícola. O PIB – Produto Interno Bruto de Romaria no ano de 2014 somou R\$ 210.808,00, sendo que 78,11% vem da agropecuária, 13,46% dos serviços e 8,43% da indústria. Já o PIB per capita foi de R\$ 62.803,03 reais em 2014. (IBGE, 2017)

Em 2010 Romaria alcançou um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,708, numa escala que vai de 0 a 1. Considerando os índices anteriores, 0,597 em 2000 e 0,452 em 1991 verifica-se o aumento da qualidade de vida da população no decorrer dos anos. A cidade conta com quatro escolas, sendo uma pré-escola, duas escolas de nível fundamental e uma de ensino médio. Os moradores que buscam formação acadêmica em nível superior normalmente se deslocam para os municípios próximos como Monte Carmelo, Patrocínio e Uberlândia. Em relação à religião, 89,46% da população se declarou católica durante o CENSO de 2010, enquanto 10,34% se apresentou como evangélica e 0,2% espírita. (IBGE, 2017)

Porém, nos meses de agosto de cada ano a cidade se transforma. Toda uma nova dinâmica é criada em função da Festa de Nossa Senhora da Abadia que atrai milhares de fiéis em peregrinação, modificando a paisagem e o cotidiano dos seus envolvidos. Já nos primeiros dias do mês, várias barracas são montadas nas calçadas das casas próximas às igrejas. Ao longo dos dias o movimento vai aumentando e alcança seu auge no dia 15, dia da santa padroeira e feriado municipal em diversas cidades da região. A polícia militar estima que no dia da festa chega a passar 300 mil pessoas pela cidade – número que nos parece superestimado, mas que indica um aumento vertiginoso em relação à população do município. Além da grande festa de agosto também se destacam outros eventos culturais e religiosos realizados em Romaria ao longo do ano como o Encontro de Folia de Reis, as Congadas, a Festa do Bem Aventurado Padre Eustáquio, entre outros diversos eventos que se espalham pelo calendário anual da cidade. Seria, então, Romaria uma hierópolis?

De acordo com Rosendahl (2009), a divisão territorial do trabalho nas cidades do mundo moderno indica duas vertentes: as cidades centrais e as cidades especializadas. As primeiras consistem em centros de distribuição de produtos industrializados e prestação de serviços, onde as atividades básicas são múltiplas; já as segundas se caracterizam pelo predomínio efetivo de algum tipo de

elemento/prática, como as cidades-portuárias, as cidades-industriais, as cidades-administrativas, as cidades de recreação, e as cidades-religiosas. Estas últimas são denominadas hierópolis ou cidades-santuário.

Para Rosendahl (2009) as hierópolis constituem por excelência um lugar sagrado que apresenta lógicas funcionais e espaciais próprias. Elas são “[...] cidades que possuem uma ordem espiritual predominante e a sua organização espacial é marcada pela prática religiosa da peregrinação ao lugar sagrado.” (ROSENDAHL, 2009, p. 87).

As hierópolis não são representantes exclusivas do cristianismo como é o caso de Aparecida, no Brasil, da Cidade do Vaticano, no Vaticano, de Santiago de Compostela, na Espanha e de Fátima, em Portugal. Há também cidades sagradas para outras denominações religiosas, como por exemplo, Meca, na Arábia Saudita, destino islâmico, Hebron, dividida pelo judaísmo e islamismo, Bodhgaya, na Índia, para os budistas, Varanasi, também na Índia, destino dos hindus, e Jerusalém, cidade sagrada para os cristãos, judeus e muçulmanos. Todas essas cidades têm seu espaço e cotidiano diretamente influenciados pelas atividades religiosas. Os lugares sagrados apresentam um destaque centralizador. Eles atraem fiéis ao longo de todo o ano ou em períodos específicos, como nas datas comemorativas e nas festas religiosas.

É importante ressaltar que tratamos dos lugares sagrados reconhecidos coletivamente. Um oratório na residência de um cristão ou um altar hindu na casa de um hinduísta podem ser considerados espaços sagrados, mas ambos têm uma dimensão de reconhecimento e acessibilidade restrita. Resguardam-se na dimensão da individualidade. Uma hierópolis, por sua vez, se estabelece na dimensão do coletivo. É vivida por uma gama de sujeitos que não se conhecem pessoalmente, mas se reconhecem pela devoção e pela prática religiosa análogas.

Portanto, em princípio, Romaria pode ser considerada uma hierópolis, pois apresenta uma dinâmica particular voltada para a realização da Festa em Louvor à Nossa Senhora da Abadia, no mês de agosto, além de outros eventos religiosos ao longo do ano. Ademais, também é reconhecida como um polo religioso e, por isso, atrai visitantes em busca de devoção e diversão ao longo de todo ano.

Imagem 6: Cartazes de diferentes festas e encontros em Romaria-MG.



Da esquerda para a direita: 40º Encontro de Folias de Santos Reis em 2017, 11ª Festa do Beato Eustáquio (antigo padre da cidade) em 2016, Festa em Honra a São Sebastião em 2017.  
Fonte: DELFINO, *online*, 2017.

É certo que Romaria não dispõe de infraestrutura básica e turística para receber esse fluxo de visitantes. O que é feito tem um caráter temporário e informal. O comércio é realizado, sobretudo, por feirantes que itineram por grandes eventos (geralmente religiosos) em todo o Brasil. O pouso dos turistas e dos feirantes se dá em casas e quartos alugados especificamente pelo período festivo, ou nos poucos hotéis e alojamentos da cidade, e também nos acampamentos levantados em alguns terrenos baldios. As pessoas chegam de carro, ônibus, a pé, na caçamba de caminhões, a cavalo, de moto, sobre bicicletas e até em carros de boi. São provenientes de todo o entorno do município, inclusive de cidades do interior de Goiás, São Paulo e Mato Grosso.

A paisagem da cidade de Romaria é ocupada por novos elementos e sujeitos no período de festa assim como a paisagem das rodovias que dão acesso a essa cidade. Milhares de pessoas tomam as ruas de Romaria, consumindo, trocando, flinando, rezando. É um misto de devoção e diversão que muda completamente a (re)produção da vida cotidiana do lugar.

**Imagem 7: paisagem do Santuário de Nossa Senhora da Abadia fora do tempo da festa e durante a festa à padroeira**



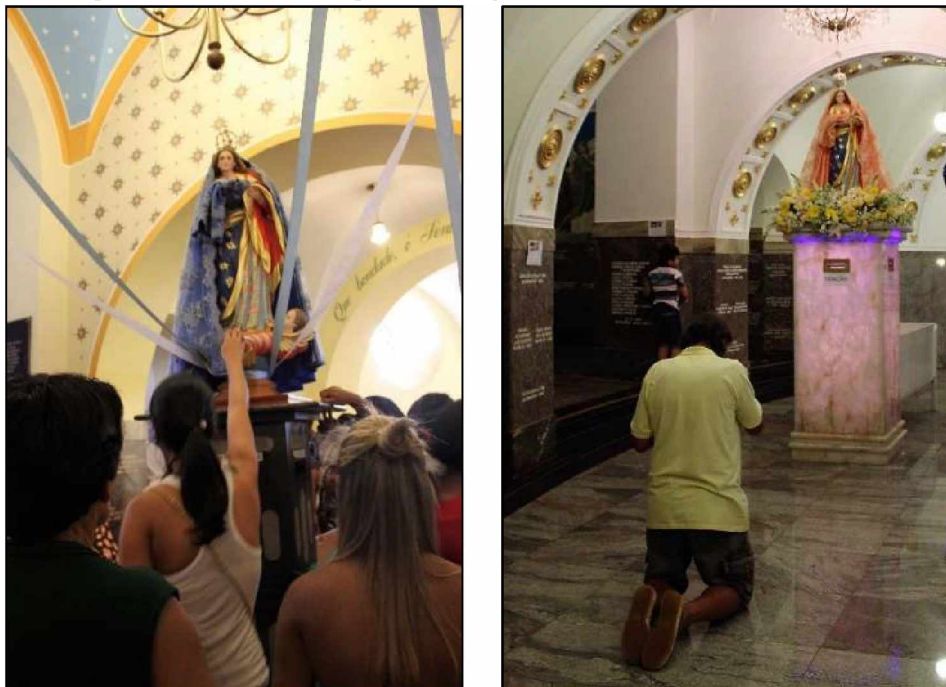
À esquerda: vista frontal do Santuário de Nossa Senhora da Abadia em junho de 2012, fora do período festivo. À direita: vista frontal do mesmo Santuário em 15 de agosto de 2012 durante a missa e coroação da padroeira. Fonte: MARQUES, Luana Moreira, junho e agosto de 2012 (respectivamente).

Mesmo depois de conhecer a história e as características de Romaria é possível fazer alguns questionamentos. O primeiro deles está no motivo dos devotos empreenderem grandes esforços físicos e econômicos para fazer ir ao encontro do sagrado se em suas próprias cidades existem lugares consagrados à Nossa Senhora da Abadia, como é o caso de Uberlândia-MG. O segundo está na razão de Romaria ter se tornado um polo de devoção religiosa e não outra cidade da região. Por último, pode-se perguntar por que Romaria, como um município com grande destaque regional, não alcançou crescimento como outras cidades da região.

A primeira pergunta será respondida com mais profundidade na próxima seção, mas que é possível aproximar-se dela recorrendo à reflexão sobre lugares sagrados, que determinados lugares são únicos. Uma igreja em Uberlândia-MG, mesmo dedicada à Nossa Senhora da Abadia, não tem o mesmo significado simbólico que o santuário reconhecido coletivamente como o “original”. Durante mais de quatro anos de pesquisas, inúmeras entrevistas e conversas informais com peregrinos sempre ouvi uma expressão que hoje consigo compreender melhor: “*ir aos pés de Nossa Senhora*”. Ir aos pés de Nossa Senhora da Abadia em Romaria tem um efeito único. Trata-se do símbolo localizado no lugar sagrado. Não é qualquer símbolo, nem qualquer lugar ou qualquer santuário. Para o devoto, aquele é um ponto único e o ritual de ir os pés da santa e ali depositar seus pedidos, agradecimentos, súplicas, alegrias, frustrações, além das ofertas financeiras tem um sentido singular que só é

possível ser alcançado daquela maneira. Outra igreja, outra imagem, outra cidade, mesmo que com a mesma titulação não confere o mesmo significado.

**Imagem 8: romeiros chegando aos pés de Nossa Senhora da Abadia.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto de 2012; agosto de 2016 (respectivamente).

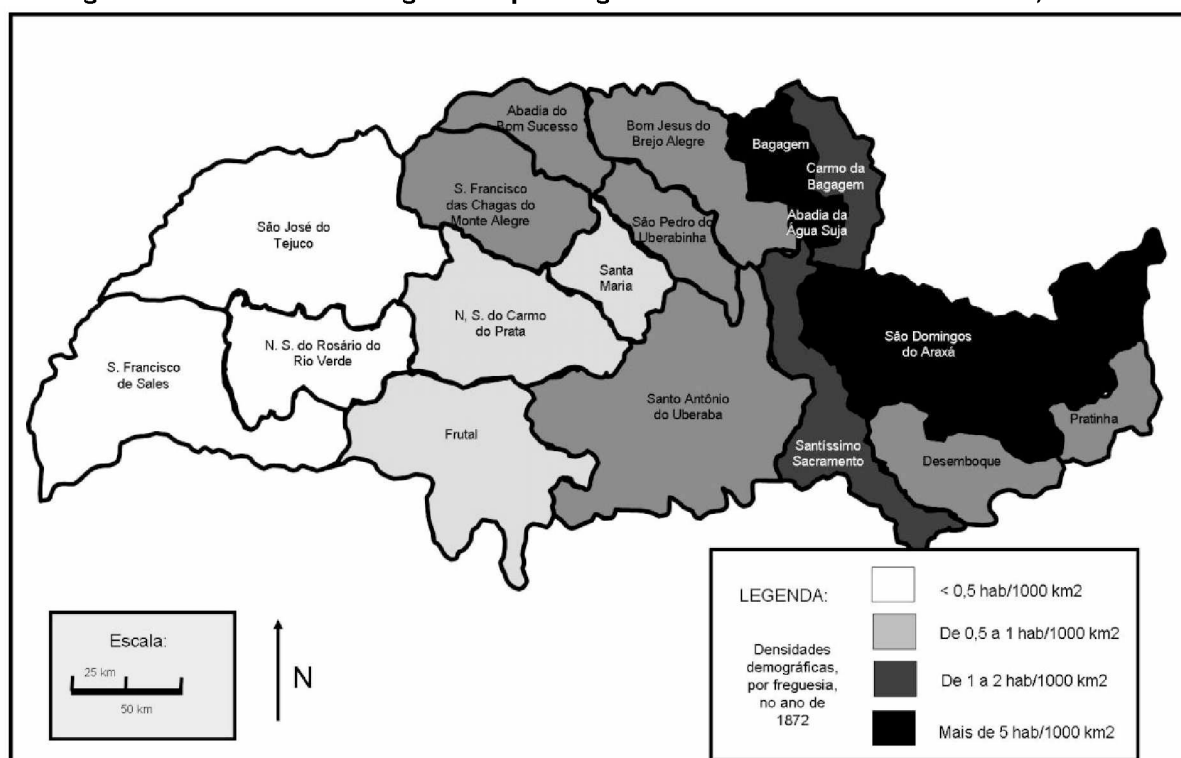
Os demais questionamentos completam esse primeiro. Quais as razões de Romaria se desenvolver como uma hierópolis e não outros destinos como Uberlândia, Uberaba, Monte Carmelo, Estrela do Sul, Patrocínio, Araguari e Araxá que também ofereciam vantagens locais? Além disso, por que Romaria aparentemente se estagnou enquanto algumas cidades do entorno continuaram crescendo e se destacando no interior de Minas Gerais?

A resposta que logo vem à mente e pode ser encontrada em alguns livros que tratam da história do município se baliza no que foi apresentado anteriormente: os imigrantes de origem portuguesa, cansados de empreenderem duras viagens a Muquém (interior de Goiás), foram autorizados a cultuar sua padroeira em Romaria; passado algum tempo a tradição cresceu e a cidade se tornou um polo religioso. Tal afirmativa não deixa de ser verdadeira, mas se analisarmos o contexto histórico e as características atuais do município podemos encontrar outros fragmentos que superam o senso coletivo e contribuem para a percepção da questão como um todo.

Primeiramente, retornemos à principal atividade econômica de Água Suja e seu entorno em 1872. Tratava-se, principalmente, da mineração. De acordo com Lourenço

(2010) a descoberta de pontos de mineração fez com que houvesse um grande crescimento populacional em Bagagem e Água Suja. Em contrapartida, no mesmo período, Uberaba se destacava como cidade polo onde predominava-se a economia agrária e tinha início seu processo de urbanização. Enquanto Uberaba possuía uma população de 8.710 pessoas com uma densidade populacional de 1,13 habitantes por km<sup>2</sup>, Água Suja tinha uma população de 3.449 pessoas e uma densidade populacional de 8,58 habitantes por km<sup>2</sup>. A imagem a seguir ilustra esses dados.

**Imagem 9: densidades demográficas por freguesia no Sertão da Farinha Podre, em 1872.**



Fonte: LOURENÇO, 2010, p. 84.

Com o declínio da mineração em Água Suja, conforme citado anteriormente, a cidade se apegava à função religiosa. Mas num panorama geral, o Brasil passava por turbulências políticas: o enfraquecimento do Império. Até a Proclamação da República (15/11/1889) o catolicismo – religião oficial do Estado – andava lado a lado com o poder público. Na medida do possível, Igreja e monarquia se apoiavam reciprocamente. Com a queda da última, o novo governo republicano separou a Igreja e o Estado declarando-o laico. Passou, então, a ser obrigatório o registro civil e os casamentos civis. As escolas também não poderiam se vincular às ideias e dogmas religiosos, entre outras ações. Tal separação extinguiu os privilégios da igreja, além

de ter contribuído para o afastamento da população da doutrina católica (TABRAJ, 1997). A lacuna deixada pela igreja oficial abriu ainda mais espaço para a prática do catolicismo popular ou rústico, sobretudo no interior do país, onde a Igreja já concorria com as práticas místicas.

Sobre o catolicismo rústico no Brasil, Queiroz afirma:

Do ponto de vista religioso, o povo brasileiro foi obrigado a se adaptar a duas condições fundamentais, desde os primeiros tempos da colonização: quantidade mínima de sacerdotes e falta de conhecimento religiosos. A adaptação se deu espontaneamente, e se expressou numa reorganização e reinterpretação do acervo de catolicismo tradicional trazido pelos colonos portugueses, de um lado, e, de outro lado, de catolicismo oficial trazido pelos poucos sacerdotes que aqui aportaram. Neste processo, elementos novos surgiram, elementos antigos ou pertencentes à religião oficial sofreram transformações, dogma e liturgia foram deformados por necessidades locais ou pela imaginação de líderes religiosos inteiramente falhos de qualquer instrução. Apesar das diferenças entre o culto oficial e o culto popular, a grande maioria dos brasileiros se considera muito bons católicos, a tradição lhes ditando o apego a esta forma religiosa. (QUEIROZ, 1973, p. 75-6)

A forma popular, sincrética e o uso de magia, de crenças que descaracterizavam o catolicismo tradicional era visto com maus olhos pela Igreja Romana, sobretudo num período em que se organizava e realizava o Concílio Vaticano I (1869 a 1870). Esse cenário estimulou o processo de romanização do povo, isto é, de reestruturar as práticas religiosas de acordo com as doutrinas católicas formais e oficiais. Tabraj (1997) afirma que quem geriu esse processo foi D. Macedo Costa a partir da elaboração, em 1890, do documento “Pontos de reforma na Igreja do Brasil” que foi apresentado ao episcopado brasileiro. De acordo com o autor, o projeto “é uma espécie de sistematização dogmática, mais vertical (romana) do que horizontal (massa popular brasileira) com a finalidade de centralizar e atrair as grandes massas para uma religiosidade à romana.” (TABRAJ, 1997, p. 581)

Um dos pontos destacados no documento de D. Macedo Costa diz respeito à necessidade de trazer da Europa ordens e congregações religiosas para contribuir com a doutrinação do povo brasileiro.

O processo de romanização é uma clara europeização da vida religiosa. O foco principal é Roma, dali procedem todas as ordens sacramentais e litúrgicas. Da Europa importam-se religiosos individuais ou congregações para dar cátedras teológicas e morais para o clero e estes para o povo. (TABRAJ, 1997, p. 582)

É nesse contexto de reorganização da Igreja Católica no Brasil que a Paróquia de Água Suja é entregue, em 1900, aos padres espanhóis da Ordem Agostiniana. Em 1916 quem assume é o padre português Cônego Primo Maria Vieira, da Ordem Franciscana e, de 1925 até 1991, passam a gerir a Paróquia os padres holandeses da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, quando abdicam da administração da Paróquia de Romaria e do Santuário de Nossa Senhora da Abadia transferindo-a à Arquidiocese de Uberaba.

A vinda dos padres europeus, com destaque ao padre holandês Eustáquio Van Lies Hold, da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, modificou a prática religiosa em Água Suja. No primeiro livro de Tombo, de 1925, o religioso relata que sua primeira celebração no povoado foi marcada pela comunhão de apenas uma fiel:

Nós colocamos Nosso Senhor no tabernáculo. Neste dia, somente uma pessoa comungou, foi uma pobre mulher, com os braços truncados e sem mãos. Sem querer, devia pensar nas palavras do Evangelho: 'Traga os pobres e os aleijados, os cegos e coxos para mim'. Parecia que toda a liturgia deste dia teve relação com o Santíssimo Sacramento e nossa tarefa nestas regiões descuidadas. (HOLD, 1925 apud GONTIJO, 2010, p. 33)

Ao longo do tempo Padre Eustáquio, assim como os demais que atenderam Água Suja, foram doutrinando a população e fazendo com que a cidade tivesse um caráter de centralização religiosa, sobretudo com os esforços na construção do grandioso Santuário de Nossa Senhora da Abadia. Essa vocação se fortaleceu com a crise na mineração e com o apoio da população local. Paralelamente, o sagrado perdia centralidade no Brasil que tomava um rumo de urbanização e desenvolvimento capitalista. Nessa perspectiva, Lourenço (2010) afirma que:

A perda da centralidade do sagrado foi parte desse processo, pois a monumentalidade dos edifícios do Poder Público, ladeando praças laicas, ocupou o lugar dos antigos adros em torno dos templos católicos. Surgia um urbanismo fundamentado nas ideias higienistas, nas racionalidades da circulação e da terra urbana transformada em valor. [...] (LOURENÇO, 2010, p. 240)

No mesmo período, a estrada de ferro Mogiana chegava em Uberaba (1889), Uberlândia (1895) e em Araguari (1896), ligando-as ao interior de São Paulo, facilitando o escoamento de produtos, a comunicação, a industrialização, o crescimento da economia dessas cidades, além de promover a ampliação das plantas

urbanas (LOURENÇO, 2010). Concomitantemente, Água Suja foi se estabelecendo como um centro de peregrinação, mas sem uma economia que a destacasse frente às demais cidades do entorno. Enquanto o acesso a algumas cidades do Triângulo Mineiro podia ser feito por vias férreas, ir a Água Suja era bem mais demorado, difícil e custoso, sendo comumente utilizados os carros de boi.

Seguindo no tempo, observa-se a urbanização pulsar forte no Brasil, principalmente após o governo de Juscelino Kubitschek. Aliada a isso, a Revolução Verde pós década de 1970 e o crescimento da economia fez com que algumas cidades e regiões tivessem interesses políticos, investimentos, mão de obra, entre outros elementos, além de vantagens locacionais que as fizeram se desenvolver mais que as outras. Assim, enquanto Romaria permanecia em 2014 com um PIB de R\$ 210.808,00 e uma densidade populacional em 2010 de 8,82 habitantes por km<sup>2</sup>, Uberlândia, localizada a 88 km deste município alcançou um PIB de R\$19.800.197,00 e uma densidade populacional de 146,78 habitantes por km<sup>2</sup> nos mesmos períodos. É possível, ainda, comparar a população de algumas cidades próximas, apresentadas na tabela a seguir:

**Tabela 1: Densidade populacional e população de Uberlândia, Romaria, Uberaba e Bagagem, 1872, 2010 e 2016.<sup>6</sup>**

Cidade	Densidade Populacional/1872 hab./km <sup>2</sup>	Densidade Populacional/2010 hab./km <sup>2</sup>	População 1972	População Estimada 2016
<b>Uberabinha (Uberlândia)</b>	1,64	146,78	3.480	669.672
<b>Água Suja (Romaria)</b>	8,58	8,82	3.449	3.650
<b>Uberaba</b>	1,13	65.43	8.710	325.279
<b>Bagagem (Estrela do Sul)</b>	5,33	9.05	7.356	7.940

Fonte: LOURENÇO (2010); IBGE, 2017. Organização: MARQUES, Luana Moreira.

Diante disso, é possível perceber que não foi apenas a distância de Muquém que fez Romaria se tornar um polo religioso e se desenvolver como uma hierópolis, assim como também não foi por acaso que algumas cidades do entorno crescessem vigorosamente em detrimento de Romaria. Uma série de ações e políticas, tanto do

<sup>6</sup> Tais dados estão representados em gráficos disponíveis no Apêndice deste trabalho.

Estado como da Igreja, assim como fatores locais e culturais contribuíram para a formação do presente cenário regional.

É importante lembrar também que apenas em 1963 há uma separação oficial entre Igreja e Política em Romaria. Foi quando o povoado ganhou foros de cidade e o vigário deu lugar a um prefeito municipal que passou a gerir o município. Todavia, a Igreja e o município ainda estão diretamente ligados, sobretudo em função da Festa de Nossa Senhora da Abadia, como pode ser observado na seguinte reportagem:

13/08/2015

**Festa de Nossa Senhora da Abadia custa mais de R\$ 300 mil a Romaria**

Arrecadação com comércio ambulante não paga evento, diz prefeito.  
Cerca de 500 mil pessoas devem passar por Romaria até dia 15 de agosto.

Fernanda Resende, Do G1 Triângulo Mineiro

É só agosto chegar que milhares de olhares se voltam para Romaria, mais precisamente para o Santuário de Nossa Senhora da Abadia. Durante os 15 dias do evento religioso, a cidade do Alto Paranaíba, que tem pouco mais de 3,5 mil habitantes, recebe quase meio milhão de pessoas.

Para acolher os fiéis que chegam de várias partes do Brasil é necessário abrir os cofres públicos. Segundo o prefeito, Ferdinando Rezende Rati, a festa, que vai até o dia 15 de agosto, custa para a cidade mais de R\$ 320 mil, sendo que de arrecadação (taxas de comércio ambulante) o Município consegue pouco mais de R\$ 110 mil. O restante fica na conta da Prefeitura.

Rati explicou que o município não tem ajuda do Governo Federal para auxiliar no evento religioso. “Mesmo com o alto custo, sabemos que Romaria não existiria se não fosse Nossa Senhora da Abadia e a festa da igreja. Nossa cidade não seria conhecida da forma que é e por isso, mesmo no período de crise, resolvemos cobrir os extras”, disse.

O prefeito comentou que além da importância religiosa, hoje a festa também movimenta a economia da cidade. A Prefeitura coloca à disposição dos romeiros plantões médicos 24h por dia e banheiros químicos gratuitos. Para deixar a cidade limpa, mais 25 pessoas foram contratadas em sistema emergencial. “Tentamos ao máximo deixar o romeiro confortável para que ele possa voltar nos próximos anos”, afirmou.

Quem custeia combustível, alimentação e alojamento para os militares que fazem a segurança na festa também é o Município. Como o evento é muito caro, Rati explicou que é necessário rever despesas e investimentos. “Uma prefeitura que abastece uma cidade para quase 3,6 mil habitantes de uma hora pra outra começa a ter que fornecer água, segurança e limpeza para quase 500 mil. Ficamos sobrecarregados, mas ao mesmo tempo temos um comprometimento e apoio de todos para tentar fazer uma festa da melhor forma possível. É nessa hora que devemos priorizar as coisas”, ressaltou.

Luciano Silva dos Santos, de 32 anos, não sabia que o custo da festa era tão alto, mas, apesar de ser a primeira vez que visita Romaria, gostou do que viu. “É bem bonita a cidade e a festa organizada. Aproveitei para subir a escadaria, ver a santa, pedir e também agradecer. Para me acompanhar na caminhada, trouxe meu sobrinho comigo”, disse.

Diferentemente de Luciano, Kauana Eduarda dos Santos, de 17 anos, conhece bem a cidade. Ela é de Romaria e aproveita a festa para auxiliar de alguma forma. Esse ano, a adolescente se dedicou à venda de bilhetes para ajudar na reforma do Santuário. Para ela, todo o investimento da cidade vale a pena. “Já vi muitas histórias emocionantes e eu mesmo já recebi um milagre. O importante é estar presente e ajudar de alguma forma para que a fé e a tradição não se percam”, concluiu. (RESENDE, online, 2015)

O quadro a seguir materializa uma linha do tempo com alguns dos principais acontecimentos em Romaria e região, desde sua ocupação pelos garimpeiros até os dias atuais.

**Quadro 1: Síntese com os principais acontecimentos em Romaria-MG e região entre 1818 e 2013.**

Data	Acontecimento
1818	Município de Bagagem (hoje Estrela do Sul) ganha destaque por sua atividade mineradora.
1852	Descoberta do diamante “Estrela do Sul” em Bagagem, fato que atraiu ainda mais garimpeiros para a região.
1864	Início Guerra do Paraguai.
1867	Sebastião Silva, garimpeiro que fugia de uma possível convocação para a Guerra do Paraguai, encontrou os primeiros diamantes em Água Suja.
1867 a 1870	Auge do garimpo em Água Suja.
1870	Fim da Guerra do Paraguai.
	Chegada da imagem de Nossa Senhora da Abadia que foi encomendada em Portugal e transladada desde o Rio de Janeiro, capital do Império, até Água Suja pelo português Custódio da Costa Guimarães e também por Joaquim Perfeito Alves Ribeiro.
	Erguida uma pequena capela rústica para abrigar a imagem de Nossa Senhora da Abadia.
	Início da construção da primeira igreja em devoção a Nossa Senhora da Abadia.
14/09/1870	Água Suja é elevada à categoria de Distrito de Paz de Bagagem (hoje Estrela do Sul) pela Lei Prov. De nº 1660.
1871	Começa uma produção abundante de diamantes no Cabo da Boa Esperança.
1872	Água Suja alcança 3.449 habitantes.
19/07/1872	Água Suja se torna Paróquia pela Lei n.º. 1900.
1872	Decadência da mineração em Água Suja. A notícia das minas do Cabo da Boa Esperança chega ao Brasil e leva à decadência do garimpo no Alto Paranaíba.

	Muitos garimpeiros abandonam as lavras e procuram serviço na construção das estradas de ferro.
1874	Realização da primeira missa na igreja consagrada à Nossa Senhora da Abadia.
1876	Construção do Cemitério Paroquial de Água Suja e arborização de ruas e praças.
1870 a 1891	A administração da paróquia é feita por Joaquim Perfeito Alves Ribeiro, um dos fundadores de Água Suja.
1891 a 1900	Assume a administração da Paróquia uma Irmandade provisória.
1900	A administração da Paróquia é entregue ao Frei Marcello Calvo, da Ordem Agostiniana.
	Emancipação de Monte Carmelo que deixa de pertencer a Bagagem. Por consequência, Água Suja passa a fazer parte do município de Monte Carmelo.
18/12/1907	A Igreja de Nossa Senhora da Abadia de Água Suja é elevada ao título de Santuário Episcopal.
1915	Os Padres Agostinos Recoletos (espanhóis) deixam de gerir Água Suja.
1916	A Ordem Franciscana, representado pelo Cônego Padre Primo Maria Vieira (português), assume a administração de Água Suja.
1922	Padre Primo Maria Vieira deixa Água Suja.
1925	Administração de Água Suja é entregue aos padres holandeses da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria.
05/1925	Chega a Água Suja os padres Gil, Mathias e Eustáquio.
1926	Padre Eustáquio Van Lies Hold assume a Paróquia de Água Suja.
	Início da construção de um novo e suntuoso Santuário.
15/08/1929	Inauguração da Estátua de Nossa Senhora da Piedade, localizada ao lado da Capela de Padre Eustáquio.
1931	Padre Eustáquio inaugura o cinema de Água Suja e a tipografia onde foi editada o primeiro jornal "O Romeiro".
19/09/1931	Demolição do antigo santuário autorizada pelo Padre Eustáquio.
23/10/1931	Primeiro mutirão de pedras organizado por Padre Eustáquio e aceito pelos fazendeiros da região para a construção do Santuário.
05/08/1932	Celebração da primeira missa no novo Santuário (parcialmente construído).
05/08/1933	Chegada do Irmão Wendelino a Água Suja. Foi ele quem coordenou toda a construção e o acabamento do atual santuário após a saída de Padre Eustáquio.
1934	A Paróquia é entregue aos Padres da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria <i>in perpetuum</i> .

30/01/1935	Padre Eustáquio deixa a Paróquia de Água Suja.
17/12/1938	Alteração da toponímia Nossa Senhora da Abadia da Água Suja para Romaria.
12/08/1940	Pe. Lamberto Verrijt com o apoio do Bispo de Uberaba Dom Alexandre Gonçalves Amaral manda retirar da praça do Santuário barracas de bebidas e prostituição que serviriam à festa do ano em questão.
30/08/1943	Falece em Belo Horizonte Padre Eustáquio.
01/03/1963	Romaria obtém foros de cidade. O vigário deixa de administrar Romaria que passa para as mãos de um prefeito municipal.
08/1970	Inauguração da energia elétrica da CEMIG pelo prefeito José Miranda.
05/1975	Fim da construção do novo e atual Santuário de Nossa Senhora da Abadia.
1991	A Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria entrega a Paróquia e o Santuário à Arquidiocese de Uberaba.
31/03/1991	Toma posse como vigário da Paróquia Monsenhor Geraldo Magela de Faria que lá permanece por 22 anos.
30/12/2001	Criação da ASA – Academia Senhora da Abadia, em Romaria.
15/06/2006	Padre Eustáquio é beatificado em Belo Horizonte.
25/01/2013	Padre Márcio Antônio Rezende Ruback assume a Paróquia de Romaria.

Fontes: GONTIJO, 2010; DAMASCENO, 1999; LOURENÇO, 2010; VIEIRA, 2001.

Organização: MARQUES, Luana Moreira.

É sobre este lugar produzido ao longo de quase dois séculos que esta pesquisa se debruça visando analisar e buscar compreender a peregrinação como uma forma do homem aproximar-se dos lugares sagrados – assunto que será desenvolvido na seção a seguir.

### 3. O CAMINHO QUE LEVA AO SAGRADO: PENSANDO AS PEREGRINAÇÕES

Na seção anterior foi possível observar que o homem tende a criar vínculos com o espaço transformando-o em lugar, assim como se conecta a alguma forma de sagrado, independentemente de como esta se apresente. Uma das maneiras de se fazer, reforçar ou renovar tal ligação é por meio das peregrinações ou romarias – temática central da presente seção.

A discussão será iniciada pela abordagem do *homo viator*, isto é, do viajante. Desde o passado mais remoto, o ser humano se deslocava sobre o espaço para sobreviver. Quando a caça e a coleta se tornavam escassas, o homem paleolítico tinha que migrar para outros lugares, a fim de se reestabelecer por mais um período de tempo. O assentamento em determinado espaço só foi possível com a inserção da agricultura. Entretanto, ainda hoje, no século XXI, esse impulso ou mesmo a necessidade de se deslocar sobre o espaço permanece para alguns, mas é vivido a partir de outras motivações como as migrações, o turismo ou a peregrinação.

O ato de peregrinar se estabelece entre os sujeitos de forma ritual, sobretudo no âmbito da prática da Igreja Católica Apostólica Romana. A ritualização, a diferença entre peregrinação e romaria e o objeto simbólico como um elemento sustentador das peregrinações também serão discutidos na seção.

Em seguida, tratar-se-á das motivações que levam os sujeitos a se colocarem no caminho para empreender uma romaria. Em princípio, a justificativa mais plausível se assenta na prática religiosa. Todavia, ao direcionar um olhar mais aprofundado às práticas dos peregrinos é possível observar motivações que se distribuem entre a religião, o social, a cultura, a economia e a política.

Ainda serão discutidos os comportamentos dos turistas e dos peregrinos nos caminhos e destinos de peregrinação, verificando suas diferenças de comportamento e objetivos sobre tais espaços. Por último, e munida de toda a discussão proposta, será possível delinear uma síntese sobre as peregrinações como forma de se buscar o contato com o sagrado.

### 3.1 O *homo viator* como uma das nuances do *homo complexus*<sup>7</sup>

O deslocamento é algo intrínseco à história da humanidade. Desde o Homem Paleolítico, que utilizava o deslocamento como estratégia de sobrevivência quando os recursos do espaço que habitava tornavam-se escassos, passando pelas famílias nômades contemporâneas que permanecem vivendo na efemeridade do movimento, até os peregrinos modernos que percorrem centenas de quilômetros em busca de autoconhecimento em rotas como o Caminho de Santiago de Compostela, todos eles carregam consigo o deslocamento como parte de seu ser.

De forma geral, ao mesmo tempo em que tendemos à inércia, ao lugar comum e familiar, também podemos nutrir o desejo ou a curiosidade em relação ao desconhecido. Queremos conhecer o mundo. Aqueles que não se deslocam em função de necessidade ou de sobrevivência, o fazem em prol da saúde mental, de uma aspiração profunda por novas experiências. “[...] Desde os primórdios da história, o mistério foi parte inseparável da busca do conhecimento. Há uma vontade de conhecer mais o mundo, seja para garantir proteção contra seus males e carências, seja por necessidade de viver intensamente a existência. [...]” (TRIGO, p. 20). Essas práticas na contemporaneidade são comumente realizadas por meio do turismo.

Mesmo aqueles que não conseguem se deslocar efetivamente, entram em contato com lugares não familiares por meio das tecnologias. Os programas de televisão, as revistas, os jornais e a rede mundial de computadores (internet) estão repletos de informações, imagens, relatos de experiências do mundo que não nos é familiar, isto é, dos lugares onde ainda não estivemos, que não fazem parte do nosso horizonte de sentidos. Trata-se, portanto, de uma espécie de extensão da dicotomia entre espaço e lugar. O espaço se vincula à liberdade do deslocamento, do desvendamento do mundo; já o lugar é a segurança do retorno à paisagem e às práticas íntimas.

Num sentido filosófico, Gabriel Marcel cunhou, em 1945, o termo “*homo viator*”, expressão em latim para “homem viajante”. De acordo com o autor, o *homo viator* está permanentemente em uma jornada, mantendo-se numa condição itinerante. O sujeito, em sua dimensão mais essencial – a dimensão da alma, seria o viajante e sua vida se constituiria no caminho. Assim, quem viaja é a alma, percorre os caminhos da vida

---

<sup>7</sup> O termo *homo complexus* é cunhado por Morin (2000). Para o autor, “[...] a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade.” (MORIN, 2000, p. 38)

e, nesta jornada, se estabelece como ser. “[...] Pero es el alma precisamente la que es una viajera, es del alma, y sólo de ella, de la que cabe decir que ser es ser en camino. Esto es lo que sin duda ha sentido fuertemente el espiritualismo de todos los tiempos. [...]”<sup>8</sup> (MARCEL, 2005, p. 21).

O *homo viator* é, essencialmente, um homem vinculado ao deslocamento, seja no sentido filosófico, seja no prático. Suas experiências se dão no espaço e no tempo, alinhavando-o às ações e definindo sua existência. O deslocamento torna-se, então, inerente à continuidade da vida. Ele ajuda a dar sentido ao presente a partir dos caminhos já percorridos. Também pode evocar o futuro com os planos e desejos individuais e coletivos, tudo isso amparado na perspectiva de espaço e tempo.

[...] Referirnos al pasado es inevitablemente mirar lo que se presenta como un camino recorrido, es evocar a aquellos que nos han acompañado, que han hecho con nosotros tal parte del viaje. La idea de viaje, que no se considera habitualmente como dotada de un valor o alcance específicamente filosófico, presenta sin duda la inestimable ventaja de recoger en sí determinaciones que pertenecen a la vez al tiempo y al espacio; y valdría la pena investigar cómo se opera en ella semejante síntesis. [...]”<sup>9</sup> (MARCEL, 2005, p. 19)

Alguns indivíduos parecem apresentar, portanto, uma necessidade intrínseca de deslocamento. Nesse contexto, a realização do *homo viator* se dá em sua condição itinerante que o coloca no caminho, seja viajando a turismo, fazendo as peregrinações ou em alguma outra forma de se deslocar. Assim, a viagem não pressupõe, necessariamente, o alcance de grandes distâncias, mas o transportar do indivíduo para fora do lugar vivido, familiar.

Trigo (2013) também aponta o humano viajante como *homo viator*, expressão que denotaria o constante deslocamento do indivíduo tornando-o verdadeiramente humano. Vilhena (2003, p. 16), por sua vez, destaca os fenômenos migratórios como vetores que deram movimento e conferiram novas formas ao espaço e à cultura do homem, para ela “[...] Conservamos o saber e o gosto por andarilhar. Por isso, mas não apenas, a vida é tão frequentemente representada como caminhada.”

<sup>8</sup> Tradução livre: Mas é a alma precisamente que é uma viajante; é da alma e somente dela, que cabe dizer que ser é ser no caminho. Isto é o que sem dúvida pressentiu fortemente o espiritualismo de todos os tempos.

<sup>9</sup> Tradução livre: Nos referir ao passado é inevitavelmente olhar o que se apresenta como um caminho percorrido, é evocar aqueles que nos acompanharam, que fizeram conosco parte da viagem. A ideia de viagem, que não se considera habitualmente como dotada de um valor ou alcance especificamente filosófico, apresenta sem dúvida a inestimável vantagem de recolher em si determinações que pertencem simultaneamente ao tempo e ao espaço, e valeria a pena investigar como se opera nela tal síntese.

Pensando na importância do deslocamento e do exercício da espiritualidade ou religiosidade para o homem têm-se as peregrinações. Diferente do que é comumente pensado – no caso do catolicismo, por exemplo, a procedência das peregrinações remontaria aos textos bíblicos como a passagem dos 40 anos de caminhada em busca da Terra Prometida, presente no livro do Êxodo; as viagens missionárias do Apóstolo Paulo, citadas no livro Atos; ou mesmo em outras diversas passagens bíblicas que fazem referência aos deslocamentos com significado sagrado – a origem das peregrinações como são conhecidas hoje teria se dado antes mesmo do nascimento de Jesus Cristo.

Para Coleman; e Elsner (1995) muitas das características das peregrinações contemporâneas como o deslocamento marcado pelas dificuldades, pelo sofrimento físico e pela obstinação de chegar ao lugar almejado tem origem no mundo antigo. Na obra *Odisséia*, de Homero, por exemplo, pode-se observar a história de Odisseu como um potente símbolo para a jornada espiritual interna em busca do próprio lar (COLEMAN; ELSNER, 1995). Odisseu (ou Ulisses, na mitologia romana) era o Rei de Ítaca, uma ilha grega, de onde sai para lutar em muitas guerras. Após a conquista de Tróia, Odisseu percorre por dez anos uma extenuante e perigosa jornada de retorno para Ítaca, sua terra, seu lugar, se privando dos prazeres materiais e obstinado em encontrar Penélope, sua fiel esposa e seu filho Telêmaco (SOARES, WONG, s/d; SOUZA, s/d). Para Coleman e Elsner (1995) a história de Odisseu foi tomada como alegoria religiosa da renúncia do homem aos prazeres materiais em favor da transcendência, assim como acontecem nas peregrinações.

Sobre o vínculo das peregrinações do mundo antigo em relação àquelas praticadas pelas religiões que tiveram início no Oriente Próximo, com destaque para Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, Coleman; e Elsner (1995) destacam:

*In some respects, pilgrimage in the ancient world was remarkably similar to pilgrimage in the world religions that began in the Near East – Judaism, Christianity and Islam. In many formal and social aspects, it was their historical ancestor. It emphasized ritualized travel, frequently modifying the normal activities of everyday life, to sacred centers often far away from where the pilgrim lived. It brought the pilgrim healing, miracles and contact with the divine forces of the other world. Like Christian and Muslim pilgrimage, it helped to build and reinforce the identity of devotees, initiates and believers through shared rituals and experience. In Olympia, the bones of the local hero Pelops (thought now to have been dinosaur bones) were one of the prime attractions, providing a cult of sacred relics centuries before the Middle Ages. Other shrines, from the tombs of mythical heroes such as Hippolytus, the chaste son of the Athenian king Theseus, to the Mausoleum of the deified emperor Augustus in Rome, were venerated like the tombs of Islamic and Christian*

*saints. As in medieval Christianity, pilgrimages in antiquity focused around numerous holy, miracle-working and speaking statues, which attracted the veneration of multitudes and the protection of cities. Like Mecca and Jerusalem, ancient centers such as Delphi were regarded as the navel of the earth. (COLEMAN, ELSNER, 1995, p. 29)<sup>10</sup>*

Portanto, o paralelo entre as práticas peregrinas na Grécia Antiga e na contemporaneidade faz afluir semelhanças. Tais similaridades constituem-se em mais um argumento que reforça a ideia de que parte dos indivíduos busca o elemento religioso ou sagrado – conforme tratado na seção anterior – e utiliza a peregrinação para alcançá-lo. Trata-se, nessa perspectiva, da fusão entre *homo religiosus* e *homo viator* que também se constitui como *homo faber* (trabalhador), *homo ludens* (lúdico), *homo sapiens* (sábio), *homo demens* (louco), entre tantas outras faces e dicotomias, que Morin (2000) o definiu globalmente como *homo complexus* (homem complexo).

Na Idade Média a peregrinação encontrou um movimento em direção à natureza. Sujeitos comuns – peregrinos e penitentes leigos – abandonavam as cidades e se tornavam eremitas em lugares desérticos ou selvagens. Alguns desses lugares posteriormente se tornaram santuários e centros de peregrinação católica, sobretudo entre os séculos XVI a XVIII na Europa. O mesmo período se destacou pelas diversas aparições e descobertas de imagens milagrosas que fizeram efervescer o imaginário da população e deram início a diversos cultos e peregrinações (STEIL, 1996).

Em relação aos caminhos trilhados pelo *homo viator* na Idade Média, Cortazar (1994) destaca o dualismo da peregrinação que abrange tanto a jornada exterior como a interior. De acordo com o autor, a peregrinação no período tinha, ao mesmo tempo, o sentido do deslocamento externo do sujeito sobre o espaço e levava a uma incursão

---

<sup>10</sup> Tradução livre: Em alguns aspectos, a peregrinação no mundo antigo era muito semelhante à peregrinação nas religiões do mundo que começaram no Oriente Próximo - Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Em muitos aspectos formais e sociais, foi uma antecessora histórica. Destacou-se como a viagem ritualizada, frequentemente modificando as atividades normais da vida cotidiana, para os centros sagrados que ficavam muitas vezes longe de onde o peregrino vivia. Trouxe a cura peregrina, milagres e o contato com as forças divinas do outro mundo. Assim como as peregrinações dos cristãos e muçulmanos, as peregrinações na antiguidade ajudaram a construir e reforçar a identidade dos devotos, iniciados e crentes através de rituais e experiências compartilhadas. Em Olympia, os ossos do herói local Pelops (hoje percebidos como possíveis ossos de dinossauros) foram uma das atrações principais, proporcionando um culto das relíquias sagradas séculos antes da Idade Média. Outros santuários, desde as tumbas dos heróis míticos como Hipólito, o casto filho do Rei Ateniense Teseu, até o Mausoléu do imperador deificado Augusto, em Roma, foram venerados como os túmulos dos santos islâmicos e cristãos. Como no cristianismo medieval, as peregrinações na antiguidade centravam-se em torno de numerosos santos, da realização de milagres e de estátuas falantes, o que atraiu a veneração de multidões e a proteção de cidades. Assim como Meca e Jerusalém, centros antigos como Delfos foram considerados o centro do mundo.

interna (em si mesmo) em busca de reafirmar/reforçar as próprias crenças. A peregrinação, nesse sentido, não representa apenas o deslocamento mecânico entre lugares, mas também o caminho para o céu.

*Peregrinar, viajar, ponerse en movimiento hacia un objetivo de piedad o de trabajo no agota el rico depósito de imágenes que la figura del homo viator posee en la Edad Media. En principio, porque, para el hombre medieval, la peregrinación física no era sino, en unos casos, el medio, en otros, la representación sensible de la otra peregrinación, del otro viaje, el que concluía en el cielo. En definitiva, para él, la peregrinación era una ascesis. Como tal, podía tener dos manifestaciones. Una exterior y otra interior. La primera revestía la forma de desplazamiento, de desarraigo. No era un fin en sí misma, sino la iniciación que conducía al peregrino a profundizar en sus propias creencias. Era una forma de arrancarse de los lazos habituales de convivencia; de la rutina de la práctica piadosa. Y un modo de ponerlos a prueba en un escenario lejano. Con un objetivo: purificar los hábitos del peregrino. Por vía del dolor físico y psicológico y por vía de la interiorización de la decisión que le había animado a ponerse en camino.<sup>11</sup> (CORTAZAR, 1994, p. 28)*

Na contemporaneidade a peregrinação se insere, frequentemente, num movimento que busca a experiência do sagrado, mas não necessariamente com a mediação da instituição, da igreja. É o caso de centenas de peregrinos que fazem o caminho de Santiago de Compostela, mas não são devotos deste ícone religioso (STEIL, 2003). Parte deles empreende a jornada visando autoconhecimento, iluminação interna. Assim, a busca pelo sagrado deixa de estar no outro e aloca-se em si mesmo. O *homo viator* pode se realizar, portanto, no caminho suscitando seu próprio sentido de sagrado na itinerância. O esforço físico e a dificuldade do trajeto ainda permanecem como uma forma de conectar o mundo profano com a pureza da sacralidade. Nesse contexto, o sofrimento e a imolação redimem os pecados do homem – pensamento que foi por séculos difundido pela igreja católica apostólica romana e conservam-se nas práticas peregrinas atuais.

Assim como na Idade Média, as peregrinações contemporâneas também continuam rompendo com a rotina ordinária dos sujeitos e os transportando para o

---

<sup>11</sup> Tradução livre: Peregrinar, viajar, colocar-se em movimento para um objetivo de piedade ou de trabalho não esgota o rico acúmulo de imagens que a figura do *homo viator* possui na Idade Média. Em princípio, porque, para o homem medieval, a peregrinação física não era senão, em uns casos, o meio, em outros, a representação sensível da outra peregrinação, da outra viagem, a que concluía no céu. Enfim, para ele, a peregrinação era uma ascese. Como tal, podia ter duas manifestações. Uma exterior e outra interior. A primeira expressa a forma de deslocamento, de desenraizamento. Não era um fim em si mesmo, senão a iniciação que conduzia o peregrino a aprofundar em suas próprias crenças. Era uma forma de se desprender dos laços habituais de convivência; da rotina da prática piedosa. E um modo de os colocar à prova em um cenário distante. Com um objetivo: purificar os hábitos do peregrino. Por via da dor física e psicológica e por via da interiorização da decisão que o tinha encorajado a colocar-se no caminho.

tempo-espaço do itinerante, do caminho. Trata-se de algo efêmero e fugaz, mas pleno de sentido. O *homo viator* do século XXI conta com novos cenários, valores, técnicas e tecnologias. O deslocamento continua sendo feito, mas chegou até aqui de forma adaptada. A busca pelo sagrado permanece, mas vem acompanhada de novas práticas e paisagens. Muitos dos peregrinos de hoje contam com um manancial de informações via internet, livros, revistas especializadas, etc., e muitas vezes também dispõem de espaços profanos para exercer o consumo. É possível, por exemplo, acender via internet velas virtuais ou mesmo “passear” pela Capela Sistina. Mas essa virtualidade nas práticas e nos deslocamentos não substituem a realidade da matéria. Admirar a obra Michelangelo pelo computador ou experimentá-la no Vaticano trazem sentidos diferentes, pois o meio não é o mesmo. Portanto, a fluidez do tempo e das vivências modificam o entorno e a paisagem do *homo viator*, mas em sua essência permanece a inquietação e a busca por trilhar – figurado e literalmente – os caminhos da vida, assim como o fazem aqueles peregrinos sem todo o aporte informativo, como alguns idosos ou pessoas que vivem em lugares mais isolados, onde ainda há barreiras para a chegada da informação e da tecnologia.

Aliando tal anseio à necessidade de se conectar ao sagrado, o *homo viator* encontra nas peregrinações ou romarias o tempo e espaço para a inteireza do ser complexo. Percorre o caminho ritualizando suas práticas e almejando a conquista, mesmo que temporária, do mito sacralizado. No seu percurso, ele modifica a paisagem, assim como transforma a si mesmo, envolvendo-se numa teia de relações, práticas, lugares e pessoas que é construída a todo momento. Teia que liga o passado e o presente ao mundo, ao mesmo tempo em que delineia novas conexões para o futuro.

### **3.2 Deslocamentos ritualizados**

Como apontado anteriormente, uma das formas do homem alcançar o sagrado é por meio da peregrinação, ritual que acompanha os grupos sociais ao longo do tempo. No caso do catolicismo, religião abordada a partir de agora, a peregrinação também é conhecida como romaria e, muitas vezes, ambos os termos são utilizados como sinônimos. Todavia, existem alguns autores que propõem a distinção entre eles como Steil (2003) e Sanchis (2006).

As peregrinações compreenderiam deslocamentos de grande distância para santuários mais importantes e reconhecidos internacionalmente, como Lourdes ou Fátima. As romarias, por sua vez, se tratariam de uma especificidade das línguas portuguesa e espanhola, constituindo-se em deslocamentos mais curtos, com participação direta da comunidade, combinando devoção e diversão (NOLAN e NOLAN apud STEIL, 2003).

Sanchis (2006) parte de uma reflexão sobre a diferenciação pastoral e política que a Igreja católica faz em Portugal na primeira parte do século XX em relação ao que é considerado peregrinação e ao que é tido como romaria. Neste período, as romarias portuguesas mantinham certa autonomia da Igreja, guardando toda a dimensão do sagrado e do profano que agregava em si humanidades, ritos, festa, encontros e a divindade. Tudo isso costurado pela espontaneidade das práticas populares e não-oficiais que, apesar do esforço da Igreja, não se deixaram regulamentar pelas regras institucionais, permanecendo-se autônomas. “[...] As “romarias” são caso típico de encontro e fricção (criativa) entre a religião do “povo” e a do “clero”. [...]” (SANCHIS, 2006, p. 88). Diante desse cenário, a Igreja considerou as romarias como práticas pagãs e criou outro ritual de ida ao Sagrado oficial e estritamente religioso denominado “peregrinação”. Isso coibiria o que Sanchis chamava de “*habitus* festivo do povo português” materializado pelas romarias e o aproximaria às práticas mais purificadas vividas em outros santuários europeus como nos franceses e italianos, com destaque às peregrinações à Lourdes.

Sanchis (2006) ainda afirma que a postura da Igreja na tentativa de institucionalizar as romarias não se deu exclusivamente em Portugal. Na Europa as “superstições” e práticas populares herdadas dos tempos célticos teriam sido varridos pelo iluminismo da contrarreforma. Já no Brasil a questão da falta de controle do clero sobre as romarias se torna uma questão importante durante a romanização da igreja. Em tal período diversas congregações estrangeiras chegaram ao país para auxiliar e fortalecer a instituição e também a sacralizar as práticas populares, enquadrando-as nos preceitos formais da Igreja (SANCHIS, 2006; STEIL, 1996). Este é o caso de Romaria. Conforme destacado na seção anterior, os padres europeus chegaram e passaram a gerir a Paróquia em 1900 lá se sucedendo e permanecendo até 1991, quando entregam a gestão da mesma à Arquidiocese de Uberaba.

Apesar das diferenças apontadas por Sanchis (2006) e Steil (1996), tanto as romarias quanto as peregrinações envolvem o caminho que se faz ao encontro do

sagrado. No estudo de caso proposto na presente pesquisa – a peregrinação para a cidade Romaria, localizada no estado brasileiro de Minas Gerais – o uso do termo “romaria” em detrimento de “peregrinação” pende mais para uma questão de regionalismo da língua portuguesa do que de sentido da expressão. Tendo em vista que ambos os termos guardam em si fortes semelhanças em sua essência, eles serão utilizados aqui de forma equivalente, pois o que se pretende com tais vocábulos é revelar o rito realizado pelo sujeito em direção a um objeto, lugar ou entidade sagrada. Nessa perspectiva, Steil (2003) propõe uma definição para peregrinação que engloba, de acordo com o que foi exposto até aqui, o sentido da romaria:

[...] é a viagem em direção a uma experiência que ultrapassa as fronteiras locais da sociedade, onde crenças e visões paroquiais enraizadas no local são colocadas em tensão com aspectos universais da fé e das culturas, o que efetivamente caracteriza a peregrinação. (STEIL, 2003, p. 49)

Discutindo sobre as peregrinações Steil (2003) identifica duas grandes tendências. A primeira é mais descritiva, ela privilegia relatos empíricos e enfoca as particularidades de cada evento levando em conta sua construção histórica como uma forma de reconstruir o passado. “[...] A justificativa intelectual para essa perspectiva se funda, sobretudo, na idéia de que esses espaços e eventos guardam de forma privilegiada a memória e a tradição de grupos sociais e culturas em processo de transição para a modernidade.” (STEIL, 2003, p. 37). A segunda tendência trata as peregrinações “[...] como parte de um processo social mais abrangente, refletindo em sua conformação ritual os elementos e aspectos relevantes da cultura e da sociedade inclusiva.” (STEIL, 2003, p. 37). Nesse contexto, as peregrinações não são investigadas como um fenômeno em si mesmo, mas como um ritual que reflete os valores e sentidos observados na sociedade. O autor agrupa esses estudos antropológicos em três grandes correntes: (1) o modelo funcionalista, (2) o paradigma turneriano e (3) a peregrinação como campo de disputas de discursos e sentidos.

A perspectiva funcionalista tente a investigar as peregrinações a partir de uma perspectiva mais etnográfica e local, utilizando as bases da antropologia para estudar as comunidades e sociedades, sobretudo não ocidentais, numa pequena escala. A corrente turneriana se baseia na obra de Victor Turner e trata as peregrinações como um fenômeno que possui um caráter antiestrutural tendendo para o que o autor denominou como “*communitas*”. E a terceira corrente trabalha as peregrinações como

um vetor que reflete as relações sociais focalizando as relações históricas, culturais, religiosas, sociais, econômicas e políticas latentes em tais eventos (STEIL, 2003).

No modelo turneriano a peregrinação não possui estrutura e pende para a *communitas*, experiência em que os peregrinos se despojam de sua figura social presente no cotidiano estrutural, restaurando-se em sua individualidade (STEIL, 2003). “[...] Enquanto na sociedade predomina a diferença individualizante, na *communitas* prevalecem os laços totalizantes e indiferenciados.” (SARTIN, 2011, p. 141). Assim, na *communitas* o encontro com o sagrado restaura o ser em sua própria essência, o conecta com seu eu individual. Steil (2003) se apropria das pesquisas de Turner para afirmar que:

[...] os peregrinos, ao deixarem suas casas e comunidades, entram num estado de limiaridade enquanto viajam para o lugar sagrado, de onde retornam transformados, para serem reintegrados em suas comunidades de origem. Durante o tempo do deslocamento, se desengajam da estrutura da sociedade em que vivem seu cotidiano e inauguram outra forma de relacionamento social, que alcança seu clímax quando emerge a *communitas*. Nesse contexto, as normas cotidianas de status social, hierarquia e interação são idealmente abandonadas a favor do aparecimento de uma associação espontânea e de experiências compartilhadas num ambiente de indiferenciação e igualitarismo. Estrutura e *communitas*, no entanto, não são vistas pelo autor como realidades diametralmente opostas, mas dialeticamente conectadas. (STEIL, 2003, p. 42)

Ainda de acordo com Steil (2003) o modelo de Turner é criticado pela sua generalização. Em muitos casos há a manutenção e até o reforço das fronteiras e das distinções sociais no contexto das peregrinações. Isso não negaria a existência da *communitas*, pois ela realmente pode ser observada em algumas situações. Por outro lado, não pode ser considerado um modelo onipresente em todos os destinos ou práticas de peregrinação, pois cada situação e grupo de romaria apresenta limites e peculiaridades que podem ou não formar uma *communitas*. Um simples palco onde acontece a coroação de um santo padroeiro após dias de festa e de romaria pode significar a ruptura de tal modelo se neste espaço se separarem as autoridades do povo. No exemplo dado, o palco teria a função de destacar, mas também de isolar, proteger tanto o santo – símbolo da devoção, como os sujeitos presentes em altas hierarquias – normalmente representantes políticos e clericais. O centro das atenções dos antropólogos que rompem com a proposta turneriana se pauta justamente no olhar que se direciona para as peregrinações e enxerga além do fenômeno, alcançando as relações sociais nele presentes.

Para Eade e Sallnow (apud STEIL, 2003), autores pós-turnerianos, o que é universal nas peregrinações é a capacidade de tais cultos incorporarem a diversidade, ao contrário de uma unidade de discursos ou significados, pois estes são particulares e dependem de cada caso. “O ritual é visto, assim, como uma espécie de vácuo religioso capaz de acomodar práticas e perspectivas diversas sobre o mesmo símbolo ou espaço. [...]” (STEIL, 2003, p. 47).

Diante disso, a peregrinação reflete uma diversidade de contextos históricos, culturais, sociais, religiosos, políticos e econômicos, refletindo no presente as práticas passadas e dando lugar ao encontro de tempos, experiências, ações e sujeitos. Trata-se de tempo e espaço de movimento. A peregrinação é, portanto, espaço e tempo do diverso. Ela agrega em si uma multiplicidade de pessoas, crenças, práticas e valores. É um ritual democrático que se resguarda na busca do sagrado, carregando consigo uma forte dimensão social, cultural, econômica e política.

Também guardam em si uma dimensão econômica forte. Apesar de em um primeiro olhar ser possível pensar que o vínculo entre peregrinação e comércio tenha sido instituído há poucas décadas, sobretudo após o fortalecimento do capitalismo, há registros da Idade Média de que tais interações foram fundamentais para o estabelecimento das feiras e mercados na Europa (SANCHIS, 2006; RAU, 1983). De acordo com Rau:

No entanto, a sua eclosão [das feiras] foi favorecida pelas festividades e cerimônias do culto, e a influência da Igreja desempenhou um papel importante na origem de uma paz temporária, que permitiu o seu desenvolvimento. As romarias, as peregrinações e todas as festividades religiosas atraíam peregrinos vindos de longe, e como o peregrino era também muitas vezes um mercador, essas reuniões estavam destinadas a transformar-se em centros de troca. (RAU, 1993, p. 33)

A peregrinação é, essencialmente, uma prática ritualizada. Tanto o catolicismo oficial quanto o popular têm como uma de suas principais marcas os rituais. Para Geertz (1989) os rituais religiosos fundem simbolicamente o *ethos* com a visão de mundo, modelando a consciência espiritual de um povo, sobretudo aqueles rituais mais elaborados e geralmente mais públicos – cerimônias tidas como realizações culturais. O autor reforça que

[...] É no ritual – isto é, no comportamento sagrado – que se origina, de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verídicas e de que as diretivas religiosas são corretas. É em alguma espécie de forma cerimonial – ainda que essa forma nada mais seja que a recitação de um mito, a consulta a um oráculo ou a decoração de um túmulo – que as

disposições e motivações induzidas pelos símbolos sagrados nos homens e as concepções gerais da ordem da existência que eles formulam para os homens se encontram e se reforçam umas às outras. Num ritual, o mundo vivido e o mundo imaginado fundem-se sob a mediação de um único conjunto de formas simbólicas, tornando-se um mundo único [...] (GEERTZ, 1989, p. 82)

Alves (1980, p. 21-2) destaca que “[...] Os rituais são momentos não-rotinizados, apresentam-se como situações extraordinárias, daí a importância dada ao sagrado ou à sacralização que seria inerente à performance ritual.” O ritual é, portanto, diferente de um ato cotidiano. Ele demanda princípios, preparação, significados. Simples atos rotineiros como beber uma água ou tomar um banho, podem se tornar rituais, desde que sejam associados a algum significado de ordem cósmica.

Associando os rituais à geografia a partir das ideias de Brandão e de Da Matta, Borges (2010) destaca três situações de ritual: a missa, a procissão e a romaria. A missa promove o encontro do sujeito com o sagrado no lugar. Na procissão, o sagrado se desloca junto ao sujeito – trata-se de uma expressão de grande movimento e fluxo. E na romaria, o sujeito se desloca ao encontro do sagrado. O quadro a seguir sintetiza tais proposições.

**Quadro 2: as três situações/tipos de ritual na igreja católica.**

<b>Situação de ritual</b>	<b>Característica do ritual</b>
Missa	O ritual acontece num lugar fixo. O sagrado e o povo se encontram em um lugar. Exemplo: a Dança de São Gonçalo (executada num lugar específico).
Procissão	O ritual é o deslocamento. O sagrado é acompanhado pelo povo e se desloca por um espaço profano. Exemplos: a Congada, os cortejos.
Romaria	O ritual acontece na somatória do deslocamento com o lugar fixo. O povo se desloca para um lugar sagrado ou para onde está o sagrado. Exemplo: o giro de Folia de Reis.

Fonte: BORGES, 2010, p. 150. Organizado por: MARQUES, Luana Moreira.

Assim como Borges (2010), Vilhena (2003) também afirma que a forma de se alcançar o sagrado é diferente nos rituais de procissão e de romaria. Nas procissões o fiel segue o sagrado, enquanto nas peregrinações ele vai ao encontro do mesmo.

Para a autora, as peregrinações têm o caráter “extramuros”, pois se dão fora dos limites urbanos, podendo ocorrer o encontro e a incorporação às procissões no momento da chegada dos peregrinos ao destino de devoção. Todavia, apesar da assimilação causada por este possível encontro, o peregrino será sempre peregrino, aquele que se desloca por caminhos de terra, ar ou mar.

As situações de ritual tendem a se encontrar no lugar sagrado, sobretudo quando há uma festa em homenagem ao santo padroeiro. Nessas ocasiões, tanto a missa quanto a procissão se tornam *lôcus* dos romeiros que permanecem no lugar para praticar seus atos rituais. Todos eles prezam o encontro entre o fiel que traz consigo um modo de vida profano em busca da redenção, mesmo que temporária. Em Fátima, Portugal, por exemplo, muitos rituais, inclusive algumas procissões, são realizadas no Caminho dos Pastorinhos. Nele foi construída uma via-sacra onde peregrinos, moradores, agentes eclesiásticos, turistas, entre outros sujeitos se encontram e cada um o utiliza de acordo com suas motivações, com destaque aos devotos que fazem suas preces, rezam terços e buscam pela aproximação com o sagrado neste *lôcus*.

**Imagem 10: via-sacra em Fátima-PT.**



À esquerda: via-sacra em Fátima-PT. À direita: realização da via-sacra no Caminho dos Pastorinhos em Fátima-PT. Fonte: MARQUES, L. M., setembro 2015.

A prática ritualística aproxima o sujeito do divino, diminuindo sua carga num mundo de aflições, insegurança, incerteza e culpa conferidos por um meio social carregado de duras normas veladas sobre o que se deve ser e fazer. Regras que não podem ser seguidas por todos, pois em cada sujeito reside uma individualidade. A individualidade é, de certa forma, desprezada em detrimento de um modelo social. Nesse contexto, a prática ritualística também oferece esperança aos fiéis que, desguarnecidos de recursos humanos, recorrem seus anseios, dificuldades, dores e

sonhos à entidade metafísica, isto é, ao ser supremo onipotente, onisciente e onipresente.

Nas situações de ritual, o divino tende a ser representado por algum objeto que se torna sagrado por meio de rituais de consagração. Tratam-se de objetos simbólicos como crucifixos, terços, flores, escapulários, imagens ou esculturas de santos, anéis e mesmo garrafas para o transporte de água, dentre uma infinita sorte de artefatos essencialmente profanos que se tornam sagrados no tempo-espaço do ritual. Um exemplo disso é a concha vieira que simboliza a peregrinação à Santiago de Compostela e identifica seus devotos peregrinos. Esse objeto simbólico pode ser encontrado nas diversas cidades que fazem parte de alguma rota de peregrinação a tal destino. Significa que os lugares em questão formam um dos caminhos que levam à Compostela.

**Imagem 11: a concha vieira como objeto simbólico de representação da peregrinação a Santiago de Compostela.**



Respectivamente da esquerda para a direita: Basílica Saint-Martin de Tours, França, julho 2015; Mont Saint-Michel, França, outubro 2015; Casa do Peregrino em Bordeaux, França, dezembro 2015; símbolo da concha encravada no asfalto em Lyon, França, dezembro 2015. Fonte: MARQUES, L. M., 2015.

Nessa perspectiva, o objeto, a coisa se consolida como o suporte do símbolo e, também, do fetiche (AUGÉ, 1988). O símbolo conecta sujeitos e objetos trazendo para o bojo desta conexão diferentes realidades, vivências, valores e cenários carregados de significados que se convergem no bem simbólico. É o caso, por exemplo, de uma bandeira nacional que conecta e une diferentes indivíduos sobre um mesmo território diferenciando-os, a priori, de outras pessoas no mundo.

*Le terme « symbole » peut donc s'entendre, plus largement, au sens d'un rapport réciproque entre deux êtres, deux objets, un être et un objet, disons, au sens le plus large, deux réalités dont l'une n'est pas à proprement parler le représentant de l'autre puisque chacun des deux termes apparaît plutôt comme le complément de l'autre et réciproquement. Ainsi entendue, la*

*relation symbolique n'est pas nécessairement duelle, bien loin s'en faut ; et tout langage est symbolique, non point simplement parce qu'il nomme les choses mais parce qu'il établit une relation entre les mots. Symbolique aussi parce qu'il unit tous ceux qui l'utilisent – à la façon dont le totem ou le drapeau ne désignent pas simplement un groupe mais, en un sens, le constituent.*<sup>12</sup> (AUGÉ, 1988, p. 34-5).

O objeto simbólico pode ser diverso: natural como uma pedra, um pedaço de madeira ou um elemento da natureza dotado de vida própria como uma montanha ou uma grande árvore; pode também ser fabricado e associado a diferentes materiais como restos de animais (chifres, dentes, etc.), relíquias, entre outros. O importante não é a forma ou a origem do bem material, mas o simbolismo que produz entre os sujeitos (AUGÉ, 1988). No caso religioso, a escultura de um padroeiro é frequentemente um símbolo que representa a entidade sagrada na Terra. Ela conecta os devotos, sobretudo durante os rituais e festas religiosas. A divindade também pode ser representada por outras diferentes formas como “santinhos”, imagens de gesso, quadros, escapulários, pingentes, entre uma enorme quantidade de possibilidades que desembocam no bem simbólico, no objeto que representa o símbolo. Símbolo que dá significado às crenças e práticas dos sujeitos.

É também pelo símbolo que o sujeito peregrina. Seja por sua relação com um deus interno, com um santo padroeiro ou pela influência social, todos eles constituem-se como elementos simbólicos em que sujeitos diversos se ligam em busca de algum tipo de significado. Caminhar centenas de quilômetros até Compostela, na Espanha, ou seguir em romaria por estradas de terra no interior do Brasil até chegar a uma pequena capela e encontrar o santo de devoção, são atos simbólicos que, apesar de distintos, apresentam semelhanças e convergências.

### **3.3 A importância da *práxis* religiosa para os indivíduos**

Pode-se questionar, nesse sentido, se estaria a *práxis* religiosa entre as principais características do ser humano, ao ponto de se poder afirmar que essa característica se torna um dos eixos de sua vida. Para refletir sobre este

---

<sup>12</sup> Tradução livre: O termo "símbolo" pode, portanto, ser entendido de forma mais ampla no sentido de uma relação mútua entre duas pessoas, dois objetos, um ser e um objeto, digamos, no sentido mais amplo, duas realidades nas quais uma não é a rigor a representante da outra, pois cada um dos dois termos aparece como o complemento do outro e vice-versa. Assim compreendida, a relação simbólica não é necessariamente dual, longe disso; e toda língua é simbólica, não apenas simplesmente porque ela nomeia as coisas, mas porque ela estabelece uma relação entre as palavras. Simbólica também porque une todos aqueles que a utilizam - como o totem ou a bandeira não designam apenas um grupo, mas, em certo sentido, o constituem.

questionamento e entender um pouco sobre as características, os anseios e necessidades do ser humano partir-se-á das ideias de Abraham Maslow. Aluno de Freud e de Adler, Maslow iniciou sua carreira flertando com a filosofia, mas rompeu com ela por buscar algo mais aplicado, concreto “[...] Llegué a impacientarme con la filosofía, con toda esa charla que no llevaba a nada, y quería una filosofía empírica en el sentido del siglo XIX, esto es, trabajar de manera empírica en los problemas filosóficos. [...]”<sup>13</sup>(FRICK, 1973, p. 27). Ele ficou conhecido, principalmente, por sua Teoria da Hierarquia das Necessidades Humanas, mas ao longo de sua carreira, apresentou novos estudos e teorias como o das experiências pico e a Teoria da Metamotivação. (FRICK, 1973; MASLOW, 1968, 1976; WEIL, 1982)

De acordo com a Teoria da Hierarquia das Necessidades de Maslow o humano é movido pelas suas necessidades ou por seus valores intrínsecos que, por sua vez, são instintivos/naturais. Tais necessidades possuem cinco grandes divisões separadas por graus de importância para a sobrevivência humana. São elas: necessidades fisiológicas, de segurança, sociais (amor, relacionamento, pertença), estima, e necessidade de autorrealização. Ou seja, inicia-se pelo mais básico até chegar ao mais complexo. Frick (1973) faz um apanhado sobre as diferentes hierarquias da teoria de Maslow:

*Maslow considera que la motivación humana funciona según una jerarquía de necesidades instintoides. Tales necesidades son, en orden de importancia: 1) las necesidades fisiológicas; 2) las necesidades de seguridad; 3) las necesidades de pertenencia y amor; 4) las necesidades de estima, y 5) la necesidad de autorrealización. Es necesario satisfacer primero las necesidades fisiológicas básicas para que el organismo pueda dedicar su atención a sus necesidades de seguridad. Éstas, a su vez, predominan con respecto a la búsqueda de satisfacción de las necesidades de amor. Así, la gratificación de cada necesidad en la jerarquía constituye un requisito para ocuparse de la siguiente. (FRICK, 1973, p. 157-8).<sup>14</sup>*

<sup>13</sup> Tradução livre: Eu cheguei a impacientar-me com a filosofia, com toda essa conversa que não levava a nada e queria uma filosofia empírica no sentido do século XIX, isto é, trabalhar de maneira empírica nos problemas filosóficos.

<sup>14</sup> Tradução livre: Maslow considera que a motivação humana funciona segundo uma hierarquia de necessidades instintivas. Tais necessidades são, em ordem de importância: 1) as necessidades fisiológicas; 2) as necessidades de segurança; 3) as necessidades de pertença e de amor; 4) as necessidades de estima, e 5) a necessidade de autorrealização. É necessário satisfazer primeiro as necessidades fisiológicas básicas para que o organismo possa dedicar sua atenção a suas necessidades de segurança. Estas, por sua vez, predominam sobre a busca da satisfação das necessidades de amor. Assim, o alcance de cada necessidade na hierarquia torna-se um requisito para se ocupar da seguinte. (FRICK, 1973, p. 157-8).

É comum observar a aplicação das ideias de Maslow<sup>15</sup> a partir de uma pirâmide onde as necessidades mais básicas estão dispostas na base e as mais elevadas no pico. De acordo com o autor, somente é possível alcançar o cume quando todas as demais necessidades já estão satisfeitas<sup>16</sup>. Seria como subir um prédio com vários andares, em princípio só é possível fazê-lo galgando andar por andar.

**Imagem 12: Pirâmide da hierarquia das necessidades propostas por Maslow.**



Fonte: BENI, 2003. Adaptado por: MARQUES, Luana Moreira.

Começaremos pelo sentido primordial: as necessidades fisiológicas. Para a permanência do homem na terra é indispensável comer, respirar, dormir, se abrigar, se reproduzir, excretar, entre outras ações. Ou seja, tratam-se de necessidades instintivas (*instinctoid*) ou naturais que permitem a sobrevivência do indivíduo e a continuidade da espécie e, por isso, estão dispostas na base da pirâmide hierárquica. Além disso, elas exigem satisfação permanente, sobretudo para que haja a busca pela realização de outras necessidades. A partir do momento em que elas são satisfeitas, surgem novas necessidades, compondo um conjunto de aspirações que confluem para a realização do humano.

O segundo nível da pirâmide é composto pelas necessidades de segurança. A busca pela segurança se baseia na necessidade de se proteger dos perigos, buscando a estabilidade e afastando os imprevistos. Tem-se como exemplos a segurança do emprego, da família, da saúde, de casa, do próprio corpo. Quando as

<sup>15</sup> Para entender a hierarquia das necessidades proposta por Maslow foram consultadas as seguintes obras: FRICK, 1973; BENI, 2003; CHIAVENATO, 2003; MASLOW, 1968; 1976.

<sup>16</sup> Esta é uma das maiores críticas dessa teoria, juntamente com a ideia de que as necessidades básicas são instintivas (*instinctoid*), o que aproximaria a teoria de um determinismo biológico.

necessidades de segurança estão satisfeitas, o indivíduo teoricamente buscaria satisfazer as necessidades sociais.

As necessidades sociais (amor, relacionamento, pertença) destacam a importância das inter-relações do indivíduo com a sociedade e com seus pares, formando grupos, associações e ciclos de amor e de amizade. Caracteriza-se, basicamente, pela troca de afetividade e construção de redes de relacionamento entre diferentes sujeitos afins. Baseia-se no fortalecimento da própria identidade a partir do contato com o Outro que o valida e o acolhe socialmente. Tem-se como exemplo o ato de fazer parte de grupos, de cultivar laços de amizade, de ter relacionamentos íntimos, de participar de confrarias, enfim, de exercer a sociabilidade.

As necessidades de estima encontram-se no penúltimo nível da pirâmide, sendo por isso, mais complexas que as anteriores. São caracterizadas pela maneira de como o indivíduo se vê, isto é, sua autoestima, autoconfiança e auto avaliação. Elas favorecem o desencadeamento de sensações positivas como as de reconhecimento e de utilidade e também de sensações negativas como inferioridade e inutilidade, dependendo de como a pessoa se percebe e se avalia.

Por último, Maslow destaca as necessidades de autorrealização, que por serem mais complexas estão no topo da pirâmide. Neste patamar, o indivíduo busca realizar seus anseios, desejos e metas, conseguindo alcançar seus objetivos por meio de seus próprios recursos, do seu potencial. É a busca pela felicidade, pela realização dos sonhos, pelo sentimento de completude, de êxtase. Ela se alicerça fundamentalmente na subjetividade, pois por mais que existam padrões para o que é estabelecido como sucesso na sociedade contemporânea, seu reconhecimento e superação dependem da subjetividade de cada indivíduo.

O modelo proposto por Maslow foi criticado por “engessar” a satisfação das necessidades humanas a partir da linearidade ‘fisiológico – segurança – social – estima – autorrealização’. Nessa proposta, cada indivíduo só chegaria ao topo da pirâmide após satisfazer todas as necessidades mais básicas. Entretanto, cada indivíduo é único e possui sua subjetividade e seus valores, não sendo crucial estar plenamente satisfeito em todos os níveis para se considerar autorrealizado.

Apesar das críticas ao modelo de Maslow, a proposta desse autor ajuda a pensar a importância da *práxis* religiosa para os seres sociais. Até agora o elemento religioso não apareceu diretamente em suas proposições, ao contrário, ao elaborar a Hierarquia das Necessidades Humanas, Maslow ignorou o componente espiritual.

Todavia, ao aprofundar sua investigação na autorrealização humana ele observou que os indivíduos saudáveis e constantemente auto realizados viviam frequentemente o que passou a denominar como experiências pico (*peak-experiences*), isto é, experiências de auto transcendência que proporcionavam momentos de imenso prazer / êxtase / grande satisfação (PARIZI, 2006; FRICK, 1973; MASLOW 1968, 1976). Uma das principais formas de se alcançar esse estado é por meio da experiência religiosa: *“Practically everything that happens in the peak-experiences, naturalistic though they are, could be listed under the headings of religious happenings, or indeed have been in the past considered to be only religious experiences.”*<sup>17</sup>(MASLOW, 1976, p. 65)<sup>18</sup>

Maslow apurou que a natureza humana exige mais que o sanar de uma hierarquia de necessidades. Nessa perspectiva, não basta comer, dormir, ter trabalho, segurança, estabelecer relacionamentos, cuidar da autoestima e se realizar. Uma definição ampla da natureza humana deve incluir também os componentes da vida espiritual. Maslow (1967, apud FRICK, 1973), afirma que o humano só se torna pleno quando conjuga a realização dos valores instintivos (básicos) aos componentes da vida espiritual. Sobre a importância da espiritualidade, ele propõe:

*La vida espiritual, entonces, forma parte de la esencia humana. Constituye una característica definitoria de la naturaleza humana, sin la cual ésta no lo es de manera plena. Forma parte del Verdadero Sí Mismo, de la propia identidad, del número del carácter de la especie, de la plena humanización.* (MASLOW, 1967, p. 113, apud FRICK, 1973, p. 183).<sup>19</sup>

Nessa linha de abordagem, outros autores também apontam o componente espiritual como uma característica da natureza humana. Um deles é Nicholas Wade (2009). Para ele, o ser humano contém um instinto religioso inato. Buscando

---

<sup>17</sup> Tradução livre: Praticamente tudo o que acontece nas experiências-pico, embora elas sejam naturais, poderiam ser listadas sob a rubrica de acontecimentos religiosos, ou mesmo terem sido no passado consideradas apenas experiências religiosas.

<sup>18</sup> Não se defende, na presente pesquisa, que a autorrealização do ser humano passe, necessariamente, pela prática de qualquer tipo de religiosidade. O que se aponta é que a relação transcendental, como experiência, dê-se a ela o título que for, compõe a subjetividade do sujeito e contribui para seu relacionamento com o mundo e com seus pares.

<sup>19</sup> Tradução livre: A vida espiritual, então, forma parte da essência humana. Constitui uma característica definidora da natureza humana, sem a qual esta não o é de maneira plena. Forma parte do Verdadeiro Si Mesmo, da própria identidade, do número de caráter da espécie, da plena humanização. (MASLOW, 1967, p. 113, apud FRICK, 1973, p. 183).<sup>19</sup>

comprovar tal afirmação Wade realizou uma ampla pesquisa com vieses antropológicos, históricos e psicológicos utilizando uma abordagem evolutiva.<sup>20</sup>

Wade (2009) destaca que a religião existe há pelo menos 50.000 anos e foi criada antes da dispersão do homem pela Terra. Ele sustenta tal afirmação a partir da observação de que todas as sociedades humanas têm algum tipo de religião – ideia também presente na obra de Durkheim (1989). Seria impossível, então, que todas as religiões criadas tivessem sido desenvolvidas de forma independente e espontânea.

Stéphane Dubois (2015) também aponta o fenômeno religioso como algo diretamente relacionado à história da humanidade. Tal qual Wade (2009), Dubois (2015) tenta mensurar as primeiras ações religiosas do homem e dá enfoque aos primeiros sepultamentos, ocorridos entre 95.000 e 35.000 anos antes de Jesus Cristo, data que coincide com as estimativas de Wade. Para o autor:

*Le fait religieux participe pleinement de l'histoire de l'humanité. Bergson n'hésite d'ailleurs pas à qualifier l'homme <<d'animal religieux>>, véritable <<machine à fabriquer des dieux>> (cité par Delumeau, 2000). L'homme étant apparu sur terre il y a environ trois millions d'années, l'on estime que les premiers actes religieux relèvent de l'homme de Néanderthal. C'est en effet entre 95000 et 35000 av. J.-C. que les hommes ont voulu donner une sépulture à leurs morts<sup>21</sup>, attitude les différenciant absolument de l'animalité. [...] Cette ritualisation de la mort dénote chez ces hommes du paléolithique moyen et supérieur (le paléolithique inférieur commence avec les premiers hominidés) la prescience d'une transcendance, d'une entité supérieure, d'un au-delà avec la mort, avec lesquels ils cherchent à se relier. La religion vient en effet du verbe latin religare : elle relie les croyants entre eux – elle soude la communauté des fidèles – et relie cette communauté à l'objet de la croyance. (DUBOIS, 2015, p. 3-4)<sup>22</sup>*

O sepultamento seria, portanto, uma ação que definitivamente diferenciava os homens dos animais irracionais, remetendo-o à presença de algo metafísico, isto é, de uma força superior que o homem buscava se reconectar na ritualização da morte.

<sup>20</sup> Ainda que tenha recebido críticas pela aproximação com o determinismo e por trazer de volta ideias darwinianas, a proposta desse autor nos auxilia na reflexão sobre o sentido religioso ao longo da história da humanidade, sobretudo pelos apontamentos históricos, independentemente da posição tomada em relação à sua teoria.

<sup>21</sup> Sobre a temática cf. LÉVÊQUE (1996).

<sup>22</sup> Tradução livre: "O fato religioso participa plenamente da história da humanidade. Bergson não hesitou, de toda forma, de qualificar o homem como "animal religioso", verdadeira "máquina de fabricar deuses" (citado por Delumeau, 2000). O homem apareceu sobre a terra há cerca de três milhões de anos, estima-se que os primeiros atos religiosos provém do homem de Neandertal. Na verdade, é entre 95000 e 35000 a.C. que os homens quiseram sepultar seus mortos, atitude que absolutamente os diferenciaram da animalidade (irrational). [...] Esta ritualização da morte denota entre os homens do paleolítico médio e superior (o paleolítico inferior começa com os primeiros hominídeos) a presciência de uma transcendência, de uma entidade superior, de um além com a morte, com os quais eles buscam se religar. A religião vem, efetivamente, do verbo latim *religare*: ela liga/conecta os fiéis - ela une/solda a comunidade de fiéis - e liga esta comunidade ao objeto da crença.

Lévêque (1996) ao dissertar sobre o homem paleolítico, tratando do mesmo período que o citado por Dubois (2015) e por Wade (2009), afirma que sua realidade social mais importante estava vinculada à existência de santuários comunitários ou zonas sagradas que serviam de base à integração social. Estes santuários existiam antes mesmo das aldeias e ligavam o homem a um território, onde eram vividos os tempos da caça e da colheita. Apesar de não seguir nesta discussão, a proposição de Lévêque aponta para a religião ou o fenômeno sagrado como um fator de ligação entre seres humanos.

Seguindo a mesma linha, Wade (2009) apresenta a igreja como representante da entidade religiosa. Envolvida de poder conferido pelo metafísico, ela seria um dos fatores de conexão entre as pessoas, conforme o fragmento a seguir.

*There is no church of oneself. A church is a community, a special group of people who share the same beliefs. And these are not ordinary, matter-of-fact views but deeply held emotional attachments. By expressing the common creed together, in symbolic rituals, in group activities involving song and movement in unison, people signal to each other their commitment to the shared beliefs that bind them together as a community. This emotional bonding is captured in the probable derivation of "religion" from religare, a Latin word meaning to bind."<sup>23</sup>(WADE, 2009, p. 8)*

Nessa perspectiva, o autor afirma que a religião é uma forma de unir o grupo social e é justamente tal coesão o elemento que contribuiu para a sobrevivência dos grupos ao longo dos milênios. O pensamento de Wade (2009) sobre a importância da conexão social pode se conectar ao terceiro nível (nível social, de relacionamento e amor) da hierarquia das necessidades de Maslow (1968; 1976), pois ambos apontam para a importância das relações sociais para os indivíduos. Enquanto Wade afirma que no passado a união ou o agrupamento de pessoas atuou diretamente na continuidade da espécie humana, Maslow destaca que o homem necessita da interação social para se realizar enquanto ser, isto é, para suprir uma demanda interior. Além disso, ambos os autores trazem a religiosidade como um importante elemento para os indivíduos.

---

<sup>23</sup> Tradução livre: "Não existe igreja de um só. A igreja é uma comunidade, um grupo especial de pessoas que compartilham as mesmas crenças. E estas (crenças) não são comuns, na realidade se apoiam em profundas ligações emocionais. Ao expressar o credo comum juntos, em rituais simbólicos, em atividades de grupo envolvendo música e movimento em uníssono, as pessoas sinalizam umas às outras o seu compromisso com o compartilhamento de crenças que os mantêm juntos como uma comunidade. Esta ligação emocional é capturada na derivação provável de "religião" de *religare*, uma palavra vinda do latim que significa ligar ". (WADE, 2009, p. 8)

O elemento espiritual ou religioso – considerando-o em suas diversas formas de manifestação – nos parece, portanto, algo inerente a uma parcela da sociedade. Trata-se de um componente da cultura que se liga a outros elementos e se materializa no espaço a partir das experiências que se constituem no vivido. A prática da religiosidade ou mesmo a sua negação coloca o homem no círculo social e permite o estabelecimento de laços (de afeto, comércio, compadrio, etc.). Nesse movimento, alguns indivíduos se conectam a um grupo que tem a mesma crença vinculada a um elemento metafísico, a uma divindade.

### 3.4 As motivações para as peregrinações

De modo geral, é comum associar as peregrinações às práticas religiosas. Os motivos que levam cada sujeito a empreender uma peregrinação são subjetivos, mas podem ser agrupados de acordo com suas características. Existem indivíduos que fazem a peregrinação, por exemplo, para “pagar” uma promessa, outros percorrem caminhos em busca de autoconhecimento, há ainda os que o fazem pela obrigação religiosa, entre diversos outros motivos e sentidos.

De acordo com Stoddard (1997), o principal motivo para a peregrinação é religioso, mas tal categoria é geral, podendo ser subdividida em seis tipos. “*Primary motives may be (1) to request a favor, (2) to offer thanks, (3) to fulfill a vow, (4) to express penitence, (5) to meet an obligation, and (6) to gain merit and salvation. [...]²⁴*” (STODDARD, 1997, p. 56). As três primeiras motivações têm grande ligação: (1) pedir um favor, (2) ofertar agradecimento, (3) pagar um voto, respectivamente. A quarta justificativa se dá no (4) ato de expressar uma penitência, já o quinto ponto é resultado do (5) cumprimento de peregrinações como obrigações religiosas, tendo como exemplo a ida dos muçulmanos à Meca para o Hajj e a sexta motivação se dá no sentido do (6) ganho de mérito e salvação.

Na França, os diretores diocesanos de peregrinações publicaram a “Carta das Peregrinações”, aprovada pela Comissão episcopal francesa da família e das comunidades cristãs em maio de 1981. A carta estabelece diretrizes para as peregrinações em tal país, destacando pontos como o significado e o enfoque das

---

<sup>24</sup> Tradução livre: Os principais motivos podem ser (1) para pedir um favor, (2) para oferecer agradecimento, (3) para cumprir uma promessa [ou pagar um voto], (4) para expressar penitência, (5) para atender uma obrigação, e (6) para ganhar mérito e salvação.

peregrinações, os lugares de peregrinação, as responsabilidades dos sujeitos envolvidos em tais práticas como bispos, diretores diocesanos, reitores de santuários, padres e instituições eclesiais (A.N.D.D.P, s/d; CALIMÉ, 1993). O documento destaca:

*Dans la tradition chrétienne, le pèlerinage a toujours eu le sens :*

- *d'un ressourcement dans la foi et la conscience ecclésiale,*
- *d'une démarche de conversion personnelle et collective,*
- *d'un temps de prière et de pénitence,*
- *d'une vie fraternelle.*

*Tout pèlerinage met en œuvre :*

- *la mémoire de l'Eglise,*
- *l'annonce du retour du Christ à la rencontre de qui elle va,*
- *la communion entre les Eglises,*
- *le témoignage donné « à ceux du dehors ».*<sup>25</sup> (CALIMÉ, 1993, p. 83)

Todos os motivos elencados em Stoddard (1997) e em Calimé (1993) estão diretamente vinculados à prática religiosa. Entretanto, existem diversos peregrinos que buscam o sagrado, mas fora da religião. Em geral estes sujeitos empreendem jornadas de peregrinação em busca de autodescobrimento e contato direto com a natureza que, para muitos deles, é uma expressão de sacralidade materializada no espaço. As motivações propostas por Stoddard (1997) também não apontam as relações sociais, as questões políticas e as culturais como fatores que estimulam a realização de romarias.

Nesse sentido, as aspirações que levam ao empreendimento de uma peregrinação superam as questões religiosas ou a busca pelo sagrado. Junto a tais motivos existe uma infinidade de desejos, expectativas e justificativas que muitas vezes não são expressas diretamente, mas vividas nas entrelinhas dos caminhos, dos rituais e da festa. O romeiro que se desloca para a festa da padroeira não o faz somente pela devoção. Talvez a busca pelo sagrado seja seu principal objetivo, mas também pode seguir com ele desejos sociais, culturais, políticos e econômicos que constroem sua motivação para percorrer os caminhos da peregrinação.

---

<sup>25</sup> Tradução livre: Na tradição cristã, a peregrinação sempre teve o sentido:

- de uma renovação na fé e na consciência eclesial,
- de um processo de conversão pessoal e coletivo,
- de um tempo de oração e penitência,
- de uma vida fraternal.

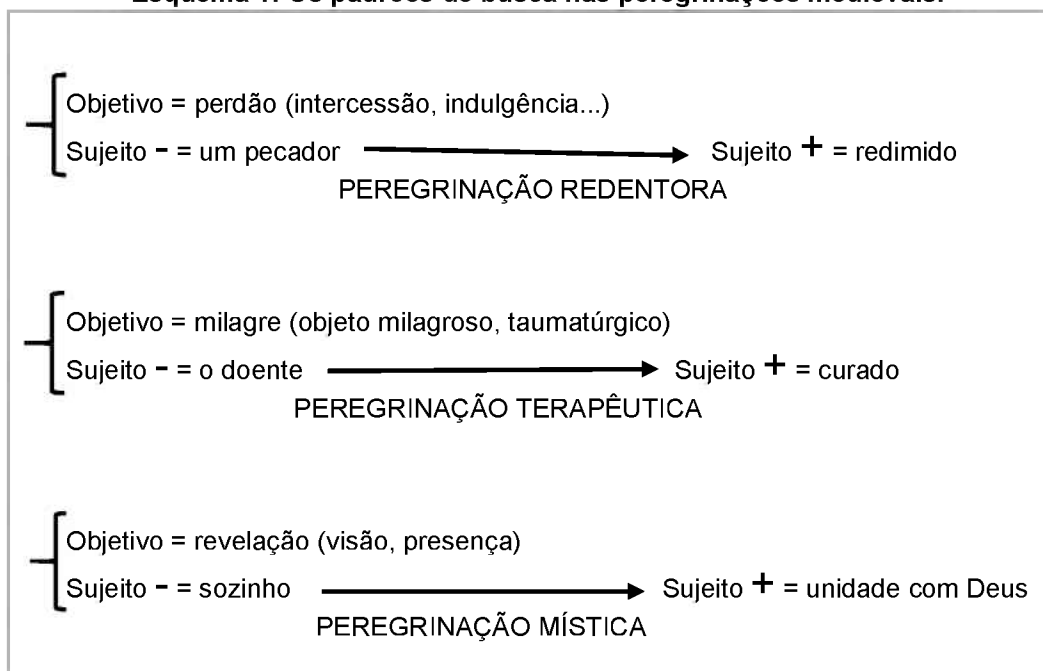
Toda peregrinação reconhece:

- a memória da Igreja,
- o anúncio do retorno do Cristo,
- a comunhão entre as igrejas,
- o testemunho dado "àqueles que estão de fora.

É na estrada que estabelecem novos laços sociais com sujeitos que partilham dos mesmos valores simbólicos no ato de peregrinar. É no destino que o indivíduo reconhece e revive práticas da infância, que festeja o tempo da diversão após a devoção ou mesmo que vive outras culturas e experimenta outros sabores no caso das grandes peregrinações para lugares desconhecidos. Essas são práticas e elementos que contribuem para a formação das motivações que levam o indivíduo a peregrinar.

Osterrieth (1997) ao observar os padrões de busca e as aspirações nas peregrinações medievais verificou três tipos de prática: a peregrinação redentora (*redeeming pilgrimage*), a peregrinação terapêutica (*therapeutic pilgrimage*) e a peregrinação mística (*mystical pilgrimage*). No primeiro caso, o sujeito seria o pecador que buscava o perdão a partir da peregrinação redentora, já a peregrinação terapêutica era realizada pelos doentes que almejavam a cura a partir de um milagre, enquanto a procura pelas revelações se dava no âmbito das peregrinações místicas. Nessa perspectiva, o que motivaria a busca ou o empreendimento da ação seria o objetivo (perdão, milagre, revelação, etc.) e esta procura constituiria o processo no qual o sujeito se autorealizaria. Em relação à tal proposição a autora lança um esquema similar ao seguinte:

**Esquema 1: Os padrões de busca nas peregrinações medievais.**



Fonte: OSTERRIETH (1997, p. 27). Adaptado por MARQUES, Luana Moreira.

No esquema proposto, o sujeito no estado de negativa autoavaliação ou deficiência é representado pelo símbolo “S -”. O alcance do objetivo o levaria à autorrealização. Isso faz com que o peregrino se lance no caminho visando alcançar sua meta e se transformar em “S+”, isto é, sujeito autorealizado. Como exemplo Osterrieth destacou a religião católica “*In the Catholic religion, the object of the quest is God’s grace. Initially the subject’s state is that of a sinner, but with God’s grace the subject is redeemed (“redeeming pilgrimage”).[...]*”<sup>26</sup>(OSTERRIETH, 1997, p.27). No exemplo proposto, o objetivo a ser conquistado pela peregrinação é a graça de Deus. Nele, o sujeito apresentaria a deficiência de ser pecador, mas alcançando o objetivo ele se redimiria.

Diante do exposto, pode-se pensar as motivações que levam o sujeito a realizar peregrinações a partir de cinco tipos de aspirações: culturais e de lazer, políticas, econômicas, sociais e religiosas ou transcendentais.

### 3.4.1 Motivações culturais e de lazer

A realização de peregrinações por motivações culturais e de lazer se assenta, principalmente, na busca da cultura do outro, no reforço e disseminação da própria cultura, na fuga do cotidiano ordinário e de suas práticas e, por último, na busca por reviver o passado.

O pôr-se no caminho é, naturalmente, uma ação que rompe com o cotidiano da grande maioria dos peregrinos e responde aos anseios de parte da população que associa a rotina ao trabalho e às obrigações. Colocar-se em romaria é alçar-se, mesmo que temporariamente, à liberdade, ao tempo do não trabalho, ação legitimada pelo poder do sagrado. Nesse sentido, Krippendorf (1989, p. 16-17) afirma que “viajamos para viver”. Para o autor:

[...] As pessoas viajam porque não se sentem mais à vontade onde se encontram, seja nos locais de trabalho ou seja onde morem. Sentem necessidade urgente de se desfazer temporariamente do fardo das condições normais de trabalho, de moradia e de lazer, a fim de estar em condições de retomá-lo quando regressem [...] (KRIPPENDORF, 1989, p. 16-17)

<sup>26</sup> Tradução livre: Na religião católica, o objetivo da busca é a graça de Deus. Inicialmente a condição do sujeito é a de um pecador, mas com a graça de Deus, o sujeito é redimido (“peregrinação redentora”). [...] ”

Por mais extenuante que seja o ato de peregrinar, ele retira o indivíduo do seu meio comum e o eleva a um estado de excitação e liberdade, de não obrigação em relação à rotina e ao trabalho. Lança-o ao espaço desafiador onde tudo é possível, onde a liberdade é iminente, instigando-o a conquistar o mundo, mesmo que o mundo seja o que seus olhos alcançam. Travassos (1983, p. 26 apud STEIL, 1996, p. 170) afirma que a romaria “[...] também é passeio, divertimento, ruptura com o cotidiano, e estes traços aparentemente contraditórios reúnem-se logicamente quando o romeiro diz que é nos sofrimentos da viagem que ele encontra prazer.” Por outro lado, a obrigação da peregrinação pela graça alcançada cria uma terceira situação que não se alinha nem com a rotina do tempo do trabalho e nem com a liberdade do corpo no espaço. Quando o peregrino se conecta ao compromisso de pagar uma promessa, ele, temporariamente, se aliena ao santo até que seu dever esteja cumprido.

O rompimento com o cotidiano proporcionado pelas romarias permite a quebra da rotina e o contato com o incomum. Em geral, quanto mais distante o destino, maior a possibilidade dos impactos e choques culturais. O peregrino brasileiro que viaja a Jerusalém ou a Roma não consome apenas os lugares sagrados, mas também a cultura daqueles destinos. Além disso, ao perceber o diferente o sujeito reforça a própria cultura, separando o que é conhecido do que é desconhecido, podendo formar, então, se complexificar a partir das novas vivências. Há, nesta perspectiva, um processo de estranhamento e reconhecimento que separam o que é endógeno e o que é exótico, movimentando a cultura e o ser. No fim, o peregrino retorna a seu lar com sua cultura reforçada, mas ao mesmo tempo munido de novas experiências que transformarão sua rotina, seja por uma prática aprendida no destino de peregrinação, seja por uma nova receita gastronômica ou seja pelas paisagens inesquecíveis.

A busca por reviver as experiências do passado é mais uma motivação cultural para o empreendimento de uma jornada ao sagrado. Muitos sujeitos crescem acompanhando suas famílias nas estradas das romarias e guardam consigo as memórias afetivas dos tempos de infância. Na fase adulta alguns tentam reproduzir as práticas vividas na infância e manter o que é considerado “tradição familiar”. Por isso, durante os trabalhos de campo já realizados em Romaria – MG entre os anos de 2011 e 2016, quando perguntamos por que empreendem a peregrinação, os romeiros respondem frequentemente que seus pais também o faziam e que por isso mantêm a tradição da família. Nessa perspectiva, uma das entrevistadas destaca:

*Eu já vinha pra Romaria recém nascida e estou [vindo] até hoje. Nunca faltei de vir, eu acho que quando pequena a gente vinha porque tinha uma devoção. Talvez a gente seguia os pais, né? Eu moro em Indianópolis. [...] Elas [suas filhas] podem ficar em Indianópolis, eu não faço ninguém vir. Meus filhos homens ficam, as meninas mulheres vêm. Acho que hoje eu venho porque elas gostam também, né? Hoje eu venho mais por elas. Por elas gostarem. Uma tem 23, a outra tem 16.<sup>27</sup>*

A peregrinação pode simbolizar para estes sujeitos o retorno para a casa, para o lugar da afetividade, para o reconhecido, mesmo que o destino final já não seja idêntico e as práticas tenham acompanhado a evolução do tempo.

### 3.4.2 Motivações políticas

As motivações políticas também movimentam as peregrinações. Há quem faça e use as romarias como plataformas políticas, sobretudo nos anos eleitorais e há, ainda, num sentido mais amplo, grupos que aproveitam de tais ritos e da consequente reunião de pessoas para se organizarem em torno de algum tema ou demanda política, como é o caso das Romarias da Terra.

É comum observar, sobretudo nas pequenas cidades brasileiras, cabos eleitorais e barracas de apoio de candidatos políticos em épocas de eleições. Eles utilizam a estrutura das romarias e festas para tentar alcançar possíveis eleitores, divulgando suas propostas políticas, prestando serviços comunitários ou mesmo se limitando a “estar junto do povo”, como observado nas imagens a seguir:

**Imagem 13: campanha política durante a romaria em Romaria-MG.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto 2012.

<sup>27</sup> Visitante em Romaria, agosto de 2016.

Mas nem sempre essa motivação é vista com bons olhos. Romeiros, assistencialistas e moradores relataram o incômodo do oportunismo dos candidatos que se apropriam da festa para angariar votos. Parte dos coordenadores de barracas de assistência proíbem a panfletagem política. Durante a Festa de Nossa Senhora da Abadia de 2016, em Romaria, não foi possível observar o trabalho dos cabos eleitorais, pois na data do evento ainda não era permitido a propaganda eleitoral. Alguns veículos levavam consigo nomes de candidatos plotados, mas sem qualquer alusão à eleição vindoura. Por vezes, a aversão às propagandas políticas se tornavam explícitas, como apresenta a seguinte imagem.

**Imagem 14: Aviso em uma das barracas de apoio entre Uberlândia e Romaria-MG.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto 2016.

Há também movimentos sociais que se apropriam do tempo-espço da peregrinação para discutir os problemas vividos pelo povo. Uma dessas iniciativas é a “Romaria da Terra”, promovida, principalmente pela Comissão Pastoral da Terra, um órgão vinculado à Igreja Católica que transita entre religião e política e busca, de forma geral, defender os direitos dos trabalhadores da terra.

As “Romarias da Terra (e da Água)” são realizadas em todo o território brasileiro, por vezes em consonância com as romarias tradicionais em centros religiosos como é o caso das Romarias da Terra em Bom Jesus da Lapa, na Bahia e em outras ocasiões tornam-se tempos-espços exclusivos do debate político-religioso, sem necessariamente serem realizados em destinos de peregrinação tradicionais. Em relação ao caso baiano, Steil (1996, p. 280) destaca: “Longe de erradicar os outros discursos do espaço do santuário, a Romaria da Terra, na verdade, acaba trazendo mais uma contribuição para a pluralidade dos discursos que compõem o culto da romaria em Bom Jesus da Lapa. [...]”. Já nas situações em que o rito é

destinado à discussão e prática político-religiosa, independente do destino de peregrinação, tem-se como exemplo a Romaria da Terra e das Águas realizada no município de Viçosa do Ceará, destacada no seguinte artigo jornalístico:

**Cerca de 15 mil romeiros participaram das Romarias em que foi debatido o acesso igualitário à terra e água.**

(CPT Ceará)

A Comissão Pastoral da Terra (CPT) realizou no último domingo, 2 de agosto, em Viçosa do Ceará, no Norte do Estado, a 17ª Romaria da Terra e a 1ª Romaria das Águas.

Este ano o tema da Romaria da Terra foi “Territórios: Povo Irmão! Terra e Água em nossas mãos” e discutiu questões ligadas ao direito a terra e aos recursos naturais de forma justa e igualitária. A novidade deste ano é a realização da 1ª Romaria das Águas como forma de reivindicar e discutir os problemas que as comunidades rurais enfrentam no que diz respeito ao acesso à água no Estado, que enfrenta o quarto ano consecutivo de seca.

Entre os romeiros estavam camponeses, bispos e padres ligados às Dioceses de Fortaleza, Itapipoca, Sobral, Tianguá, Crateús, Quixadá, Iguatu e Crato.

A Romaria da Terra ocorre tradicionalmente no Ceará a cada dois anos e lembra o testemunho do profeta Moisés narrado no Livro de Êxodo sobre o povo guiado por Deus em busca da Terra Prometida. Esse evento move romeiros para além dos centros católicos porque traz na caminhada muito mais que fé: traz consciência política e o desejo de uma Reforma Agrária efetiva.

Outra característica que difere a Romaria da Terra das de cunho exclusivamente religioso é o caráter de organicidade e preparação, realizado por meio da CPT, que discute e escolhe com antecedência os temas e a melhor forma de prepará-la com reflexões litúrgicas e de formação política.

A simbologia marcou os aspectos culturais da celebração com a presença de bandeiras, sementes, plantas, cruz e cânticos que tratavam das questões abordadas durante a Romaria e reforçaram o caráter de conversão do evento. Este ano a Romaria da Terra e das Águas foi realizada em parceria com o Conselho Pastoral dos Pescadores e as Comunidades Eclesiais de Base no Ceará. (CPT CEARÁ, 2015)

Observa-se que as motivações políticas movimentam os rituais de peregrinação consistindo, portanto, numa justificativa para se colocar no caminho e empreender uma romaria. Em tais tempos-espacos elas permitem o desenvolvimento e o fortalecimento dos laços políticos num cenário legitimado pela igreja e pelo sagrado.

### *3.4.3 Motivações econômicas*

Muitos romeiros aproveitam os espaços profanos das peregrinações para satisfazer seus desejos e necessidades de consumo. Existem, por exemplo, comerciantes que se deslocam por todo o Brasil para trabalhar somente nas festas religiosas e comercializar todo o tipo de bens materiais, desde roupas íntimas até

utensílios domésticos, passando pelos típicos objetos sacros, alimentos, brinquedos e objetos de artes. Não raros são os casos de apropriação econômica por meio da mendicância. Na cidade de Romaria a presença de pedintes nas ruas, praça da matriz e portas de casas é marcante, mas para muitos desses pedintes constitui uma forma de manutenção da vida.

Em alguns casos, como no de Romaria – MG há pessoas que esperam o ano todo pela festa para exercer seu poder de consumo, uma vez que os preços praticados pelos feirantes são bastante competitivos. Porém, a festa constitui também um espaço para o crime, pois, são comuns os casos de furtos de materiais expostos para vendas ou mesmo furtos em pessoas distraídas pela visão propiciada pelas novidades que chamam a atenção dos transeuntes.

#### *3.4.4 Motivações sociais*

As motivações sociais são caracterizadas pelo encontro entre os sujeitos ao longo do caminho. Durante o percurso há a interação entre peregrinos que reforçam a identidade, fortalecendo os laços daqueles que já se conhecem e formando novas redes em torno da devoção em comum. É no tempo da romaria que muitas famílias separadas pelas grandes distâncias se reencontram fisicamente e reestabelecem uma conexão física. No caminho também é possível conhecer diversas pessoas e iniciar uma relação de amizade que poderá ser reafirmada em uma nova romaria. Há também o encontro pontual com aqueles que passarão pela vida do peregrino e nunca mais o reencontrarão, entre outras situações que marcam as interações sociais.

Rufin, relatando sua peregrinação laica pelo Caminho de Santiago de Compostela, afirma:

É melhor mencionar logo uma realidade que o leitor descobrirá cedo ou tarde, e que não poderá surpreendê-lo mais do que surpreendeu a mim: o Caminho é um lugar de encontros, para não dizer de azaração. Esse aspecto influencia muitos peregrinos, especialmente no que diz respeito ao lugar de sua partida. Ainda assim deve-se distinguir a que demanda sentimental a peregrinação responde. Na verdade, existem várias atitudes afetivas no caminho. (RUFIN, 2015, Edição Kindle - posição 224)

As romarias também podem ser entendidas como fluxos onde o sujeito reforça sua identidade ao entrar em contato com o outro e perante o outro. Entendendo a peregrinação como um momento de construção identitária, Sá Carneiro (2003, p. 276)

afirma: “[...] Em suma, na peregrinação as pessoas organizam e constroem suas subjetividades, projetando luz e sentido sobre sua experiência existencial e seu convívio social.”

O ato de peregrinar pode levar a uma afirmação perante si mesmo, Deus e a sociedade. O deslocamento se torna, portanto, uma das possíveis ferramentas do homem para se autoafirmar, para existir enquanto indivíduo e ser reconhecido como tal. O sagrado, nesta perspectiva, legitima e justifica essa busca pela autoafirmação perante a sociedade. Ele também dá espaço aos momentos profanos como a festa que é mais um tempo-espaço da tessitura e fortalecimento das relações sociais.

### *3.4.5 Motivações religiosas ou transcendentais*

As motivações religiosas ou transcendentais são as mais reconhecidas. Neste caso, o devoto ou o visitante mostra apreço à entidade metafísica símbolo da peregrinação e se desloca ao seu encontro. Em geral, o devoto realiza a peregrinação em função de algumas pendências como pagar uma promessa à divindade ou o faz em busca de uma contrapartida do santo, como por exemplo: pedir pela realização de uma graça ou de um milagre. Essas peregrinações têm como destino diversos santuários brasileiros como Bom Jesus da Lapa – BA, Nossa Senhora da Aparecida – SP e Nossa Senhora da Abadia – MG, além de santuários internacionais como a Basílica de São Pedro – Vaticano, Fátima – PT e Lourdes – FR.

Pode-se inserir neste tópico, também, as motivações ligadas à transcendência e ao autoconhecimento – que não necessariamente estão ligadas à religiosidade. Aparentemente há um crescimento do público que empreende jornadas de peregrinação justificadas pela busca de “si mesmo”, do reconhecimento do próprio ego e da transformação pessoal a partir das dificuldades e encontros ocorridos no caminho. Esses indivíduos, de certa forma, também buscam algo que os permitam transcender, mas não diretamente pela chegada a um destino ou por um objeto simbólico e sim dentro de si e em consonância com o espaço por onde passa. Nessa perspectiva, ao discorrer sobre a importância das viagens para os indivíduos Kippendorf (1989, p. 61), afirma que “[...]a viagem nos proporciona a possibilidade de descobrirmos a senda que nos conduz a nós mesmos. Temos tempo de nos ocupar do nosso próprio eu, [...] de redescobrir a harmonia interior, de nos comparar ao outro e reconhecer nossas próprias aptidões[...]”. O caminho de Santiago de Compostela é

um exemplo de rota bastante popular por receber o peregrino que viaja em busca de si mesmo ou de um sentido para a vida, como foi o caso do executivo francês Jean-Marc Potdevin, conforme o seguinte relato:

*J'avais parfaitement « réussi ma vie »... Croyais-je. Tout ce que j'avais entrepris réussissait sur le plan personnel ou professionnel, et ces succès me rendaient sûr de moi, optimiste, boulimique d'activités en tout genre, à fond dans la vie que je consommais à toute allure. [...] Pourtant, au fond de moi, une sourde insatisfaction grandissait, doucement mais sûrement, comme un début de dégoût, une saturation du désir, mêlée à l'absence de sens de ma vie, comme une fissure encore invisible sur un pare-brise en réalité prêt à éclater en miettes. J'avais frôlé de très près la mort lors d'une nuit blanche en haute altitude : un œdème pulmonaire, aggravée le lendemain par une ascension jusqu'à 6000 mètres avec des poumons pleins d'eau, m'avait sans le vouloir forcé à méditer sur ma mort – et donc sur ma vie. Quel était le but de ce jeu ? J'avais progressivement perdu une partie de ma foi, et mes repères spirituels s'étaient brouillés. [...]*

*Dans un sursaut de survie, j'ai décidé subitement de prendre le large, et de partir à pied vers Compostelle, sans trop savoir où c'était. Les premiers jours de marche au départ de chez moi près de Grenoble m'ont insufflé à la fois une grande joie de vivre et de respirer et bizarrement ont focalisé mon attention sur les actes « négatifs » de ma vie : défilaient sous mes yeux pendant la marche le « côté obscur » de mon existence, les blessures faites aux autres, mes lâchetés, les pathologies de mon âme. Une prise de conscience méditative et calme de ma noirceur intime, de ma petitesse aussi.<sup>28</sup>(POTDEVIN, 2015, p. 3)*

A crescente busca pelo autoconhecimento está pautada no movimento *New Age* ou *Nova Era*, reconhecido como um modelo filosófico, cultural e religioso que busca uma consciência mais ampla do mundo e das práticas, ampliando a espiritualidade, ética e moral da humanidade. Ela visa uma maior conexão entre homem e natureza, uma maior liberdade em relação às ações e crê numa conexão energética e espiritual entre todos os seres. A *Nova Era* supera as barreiras das

---

<sup>28</sup> Tradução livre: Eu tinha perfeitamente "vencido na vida". Acreditava eu. Tudo que eu tinha empreendido alcançava sucesso, tanto pessoal como profissionalmente e esse sucesso me fazia ter certeza de mim mesmo, era otimista e sedento de atividades de todo gênero, consumia plenamente a vida a toda velocidade. Ainda assim, no fundo de mim uma surda insatisfação crescia, lentamente, mas seguramente, como um começo de desgosto, uma saturação do desejo, misturada à ausência de sentido na minha vida, como uma fissura ainda invisível sobre um para-brisa realmente pronto a explodir em pedaços. Eu tinha esbarrado bem de perto na morte durante uma noite em claro em alta altitude: um edema pulmonar, agravado no dia seguinte por uma subida até 6000 metros com os pulmões cheios de água, tinha involuntariamente me forçado a meditar sobre minha morte - e, portanto, sobre minha vida. Qual era o objetivo desse jogo [da vida]? Eu tinha gradualmente perdido uma parte da minha fé e minhas referências espirituais estavam embaralhadas.

Em uma explosão de sobrevivência decidi subitamente partir e ir a pé para Compostela, sem nem mesmo saber onde ficava. Os primeiros dias de caminhada a partir da minha casa, perto de Grenoble, me encheram de uma grande alegria de viver e de respirar e estranhamente concentraram minha atenção sobre os atos "negativos" da minha vida: desfilaram sobre meus olhos durante a caminhada o "lado obscuro" da minha existência, as feridas feitas aos outros, minhas covardias, as doenças da minha alma. Uma tomada de consciência meditativa e calma da minha escuridão interior e também da minha pequenez.

religiões ou de práticas formatadas e se difunde como uma onda há algumas décadas, conjugando terapias alternativas e modificando a forma de enxergar o mundo de alguns indivíduos. É nessa perspectiva que as peregrinações com o sentido da transcendência e do autoconhecimento podem ser entendidas como parte de tal movimento.

Todavia, a busca pela essência individual não é um movimento novo. Na Idade Média, por exemplo, é possível observar o empreendimento de viagens com o intuito da transformação interna. Narrativas medievais de peregrinos de Santiago de Compostela e de Jerusalém fez com que Osterrieth (1997) percebesse uma relação intrínseca entre a geografia e as peregrinações, lançando as seguintes proposições:

*[...] Firstly, people sometimes travel and submit themselves to certain environments in order to achieve a form of inner transformation. Secondly, places can be identified where people seek particular experiences, such as the experience of wilderness and danger or the experience of transformative release from the limitations of daily life.*<sup>29</sup>(OSTERRIETH, 1997, p. 26)

As peregrinações de cunho religioso ou transcendência ainda carregam em seu bojo o sentido do sofrimento, exaustão do corpo ou imolação para se redimir ou chegar à transcendência. Durante diversas romarias é possível observar fiéis carregando cruzes, imagens, fazendo jejuns, cumprindo votos de silêncio, entre outras privações que os acompanham por dezenas e até centenas de quilômetros até alcançar o destino e, com seu corpo sofrido, ter, de alguma forma, se ligado ao divino.

**Imagem 15: Romeiros cuidando dos ferimentos nos pés na "Barraca da Antena", 2016.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto 2016.

<sup>29</sup> Tradução livre: Primeiramente, pessoas as vezes viajam e se submetem a determinados meios a fim de alcançar uma forma de transformação interior. Em segundo lugar, lugares onde as pessoas buscam experiências particulares, como as experiências do deserto e perigos ou a experiência de libertação transformadora das limitações da vida cotidiana podem ser identificados como tal.

Além disso, em algumas situações o peregrinar retira parte do peso da responsabilidade da vida das mãos do indivíduo e o transfere para o metafísico. Ao ir ao encontro do santo e trocar com ele favores, o responsável pelo sucesso das intenções feitas deixa de ser o devoto e passa a divindade, pois o primeiro já cumpriu sua obrigação ao sofrer nos caminhos da romaria. Portanto, o indivíduo que se põe em romaria em troca de cura para uma enfermidade, por exemplo, ao chegar no destino dá sua missão como cumprida e passa a aguardar na fé a realização da intenção almejada.

A peregrinação e o sofrimento como forma de penitência e punição foram instituídos na Idade Média. Indivíduos que cometiam alguns delitos seculares recebiam como punição da Igreja ou de entidades civis a ordem de realizar uma peregrinação. Os destinos mais comuns eram Jerusalém e Santiago de Compostela (STEIL, 1996). “[...] A peregrinação imposta por sanção penal figura nos manuais de confissão como uma forma de penitência pública não-solene e, de acordo com a literatura canônico-pastoral, se encontra a meio caminho entre a penitência solene e a privada. [...]” (STEIL, 1996, p. 169).

Seguindo as recomendações do VI Concílio de Latrão no início do século XIII, os atos de penitência pública como forma de punição para crimes seculares foram sendo substituídos pela confissão oral e pelas penitências privadas (RABANOS, 1992, apud STEIL, 1996). Nessa perspectiva, as peregrinações já não se constituíam mais como penalidades instituídas pela Igreja ou pelo Estado, entretanto continuaram sendo uma forma de penitência até a contemporaneidade, quando peregrinos com motivações predominantemente religiosas ou de autotranscendência se punham na estrada para viver os caminhos de sofrimento buscando redenção, conquista de milagres, pagamento de promessas, etc., ou seja, tendo como meta a aproximação com o sagrado.

É importante destacar que para uma viagem ser considerada peregrinação é fundamental que ela se paute, mesmo que secundariamente, na busca pelo sagrado, seja ele vinculado a uma instituição religiosa, seja materializado pela natureza ou mesmo na busca pela iluminação em si mesmo. Sem a aproximação do sagrado a peregrinação perde sua referência, sua ritualidade e se reduz a negócio, a turismo, a política ou se dá estritamente como uma viagem composta por significados e aspirações seculares.

Normalmente a decisão de empreender uma peregrinação não se baseia apenas em um tipo de motivação. É comum que exista uma justificativa oficial, revelada socialmente, mas ela tende a ser acompanhada por desejos e motivações secundários. Destaca-se, ainda, que estas motivações estão ligadas entre si. Quando um peregrino chega a um destino e consome um prato gastronômico típico, por exemplo, ele não exerce apenas seu poder econômico, mas também estabelece uma troca cultural e ainda se afirma perante seu grupo como consumidor de tal produto. Tudo isso contribui para sua formação enquanto ser-peregrino e movimenta a peregrinação, estabelecendo trocas, empréstimos e fluxos.

Existem grupos de participantes de peregrinações que apresentam pouca ligação com o conteúdo sagrado de tais ritos. Seu comportamento durante a jornada e no destino de peregrinação tende a ser diferente dos fiéis. Tratam-se dos turistas que se apropriam do destino religioso predominantemente como lugar de contemplação e lazer, assunto discutido a seguir.

### **3.5 O turismo religioso e a peregrinação**

Alguns destinos de peregrinação, sobretudo aqueles que dispõem de diferentes potencialidades, atraem turistas e peregrinos. Tal amplitude pode gerar um debate sobre o limiar da peregrinação e o início do turismo religioso nos lugares sagrados. No sentido prático, enquanto os termos romaria e peregrinação são utilizados no campo religioso, o turismo religioso é usado com mais frequência em contextos político-administrativos (STEIL, 2003). Entretanto, essencialmente há diferenças entre o peregrino e o turista. O primeiro pode até ser motivado pela cultura e pelo lazer, como proposto anteriormente, mas ele se difere do segundo pelo vínculo com a espiritualidade ou com a prática religiosa estabelecida no destino. O comportamento, as aspirações e o sentido do deslocamento de ambos são essencialmente diferentes. Na medida em que o peregrino reconhece o caminho como trajeto do encontro, da espiritualidade, do autodescobrimento, o turista o vê como meio de se chegar ao destino do lazer, como ponto de passagem.

Nessa perspectiva, o que diferencia o turismo da romaria é o grau de imersão e participação dos sujeitos. Enquanto a romaria é pautada na participação dos peregrinos, ela se torna um espetáculo aos olhos dos turistas (STEIL, 2003).

Rosendahl (2006; 2009) também afirma que o comportamento do peregrino e do turista religioso se diferencia. Para a autora, a peregrinação é pautada na dificuldade física, no sofrimento, no sacrifício, na separação do indivíduo de sua moradia. Além disso, a romaria prevê a prática religiosa durante o deslocamento até a chegada ao destino, conferindo à viagem um sentido espiritual e aproximando o fiel do ser sagrado. Por outro lado, o turismo é pautado no lazer, no não-trabalho. Representa o rompimento com a rotina, com o conhecido e se dá em função do hedonismo. “[...] O turista, motivado pelo prazer, e não por sua obrigação, busca locais que despertam interesse de acordo com sua bagagem cultural e história de vida. [...]” (ROSENDAHL, 2006, p. 126).

Outra forma de distinguir o turista religioso do peregrino se dá pela vivência e percepção do sagrado nos lugares de devoção. Os símbolos presentes nos roteiros devocionais e nos rituais são compreendidos pelos devotos, mas ignorados pelos turistas que não conseguem decodificá-los. O peregrino seria, então, o “agente consumidor do sagrado”, enquanto o turista seria um cliente que frui da religião (ROSENDAHL, 2006; 2009) numa relação em que ambos consomem o mesmo tempo-espço, mas com olhares e ações diferentes sobre o mesmo.

Justifica-se o peregrino como consumidor do sagrado no santuário porque o seu comportamento revela a prática de atividades religiosas como a de assistir missa e receber os sacramentos. Atividades que são diretamente dependentes do trabalho religioso especializado nos profissionais do sagrado – os padres, os pastores e outros. Acrescentam-se às atividades religiosas os atos religiosos, ambos possuem rituais de fortíssimo teor sagrado. Os atos praticados envolvem uma relação direta do homem com o divino por meio de rezas, orações e devoção. O turista pode ter o desejo de vivência do espaço, mas sua prática comportamental está direcionada para o geral. Ele desfruta da arquitetura do lugar, tem a necessidade de documentar, tirar fotos, filmar ou documentar as formas espaciais religiosas. O consumo do sagrado não é meta fundamental da viagem. (ROSENDAHL, 2006, p. 127-8)

O peregrino e o turista criam espacialidades diferentes por onde passam, assim como também são criadas espacialidades distintas para ambos os grupos, tendo em vista que seus comportamentos se diferem. Comércio, hotelaria, lugares sagrados, entre outros empreendimentos e ambientes são consumidos de formas particulares e recebem cada público de acordo com suas necessidades e interesses. Exemplos de destinos de peregrinação que foram tomados pelo turismo são a cidade de Chartres e o Mont Saint Michel, ambos na França. Os santuários destes destinos recebem cerca de dois milhões de turistas a cada ano, número muito superior aos 100.000

peregrinos que visitam os mesmos sítios nos períodos de festejos religiosos (ROSENDAHL, 2006). Outro exemplo a ser considerado é a cidade de Santiago de Compostela, na Espanha, que também atrai milhares de peregrinos e turistas.

**Imagem 16: visitantes no acesso ao Mont Saint-Michel.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Outubro 2015.

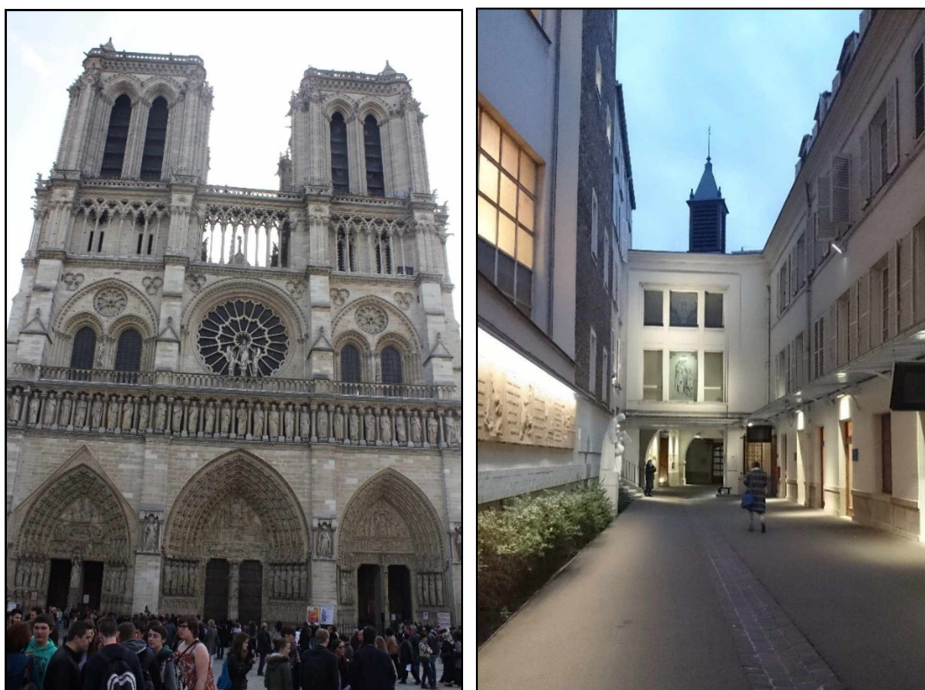
Num primeiro olhar, o Mont Saint Michel pouco remete a um destino de peregrinação religiosa. Num final de semana comum os turistas invadem suas ruelas consumindo *souvenirs* chineses e disputando lugar entre pequenos restaurantes e pousadas. A rua principal se torna, aparentemente, um caos, diferente da tranquilidade das áreas não turísticas, onde residem os moradores. Tratam-se de dois lados de uma mesma moeda, já que um se separa e prepara a existência do outro em meio a uma dinâmica atribuída a um lugar que é, ao mesmo tempo, espaço do morador, que ali vive seu cotidiano, e espaço do turista, que o consome.

No alto do monte há o Santuário, principal atração da ilha onde os turistas “batem ponto” e muitas fotos. Nos folhetos explicativos há pouca referência sobre o caráter sacro do destino e, talvez pela massiva onda de visitantes, o espaço também não guarda a esfera religiosa de um destino de peregrinação como Lourdes, na França ou Fátima, em Portugal.

A mesma sensação da tomada do turista sobre o destino religioso pode ser encontrada ao visitar a Basílica de São Pedro, no Vaticano ou mesmo ao assistir uma missa na Catedral de *Notre Dame*, em Paris, onde, apesar da missa ser celebrada em

francês, a liturgia da palavra é redigida em mais três idiomas (inglês, espanhol e italiano), alcançando um número maior de turistas e fiéis. A alguns minutos de caminhada dali situa-se a Capela de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, onde ocorreu a aparição de Nossa Senhora para a jovem Catherine Labouré. Tal lugar é pouco conhecido pelos turistas e recebe predominantemente a visita de peregrinos. Isso demonstra que os interesses dos turistas seculares e dos peregrinos são essencialmente diferentes.

**Imagem 17: Catedral de *Notre Dame* e Capela de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, Paris - FR.**



À esquerda: concentração de turistas em horário comercial e dia de semana em frente à Catedral de *Notre Dame*, Paris-FR. Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Abril 2014. À direita: acesso à Capela de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa (ao fundo) em horário comercial e dia de semana, Paris-FR. Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Outubro 2015.

No contexto de apropriação do sagrado pelo turismo, Steil (2003) destaca que três tipos de peregrinação são mais vulneráveis ao turismo e à secularização, o que as tiraria do controle eclesial. São elas:

[...] Primeiramente, aquelas que surgem diretamente associadas a datas religiosas que fazem parte do calendário cristão incorporado à cultura, como Natal e Páscoa. Depois, as que estão relacionadas com os monumentos e fatos históricos, como as Missões. Por fim, um último tipo de romaria e peregrinação bastante vulnerável à secularização é o que está ligado aos locais ecológicos. Natureza e religião, especialmente no que diz respeito a peregrinações, sempre estiveram associadas. [...] (STEIL, 2003, p. 36)

O Mont Saint Michel, por exemplo, dispõe de grande beleza cênica natural e construída, fator que por si só atrai milhares de turistas anualmente. Já o Vaticano e a cidade de Roma possuem uma riqueza histórica que também eleva a demanda turística. Isso faz com que tais lugares se tornem secularizados e destino tanto de turistas como de peregrinos. Observa-se, então, que as paisagens dos lugares sagrados, sua localização e seus atrativos atuam diretamente na criação de uma demanda secular. É importante lembrar que o lugar é formado pela relação das pessoas com o espaço. Em linhas gerais, ele se torna predominantemente turístico a partir da ação massiva de turistas. Por outro lado, pode ser considerado destino religioso se recebe uma ampla maioria de peregrinos que praticam sua religiosidade no espaço em questão.

Smith (1992) sugere uma classificação entre turista e peregrino que permite pensar uma escala de envolvimento com o sagrado e o secular. Para o autor existe o peregrino estritamente devoto (*pious pilgrim*), o peregrino que tem uma pequena face turista (*pilgrim over tourist*), o sujeito que é tanto peregrino quanto turista (*pilgrim as much as tourist*), o turista que também é, de modo mais restrito e diminuído, peregrino (*tourist more than pilgrim*) e o turista secular (*secular tourist*) que não se liga ao sagrado, conforme esquema a seguir. Portanto, nesta classificação há três nuances de envolvimento que se estabelecem entre o que é considerado propriamente turista e estritamente devoto.

**Esquema 2: escala de classificação entre turista e peregrino.**

PILGRIMAGE		RELIGIOUS TOURISM		TOURISM	
a	b	c	d	e	
sacred		faith/profane		secular	
		knowledge - based			
a. <i>pious pilgrim</i> ; b. <i>pilgrim&gt;tourist</i> ; c. <i>pilgrim=tourist</i> ; d. <i>pilgrim&lt;tourist</i> ; e. <i>secular tourist</i>					

Fonte: SMITH, 1992, p. 4.

A proposta de Smith de certa forma vai de encontro com o que foi proposto anteriormente quando tratado das motivações para a realização das peregrinações. Raramente um sujeito empreende uma romaria munido de um único objetivo ou justificativa. O homem é um ser complexo e guarda em si nuances, desejos, peculiaridades que se materializam em ações. O peregrino quando aproveita a feirinha

ou prova um prato típico do destino carrega consigo um pouco do anseio do turista, assim como o turista quando visita um santuário pode se conectar com o sagrado, mesmo não decodificando seus símbolos e compreendendo seus significados. Apesar dessa interação, as motivações e valores para empreender a jornada de peregrinos e turistas são essencialmente distintos, configurando dois grupos que, embora consumindo o mesmo espaço, o fazem com lógicas diferentes.

### **3.6 O epítome das peregrinações**

Diante do que foi exposto, pode-se pensar que algumas características são comuns às peregrinações e às romarias. São elas:

- a) a peregrinação estabelece um deslocamento de pessoas pra lugares distintos dos de morada e ele pode ser feito de diversas maneiras (a pé, com automóvel, motocicleta, ônibus, excursão, a cavalo, de bicicleta, de trator, de carro de boi, em caminhão, entre outras possibilidades);
- b) a necessidade de peregrinar tende a surgir de uma inquietação interna ligada à espiritualidade, mas também pode responder a anseios culturais, econômicos, políticos e sociais, sendo comum a conjugação de várias motivações para levar o indivíduo a empreender uma romaria, todavia, deve haver necessariamente uma conexão com o sagrado, independente de como ele é posto ou materializado, caso contrário o deslocamento se reduz a uma viagem;
- c) a romaria tende a envolver algum tipo de sacrifício por parte do peregrino, seja corporal, financeiro ou de outro tipo para o aproximar do sagrado;
- d) ela se torna um ritual e se liga à símbolos e bens simbólicos;
- e) o tempo-espaço de peregrinação estimula a reflexão e a autoanálise, promovendo o encontro consigo mesmo; ele também incita o encontro com o outro, permitindo a alteridade;
- f) envolve doação e caridade, seja no caminho ao partilhar experiências, alimentos ou dar assistência a outros peregrinos, seja no destino ao fazer ofertas monetárias à igreja, doações aos pedintes, entre outras

- ações altruístas que aproximam o indivíduo do comportamento considerado santo;
- g) também envolve discursos sociais, políticos e econômicos para além da função religiosa, agregando o profano e também se ligando a práticas culturais;
  - h) a peregrinação se difere, em essência, da prática turística pelo envolvimento e atuação de seus sujeitos nos caminhos e nos destinos, mesmo que eles se misturem nos espaços profanos e se aproximem quando comungam das motivações sociais, culturais, econômica e políticas;
  - i) apresenta significado e reconhecimento coletivo, promovendo a afirmação do peregrino perante seu meio social; ela também atua na subjetividade de cada indivíduo, conferindo um sentido único que é vivido no caminho, no destino e no retorno ao lugar de origem.

A peregrinação pode ser entendida, portanto, como um deslocamento a determinado lugar com um sentido sagrado pautado no culto a uma entidade metafísica ou na busca da divindade em si mesmo, podendo carregar consigo outras motivações de caráter social, cultural, econômica e política. Ela liga o homem à sua raiz e é realizada na medida do possível, com o transporte possível, no tempo possível. Durante a jornada, modifica o peregrino ao mesmo tempo em que ele altera o espaço, compondo uma nova paisagem e disputando caminhos e territórios com outros sujeitos e equipamentos alheios à devoção. A peregrinação (re)liga o homem ao lugar. Ela se dá num sentido de resgate do reconhecido formado no passado, mas como é vivida no momento presente, também conecta o homem à dinâmica contemporânea, oxigenando o ritual e amparando sua continuidade no tempo e no espaço.

A próxima seção se assenta na perspectiva da peregrinação como uma maneira de aproximar o sujeito das suas raízes, trazendo o caso da devoção à Nossa Senhora da Abadia. Tal culto atravessou o Oceano Atlântico, acompanhando os devotos portugueses que se estabeleceram no Brasil. Trata-se da peregrinação do símbolo que possibilita a romaria do fiel.

## **4. A peregrinação de Nossa Senhora da Abadia: de Amares-PT à Romaria-BR**

A devoção à Nossa Senhora da Abadia tem suas origens no norte de Portugal. Ela se estendeu para o interior do Brasil após o grande fluxo de migração dos portugueses à colônia em busca de riquezas nas minas de ouro e diamantes. Para compreender essa devoção é importante conhecer sua história, suas particularidades e sua disseminação no território brasileiro.

A ideia da seção foi concebida em meio a um trabalho de campo ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia, situada no Bouro (Santa Maria), concelho de Amares, Portugal – lugar que deu origem ao culto. Durante o campo foram recolhidos diversos documentos históricos e materiais informacionais cedidos pelo Cônego Narciso Fernandes e pelo Sr. José Mota Alves, presidente da ATAHCA – Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave. Ambos me receberam em Amares e disponibilizaram preciosas informações sobre a origem e as características da devoção à Nossa Senhora da Abadia observada no Brasil.

### **4.1 O início da devoção e o Santuário de Nossa Senhora da Abadia em Amares**

O território da Península Ibérica foi alvo de diversas disputas ao longo dos séculos. A presença do Império Romano naquelas terras fez com que o Cristianismo se desenvolvesse ainda na era apostólica. “[...] Após o Concílio de Jerusalém (ano 51 depois de Cristo), espalharam-se os Apóstolos pelo Mundo inteiro, a ensinar a Boa Nova aos povos mais diversos e afastados e a Península, nomeadamente a parte que hoje constitui Portugal, não foi esquecida.” (CUNHA, 1977, p. 23). O autor ainda afirma que naquele tempo era comum que os mártires fossem cultuados e construídas basílicas sobre suas relíquias. Entretanto, esses lugares foram dizimados após a invasão dos Bárbaros no Século V.

Acredita-se que antes da invasão dos mouros no século VIII já existia no Monte de São Miguel, norte de Portugal, um eremitério onde a Virgem Maria era cultuada. A invasão fez com que o lugar fosse despovoado. Mas antes de partir, os eremitas que lá habitavam teriam escondido a imagem da santa em lugar seguro e de difícil acesso no fundo do vale (CUNHA, 1977; FERNANDES, s/d).

[...] É pois de acreditar que na ocasião da invasão dos Árabes, em 711, no monte de S. Miguel ou nas imediações, já havia monges observantes dos conselhos evangélicos e devotos, como todo o bom religioso, da Virgem Mãe de Deus, cuja imagem veneranda quiseram poupar às profanações dos infiéis invasores. (CUNHA, 1977, p. 49)

O culto à Virgem Maria num fundo de vale cercado por floresta vai ao encontro das palavras de Sanchis (2006) que destaca a influência das antigas religiões nas práticas católicas portuguesas, conforme exposto a seguir.

Desde o nascimento historicamente apreensível das romarias portuguesas, no séc VII, os sermões de Martinho de Dume, o primeiro Arcebispo de Braga, contemporâneo do primevo reino Suevo que foi núcleo de Portugal, nos mostram um povo que se desloca em direção a montes, a florestas, a rochedos, a fontes – ou às capelas já ali construídas – venerar as relíquias ou as imagens dos santos, que no seu imaginário podem muito bem confundir-se com os seres míticos – deuses ou encantados – (“demônios”, dirá o bispo) que as religiões antigas, celta ou romana, lhe tinham ensinado a cultuar. Reproduzindo até para os santos cristãos os gestos do culto tradicional. (SANCHIS, 2006, p. 87)

Mais tarde a região foi conquistada pelo primeiro rei de Portugal, Dom Afonso I, no século XI. Isso possibilitou o regresso de vários religiosos, entre eles Frei Lourenço e Paio Amado que atuaram diretamente no início do culto à Nossa Senhora da Abadia. Frei Lourenço era o eremita principal da comunidade de São Miguel na época do aparecimento da imagem da Virgem Maria, enquanto Paio Amado foi um respeitado fidalgo da Corte do Conde D. Henrique que se voltou para a vida religiosa após a morte de sua esposa e, posteriormente de sua filha. Conta-se que Frei Lourenço e Paio Amado viram, do alto do Monte de São Miguel uma luz misteriosa que vinha do fundo do vale durante duas noites seguidas. Empreenderam, então, a descida até o ponto de onde partia a claridade e lá encontraram, escondida sob um penedo, uma imagem da Virgem Maria (CUNHA, 1977; FERNANDES, s/d).

Foi Paio Amado o monge venturoso que teve a felicidade de encontrar a devota imagem de Santa Maria escondida, como é fama, pelos cristãos que fugiam diante dos Mouros invasores. É pitoresco o local indicado pela tradição como sítio do feliz encontro. Situado a meio do declive dum vale ameno e bem sombreado, tem vista directa para o alto do monte de S. Miguel, onde tinha assento, como dissemos, o cenóbio primitivo. Estaria Senhora em caverna natural constituída pelo desvão de rude penhasco onde gorgoleja uma fonte de água limpidíssima. Sobre o penedo levantaram uma estátua da Virgem, em cujo pedestal se pode ler a data de 1883. À direita de quem entra na gruta, uma inscrição moderna e em português afirma, com a certeza de quem nunca duvidou, que o achado da imagem foi em 1107. (CUNHA, 1977, P. 71)

A seguir tem-se a imagem do local onde teria sido encontrada a imagem de Nossa Senhora da Abadia.

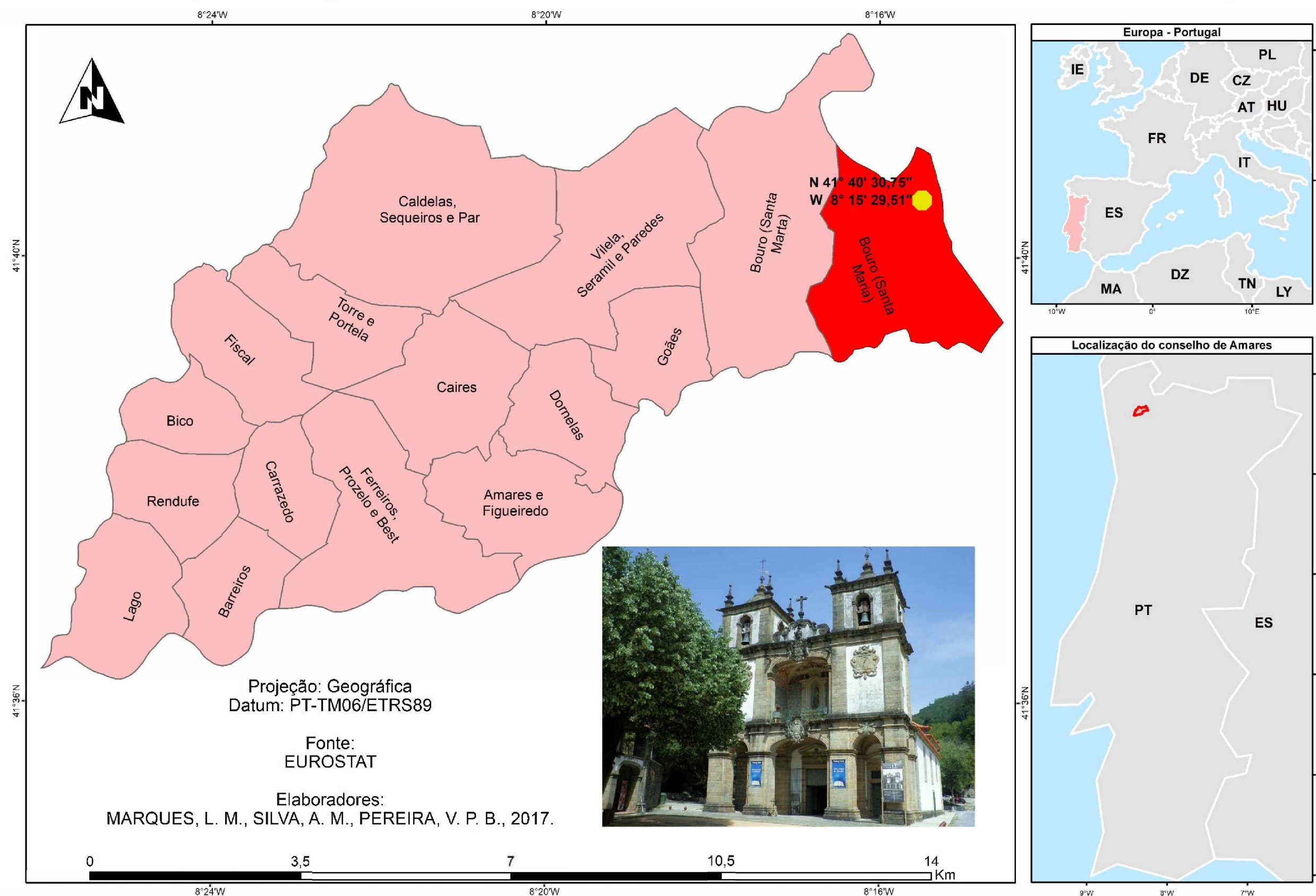
**Imagem 18: local onde foi encontrada a imagem de Nossa Senhora da Abadia.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Setembro de 2015.

O início da devoção à Nossa Senhora da Abadia se deu, portanto, com a descoberta de uma imagem entalhada da santa entre afloramentos de rocha num fundo de vale localizado na Freguesia de Bouro Santa Maria, Município de Amares, Distrito de Braga, norte de Portugal, conforme mapa a seguir. O local está na área de jurisdição da Arquidiocese de Braga e Arciprestado de Amares.

## Localização e imagem do Santuário à Nossa Senhora da Abadia em Amares - Portugal



Mapa 2: Localização do Santuário de Nossa Senhora da Abadia, em Portugal.

Em 1706, Padre António Carvalho da Costa aponta na obra “Corografia Portuguesa” os aspectos iniciais da devoção à Nossa Senhora da Abadia, dando subsídio para a compreensão da história do culto.

*Pouco mais de meya legoa do rio Cavado para o Norte na mesma Freguesia de Santa Martha de Bouro, em hum reconcavo, pelo qual se despenhaõ dous ribeiros de huma alta serra, em hum lugar solitario, e pouco capaz de cultura, houve antigamente hum Mosteiro de Monges Bentos, cujo principio, ou fim não sabemos, mas parece o asolaraõ os Mouros; ou ficaria desamparado por falta de sustento, como a muitos tem succedido. Ficaraõ poucas ruínas deste Convento, mas vivendo o Conde D. Henrique havia alli huma Ermida do Arcanjo S. Miguel, em que assistia hum Ermitaõ, ou Monge Bento de exemplar vida. Faleceo de parto de huma filha Dona Munia, Dama que havia sido da Rainha D. Theresa, e mulher de Payo Amado, que era da geração dos Coelhoos por Don Egas Moniz, como dizem muitos. Foy tal sentimento deste fidalgo vendo-se viuvo, que dando de mão ao mundo, se recolheo de Braga a este monte, a acompanhar o Ermitaõ em serviren a Deos; pedio-lhe o aceitasse em sua companhia, o que alcançou dele, vestindo-lhe hum habito grosseiro semelhante ao que trazia: continuaraõ em suas devoçoens, e penitencia com igual fervor; e sahindo uma noite Payo Amado fóra de cella, vio no valle abaixo donde estavaõ, tiro de arcabuz, huma grande claridade, de que deu parte ao Mestre, e na seguinte noite a vigiaraõ ambos; vendo-a segunda vez, demarcaraõ o lugar, em que se deixava ver. Ao outro dia indo alli, acharaõ huma fermosa imagem de Nossa Senhora de mediana grandeza obrada em pedra: mudaraõ-se para aquelle novo sitio, aonde fireron por suas maõns outra Ermida, em que a collocaraõ; atêgora nunca levou pincel, nem recebe nova tinta: appellida-se Nossa Senhora da Abadia, invocaçaõ que tomou dos Abbades Bentos, que alli viviaõ em comunidade com mais Monges; pois na anno de 1107 sahiraõ daqui três para ajudarem a povoar o novo Mosteyro de Rendufe, e tendo por indubitável, que este Ermitaõ era religioso de S. Bento. Foraõ tantos os milagres, que a Senhora da Abadia obrou, que o Arcebispo que era entaõ de Braga nam só lhe fez mayor Igreja, mas a proveo de bons ornamentos; aumentou-se de Eremitas, ou religiosos, e falecido o primeiro Abbade Ermitaõ, lhe succedeo Payo Amado, e a este Dom Nuno, a quem ElRey Dom Affonso Henriques, vindo a este Mosteiro, fez Couto, e deu a Villa, e Igreja de Santa Martha de Bouro no anno de 1148. (COSTA, s/p., 1706)*

Apesar da história parecer bastante específica, Cunha (1977) afirma que não há como precisar corretamente a data e a forma com que se deram a hierofania de Nossa Senhora da Abadia. O autor afirma que a data parece ser prematura e entende o fenómeno como uma “lenda de maravilha” que se assemelha às narrações do aparecimento dos corpos de São Torcato e também dos restos mortais de São Tiago, ambos indicados por luzes mágicas. Todavia, para o autor a imprecisão da data e da configuração da hierofania não descredenciam a substância do acontecimento.

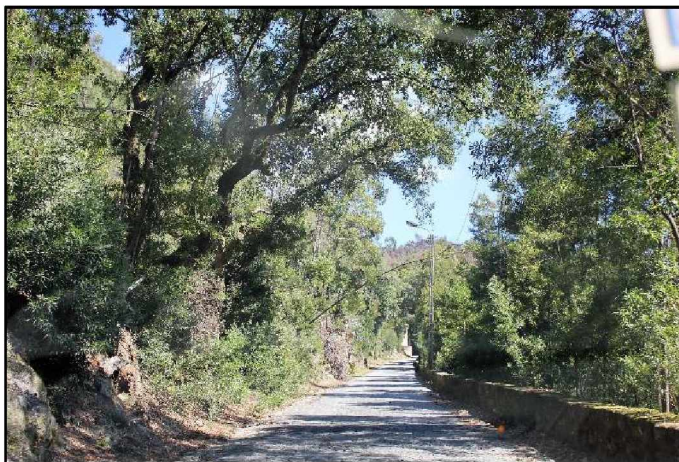
É comum encontrar textos que afirmem que o culto à santa é o mais antigo da Península Ibérica, sobretudo pelo hiato produzido pela ocultação da imagem durante

os séculos de disputa territorial. “Com raízes vigorosas mergulhadas no subsolo da primitiva evangelização peninsular e indubitavelmente já com o culto da Virgem antes da invasão muçulmana, é o Santuário da Senhora da Abadia o mais antigo de Portugal e quiçá das Espanhas.” (CUNHA, 1977, p. 5). Tal informação também é repassada pela tradição oral, conforme entrevista transcrita a seguir:

*O Santuário de Nossa Senhora da Abadia é um dos mais antigos santuários marianos da Península Ibérica. Há registros anteriores à nacionalidade portuguesa. O santuário que existe [hoje] é do século XVII, século XVIII, porque houve um incêndio, portanto, ele esteve ligado à Ordem de Cister e houve um incêndio e durante muitos anos o santuário não foi reconstruído. [...] Há alguns documentos e isso tem se repetido oralmente que o santuário [atual] estava a 37 palmos acima das fundações do primitivo. Quer dizer que o primitivo andava mais ou menos junto ao rio. Existe lá alguns vestígios de um possível muro do próprio santuário, na margem, portanto, entre o atual edifício e a estrada. Possivelmente deve ter sido uma parte do primitivo santuário.<sup>30</sup>*

Um incêndio no Santuário primitivo fez com que um novo prédio fosse construído entre os anos de 1644 e 1725. Além dele, a área também conta com uma via sacra de cerca de um quilômetro composta por várias capelas que representam a vida de nossa Senhora e a paixão de Cristo. Há, também, o museu do peregrino, um cruzeiro no largo em frente à igreja, a lapinha onde ocorreu a hierofania, a sede da Confraria de Nossa Senhora da Abadia, dois quartéis (antigos galpões para o pouso dos romeiros), além de espaços para piquenique, estacionamento e vasta área verde, como pode ser observado nas imagens a seguir.

**Imagem 19: Estrada de acesso ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia em Amares, Portugal.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Setembro de 2015.

<sup>30</sup> Entrevista com José António da Mota Alves, presidente da Associação de Desenvolvimento das Terras, Altas do Homem, Cávado e Ave (ATAHCA), em setembro de 2015, em Vila Verde, Braga, Portugal.

**Imagem 20: vista frontal e lateral do Santuário de Nossa Senhora da Abadia.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Setembro de 2015.

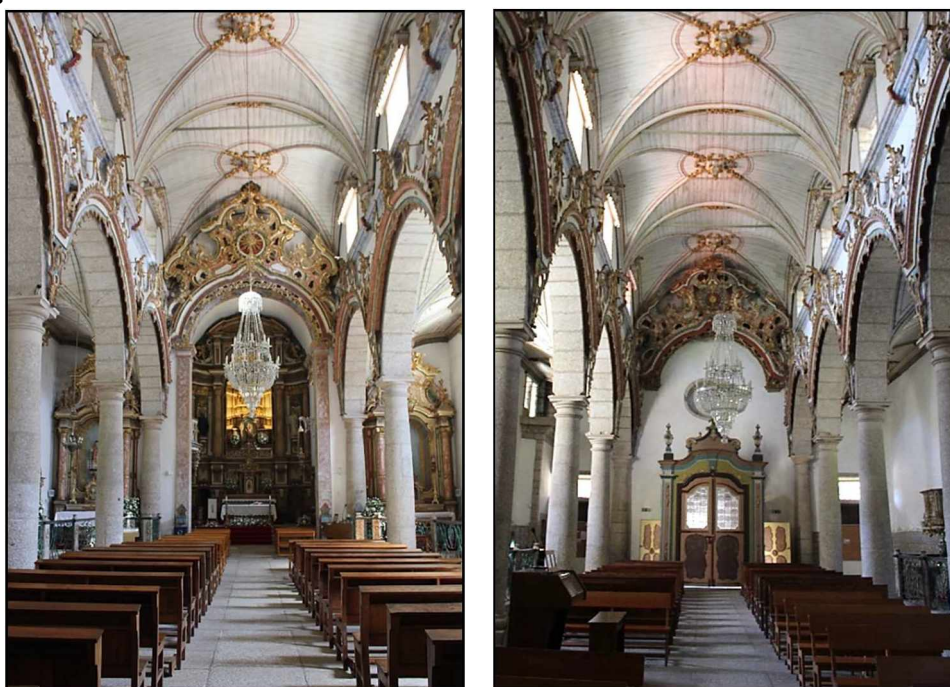
De acordo com os dados do Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA) de Portugal, o Santuário de Nossa Senhora da Abadia está registrado sob o “IPA.00000354” e é descrito como:

Santuário mariano, maneirista, barroca e rococó, do tipo sacro-monte, com acesso por ampla rampa, ladeada por capelas da Via Sacra, tendo no terreiro, o edifício dos peregrinos de dois pisos e com arcadas e varandas a enquadrar o templo. Integra o Caminho de Santiago e desenvolve-se a partir de um forte culto medieval numa pequena capela de que não subsistem vestígios, reformada no séc. 17 e com obras de renovação no século imediato, altura em que se edificam as capelas na rampa de acesso ao terreiro, certamente na sequência da visita do arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, responsável pela construção do escadório do Bom Jesus do Monte, em Braga (v. IPA.00005694). A construção seiscentista seria menos elevada que a atual e tem a marcação da antiga estrutura, com fachada tripartida e remate em empena ou frontão, onde se rasgaria um óculo, atualmente entaipado e visível no interior. A ampliação em altura do edifício está bem visível na fachada posterior, onde se mostra a primitiva cornija em cantaria e no interior, onde a grade setecentista encimada pelas armas da Ordem de São Bento, gestores do espaço, resulta desproporcionada em comparação com a altura deste corpo, revelando o seu alteamento no final do séc. 18, para a introdução do novo retábulo-mor. A atual fachada data das obras do séc. 18 e uniu num corpo de exo-nártex, as duas torres sineiras maneiristas, com uma interessante cobertura em cúpula, possuindo um amplo nicho central revestido a azulejo de padrão seiscentista e contendo retábulo de talha pintada rococó com uma imagem do orago. As torres possuem mostradores de relógios em cantaria, envolvidos por molduras recortadas, do tipo cartela. A igreja é de três naves escalonadas, de cinco tramos, definidos por colunas toscanas, permitindo a iluminação direta e uniforme da totalidade do espaço, e capela-mor com sacristia no eixo, tendo coberturas interiores diferenciadas, com anacrónicas abóbadas de arestas de madeira nas naves e abóbada de berço na capela-mor. Fachada principal do tipo harmónico com remate em empena reta, com as torres sineiras salientes, permitindo a criação de um exo-nártex, para onde abrem três portas de verga reta e remates em frontões triangulares. As fachadas têm cunhais apilastrados e remates em frisos e cornijas, as laterais rasgadas por portas travessas. O interior está

profusamente revestido a talha e mantém silhares de azulejo de tapete do séc. 17. Os arcos, janelas e todos os vãos possuem molduras de talha e amplas sanefas e sanefões com decoração de enrolamentos e de elementos vegetalistas vazados. Os retábulos são semelhantes, com colunas de fustes lisos e terço inferior marcado por anéis de festões de drapeados, destacando-se o mor, com planta côncava e três eixos, com remate em frontão semicircular. Possui um órgão do mesmo período, simples, com a mísula marcada por uma figura mecanizada, em forma de carranca. A cobertura das naves, em madeira, é tardo-barroca, formando falsas abóbadas de arestas, pintadas e com pingentes de talha. As casas dos romeiros seguem o esquema seiscentista, com dois pisos e a enquadrar o terreiro de acesso ao templo, marcado por cruzeiro do final de Setecentos. Possuem arcadas no piso inferior e varandas alpendradas no superior, o do lado direito adaptando-se ao desnível do terreno, possuindo mais dois pisos inferiores. As Capelas da ladeira de acesso são distintas, as mais simples representando uma Via Sacra de sete Passos, surgindo oito capelas com cenas da vida da Virgem, de maiores dimensões e octogonais com interessantes fachadas tardo-barrocas, com profusas molduras de volutas e óculo de perfil contracurvo no eixo. O local é alvo de devoção dos pescadores da Póvoa de Varzim, com vários ex-votos, como tábuas e telas pintadas e fotografias, arrecadas no Museu. (SIPA, 2013)

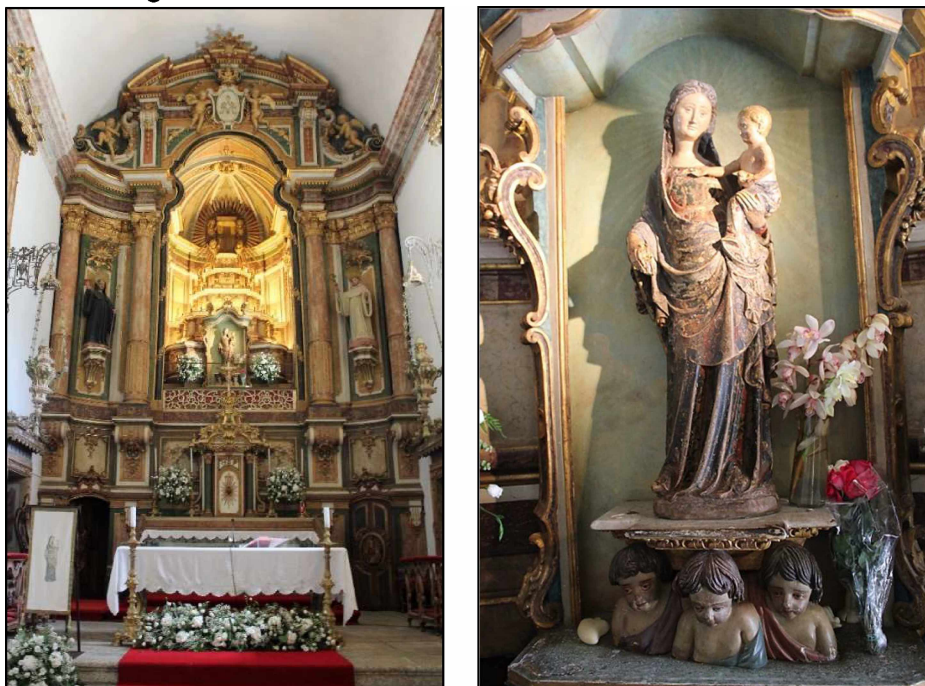
Parte da descrição apresentada pode ser observada nas imagens dispostas ao longo da presente seção. O registro completo do Santuário no SIPA está disponibilizado na sessão de anexos do trabalho.

**Imagem 21: vista interna frontal e traseira do Santuário de Nossa Senhora da Abadia.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Setembro de 2015.

**Imagem 22: altar e escultura de Nossa Senhora da Abadia.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Setembro de 2015.

O Museu dos Peregrinos de Nossa Senhora da Abadia está localizado no piso superior do prédio destacado a seguir. Já o térreo, denominado “quartéis” era destinado ao abrigo de peregrinos durante os períodos festivos.

**Imagem 23: Acesso ao Museu dos Peregrinos e antigos quartéis para hospedagem de peregrinos.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Setembro de 2015.

Os quartéis são espécies de barracões feitos de pedras utilizados para pernoite das famílias de romeiros. Possuíam lareiras para aquecer os dias mais frios e, na época de maior fluxo ao Santuário, recebiam grande demanda de devotos.

*Agora é menos, mas as pessoas iam e, geralmente, elas chegavam lá dia quatorze, dia treze, dormiam lá, por isso é que tem dois grupos de quartéis – quartéis são dois edifícios – onde as pessoas dormiam. Foram construídos também no século XVIII para que os peregrinos dormissem lá.<sup>31</sup>*

Quando não foram mais suficientes para atender a grande quantidade de peregrinos os prédios foram reservados às pessoas do conselho, que lá ficavam para fazer as novenas. Os demais peregrinos se arranjavam com barracas, assim como parte deles ainda o fazem em diversas peregrinações no Brasil, como em Muquém-GO e em Romaria-MG. Com o passar do tempo, a popularização dos meios de transporte individuais, a modificação das romarias e, conseqüentemente, a diminuição da demanda por pouso, os quartéis do Santuário de Nossa Senhora da Abadia foram caindo em desuso.

De acordo com o Cônego Narciso Fernandes e com os livros de assinaturas dos peregrinos é relativamente comum a visita de brasileiros, sobretudo dos clérigos e dos devotos de Nossa Senhora da Abadia.

**Imagem 24: Interior do museu e livro de visitantes com recordação de grupo de peregrinos brasileiros.**



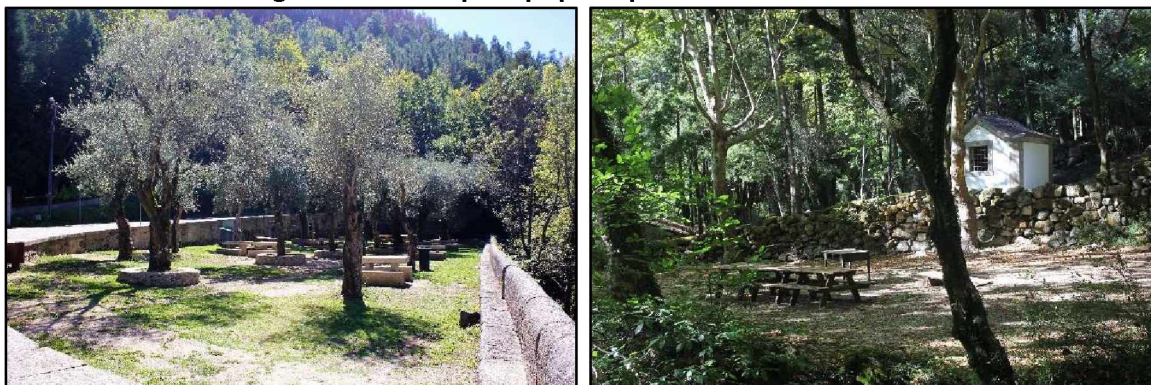
Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Setembro de 2015.

As áreas verdes são bastante utilizadas pelas famílias e pelos grupos que se dirigem ao Santuário nos finais de semana e nos dias de festa, sobretudo para

<sup>31</sup> Entrevista com José António da Mota Alves, presidente da ATAHCA, em setembro de 2015, em Vila Verde, Braga, Portugal.

realização de piqueniques e para o contato direto com a natureza. Entre os grupos destacam-se os escoteiros, que comumente desenvolvem atividades nesse espaço.

**Imagem 25: Áreas para piquenique no entorno do Santuário.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Setembro de 2015.

As capelas estão no percurso da estrada que chega ao santuário. Começam cerca de um quilômetro antes do prédio em questão. Todas elas contêm imagens em seu interior. São oito em devoção à Nossa Senhora e sete que representam os passos da vida de Jesus Cristo. O caminho entre elas é íngreme, dificultando o acesso dos romeiros.

**Imagem 26: capelas dedicadas à vida de Nossa Senhora e à paixão de Cristo, respectivamente.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Setembro de 2015.

**Imagem 27: Vista superior de parte da via de chegada ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia em Amares.**



Destaque para uma das capelas com paredes octogonais dedicada à Nossa Senhora ao fundo.  
 Fonte: CONFRARIA DA NOSSA SENHORA DA ABADIA, 2014.

Na área do Santuário também está localizada a sede da Confraria Nossa Senhora da Abadia que faz a gestão do espaço do santuário. As peregrinações para este sítio ainda são constantes, com destaque ao último domingo de maio e ao dia 15 de agosto, como será apontado no tópico a seguir.

## **4.2 As peregrinações ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia em Amares, Portugal**

As peregrinações ao município de Romaria – MG são diretamente ligadas às romarias ao Santuário de Amares. A forma como ambos eram e ainda são reproduzidas são semelhantes, apesar da diferença na quantidade de peregrinos e em algumas características na apropriação da festa pelos diversos sujeitos. Assim como no Brasil, em Portugal os devotos faziam sua peregrinação a pé. Ainda que hoje essa prática tenha sido consideravelmente reduzida no caso português, ela ainda é relembrada, como observado no relato de Cunha ([1951]1977):

Criança ainda, me deixava impressionar pelos preparativos frenéticos que em casa ia observando, no meado de Agosto, para a romagem à Senhora da Abadia. Um tio meu, Deus lhe fale na alma, cumpriu o prometido de lá ir todos os anos enquanto vivo fosse; e meu saudoso Pai também visitou o célebre Santuário vezes sem conta. Não me levava ele consigo, na minha meninice e adolescência, porque, graça a Deus, nunca as moléstias puderam muito

com a minha pessoa; e por isso mesmo, quando assistia à despedida, quase sentia pena de não ter estado enfermo para ir com a outra gente. Misterioso me parecia tudo aquilo, e o termo da jornada devia ser lá no cabo do Mundo, uma vez que se gastavam pelo menos três dias na ida e no regresso. (CUNHA, [1951]1977, p. 3)

Hoje boa parte dos devotos portugueses já não costuma fazer tal peregrinação desde suas casas até o santuário a pé, sobretudo fora dos períodos festivos. Eles geralmente chegam ao destino de devoção em automóveis particulares. Os turistas religiosos comumente vão até o Santuário em ônibus de excursão. O espaço também é utilizado pelas famílias da região que dele se apropriam em busca de lazer e contato com a natureza, sobretudo nos finais de semana e feriados.

Existem duas datas de grande fluxo de romeiros até o sítio: o último domingo de maio e o dia quinze de agosto, dia da festa da padroeira. Nessas oportunidades é comum a realização de procissões ou mesmo da caminhada de cerca de um quilômetro desde o início da área do santuário, passando pelas capelas do caminho até chegar ao prédio onde se encontra a imagem de Nossa Senhora.

Os eventos do último domingo de maio são marcados por uma procissão coletiva de cerca de cinco quilômetros que reúne todas as freguesias de Amares, partindo do Mosteiro de Santa Maria do Bouro até o Santuário de Nossa Senhora da Abadia. Trata-se de um evento mais recente se comparado à tradicional festa da padroeira em agosto e reúne muitos devotos porque envolve todo o arciprestado.

#### **Milhares de pessoas na Peregrinação Arciprestal à Senhora da Abadia**

31 de Maio de 2015

Milhares de pessoas subiram, esta manhã, até ao Santuário da Senhora da Abadia, em Amares, na anual Peregrinação Arciprestal. São cinco quilómetros percorridos em quase duas horas e meia desde o Convento de Bouro até ao Convento mariano. Os estandartes de cada paróquia com os respectivos párocos e muitas delas com os Presidentes de Junta dão o colorido aos cânticos e orações que vão sendo entoados ao longo da subida. O recinto já bastante composto por todos os que preferiram ir de carro está preparado para receber os caminhantes. Até lá, é o cantor Canário que passando numa televisão de um das *roulottes*, entretém algumas pessoas. A entrada no recinto é emocionada. O cortejo vai-se dirigindo para o altar montado no terreiro junto ao Santuário onde o Arcebispo Primaz de Braga presidiu à missa campal. [...] (O AMARENSE, 2015a.)

**Imagem 28: Peregrinação Arciprestal à Senhora da Abadia em Amares, Portugal.**



Fonte: O AMARENSE, 2015a.

Excepcionalmente, em 2016 o evento foi realizado fora do último domingo de maio em função de alterações no calendário religioso local. Tem-se, a seguir, uma peça publicitária para sua divulgação.

**Imagem 29: Divulgação da peregrinação de maio de 2016.**



Fonte: O AMARENSE, 2016.

A romaria do dia 15 de agosto é secular. Trata-se de uma festa relativamente parecida com a que hoje se vive no município de Romaria, em Minas Gerais, Brasil. A programação da festa é formada por novenas, missas, terços, procissões e atividades de lazer divididos entre os dias que precedem a festa. No ano de 2015<sup>32</sup>,

<sup>32</sup> No Anexo C do presente trabalho encontra-se a comparação dos programas das Festas de Nossa Senhora da Abadia em Amares, Portugal e em Romaria, Brasil, referentes ao ano de 2015.

em Amares, o evento começou no dia 6 de agosto, conforme notícia e programação destacada a seguir:

### **Romaria a Nossa Senhora da Abadia começa amanhã**

5 de Agosto de 2015

Já a partir de amanhã, inicia-se a Romaria a Nossa Senhora da Abadia, que promete levar muitos milhares de romeiros ao santuário instalado na freguesia de Bouro Santa Maria, num programa que se estende durante 10 dias, dividindo-se em actividades de cariz religioso e de cariz recreativo, cujo ponto mais alto será o dia 15 de Agosto.

No âmbito religioso, a novena de preparação – terço, eucaristia e reflexão – decorre entre os dias 6 e 14 de Agosto, com início agendado para as 19h00. No dia 9 de Agosto, domingo, realiza-se a festa em honra de São Lourenço, num programa que inclui eucaristia dominical (10h00) e novena, terço e eucaristia, às 17h00, seguindo-se a procissão desde o Santuário até ao Cruzeiro.

Na sexta-feira, 14 de Agosto, será feita uma via sacra pelas várias Capelas do Calvário, logo a partir das 9h00, estando agendada para as 20h00 nova novena, terço e eucaristia, com procissão de velas até ao 2º Calvário.

O dia 15 de Agosto será o ponto alto, com a realização da festa em honra de Nossa Senhora da Abadia. Às 10h30, arranca a procissão desde o 2º Calvário até ao Santuário, realizando-se eucaristia festiva logo após. Para as 18h00, está agendada a procissão em honra de Nossa Senhora da Abadia.

Em paralelo, existe também um programa de animação. Entre os dias 6 e 13 de Agosto, haverá “animação na barraca”, um espaço que a Confraria colocará junto ao Santuário para angariar verbas. Para o dia 13, quinta-feira, a partir das 21h30, está reservada a actuação do Rancho Folclórico da Associação Cultural de Paradela – Valdosende. No dia 14, actua o Rancho Folclórico da Casa do Povo de Amares, às 22h00.

No sábado, 15 de Agosto, entra a Banda Filarmónica de Bouro Santa Maria, às 9h30, antecipando a procissão. Durante a tarde, há concerto da Banda, que fará a marcha de despedida às 19h45. Às 21h30 será a actuação do Rancho Folclórico de Pandoses (Parada do Bouro), no encerramento daquele que será o dia mais preenchido do programa.

A Romaria a Nossa Senhora da Abadia deste ano encerra no dia 16 de Agosto, domingo, com animação de rua. (O AMARENSE, 2015b)

O santuário de Nossa Senhora da Abadia em Amares também é ponto de peregrinação para pelo menos duas outras rotas: a primeira é dos romeiros que vão até o Santuário de São Bento da Porta Aberta, a segunda é para aqueles que fazem uma das Rotas Marianas que passa pela Itália, pela Espanha e também por Portugal.

Imagem 30: rotas de peregrinação que passam por Amares - PT.



Fonte: ALL EVENTS, 2016; MARQUES, Luana Moreira. Setembro de 2015 (respectivamente).

Muitos devotos aproveitam a peregrinação à Senhora da Abadia e depois seguem para São Bento da Porta Aberta utilizando um caminho que passa pela Serra do Gerês. Após fazer as orações é comum o retorno a pé à Abadia e o posterior regresso à própria casa.

*O Santuário da Abadia é ponto de passagem e paragem dos peregrinos que vão para S. Bento da Porta Aberta, concelho de Terras de Bouro. Antigamente era local de passagem obrigatória, hoje com a estrada asfaltada, muitos peregrinos optam por se deslocar pela estrada evitando os caminhos tradicionais de montanha.*<sup>33</sup>

Assim como no Brasil, a peregrinação portuguesa também movimenta a economia da região. Durante as festas os moradores da região montam barracas para vender diversos tipos de produtos, desde gêneros alimentícios a CD's e DVD's de música. Já o comércio perene de objetos sacros, livros e lembranças do Santuário é realizado numa pequena loja no entorno da igreja.

*[...] tem muitas barracas, desde frutas, produtos locais, artesanato... vendem quase tudo [...] vendem roupa, vendem calçado, encontra oficinas a vender lanche, a vender fruta, a vender o pão, a vender doces, vender roupa, vender música. À margem da estrada, num espaço talvez 150 metros, 200 metros há*

<sup>33</sup> Entrevista com José António da Mota Alves, presidente da ATAHCA, em setembro de 2015, em Vila Verde, Braga, Portugal.

*barracas de um lado e do outro e também é uma fonte de receita pra própria mesa da confraria porque vai e paga, naturalmente, a utilização do espaço.<sup>34</sup>*

De acordo com o entrevistado, a Confraria de Nossa Senhora da Abadia também é beneficiada com o comércio da festa, pois a cessão do espaço é feita mediante pagamento de taxa.

**Imagem 31: loja do Santuário e venda informal de produtos regionais no entorno do prédio.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Setembro de 2015.

Apesar do Santuário de Nossa Senhora da Abadia ser considerado o mais antigo de Portugal, ele não é o mais visitado. José da Mota Alves estima que o destino receba cerca de 50.000 a 60.000 peregrinos durante o ano, enquanto o Santuário de Fátima receberia mais de três milhões de devotos no mesmo período. Para o entrevistado, o Santuário de Abadia

*Foi sempre um local de grande devoção religiosa, naturalmente mais no passado do que atualmente, mas continua sendo um local de grande devoção religiosa. Porque, de fato, depois surgiu o [Santuário do] Sameiro, em Braga, a própria igreja que está próxima de Braga proveu muito mais o Sameiro do que Abadia; depois veio Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora de Fátima como sempre mais provida do que o Sameiro, quer dizer... depois começou São Bento da Porta Aberta [...] atualmente o segundo santuário com mais peregrinos de Portugal. Fátima em primeiro lugar, São Bento da Porta Aberta em segundo e em terceiro lugar é que é o Sameiro. [...] Fátima tem cerca de três milhões de peregrinos por ano, passa até dos três milhões.<sup>35</sup>*

<sup>34</sup> Entrevista com José António da Mota Alves, presidente da ATAHCA, em setembro de 2015, em Vila Verde, Braga, Portugal.

<sup>35</sup> Entrevista com José António da Mota Alves, presidente da ATAHCA, em setembro de 2015, em Vila Verde, Braga, Portugal.

O Santuário de Abadia não teria se desenvolvido como Fátima, São Bento da Porta Aberta e Sameiro por uma série de fatores que englobam desde o reduzido investimento frente aos demais santuários, passando pela dificuldade no acesso ao destino, pela reduzida infraestrutura (se comparada a outros lugares) e pelo apelo midiático dos demais santuários.

Em Amares, por exemplo, não há transporte público que acesse o Santuário de Nossa Senhora da Abadia. Além disso, a estrada que chega até este sítio é bastante estreita. Em alguns pontos é difícil passar dois carros em sentidos opostos e, apesar de haver propostas para a ampliação da via, os impactos parecem ser bem superiores que os benefícios trazidos pelo projeto. Por outro lado, o Santuário de Fátima é reconhecido internacionalmente e se situa a aproximadamente 125 quilômetros de Lisboa, capital de Portugal. Ademais, ambos surgiram em séculos diferentes, o que por si só já inviabiliza comparações.

**Imagem 32: vista dos Santuários de Fátima.**



Basílica de Nossa Senhora de Fátima na foto à esquerda e Igreja da Santíssima Trindade ao fundo na foto à direita. Destaque para a grande praça que separa os Santuários. É neste espaço que se fazem as procissões e celebrações acompanhadas por centenas e até milhares de pessoas, dependendo da data. Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Setembro de 2015.

De Lisboa saem dezenas de ônibus diariamente que deixam o visitante a poucos metros do Santuário em Fátima. Esta hierópolis tem o turismo religioso como principal atividade econômica. Consequentemente, ela apresenta uma grande estrutura de receptivo como hotéis, restaurantes, lojas, entre outros equipamentos turísticos que servem a milhões de pessoas, diferente de Amares que tem um fluxo de visitantes bem menor – mas nem por isso insignificante.

Foi da região do Minho, onde se localiza Braga e, consequentemente, Amares, que saíram milhares de portugueses em busca da riqueza nas vastas terras

brasileiras. Consigo levaram a cultura e as crenças, reproduzindo-as de acordo com o possível. A devoção à Nossa Senhora da Abadia é uma das alegorias trazidas ao Brasil. Sem tal movimento, provavelmente o município de Romaria seria bem diferente do que é hoje.

#### **4.3 Nossa Senhora da Abadia a caminho do Brasil**

A promessa de riqueza fomentada pelas notícias do ouro e diamantes abundantes no interior de Minas Gerais fez com que parte da população de Portugal se transferisse para o Brasil. Lima Júnior (1978) afirma que de regiões como Minho, Trás-os-Montes, Beiras, entre outros, saíram grande fluxo de pessoas de todos os tipos, de fidalgos a trabalhadores do campo que juntavam suas posses e partiam para o Brasil em busca de fortuna. “Portugal, com cerca de 2 milhões de habitantes, via transferir para o Brasil, em menos de 100 anos, cerca de 800 mil pessoas que povoaram as Minas Gerais e demais capitanias do litoral e do sul [...]” (LIMA JÚNIOR, 1978, p. 38).

Ao emigrarem para o Brasil os portugueses trouxeram consigo suas práticas culturais. Por onde iam carregavam consigo suas crenças e tradições, entre elas a forte religiosidade. Neste contexto, Igrejas dedicadas a padroeiros portugueses se espalharam. A difusão do culto a Nossa Senhora da Abadia é um exemplo disso. Tal devoção se propagou pelo território brasileiro juntamente com seus sujeitos, sobretudo aqueles provenientes do norte português, onde a emigração foi mais forte.

As populações que se deslocaram em massa para o Brasil, atraídas pela fascinação do ouro, foram oriundas na maior parte, do Norte de Portugal, jurisdição religiosa do Arcebispado de Braga. Enraizadas ancestralmente à religião cristã, elas trouxeram para a nova Terra de Promissão, além das pequenas imagens dos santos de sua devoção, um fervor religioso profundo, uma tocante e singela piedade, que, infelizmente, nem sempre se aliava à idéia moral na vida prática. [...] Mal começavam a prosperar, sem demora, surgia a capelinha de taipa, em cujo altar se firmava a estátua que reproduzia o padroeiro da vila ou aldeia distante em Portugal. (LIMA JÚNIOR, 1978, p. 87)

O texto de Lima Júnior (1978) converge com a tradição oral repassada à população minhota. José da Mota Alves também acredita que a devoção à Nossa

Senhora da Abadia tenha chegado ao Brasil junto com os imigrantes. Ele destaca a riqueza gerada pela mineração que fez prosperar seus conterrâneos:

*[A devoção à Nossa Senhora da Abadia] Deve ter ido pra lá [Brasil] por imigrantes, sobretudo do século XVIII, porque foram muito imigrantes portugueses aqui do Minho no início do século XVIII para a exploração das minas de ouro. A razão porque no Minho as igrejas têm muita talha dourada e quase todas elas sofreram grandes obras e a grande maioria são construções do século XVIII foi com o dinheiro que veio do Brasil. Como eram do Minho, eram dessa região levaram também um conjunto de tradições para o Brasil. Levaram a povoar com elas as suas tradições culturais e religiosas que tinham cá.<sup>36</sup>*

Portanto, muitos garimpeiros enriqueceram e enviaram grandes somas de dinheiro para Portugal. Esse dinheiro financiou a construção de diversas obras como solares e ricas igrejas talhadas em ouro, sobretudo entre 1720 e 1780, período que coincide, por exemplo, com a construção da Igreja do Carmo, localizada na cidade do Porto e edificada entre os anos de 1756 e 1768.

**Imagem 33: Talhas em ouro no interior da Igreja do Carmo, Porto, Portugal.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Setembro de 2015.

O declínio da extração de ouro no centro de Minas Gerais fez com que muitos dos garimpeiros se aventurassem pelo interior do território para buscar novas áreas de mineração ou mesmo de subsistência. Foi assim que vários deles se enveredaram a oeste das minas, chegando na região onde hoje situa-se o município de Estrela do Sul, conforme citado na seção 2.

<sup>36</sup> Entrevista com José António da Mota Alves, presidente da ATAHCA, em setembro de 2015, em Vila Verde, Braga, Portugal.

A devoção à Nossa Senhora da Abadia se espalhou por todo o interior brasileiro, sobretudo em Goiás e Minas Gerais. Foram edificadas diversas igrejas em homenagem à padroeira. A primeira delas data do início do século XVIII e foi erguida em Jandaíra, na Bahia. A devoção em Romaria – MG só começa mais de um século depois, como pode ser observado a seguir.<sup>37</sup>

**Quadro 3: irradiação da devoção a Nossa Senhora da Abadia no Brasil.**

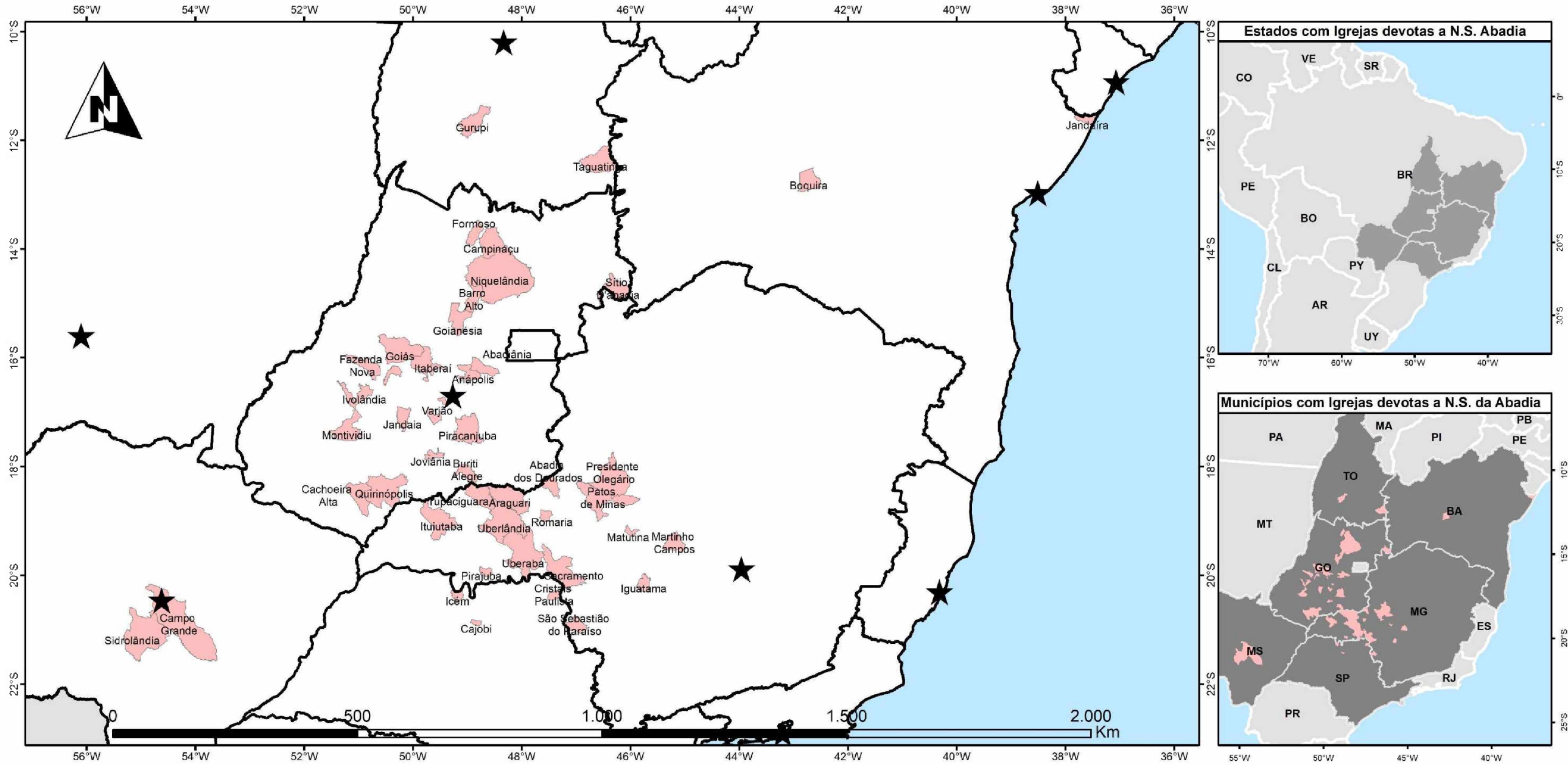
<b>Ano da criação da paróquia ou do início da devoção</b>	<b>Cidade</b>	<b>Estado</b>
1718	Abadia (Jandaíra)	Bahia
1790	Cidade de Goiás	Goiás
Por volta de 1800	Muquém (Niquelândia)	Goiás
1838	Martinho Campos	Minas Gerais
1855	Piracanjuba	Goiás
1858	Tupaciguara	Minas Gerais
1862	Iguatama	Minas Gerais
1886	Abadia dos Dourados	Minas Gerais
1870	Romaria	Minas Gerais
1889	Andrequicé (Presidente Olegário)	Minas Gerais
1912	Campo Grande	Mato Grosso do Sul
1915	Taguatinga	Tocantins
1916	Cajobi	São Paulo
1919	Cristais Paulista	São Paulo
1921	Uberaba	Minas Gerais
1925	Buriti Alegre	Goiás
1940 (devoção desde 1780/1790)	Itaberaí	Goiás
1944	Matutina	Minas Gerais
1951	São Sebastião do Paraíso	Minas Gerais
1955	Itauçu	Goiás
1956	Sidrolândia	Mato Grosso do Sul
1957	Goianésia	Goiás
1961	Posse da Abadia (Abadiânia)	Goiás
1962	Quirinópolis	Goiás
1962 (devoção desde aproximadamente 1905)	Icém	São Paulo
1962	Boquira	Bahia

<sup>37</sup> Grande parte das informações apresentadas no quadro foram levantadas pelo Monsenhor Geraldo Magela e sua equipe, enquanto ele era o pároco responsável pelo Santuário de Nossa Senhora da Abadia. Acredita-se que exista outras igrejas em devoção à mesma padroeira pelo país, mas tal levantamento é moroso e deve ser feito continuamente.

1964 (devoção desde 1894)	Cachoeira Alta	Goiás
1965	Fazenda Nova	Goiás
1966	Ituiutaba	Minas Gerais
1967	Jandaia	Goiás
1968	Varjão	Goiás
1969	Sanclerlândia	Goiás
1969 (devoção desde 1961)	Gurupi	Tocantins
1975	Joviânia	Goiás
1976	Ivolândia	Goiás
1976	Anápolis	Goiás
1986	Pirajuba	Minas Gerais
1989	Montividiu	Goiás
1990	Formoso	Minas Gerais
1991	Patos de Minas	Minas Gerais
1993	Barro Alto	Goiás
1998	Uberlândia (bairro Custódio Pereira)	Minas Gerais
2001	Uberlândia (bairro Patrimônio)	Minas Gerais
2001	Abadia de Goiás	Goiás
2010 (devoção desde 1877)	Sacramento	Minas Gerais
-	Sítio da Abadia	Goiás
-	Araguari	Minas Gerais
	Barro Alto	Goiás
	Goianésia	Goiás
	Campinaçu	Goiás

Fonte: AGENDA ROMARIA 2005; MARQUES, Luana Moreira.

# Municípios com Igrejas devotas à Nossa Senhora da Abadia no Brasil



## Convenções Cartográficas

- ★ Capitais Estaduais
- Limites Estaduais
- Municípios com Igrejas devotas à N.S. da Abadia

Projeção: Geográfica  
Datum: SIRGAS 2000

Fontes:  
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)  
Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT)

Elaboradores:  
MARQUES, L. M., SILVA, A. M., PEREIRA, V. P. B., 2017.

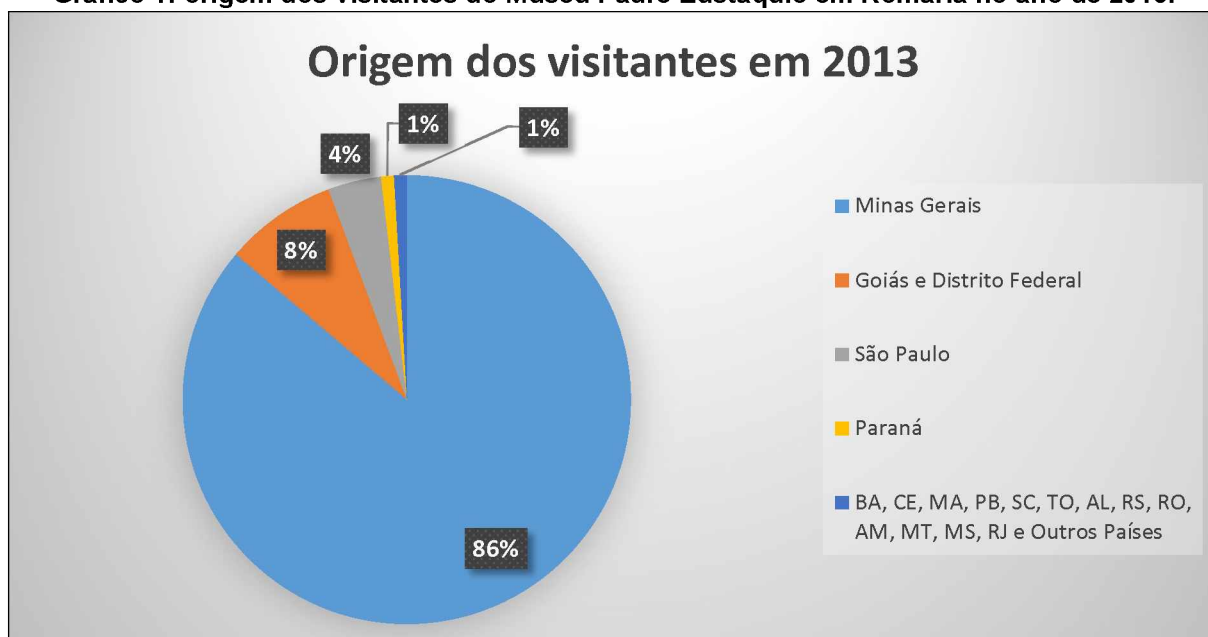
Mapa 3: A influência regional da devoção de Nossa Senhora da Abadia em Romaria-MG.



Os garimpeiros que chegaram à Romaria, em boa parte de origem portuguesa, continuaram reproduzindo suas crenças que se constituíam como parte de sua identidade. Nossa Senhora da Abadia significava, para eles, a mãe protetora que guiava, protegia e os ligava a Deus, assim como ainda o é para muitos fiéis. Nessa perspectiva, milhares de devotos fazem, anualmente, a peregrinação ao município em questão para adorar a padroeira.

É praticamente impossível descobrir o universo exato dos romeiros anualmente, sobretudo em relação à quantidade de visitantes e suas origens. Entretanto, é possível ter uma estimativa. Para isso, foi utilizado como base de dados um caderno de assinaturas dos peregrinos que visitaram o Museu do Padre Eustáquio no ano de 2013, excluindo-se os próprios moradores da cidade. Apesar de se tratar de uma amostra, ela é capaz de oferecer uma estimativa da influência espacial da devoção à padroeira, conforme gráfico a seguir.

**Gráfico 1: origem dos visitantes do Museu Padre Eustáquio em Romaria no ano de 2013.**

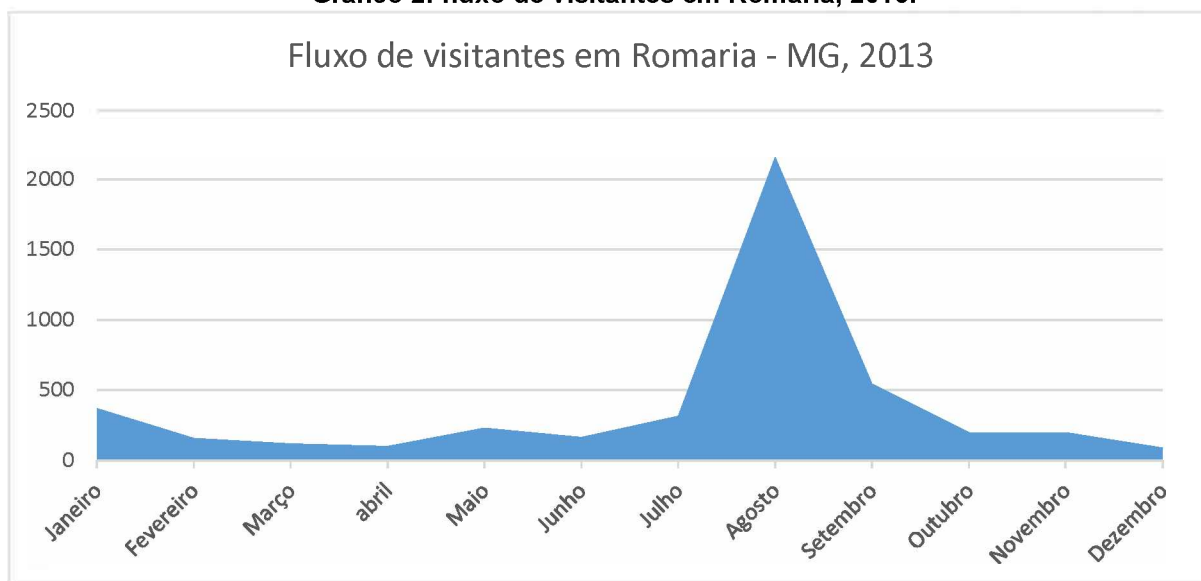


A partir dos dados colhidos é possível comprovar o grande fluxo de devotos mineiros em Romaria, responsáveis por 86% do total de visitantes. Esses indivíduos provêm, sobretudo, de cidades do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba como Uberlândia, Patrocínio, Araguari, Patos de Minas, Araxá, Monte Carmelo, Carmo do Paranaíba e Uberaba, entre outras, além de fiéis vindos de outros estados brasileiros.

Em segundo lugar estão os moradores do estado de Goiás e do Distrito Federal, com destaque para as cidades de Brasília, Catalão, Goiatuba e Goiânia, de onde saem centenas de devotos para Romaria todos os anos. Os estados de São Paulo e do Paraná também são origem de dezenas de peregrinos. Por último e em número bem reduzido, estão os romeiros provenientes da Bahia, do Ceará, do Maranhão, da Paraíba, de Santa Catarina, de Tocantins, de Alagoas, do Rio Grande do Sul, de Rondônia, do Amazonas, de Mato Grosso, de Mato Grosso do Sul, do Rio de Janeiro e de destinos internacionais como Holanda, Espanha e Estados Unidos. Observa-se, portanto, que a origem dos romeiros é diversa, mas há uma predominância dos visitantes das cidades de entorno de Romaria, Minas Gerais.

O gráfico a seguir representa o fluxo de visitantes em Romaria. Conforme esperado, o fluxo aumenta significativamente no mês de agosto – período que antecede a Festa de Nossa Senhora da Abadia.

**Gráfico 2: fluxo de visitantes em Romaria, 2013.**

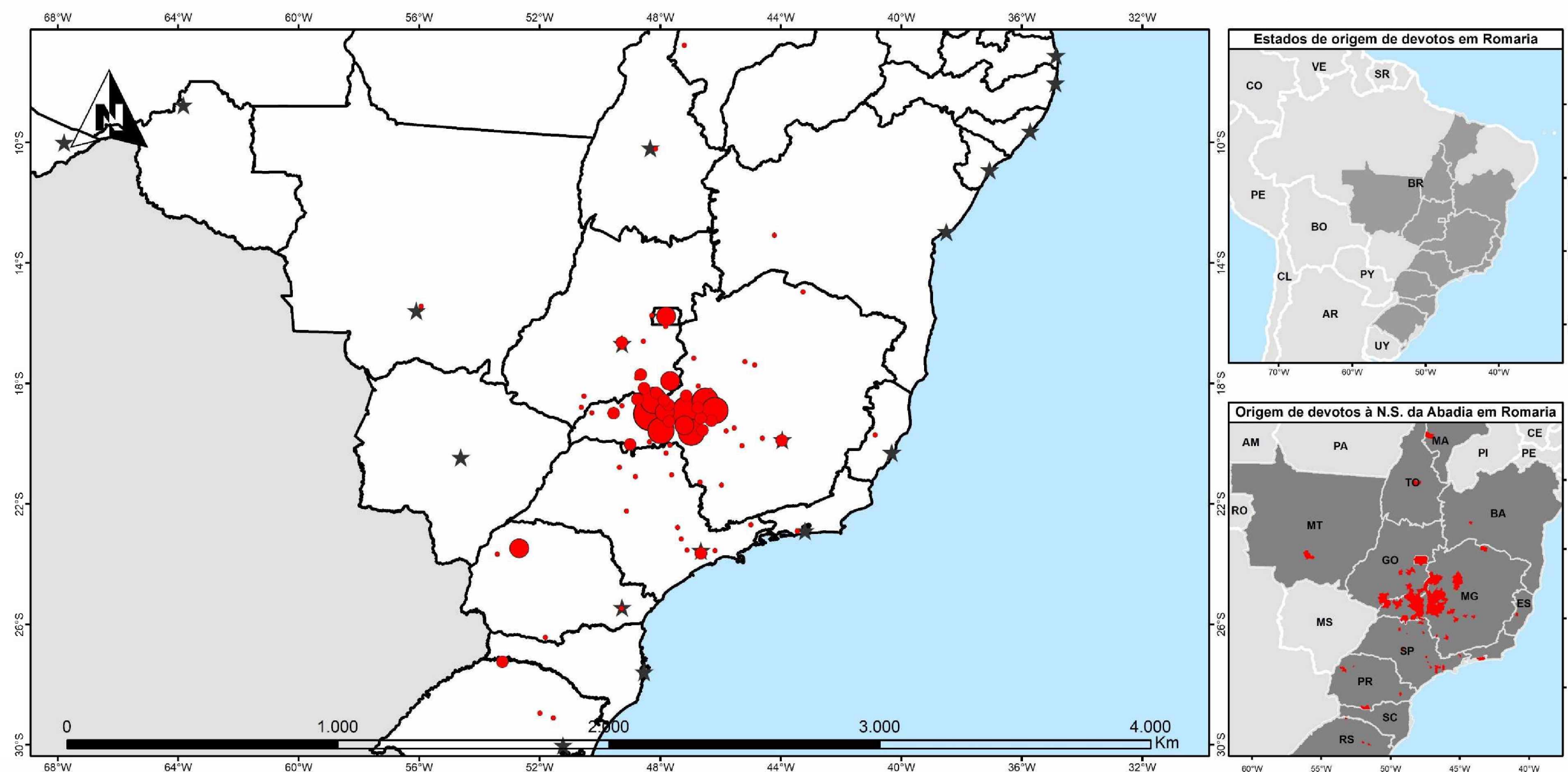


É importante ressaltar, mais uma vez, que os dados utilizados apresentam uma estimativa da origem dos visitantes, uma vez que não há um rigor estatístico na coleta dessas informações. Foi possível identificar, em 2013, 4652 visitantes do museu, já tendo sido excluídos os registros dos moradores de Romaria que passaram pelo lugar. Este número é bastante reduzido se pensarmos que a festa reúne centenas de milhares de pessoas. É sabido que apenas uma parte dos peregrinos visitam o museu e novamente apenas uma parte desses visitantes deixam seu registro no caderno de

assinaturas. Todavia, os dados produzidos por tal documento corroboram as informações observadas nos diversos trabalhos de campo realizados em Romaria e em suas estradas de acesso.

O mapa a seguir é resultado do esforço de se tentar representar a origem dos romeiros:

## Quantidade de devotos à Nossa Senhora da Abadia em Romaria (2013)



### Convenções Cartográficas

- ★ Capitais Estaduais
- Limites Estaduais

### Número de devotos

- < 10
- 11 - 50
- 51 - 100
- 101 - 500
- > 500

Projeção: Geográfica  
Datum: SIRGAS 2000

Fontes:  
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)  
Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT)

Elaboradores:  
MARQUES, L. M., SILVA, A. M., PEREIRA, V. P. B., 2017.

Mapa 4: Origem dos romeiros em 2013.

A devoção à Nossa Senhora da Abadia gera um impacto regional. Várias cidades do Triângulo Mineiro, por exemplo, tornaram feriado a data da festa em homenagem à santa. O município de Uberlândia, por exemplo, tem como padroeira oficial Nossa Senhora do Carmo, mas sua população também comemora o dia de Nossa Senhora da Abadia. A reportagem a seguir aborda o tema:

### **Tradição elevou 15 de agosto a feriado regional**

por Flávia Ferraz em 14 de agosto de 2011

Em agosto, milhares de fiéis pegam a estrada para ir até Romaria e visitar o Santuário de Nossa Senhora da Abadia. Vão agradecer e pedir. Mas o motivo que leva essas pessoas à cidade não é especificado pela Igreja Católica. “O Santuário de Nossa Senhora da Abadia é visto como o maior centro de devoção à santa em todo o mundo, mas não é possível explicar o porquê de terem escolhido o local para pedir ou agradecer à santa”, afirmou o pároco da igreja da cidade, Geraldo Magela.

O padre credita à devoção dos peregrinos a transformação do local em referência para todas as cidades do Triângulo Mineiro e ainda alguns municípios do interior de Goiás. O aumento progressivo no número de fiéis que participam da festa transformou uma capela provisória construída em 1870 em um Santuário que atrai 150 mil pessoas durante um mês de comemorações, missas, novenas e batizados.

A peregrinação dos romeiros, que chegam a andar até 300 quilômetros para cumprir promessas ou agradecer à Nossa Senhora da Abadia, não é a única tradição mantida no mês de agosto. Ainda hoje, alguns fiéis seguem até Romaria nos tradicionais carros de boi. “No início da festa, por volta da década de 20, a cidade recebia 2 mil carros. Hoje, o número reduziu a 20, com origem de Coromandel e Patrocínio, mas servem para transmitir a cultura aos mais novos”, disse o padre Geraldo Magela.

A devoção também tornou a data em comemoração ao dia da santa – 15 de agosto – feriado regional. “Como a quantidade de devotos é elevada, os municípios da região instituíram a data no calendário para facilitar a ida dos romeiros até o santuário”, disse o padre. A tradição chegou a ser quebrada há alguns anos quando a Prefeitura de Uberlândia transferiu o feriado do dia 15 de agosto para 16 de julho, data de Nossa Senhora do Carmo, a padroeira oficial da cidade. “Não teve efeito nenhum, pois as pessoas ignoraram a mudança e decretaram feriado por conta própria. Por isso, o dia 16 (de julho) é considerado ponto facultativo”, afirmou o pároco. (FERRAZ, 2011, s/p)

Como apontado na reportagem, o deslocamento até a cidade é feito de diversas formas: a pé, de bicicleta, a cavalo, de ônibus, carro, caminhão, carros de boi, dentre outros. No início de cada mês de agosto, as rodovias são tomadas pelos peregrinos a caminho de Romaria-MG. O movimento desses sujeitos é um fato estabelecido e vivido anualmente na região. Trata-se de um fluxo complexo e rico de pessoas, rituais, mercadorias, doações, trocas e fé. A seção a seguir traz nuances e experiências encontradas nos caminhos de Romaria.

## **5. Aos pés de Nossa Senhora da Abadia: pelos caminhos de Romaria - MG**

São muitos os caminhos para se chegar aos pés de Nossa Senhora da Abadia em Romaria, Minas Gerais. O primeiro deles parte de um fundo de vale localizado ao norte de Portugal, na região do Minho, como observado na seção anterior. De lá vieram os primeiros devotos da santa que se espalharam pelo Brasil há alguns séculos. Nessa nova terra dezenas de povoados e igrejas foram dedicados à Senhora da Abadia, fazendo com que o culto se difundisse. Um dos principais lugares de devoção à santa se encontra em Romaria, uma pequena cidade no interior de Minas Gerais. Para se chegar lá os caminhos também são muitos e por eles passam todos os tipos de sujeitos e práticas – tema principal da presente seção.

Os resultados aqui apresentados partiram da realização de diversas visitas ao município de Romaria, Minas Gerais entre os anos de 2011 e 2017. Nestas ocasiões foram feitas entrevistas e coletadas informações sobre o culto à padroeira. Os dados obtidos em campo foram conjugados a alguns trabalhos bibliográficos e disponibilizados a seguir.

### **5.1 Os múltiplos sujeitos e caminhos até Romaria – MG**

O conjunto de mística, identidade, tradição, reconhecimento com o lugar, entre outros elementos e ações faz de Romaria um centro de peregrinação complexo. Nas estradas percorridas surgiram pessoas de todos os tipos e com diversas motivações, o que gera impacto nas rodovias, abarrotadas de romeiros dividindo o espaço com barracas de assistência e veículos. Tal complexidade pode ser verificada pelos sujeitos que atuam neste lugar e por suas práticas. Algumas de suas histórias serão retratadas a seguir. Elas compõem e representam uma parte do caleidoscópio que é a peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia em Romaria e a festa em devoção à padroeira.

Nossa Senhora é referência de mãe, de cuidadora, de amor para o devoto. Nas jornadas de peregrinação o devoto a reverencia de diversas formas: alguns se caracterizam de santos, de anjos, etc., outros carregam símbolos que representam as graças alcançadas, há aqueles que fazem toda a jornada em silêncio, assim como há

os que vão rezando o terço ou praticando outro ritual. Vez ou outra encontram-se devotos carregando cruzeiros ou, de forma comum, crianças de colo que teriam recebido a graça da mãe de Jesus. Talvez o mais comum seja o peregrino que conjuga o sagrado e o profano durante as horas de romaria. Entre uma reza e outra contam “causos”, fofocam, riem, agradecem e reclamam. Trata-se de uma junção de sentimentos e de ações que representam a complexidade do próprio ser humano. Nessa perspectiva, ao mesmo tempo que a romaria é doação e privação, ela também é festa e conforto. Ela purifica a alma, cansa o corpo e renova as esperanças.

Não há uma forma ideal de ir à Romaria. Cada um o faz de acordo com as próprias conveniências. Na rodovia que liga esta cidade a Uberlândia o maior fluxo se dá no final de semana que precede a festa. Muitos peregrinos a pé se organizam para se colocar no caminho após a jornada de trabalho. Os mais tradicionais não se permitem começar a peregrinação desde a saída da cidade, a regra é iniciar a jornada da própria casa, o que se torna, para eles, motivo de orgulho. *“Saio de casa mesmo, toda vida que eu fui de a pé saí de casa, porque tem gente que vai até no [bairro] Morumbi de ônibus pra depois ir... [...] Eu acho que a gente tem que saí da casa da gente porque se for de ônibus até lá uai... aí é promessa falsa.”*<sup>38</sup> A promessa falsa é o mesmo que “roubar do santo” ou trapacear. Assim também o é em outras peregrinações como em Santiago de Compostela, onde a bravura do peregrino está diretamente ligada a seu ponto de saída.

Por esse motivo, no rumo de Compostela, o essencial não é o ponto de chegada, comum a todos, mas o ponto de partida. É ele que determina a hierarquia sutil que se estabelece entre os peregrinos. Quando dois caminhantes se encontram, eles não se perguntam “Aonde você vai?” – a resposta é evidente –, nem “Quem é você?”, porque, no Caminho, não se é ninguém a não ser um pobre santiagueiro. A pergunta que fazem é “De onde você partiu?” E a resposta permite imediatamente saber com quem se está lidando. Se o peregrino escolheu um ponto de partida a 100 quilômetros de Santiago, trata-se provavelmente de um simples caçador de diploma: essa distância é o mínimo exigido para receber, na chegada, a célebre *compostela* em latim, que certifica que a peregrinação foi realizada. Essa distinção obtida com esforço mínimo suscita entre os “verdadeiros” peregrinos uma ironia mal dissimulada. Na prática, reconhecem-se como fazendo parte da confraria apenas os caminhantes que percorreram os grandes itinerários espanhóis a partir dos Pireneus. [...] (RUFIN, 2015, Edição Kindle – posição 131-139)

<sup>38</sup> Entrevista com devoto de Nossa Senhora da Abadia, em Uberlândia, em fevereiro de 2017.

No caminho para Romaria é comum ouvir pessoas comparando quanto tempo gastaram para chegar à saída de Uberlândia. Uns demoram duas horas, outros até seis horas, dependendo do lugar onde residem. Por outro lado, há aqueles que não se importam com esse estigma do “verdadeiro romeiro” e economizam alguns quilômetros iniciando a caminhada já na rodovia sentido Romaria ou nos bairros próximos a ela.

A caminhada é longa e dolorosa. Ao longo do trajeto os romeiros encontram as mais diversas dificuldades como respirar através das queimadas – comuns no mês de agosto, disputar espaço com carros e caminhões que passam em alta velocidade pela rodovia, vivenciar o tempo seco e o calor do dia conjugado com o frio da madrugada e carregar as dores, bolhas e contusões, além do peso das mochilas.

**Imagem 34: dificuldades e paisagens vivenciadas no caminho de Romaria.**





De cima para baixo destaque para: tráfego intenso de automóveis na rodovia que liga Uberlândia a Romaria na semana que precede a Festa da Padroeira. Falta de acostamento em parte do trajeto. Queimada. Mudança de temperatura durante os dias e as noites. Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto de 2016.

O sofrimento faz parte da jornada e define, em parte, o peregrino. Um deles reside em Uberlândia e completa 67 anos em 2017. Ele conta mais doze romarias a pé desde o ano de 1971 e diz que boa parte delas não foi motivada por promessa ou voto, mas por gostar da prática. Nos anos que não fazia o caminho a pé, chegava à Romaria de ônibus, caminhão ou mesmo de carona. Revisitando as memórias, este senhor conta as dificuldades da primeira experiência na estrada:

*Primeira vez que eu fui sofri demais, sem experiência, né? Eu num tinha experiência com estrada, nunca tinha andado uma caminhada dessa distância, né? Saí, saí acho que mais ou menos umas quatro horas da tarde, aí rumei uma mochila daquelas de malote de correio e fui. Naquele tempo chovia, costumava chovê na época da festa, levei cobertor, levei brusa, levei capa de chuva, levei cumida, garrafa d'água, né? Naquela época num tinha tanta barraca de apoio igual tem hoje, né? A botina meio apertada... quando cheguei no Olhos d'água [bar na saída de Uberlândia para Romaria] eu entrei pra tomá um refrigerante, a hora que eu parei assim os pé doeu demais, tirei a butina, tinha bolha d'água pra tudo quanto é lado no pé. Nossa Senhora, aí lascou. Fui carçá a butina, custei a dar conta. Aí fui até no rio, né? Tirei as butina de novo, aquilo os pé virou aquele trem doido, esfriou do sangue, aí fui até no trevo de Indianópolis. Aí encontrei um cara lá, nois conversamo e ele falou "ah, vou vortá, num tem jeito não, num guento não", pensei: "então vou vortá também". [...] Aí nóis foi pro posto lá do trevo de Indianópolis. A hora que tava chegando perto do posto, os pé parece que deu uma animada. Eu*

*falei: vamo tentá ir na Antena [barraca de apoio]? Ele falou: “não, num dou conta não”. Aí eu tentei, né? Cheguei na antena bem de madrugada, os pé tava... um frio, naquela época caia muita geada, tava branquim de geada, né? Cheguei lá, eles tava dano aquele banho de água quente no pé da gente lá. Dei uma banhada nos pé deu uma miorada, furaru as bolha né? Aí no outro dia de manhã cedo, de madrugada, fiquei uma hora, uma hora e pouquinho lá [na barraca de apoio] e saí. Eles falava assim que a [barraca da] Antena era a metade do caminho. Aí saí cedo, custando a andar, depois até esquentar... Aí o dia clareô, aí eu vi uma praquinha: dez quilômetro de Romaria. Parece que foi um alívio, né?”<sup>39</sup>*

O entrevistado conta que quando decide fazer a romaria a pé começa a preparação até um mês e meio antes, fazendo caminhadas diárias que semanalmente somam vinte horas de treino. Também variam os lugares de caminhada para simular diferentes elevações e pisos. Ele se acostumou em fazer a caminhada até Romaria em vinte horas, permanecendo uma hora na barraca da Antena. Esta é a opção de parte dos romeiros que deixam Uberlândia em sentido ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia. Eles tendem a fazer a caminhada de uma só vez, sem dormir, gastando, em média, entre 18 e 24 horas para terminar a jornada que tem cerca de 70 quilômetros, aumentando ou reduzindo de acordo com o percurso escolhido.

O depoimento do peregrino vai ao encontro das palavras de Ruffin (2015) que fez o Caminho de Santiago de Compostela. Apesar das peregrinações terem proporções completamente diferentes, as reações do corpo frente às longas caminhadas parecem se convergir:

O caminhante, ao fim de algumas horas, percebe outra presença: a de seu corpo. Esse instrumento de praxe silencioso começa a ranger. Diversas corporações que compõem essa complexa administração se apresentam ruidosamente uma após outra, começam a reivindicar e acabam berrando todas ao mesmo tempo. A digestão é a primeira a se manifestar com suas bem conhecidas armas: a fome, a sede, a barriga roncando, as tripas se torcendo, impõem uma parada... os músculos vêm em seguida. Não importa o esporte que se faça habitualmente, nunca se treinam os músculos certos. O desportista que abordou o Caminho com a arrogância daquele que já viu de tudo será o primeiro a se surpreender de, apesar de tudo, sentir dor em todo canto. A pele que, em geral, sabe se fazer esquecer se fará lembrar ao caminhante em todos os lugares nos quais algo inche, coce, irrite, fure. Os órgãos desprezíveis, as necessidades, as contrariedades, sobem das profundezas do corpo e acabam ocupando os andares nobres. Interrompem a alegre sarabanda das imagens e dos sonhos, à qual o peregrino tinha se abandonado no início. (RUFFIN, 2015, Edição Kindle – posição 1262-1268)

<sup>39</sup> Entrevista com devoto de Nossa Senhora da Abadia, em Uberlândia, em fevereiro de 2017.

Tanto Rufin (2015) quanto o romeiro entrevistado comentam sobre o peso da mochila, que não segue despercebido. Ela passa a ser extensão do corpo do peregrino e diz muito sobre seus medos, como o medo do frio, da fome, da sede... Um breve exame nos pertences dos caminhantes reflete suas inseguranças e seu despojamento frente à vida. Não se trata apenas das incertezas do caminho, mas dos medos da vida.

[...] o essencial consiste em meditar sobre a noção de carga e, mais além, sobre a necessidade, sobre o objeto, sobre a angústia que se liga à posse. “O peso é o medo.” Partindo daí, cada um é chamado a refletir. Um pulôver: é necessário. Levo dois: por quê? De que tenho tanto medo? O frio é realmente ameaçador, ou é meu inconsciente que, a esse respeito, pesa com todo o peso de minhas neuroses? (RUFIN, 2015, Edição Kindle – posição 2077)

O romeiro entrevistado lembra do peso carregado em sua primeira jornada. Ele destacou que carregava consigo muita água, comida e panelas que não foram necessárias, pois não conseguia se alimentar direito. “*Eu punha aquela mochila nas costas, punha no ombro... deu uma vontade de jogá aquilo no mato! Mas com aquele tempo frio demais, né? Tinha que levá as coisa, cabô que num cumia a comida nada, num tinha fome né?*”<sup>40</sup> O peso da mochila refletia seus medos, o medo da fome, da sede, a insegurança de passar dificuldade no caminho num tempo em que as barracas de assistência eram raras. Hoje, com a experiência de mais de uma dezena de romarias a pé, ele leva apenas o essencial. Já em Compostela, os objetos vão sendo abandonados pelo caminho para reduzir o peso carregado. A caminhada parece mostrar o que realmente é imprescindível para a jornada da vida.

Durante o percurso os romeiros se apropriam do espaço destinado ao tráfego dos veículos automobilísticos. Tratam-se de dois usos com tempos diferentes: o rápido e o lento. O tempo rápido da rodovia pensada e destinada para as máquinas passa a se conjugar ao tempo lento dos passos cansados. Este embate é marcado por algumas concessões que nem sempre são suficientes para garantir a segurança tanto dos motoristas quanto dos pedestres.

---

<sup>40</sup> Entrevista com devoto de Nossa Senhora da Abadia, em Uberlândia, em fevereiro de 2017.

**Imagem 35: dois usos e dois tempos no mesmo espaço.**



As placas indicam que os romeiros também utilizam o espaço construído para a passagem das máquinas. Fonte: MARQUES, Luana Moreira; 2016.

Normalmente, os romeiros caminham em sentido oposto ao tráfego, nos trechos mais perigosos fazem fila única espremendo-se no que existe (e quando existe) de acostamento. É comum deparar-se com placas que informam a presença dos peregrinos, entretanto os acidentes, por vezes fatais, seguem acontecendo ano a ano, conforme algumas manchetes a seguir.

**Imagem 36: manchetes sobre acidentes com romeiros nas estradas de acesso à Romaria-MG.**



Fonte: NEVES, 2014; PIRES, 2013; JÚNIO, 2011; JM ONLINE, 2012 (respectivamente de cima para baixo e da esquerda para a direita).

No ano de 2016 uma das faixas da BR 365, que liga Uberlândia à Romaria, foi separada exclusivamente aos romeiros nos dias que antecederam a Festa de Nossa Senhora da Abadia. Todavia, isto não resolveu o problema, pois apenas alguns trechos são duplicados e apresentam essa possibilidade de separação entre carros e pessoas. A falta de segurança nas estradas é uma das principais reclamações, tanto dos condutores como dos pedestres da região. Alguns fiéis destacam a necessidade de se criar um caminho alternativo para a romaria a pé, mas isso não parece ser economicamente viável nem para o poder público e nem para a iniciativa privada.

Durante o trajeto a paisagem vai mudando e se adaptando aos novos usos impostos ao espaço. Nos dias de maior fluxo, sobretudo nos fins de semana que antecedem a festa, os acostamentos e alguns pontos ao longo da rodovia se tornam espaços de apoios particulares e públicos. Mas nada disso é definitivo, pois os arranjos vão sendo feitos na medida do que é possível, das doações recolhidas e distribuídas, do tempo disponível dos voluntários, entre outra série de fatores.

Chamou-me a atenção o primeiro posto de combustível após a cidade de Indianópolis, onde encerrei minha tentativa de peregrinação entre Uberlândia e Romaria. No amanhecer de sete de agosto de 2016 esse lugar estava repleto de pessoas que acompanhavam os romeiros prestando-lhes assistência. Na beira da rodovia lembro de ter encontrado um grupo de assistencialistas que doava alimentos, bebidas e tentava aliviar as dores musculares dos romeiros por meio de massagens feitas com uma mistura à base de arnica.

O lugar era ponto de parada de muitos peregrinos que utilizavam os sanitários, tomavam café, descansavam e se encontravam com parentes ou amigos. Para onde

se olhava haviam pessoas. Muitas delas faziam do chão e dos bancos seus próprios leitos. Tratava-se do tempo de amenizar o cansaço da caminhada.

Foi apenas ali que consegui me comunicar com minha família e pedir ajuda para retornar à Uberlândia. A massagem recebida e o cheiro da arnica marcaram profundamente minha passagem naquele lugar. Lá constatei a efemeridade da maioria dos pontos de apoio, porque no final de semana seguinte, às vésperas da festa, o posto já não era o mesmo. Não haviam sinais de caminhantes, de pontos de assistência ou de grande fluxo de pessoas. O que era fixo continuava lá, sendo reduto de abastecimento aos veículos e às pessoas, mas apenas para aqueles que utilizavam a rodovia no fluxo rápido das viagens motorizadas. O vazio dos acostamentos me surpreendeu e, de certa forma, também me deixou uma sensação de vazio, pois me dei conta da essência do caminho e, talvez, da vida, ambos fluidos, num movimento que é constantemente transitório e passageiro.

Apesar de efêmeros, os pontos de apoio são fundamentais a boa parte dos romeiros. É nesses lugares que eles se alimentam, descansam, confraternizam, fazem suas orações e cuidam das feridas. As pessoas se tornam voluntários por vários motivos. Um dos mais comuns é o pagamento de uma promessa, mas há também aqueles que ajudam por sentirem prazer na doação e até para assumir o papel social de seus antepassados. O ato de peregrinar, de dar apoio e de ser devoto em Romaria parece se firmar mais numa espontaneidade do sujeito do que se acorrentar à duras regras ou normas. É por isso que tantos arranjos são feitos a todo o tempo nessas jornadas de peregrinação.

Durante a caminhada eu conheci muitas histórias. A maioria se relacionava à devoção, à superação e aos milagres concedidos pela padroeira. Nos pontos de apoio os trabalhadores mais experientes também já ouviram incontáveis relatos que se somam à própria experiência de romaria. Uma dessas barracas completou, em 2016, 29 anos de apoio aos peregrinos. Soube que o fundador da barraca foi um romeiro que encontrou muita dificuldade durante a caminhada, principalmente pela falta de pontos de apoio. Após completar a romaria, ele se comprometeu a ajudar os demais caminhantes nos anos seguintes. Mesmo não morando mais na região, sua iniciativa prevaleceu e são realizadas uma série de arranjos para que a barraca seja montada anualmente, como a vinda da maioria dos voluntários de Belo Horizonte e a formação de uma rede de apoio para que o trabalho seja realizado.

Duas outras barracas se destacam por fazerem o trabalho voluntário há muitos anos e permanecerem acolhendo os peregrinos 24 horas por dia durante todo o período de maior fluxo da romaria: a barraca Bethânia e a barraca da Antena. A primeira iniciou seus trabalhos em 2006 e a segunda, mais antiga e tradicional, em 1977, sendo que seu grupo de fundadores iniciou o apoio aos romeiros na estrada – sem estabelecer-se na barraca – desde 1972. Ambas oferecem boa estrutura de apoio, sempre se fixam no mesmo lugar e recebem grande quantidade de doações, sobretudo nos dias próximos ao evento.

**Imagem 37: Barraca Bethânia atendendo romeiros durante a madrugada.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira; agosto 2016.

**Imagem 38: barraca da Antena.**





Respectivamente de cima para baixo da esquerda para a direita: visão panorâmica da barraca (agosto de 2016); romeiros e voluntários no final de semana (agosto de 2016); cozinha (agosto 2016); abastecimento de água e barris de água quente para escalda-pés (agosto 2016); dormitório dos romeiros (agosto 2016); área interna central da barraca (agosto 2014); despensa de alimentos e bebidas da barraca (agosto 2014). Fonte: MARQUES, Luana Moreira; 2014 e 2016.

A barraca da Antena é a mais tradicional e antiga de todo o caminho entre Uberlândia e Romaria. Ela ganhou este nome porque está localizada em frente à uma grande antena de telecomunicações, no km 567 da BR-365 e é conhecida por marcar a metade do caminho entre Uberlândia e Romaria, apesar de estar mais próxima do destino de chegada do que o de partida.

De acordo com uma das voluntárias, a história da barraca começou com o trabalho de um frei que em 1972 reuniu um grupo de pessoas de Uberlândia para dar assistência na romaria de Nossa Senhora da Abadia, uma vez que os peregrinos

enfrentavam grandes dificuldades no caminho. Cinco anos mais tarde a Prefeitura Municipal de Uberlândia começou a apoiar a ação. Na época, a infraestrutura da barraca era reduzida e precária. A água era coletada e transportada em baldes, não havia energia elétrica e a assistência era prestada apenas durante o dia.

Atualmente, os voluntários se dividem em dois turnos e atendem os peregrinos durante 24 horas. A estrutura física para o apoio também cresceu e a barraca conta com banheiros, área de dormitório, cozinha e refeitório. Também é oferecido atendimento com enfermeiros da prefeitura e é disponibilizada uma ambulância que faz o traslado dos peregrinos que, por ventura, apresentem alguma complicação médica durante a caminhada.

As doações chegam a todo o momento. São quitandas, sacos de frutas e verduras, fardos de bebidas, material de limpeza, entre outros gêneros doados por devotos ou por simpatizantes da causa. O maior fluxo de pessoas atendidas vem dos municípios de Uberlândia, Uberaba, Araguari e Itumbiara que utiliza a BR-365 para acessar Romaria. Destaca-se que o apoio não se restringe aos pedestres, pois é comum verificar o atendimento de outros tipos de romeiros como cavaleiros, ciclistas, motociclistas e até mesmo os que chegam de automóvel e querem tomar um café ou estabelecer uma prosa na barraca.

#### **Barraca inicia apoio aos fiéis na BR-365 entre Uberlândia e Romaria**

04/08/2015 / Do G1 Triângulo Mineiro

Estrutura fica no quilometro 567 e funciona desde sexta-feira (1º). Unidade oferece assistência médica, massagens e alimentos aos romeiros.

Há 38 anos, a aposentada Rosário Martins Silva presta assistência na barraca de apoio aos fiéis que caminham rumo à festa religiosa de Nossa Senhora da Abadia, que acontece no dia 15 de agosto, em Romaria. A estrutura está funcionando desde o dia 1º de agosto, na altura do KM 567 da BR-365 e é coordenada pela Superintendência de Operações e Manutenção (SOM), ligada à Secretaria de Governo da Prefeitura de Uberlândia.

Aos 88 anos de idade, dona Rosário Martins explica como é o serviço voluntário na barraca. “Chego aqui por volta das 7h e volto pra casa às 19h. Faço todo este trabalho com amor porque sigo a doutrina franciscana. Sempre recebemos de braços abertos as pessoas. Elas chegam aqui com sede e fome e oferecemos alimentos que são doados pela população e empresas do setor de alimentos”, conta.

Com cerca 600 metros quadrados, a barraca conta com luz elétrica, banheiros e telefones públicos. Ela é dividida em duas tendas, sendo uma delas com dormitório que tem capacidade para 50 pessoas. O espaço é forrado com palha de arroz, que aquece e dá conforto a quem quiser dormir antes de seguir viagem. Quem precisar de assistência médica conta com apoio de profissionais, que farão teste glicemia e aferição de pressão. Para aliviar as dores nos pés dos romeiros,

são oferecidas massagens, banhos escalda-pés e curativos. Uma ambulância fica 24 horas no local para atender casos de urgência e emergência. Os interessados em fazer doações ou auxiliar os romeiros por meio de trabalho voluntário devem ligar no telefone (34) 3238-1466. (G1, 04 ago. 2015)

Os demais pontos de apoio funcionam de acordo com a disponibilidade de doações e de voluntários. Muitas famílias e grupos de amigos se reúnem e fazem esse trabalho apenas nos finais de semana ou somente durante o dia. Há também aqueles que auxiliam os romeiros ao longo da estrada distribuindo alimentos e bebidas e trasladando aqueles que não conseguem mais seguir em peregrinação. Nessa perspectiva, a troca com o santo não se dá apenas pelo sacrifício do corpo. Assim como o devoto que passou a dar apoio após uma experiência de romaria, há aqueles que prometem o mesmo se tiverem suas graças alcançadas.

Uma das entrevistadas, apesar de não ser mais católica, revisita a memória de quando era devota de Nossa Senhora da Abadia e prestava auxílio aos peregrinos:

*Em meados de 1990 nós tínhamos a cultura de visitar Romaria na época da festa. [...] Tudo começou porque eu fiz uma promessa de servir suco na estrada, já que eu achava muito difícil ir a pé, né? Eu achava muito dolorido ir a pé e eu achava também que ajudando pessoas Deus ia ficar mais feliz de que simplesmente eu me torturar e ir a pé. Então, assim... era muito bom, a gente interagia em família, acabava que também era uma forma de lazer, lazer ajudando pessoas, né? E era muito bom ver as pessoas naquele calor gigante receber uma laranjinha ou receber uma ajuda durante a festa. Então, tenho boas lembranças disso [...] naquela época, naquele momento eu me realizei como ser humano.<sup>41</sup>*

A entrevistada lembra que o pagamento promessa também media as sociabilidades e o lazer. Não se trata apenas do tempo e do espaço da devoção, mas também da realização do humano pela doação de seu tempo e de seu corpo para se chegar mais próximo do sagrado. É como se o indivíduo se tornasse um pouco mais puro ou um pouco menos pecador.

O caminho, portanto, se torna um espaço de sociabilidades. O objetivo comum – a chegada ao santuário – e o sofrimento aproximam os peregrinos. Essa aproximação é semelhante àquela vivida nos lugares públicos do cotidiano, as prosas iniciam-se com assuntos e comentários aparentemente despretensiosos e segue caso haja retorno. Não há um compromisso com o interlocutor, trata-se, mais uma vez, do

<sup>41</sup> Entrevista com ex-devota em Uberlândia, em março de 2017.

movimento espontâneo do peregrino no tempo de caminhada, conforme ilustrado na seguinte fala: *“Difícilmente cê vai sozinho, né? Sempre a gente vai conversando com uma pessoa, já coincidiu de achá muitas pessoas aqui do [bairro] Roosevelt, aí a gente vai conversando, vai introsando e caba indo junto né? Poucas veis que eu fui sozinho.”*<sup>42</sup>

Para alguns dos devotos a principal festa é a vivida no caminho. É nesse tempo e espaço que o peregrino estabelece sociabilidades, se desprende das obrigações do cotidiano e, apesar de cansar o corpo, parece renovar a mente. Tal proposição se encontra às falas dos trabalhadores voluntários. A autodoação, ao mesmo tempo que ajuda o outro, realiza a si mesmo. Assim, tanto os voluntários como os peregrinos encontram a diversão pelo caminho, diversão esta que é legitimada pela devoção.

Como destacado anteriormente, não há uma regra para se chegar aos pés da Santa em Romaria. Nessa perspectiva, é comum se deparar com dezenas de ônibus estacionados na periferia da cidade. Tratam-se, em sua grande maioria, de veículos que levam grupos excursionistas dos municípios da região até o Santuário da Abadia. Essas curtas viagens são realizadas em apenas um dia, sobretudo aos domingos. Enquanto aguardava o retorno do ônibus para sua cidade de origem, uma das devotas relembrou suas histórias de peregrinação:

*Eu [comecei a vir em Romaria] era menina aí de doze anos, hoje eu tô com 61 anos. [...] Mas na época que eu vim [pela primeira vez] com 12 anos era na carroceria de caminhão. Era 10, 12 caminhão que vinha junto, vinha de Araxá. Hoje não existe isso, ninguém anda de caminhão assim não. E na hora de juntar o pessoal pra ir embora os caminhão metia o dedo na buzina e virava aquele barulhão. Aí os romeiro juntava tudo, mas era bom. Foi muito bom.*<sup>43</sup>

Como diversas outras excursões da região, o ônibus da devota saiu de Tapira no domingo bem cedo, algumas horas depois chegou ao Santuário da Abadia, onde os fiéis participaram das missas e dos rituais formais da igreja. Na parte da tarde a maioria aproveitou para passear e fazer compras na feira da festa, conjugando a prática da fé e também a fruição do tempo livre.

<sup>42</sup> Entrevista com devoto de Nossa Senhora da Abadia, em Uberlândia, em fevereiro de 2017.

<sup>43</sup> Entrevista com devota de Nossa Senhora da Abadia, em Romaria, em agosto de 2016.

Além da peregrinação a pé e de ônibus, também se destacam os grupos de ciclistas, motociclistas, cavaleiros e carreiros de boi. Os grupos específicos têm alcançado tal dimensão que a eles têm sido dedicados, nos últimos anos, missas e bênçãos especiais. Um exemplo disso é a missa dos carreiros e a missa dos motociclistas. As fotos e as reportagens a seguir destacam a diversidade da peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia.

**Imagem 39: diferentes formas de peregrinação à Romaria - MG.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto 2014, agosto 2016, agosto 2016 (respectivamente).

## Em ato de fé, peregrinos de Uberaba cavalgam de mula até Romaria

Do G1 Triângulo Mineiro / 30/07/2014

Grupo de vinte fiéis faz percurso de 130 Km até santuário de santa em MG. Previsão é de que romeiros cheguem ao destino até próximo sábado (2).



Há cinco anos fiéis rezam juntos. (Foto: Reprodução/ TV Integração)

Vinte amigos de Uberaba, no Triângulo Mineiro, se juntaram para visitar o santuário de Nossa Senhora da Abadia, em Romaria. Os aventureiros, batizados de 'Tropeiros de Uberaba', pretendem realizar o percurso de 130 Km em cima de burros e mulas. O objetivo é chegar ao destino até o próximo sábado (2).

Há cinco anos os fiéis rezam juntos. São vinte amigos empenhados em cumprir um compromisso de fé. "A gente tem muita fé na santa. Sempre vamos na intenção de pedir ajuda e apoio a todos", comenta o mecânico Carlos Henrique Severino.

Vestidos com bota, camisa e chapéu, os integrantes têm como destino o santuário da padroeira da região, a Nossa Senhora da Abadia. Até lá, serão quatro dias caminhando pelas estradas do Triângulo Mineiro. "Eu levo um santinho junto, pois tenho certeza que vai me ajudar muito no caminho", conta o açougueiro Carlos Roberto de Rouza.

A comitiva segue a uma velocidade média de 6 Km/h. Serão sete horas por dia de cavalgada até o próximo sábado (2). O veterinário Bruno Ribeiro Silva participa pela primeira vez da caminhada. Ele comenta que está empolgado. "Acho que vai ser cansativo, mas não estou com medo do percurso. Espero chegar bem", afirma.

Junto com a comitiva, três amigos acompanham o percurso de caminhonete. O intuito é apoiar os cavalgadores em eventuais problemas. "Nós acompanhamos o pessoal pelo caminho e oferecemos frutas, água, ração para os animais. Em certos momentos, paramos em algum posto de combustível e fazemos uma confraternização, preparamos janta", conta o representante comercial Rafael Teles. [...]

Os romeiros descansam durante as noites em fazendas da região. Segundo o médico José Martins, o esforço vale a pena. "Encontramos pelo caminho muitas pessoas que vão para pagar promessas. Nós simplesmente temos o gosto e a devoção de participar desse passeio até Romaria", finaliza.

Fonte: G1 TRIÂNGULO MINEIRO, 13 JUL. 2014.

## Romaria: peregrinação movimentada rodovias da região

Por Samara Arruda, 5 de agosto de 2014  
*Movidos pela fé, cavaleiros e motociclistas deixaram Araguari neste final de semana e percorreram 98 quilômetros até Romaria*



Padre Márcio abençoa motocicletas que participaram da "Viagem de Fé", na garupa do motociclista araguarino Túlio. Foto: Divulgação

SAMARA ARRUDA – [...] Movidos pela fé, cavaleiros e cerca de 70 motociclistas deixaram Araguari neste final de semana e percorreram 98 quilômetros com destino à Romaria. Os araguarinos participaram de missas e foram abençoados em seu retorno ao município.

A peregrinação faz com as rodovias LMG-748, a MG-223 e a BR-365, fiquem tomadas pelos romeiros que promovem uma verdadeira caminhada de fé. A aposentada Maria Elizabete de Oliveira, realiza o trajeto há quase 20 anos e conta que o caminho é extenso, entretanto, é movido pela devoção. "Estou indo agradecer a Nossa Senhora por um pedido atendido sempre pedindo que Deus continue nos livrando de todos os perigos e abençoe nossos familiares e nossa cidade," contou. [...]

Além disso, os romeiros terão camas para repouso, banheiros, instalações próprias para banho, enfermeiros para aferição da pressão, lanches, frutas, caldos e refeições durante 24h por dia em barracas ao longo das rodovias. Os trabalhos de apoio se encerram no dia 14 de agosto.

Fonte: ARRUDA, 2014.

É intrigante pensar que num tempo-espaço em que os deslocamentos humanos a partir de meios de transporte motores têm sido cada vez mais fáceis, rápidos e confortáveis, os carros de boi continuam sendo uma das opções utilizadas para se chegar à cidade de Romaria. No passado, esse tipo de condução foi fundamental para a construção do Santuário de Nossa Senhora da Abadia. As pedras utilizadas para a construção do prédio da igreja foram transportadas nos carros de bois que era um dos poucos meios de transporte existentes. Para o Monsenhor Geraldo Magela, algumas famílias têm mantido a tradição da romaria de carro de boi como uma espécie de esforço cultural que resiste ao tempo, mesmo com a evolução das técnicas e meios de transporte. De acordo com ele:

*Toda técnica vai evoluindo e nós vamos deixando para trás muitos sinais da cultura de cada época, então o carro de boi é um sinal de uma cultura, né? É um sinal de uma época. [...] O carro de boi aqui pra Romaria foi um sinal muito importante em dois sentidos: um, era um meio de transporte do povo. Aqui chegou a se reunir cerca de dois mil carros de bois, conta o Padre Primo Vieira lá pelas épocas de 1920. Dois mil carros de bois vinham aqui pra festa de Nossa Senhora da Abadia. Por quê? Porque não tinha o caminhão... porque não tinha ônibus... não tinha ainda o automóvel... mas essa cultura as vezes ainda é resguardada por alguns grupos. Então nós temos esse grupo aí de devotos de Nossa Senhora da Abadia que resguardam essa tradição. Isso é um sinal muito bonito né? Então é um sinal cultural muito bonito dos nossos avós e que até hoje a gente que estima isso e procura preservar. Que Nossa Senhora da Abadia abençoe todo esse esforço cultural, abençoe todas essas famílias que mantenham essas tradições.*

*\_ Foi também os carros de bois que trouxeram as pedras aqui pro santuário... Você explicou bem... Era o segundo motivo que eu disse que era importante pra nós. Os carros de bois no tempo do bem aventurado Estáquio<sup>44</sup> que carregavam [as pedras]. As vezes vinham 100 carros de boi que reunidos aqui da região... de Indianópolis, Nova Ponte, aqui de Romaria... de Iraí de Minas, né?! Estrela do Sul... Esse povo vinha, reunia as vezes 100 carros de bois para carregar pedras para a construção do santuário. Então o santuário é o grande monumento do valor dos carros de bois. (CARROS DE BOI, DVD, 2012)*

O mapa a seguir traz a zona de convergência dos carros de boi para o município de Romaria em função da construção e da festa de Nossa Senhora da Abadia. Apesar de não mencionado, Monte Carmelo também é um dos municípios de origem de muitos grupos que fazem a romaria com seus carros de boi até hoje. A partir das entrevistas coletadas e de conversas informais no acampamento da festa em 2012, 2013, 2014 e 2016, foi possível fazer um esboço de como se dá a romaria de carro de bois.

<sup>44</sup> Padre Eustáquio Van Lieshout, beatificado em 2006.



**Mapa 5: Municípios de origem da maior parte dos carros de boi no período de construção do Santuário de Nossa Senhora da Abadia, em Romaria/MG.**  
 Fonte: LACAR, 2011. Organizado por Eleusa F. Lima. Adaptado por: MARQUES, Luana Moreira. 2013.

A preparação para a saída dos carros de boi começa cerca de seis meses antes da romaria. Neste período, alguns animais – aves, suínos e bovinos – são separados para o crescimento, engorda e abate antes (suínos e bovinos) e durante o evento (as aves são levadas vivas em gaiolas e abatidas no próprio acampamento), servindo como alimentação ao grupo de romeiros nos dias de peregrinação e festa. Na data que antecede a saída dos carros de bois também são preparadas quitandas de diversos tipos: pães de queijo, biscoitos, bolos, entre outros, para as refeições intermediárias (cafés da manhã e da tarde).

No dia da saída, o carro de boi é preparado. Ele recebe uma tolda para proteção contra as intempéries. Dentro do veículo são dispostos os objetos e alimentos que serão utilizados e consumidos no acampamento da festa. Dentre eles estão: colchões, lonas, fogareiros, panelas, quitandas, carnes, mantimentos, roupas de cama, produtos de higiene pessoal e limpeza. Em seguida os bois são “cangados”, isto é, unidos pelo pescoço com uma canga (aparelho de madeira colocado no pescoço dos animais para uni-los, assim eles conseguem puxar os carros de bois), como pode ser observado nas imagens a seguir.

**Imagem 40: preparação e saída em romaria dos carros de boi.**



Respectivamente da esquerda para a direita e de cima para baixo: bois unidos por cangas; carro de boi sendo preparado; “tolda” de folhagens cobrindo o carro; início da romaria com o carro já montado e carregado.

Fonte: arquivo pessoal de Márcio Limirio Coelho; agosto de 2010 e agosto de 2011.

O trajeto geralmente dura de dois a três dias, dependendo do lugar de onde saem os carros de bois. É comum que se formem comitivas durante o deslocamento. Assim, encontram-se grupos de três, quatro e até mais carros nas estradas da romaria. A maioria das famílias inicia a jornada no dia 10 de agosto, mas o grupo pesquisado em 2014 tem ido um ou dois dias antes (8 ou 9 de agosto), pois desta forma evitam o movimento da estrada, a poeira e têm mais opções de escolha na área de camping.

**Imagem 41: comitiva de carros de bois.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto de 2014.

Perguntado sobre quem faz a peregrinação nos carros de bois, um dos entrevistados respondeu que a maioria é de pessoas que vivem na roça: *“Realmente quem vai mais é cara de roça, de fazenda, eles trabalham por conta própria e não têm necessidade de tirar férias.”*<sup>45</sup> Por isso, conseguem ficar alguns dias afastados do trabalho. Tratam-se de trabalhadores autônomos ou com um regime profissional mais maleável que conseguem ser substituídos por outras pessoas durante a romaria. Esse arranjo é feito meses antes, de forma que o tempo de peregrinação se torna, também, o tempo do descanso, do lazer. Lazer que, de acordo com Joffre Dumazedier (1979) não se trata de ociosidade e também não suprime o trabalho, mas corresponde a uma liberação periódica do trabalho formal.

A romaria de carros de bois é fisicamente muito pesada. A função do veículo em questão é transportar todo o material para o acampamento (e não os romeiros), que conseqüentemente fazem a peregrinação ora a pé, ora a cavalo, descansando no

<sup>45</sup> Entrevista com carreiro em Monte Carmelo em setembro de 2013.

carro apenas em alguns momentos esporádicos. A exceção é na presença de mulheres e crianças – nesse caso é comum que eles sejam transportados no veículo.

Destaca-se que as comitivas agregam poucas pessoas, diferente dos acampamentos. Isso se dá pela reunião de familiares que chegam ao camping de outras formas, sobretudo utilizando automóveis. Ou seja, os patriarcas e os mais “aventureiros” fazem a peregrinação com os carros de bois, enquanto o restante das famílias empreende um fluxo maior e mais rápido a partir de outros veículos. Tal característica permite que os trabalhadores formais participem do evento fora do horário de trabalho.

O caminho ainda é tempo de festa. A jornada, que dura pelo menos dois dias, tem, no pouso, seu momento de maior descanso. É quando as famílias se reúnem, improvisam barracas, dão de beber e comer aos animais, preparam o jantar, bebem a pinga... Alguns fazem suas cantorias e dançam, outros contam os “causos<sup>46</sup>”. Este é o tempo de recomposição para um novo dia de romaria.

**Imagem 42: desmonte do pouso e café da manhã dos carreiros.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto de 2014.

<sup>46</sup> Histórias orais contadas em momentos de lazer. Podem refletir fatos ou terem como origem o imaginário.

A romaria também é momento de encontro. Muitos conhecidos passam um ano inteiro sem comunicação direta e se reencontram apenas durante a peregrinação e os dias de festa. O caminho é marcado por diversão, doação física, devoção. Sempre existem trocas. Destaca-se que as relações de troca não se dão somente com a comercialização de bens e serviços. Se entendermos as trocas como movimentos de cessão e recepção, veremos que a romaria só é possível a partir dessa dinâmica. É o sujeito que troca sua devoção pela graça do Santo; são os romeiros que trocam experiências ao longo dos caminhos; é o comerciante que troca bens e serviços pela moeda; é a instituição que cuida do espaço público em troca do reconhecimento popular.

Durante o trajeto, são coletados materiais a serem utilizados como estruturas e coberturas para as tendas, sobretudo bambus e folhagens, conforme pode ser observado nas imagens a seguir.

**Imagem 43: coleta de material para a montagem das barracas em Romaria-MG.**



À esquerda: destaque às folhagens que servirão como cobertura para as tendas. À direita: bambus que servirão como estrutura das barracas no acampamento. Fonte: arquivo pessoal de Márcio Limirio Coelho. Agosto de 2010.

A próxima parada é a cidade de Romaria. De acordo com um dos entrevistados, nos últimos anos os romeiros da sua comitiva foram diretamente ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia receber uma bênção especial dada pelo pároco local. Esse ainda não é um ritual tradicional, mas uma prática tem sido repetida e parece tender à ritualização.

**Imagem 44: bênção dada aos carreiros que chegam em Romaria - MG.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto de 2016.

Na foto à esquerda nota-se um trator ao invés do tradicional carro de boi. É interessante observar que a romaria de carros de boi também é feita a partir de arranjos. Muitos carreiros reclamam do alto custo para se manter os bois ao longo do ano, uma vez que no cotidiano das áreas rurais não se utiliza mais os carros de boi para deslocamento. Uma das saídas é empreender a peregrinação com o substituto do boi: o trator. Troca-se o pasto pelo óleo diesel e o carreiro pelo motorista, assim como o cavalo pela motocicleta. No final, todos se encontram no santuário ou no pouso, adicionando componentes ao caleidoscópio cultural que é a Romaria de Nossa Senhora da Abadia.

**Imagem 45: arranjos das romarias.**



Fonte: SILVA, Vicente de Paulo; agosto de 2015; MARQUES, Luana Moreira, agosto de 2016 (respectivamente).

Os arranjos no deslocamento também se estendem à estrada. As rodovias não foram feitas para os carros de boi, assim como também não recebem bem os pedestres. Apesar disso, os animais acessam o lugar dos veículos, conjugando dois tempos no mesmo espaço, conforme mostra a fotografia a seguir.

Imagem 46: carreiros na rodovia.



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto de 2016.

Após a bênção do pároco local, a montagem das barracas e a organização do acampamento encerra a primeira fase da peregrinação até Romaria. As famílias, de modo geral, permanecerão neste destino até o dia seguinte da coroação de Nossa Senhora da Abadia, quando farão o caminho de volta às suas casas.

Com a disseminação de outras formas de deslocamento para a Festa de Nossa Senhora da Abadia, as romarias de carros de bois sofreram grande decréscimo. Mas, para o grupo pesquisado e para o pároco de Romaria em 2017, tem havido um aumento desse tipo de fluxo nos últimos anos. Em 2012 contaram 14 carros, em 2013 foram 16 e em 2016 somaram-se 35 carros de boi.

Questionado sobre o porquê da redução de carros de boi durante os anos, um dos entrevistados, patriarca de uma das famílias, remeteu ao êxodo rural. Para ele, tal processo atuou diretamente na diminuição dos fluxos das romarias de carros de bois:

*Diminuiu porque o povo da roça veio pra cidade. Roça hoje não tem quase ninguém mais. Então por isso que diminuiu. Antigamente o carro de boi tinha, seis, oito moça, tinha 13 carros, eu era um que tocava, cantava e dançava em todo pouso, era três noites. Agora, como as estrada melhorou, porque de primeiro a estrada era muito ruim, agora melhorou. Então o que acontece? O povo vieram tudo pra cidade, não tem quase ninguém mais em roça.<sup>47</sup>*

Como o entrevistado mesmo disse: “Então não tem gente nas roças pra ir de carro de boi”. Esse foi um dos motivos para a redução, somados aos já expostos anteriormente, como o maior acesso a outros tipos de transporte.

<sup>47</sup> Entrevista com carreiro em Monte Carmelo em setembro de 2013.

Por outro lado, quando perguntado sobre a perspectiva futura da romaria de carros de boi, o patriarca tem uma visão de permanência. Ele destaca os movimentos que têm valorizado as carreadas de boi, pontuando as festas do Divino Pai Eterno, realizadas em Trindade/GO e famosas pelas romarias de carros de boi. Para ele, o carro nunca acabará, pois sempre há alguém aprendendo a produzir esse tipo de veículo.

*Tá mais difícil, tá mais pouco, mas o carro nunca acaba. Eles buscam o carro longe... [...] Nunca acaba os carros de boi... Os carros de boi nunca acaba. Então... agora eu acho que vai voltar o tempo antigo, ele nunca volta [completamente], mas quase.<sup>48</sup> [Grifo nosso]*

É interessante observar que a festa abre espaço para todos. O “carro de boi nunca acaba”, conforme a fala do entrevistado. E esse fluxo convive com outros fluxos, outras formas de romaria, diferentes sujeitos, todos juntos no mesmo tempo e espaço, numa multiplicidade de valores e práticas. É esse movimento que permite a continuidade da festa, pois nele reside sua autenticidade, multiplicidade e, principalmente, sua espontaneidade.

A continuidade da festa também se assenta na realização dos rituais. “Chegar aos pés da santa” é uma das principais formas de se finalizar a peregrinação. A peregrinação, por si só, já é um ritual, mas para além dela, os devotos praticam outras ações que simbolizam o fim do compromisso, mesmo que temporário, com o sagrado. “A minha promessa só vale se eu acender uma vela, num pode ser limpa assim, só de boca não ué. A pessoa tem que fazer alguma coisa [para simbolizar o pagamento da promessa].”<sup>49</sup> Nessa perspectiva, Machado (1998) afirma que

O ritual é uma forma de representação visual e exterior dos poderes mágicos legitimando a prática. Sem a encenação há perda do brilho e o contato entre o espiritual e o terreno, o mágico e o concreto não se realiza. O fortalecimento da crença está na força do ritual e, conseqüentemente, naquele que o dirige. Os fenômenos naturais pertencem, nesta ótica, ao mundo mágico. Doença, morte, alegria e tristeza, nascimento e crescimento são produtos de um mesmo poder. Ilusão e realidade se confundem. Basta que se tenha fé nas palavras e ações empreendidas pelo portador do dom para que os resultados possam ser obtidos. (MACHADO, 1998, 237)

Pelas estradas, em meio a caminhantes, cavaleiros, ciclistas, passageiros, entre toda a sorte de romeiros, ouvem-se relatos de diversas graças alcançadas.

<sup>48</sup> Entrevista com carreiro em Monte Carmelo em setembro de 2013.

<sup>49</sup> Entrevista com devoto em Romaria em agosto de 2016.

Esses indivíduos demonstram sua fé a partir da prática dos rituais simbólicos. Ao chegar nos pés da santa eles dobram seus joelhos em sinal de respeito e submissão frente ao sagrado. Trata-se de uma subordinação à representação do divino.

Ao longo dos trabalhos de campo reuni diversos depoimentos, mas um sintetiza com nitidez o compromisso do fiel com a representação do sagrado. Trata-se de um devoto que teve como seu último pedido de vida “ir aos pés de Nossa Senhora da Abadia” – frase tão repetida ao longo dos caminhos até Romaria. Uma moradora da cidade relata o ocorrido:

*Um senhor de Uberlândia, muito devoto a Nossa Senhora pediu a filha pra vim aqui. Ele tava muito ruim, tava definhando, já tava no fim da vida dele. A filha dele trouxe ele aqui, levou até os pés de Nossa Senhora. Quando ele chegou ali nos pés de Nossa Senhora, fez a sua oração e falou: “agora estou pronto pra morrer.” E morreu; nos pés de Nossa Senhora. A filha ficou em desespero, mas ela já sabia que ele tava no último momento. Ele segurou a vida até o momento de estar nos pés de Nossa Senhora pra agradecer ela. É lindo, isso é lindo, olha o que que é amor em Nossa Senhora.<sup>50</sup>*

Chegar aos pés de Nossa Senhora da Abadia simboliza o encontro do pecador com a perfeição celestial. Tocar os pés da imagem e orar é tocar o sagrado, é estar mais próximo de Deus, é comungar com Ele e com Nossa Senhora, sua mãe. Para o fiel significa terminar uma jornada, independentemente do que fizer *a posteriori*. Não importa se em poucos minutos o peregrino fruirá da festa profana ou reafirmará seus votos de alienação com a santa. Naquele pequeno instante, enquanto reverencia a imagem da padroeira, ele está em comunhão com os céus.

O fim, mesmo que temporário, do compromisso com o sagrado libera o sujeito para o encontro com o profano. Em Romaria, o profano pode ser representado pelo tempo e pelo espaço da festa e por tudo que a acompanha. Esse é o tema da próxima seção.

---

<sup>50</sup> Entrevista com moradora de Romaria, em Romaria, em agosto de 2016.

## **6. Os tempos, espaços e sujeitos múltiplos da Festa de Nossa Senhora da Abadia em Romaria – MG**

A festa de Nossa Senhora da Abadia, em Romaria, é o reflexo do que se vê na estrada: uma multiplicidade de sujeitos, de práticas, de tempos e de espaços. Eles se convergem nessa cidade criando uma estrutura complexa que muda de acordo com as necessidades, com os arranjos e com os contextos locais e globais. O uso das ruas, por exemplo, é bastante distinto nos períodos festivos, assim como o mercado imobiliário e até o funcionamento das escolas que se adaptam em função do evento.

Enquanto o cotidiano ordinário fora da festa é composto pelo ritmo normal da vida, do trabalho, do lazer, das rezas, das festividades íntimas, o tempo da festa é o momento do frenesi, da conjugação de múltiplos sujeitos que trazem suas práticas, valores e anseios para o mesmo espaço, competindo por territórios, modificando as paisagens, criando novas relações econômicas, enfim, alterando completamente a dinâmica da cidade, mesmo que temporariamente.

A análise das adaptações, dos usos do espaço e das práticas dos sujeitos provocadas pela festa da padroeira são o alvo de estudo da presente seção. Para isso, foram realizadas visitas a campo com observação participante em diferentes datas, tanto durante as festas como fora delas – entre os anos de 2011 e 2017. Os resultados da pesquisa são apresentados a seguir.

### **6.1 A festa de Nossa Senhora da Abadia como prática social do cotidiano em Romaria – MG**

A festa é uma realização do humano no espaço a partir de suas crenças e desejos. Ela é permeada por movimentos, coexistências e fluxos que se (re)fazem no cotidiano, se materializando pelo encontro de pessoas e de práticas.

A festa é construção do sujeito, realização do humano. Trata-se de uma rede de prazer, generosidade, doação, compadrios, trocas, relações... É instrumento de mediação, comunicação, integração... E também há nela poder, transgressão, oposição, irreverência, humanidades... Enfim, a festa é o evento do encontro e do movimento que se (re)cria cotidianamente. (MARQUES, 2011, p. 51)

Portanto, a festa se torna palco da tessitura de relações vividas no tempo e no espaço. Relações estas que estabelecem o cotidiano e se ligam ao global por meio

de conexões e redes. Tudo isso entremeado por elementos que aparecem no presente, mas que revelam diferentes temporalidades e espacialidades vividas na festa. É assim que o carro de boi e o trator se encontram no mesmo tempo-espaço, assim como a devoção à Nossa Senhora e ao funk tocado nos carros de som durante o evento. Todos eles convergem e constroem a festa, tornando-a única.

As festas se ligam à religião numa dialética de devoção e diversão que atua diretamente na modelagem do espaço e na modificação dos sujeitos e cotidianos de determinada localidade, como é o caso de Romaria – MG. A festa em Romaria gera uma espécie de catarse coletiva suficiente para alterar a dinâmica espacial urbana e o cotidiano dos sujeitos envolvidos nas romarias. De forma geral, as mudanças sofridas no período festivo são desfeitas ao fim do evento para o retorno ao modo de vida estabelecido pela cotidianidade. Mas esse retorno não é total, pois a festa, de alguma forma muda o sujeito e seu espaço ano a ano.

Destaca-se que as festas religiosas são manifestações culturais produzidas pela coletividade num contexto temporal e espacial. A dialética ‘tempo-espaço’ permite que a festa se modifique a partir do contexto social em que ela é vivenciada. Os processos de adaptação, alteração e metamorfoses fazem com que a cultura, assim como suas manifestações simbólicas e modos de vida, se tornem fluidas. Essa fluidez se comunica com o ambiente e com os indivíduos (re)criando o modo de ser/agir social. As trocas proporcionadas pela fluidez geram movimentos que, por sua vez, alteram (de modo mais ou menos visível) as práticas cotidianas.

Brandão (1974) afirma que a festa se instala em uma faixa de cotidiano que, por sua vez, é o modo de expressão da rotina. Em seus estudos sobre as cavalhadas de Pirenópolis, o autor distingue a festa da rotina da seguinte maneira:

A rotina distribui a quase totalidade dos momentos de uma comunidade, por conservar a ordem de relações sociais segundo os esquemas sistêmicos de produção atual de seus bens e serviços. O modo de expressão da rotina é o cotidiano, dentro do qual as pessoas agem e se relacionam segundo os padrões reconhecidos por elas próprias como “normais”, no modo de vida da sociedade. A festa se instala em uma faixa de cotidiano que ela altera como um acontecimento periódico (mas quase nunca rotineiro), ou eventual (em certos casos único). As alterações do cotidiano pela festa estão circunscritas aos modos como são reorganizadas relações sociais; como são recuperados certos comportamentos “de festa” (normalmente rituais) e como são produzidos em condições sociais excepcionais, novos conhecimentos da/para a sociedade. Os efeitos da festa são mais dirigidos à reprodução da sociedade que à produção de seus bens de consumo. (BRANDÃO, 1974, p. 25)

Portanto, na visão de Brandão (1974), a festa se insere no cotidiano, alterando-o de forma periódica ou pontual. No senso comum, o cotidiano é reconhecido como algo que acontece corriqueiramente, que é comum, banal, e também entendido como o conjunto de ações que constituem uma rotina. Já no sentido filosófico, o cotidiano supera o comum, o banal estabelecido no dia-a-dia. Ele pode ser visto, de acordo com Lefebvre (1991), como um fio condutor para o entendimento da sociedade, uma vez que “é na vida cotidiana que acontecem as verdadeiras criações, as ideias, os valores, os costumes. Os sentimentos expressam-se no cotidiano. É no cotidiano que se tem prazer ou se sofre”. (LEFEBVRE, 1991, p. 27).

O cotidiano é, nessa perspectiva, o tempo e o espaço intangível das ações, das vivências. É nele que se dão as relações que, por sua vez, constituem o social. Ou seja, o cotidiano não é algo formado por uma linearidade temporal, ele supera a barreira do presente visível e se estabelece pelo conjunto de ações, embates, contradições e trocas que se dão ao longo do tempo e que repousam nas veredas da história. Assim, a obviedade do que se revela ser o cotidiano num primeiro olhar é parcial; ele vai muito além, pois é tecido por redes complexas e invisíveis, mas que existem, estão lá, compondo o palco para a reprodução do indivíduo e de sua sociabilidade.

A ideia de que a festa é o tempo-espaço dos movimentos, coexistências e fluxos que se dão no cotidiano incide nas teorias sistêmicas de Morin (2008) e de Capra (2005) que entendem a existência como uma rede de convergências e fluxos complexos, além de ir de encontro à proposição de cotidiano de Lefebvre (1991).

As redes permitem um tipo de equilíbrio sistemático que levam à manutenção do todo complexo. Um elemento sozinho não sobrevive fora da rede, mas inserido nela ele se torna parte do fluxo e dos nós, fazendo parte do movimento no tempo e espaço. Tal princípio pode ser usado se pensarmos tanto a vida (como um composto de células e sistemas metabólicos), quanto a sociedade (como um conjunto de seres, normas, práticas e valores). Essas redes ainda são compostas por fluxos de energia (energia enquanto um propulsor ou um catalisador de ação) que permitem seu movimento e renovação. Dessa maneira, a festa só é festa quando conjuga em redes sujeitos, práticas e todo um complexo espacial, temporal e cultural.

Capra (2005) defende uma teoria de sistemas constituídos por redes e conexões ocultas. Para ele, as conexões ocultas formam redes não lineares que estão em constante movimento e renovação. Não seguem uma lógica de causalidade, nem

pressupõe um caminho fechado ou esperado, mas estão presentes no cotidiano vital e social: “Uma das principais intuições da teoria dos sistemas foi a percepção de que o padrão em rede é comum a todas as formas de vida. Onde quer que haja vida, há redes.” (CAPRA, 2005, p. 27)

É possível observar que o processo que conduz a vida (e a morte) é contínuo, integrado e busca constantemente o equilíbrio. Tudo está ligado. Diante disso, o pensamento sobre a complexidade subsidia a reflexão a respeito da sociedade contemporânea que se transforma a cada instante em outro “ser”, experimentando inúmeras ações, adaptações, fluxos, mortes, (re)nascimentos, falências, experiências, desequilíbrios... Ou seja, vivemos num espaço constantemente bombardeado por ações que o modificam. Ações que estão num fluxo ligado por conexões ocultas, termo utilizado por Capra (2005), que modificam todo o fluxo e, conseqüentemente, a vida, e se dão no palco da cotidianidade.

Nessa perspectiva, a festa é complexa e promove modificações no cotidiano de diversos sujeitos e elementos sociais. Altera-se, por exemplo, o cotidiano dos moradores de Romaria assim como são alterados os cotidianos dos que fazem a peregrinação, dos que dão assistência pelo caminho e até dos que permanecem em seu local de origem aguardando a volta dos seus pares que empreenderam a romaria. De maneira ampla altera-se, também, o espaço, em suas múltiplas dimensões: lugar, paisagem, território e região, os quais são reconfigurados no sentido de seu reforço ou modificação. Por último, alteram-se as práticas das instituições públicas, privadas e religiosas – é aqui que se assentam o governo, o comércio e a igreja. Todos esses sujeitos, instituições e espaços estão permeados por relações cotidianas. Eles tecem redes e novas formas de (re)produção no espaço, durante a festa e fora dela.

Como abordado anteriormente, é num contexto de movimento e fluxo que na primeira quinzena do mês de agosto o município de Romaria recebe a visita de milhares de peregrinos que chegam a esse lugar com diferentes motivações – comércio, lazer, mendicância, doação, caridade, e obviamente, devoção religiosa. Assim, a devoção à Nossa Senhora da Abadia traz à Romaria novas relações econômicas, sociais, culturais e de poder que modificam a paisagem e o tempo vivido. A festa se torna, portanto, tempo e espaço da multiplicidade e reflete as relações estabelecidas por diferentes sujeitos.

Os preparativos para o evento começam semanas antes. Toda uma infraestrutura para recebimento dos fiéis é montada, apesar de ainda parecer

insuficiente. O calendário divulgado e os romeiros se põem na estrada. Em 2016 a programação da festa começou em julho, conforme observado a seguir.

**Programação da Festa de Nossa Senhora da Abadia, em 2016, Romaria – MG:**

**Sábado – 30 de Julho**

*Abertura Oficial da Festa de Nossa Senhora da Abadia 2016*

05h30 – Alvorada Festiva

08h, 10h, 16h e 19h – missas no Santuário

12h – Abertura com a Banda de Música

**Domingo – 31 de Julho**

08h, 10h, 16h e 19h – Missas no Santuário

11h – Batizados no Santuário

19h – Missa, procissão e coroação da imagem de Nossa Senhora da Abadia pelos casais do ECC do Santuário.

**Segunda-feira – 01 a 05 de Agosto**

10h, 16h e 19h – Missas no Santuário.

**Sábado – 06 de Agosto**

Abertura Solene da Novena

5h30 – Alvorada Festiva

8h, 10h, 14h, 16h e 19h – Missas no Santuário

11h30 – Apresentação da Banda de Música Abel Ferreira de Patrocínio MG.

12h – Abertura das Solenidades, levantamento das Bandeiras de Nossa Senhora da Abadia e do Divino Espírito Santo.

**Inauguração do relógio e dos novos sinos do Santuário.**

19h – Abertura da novena presidida por Don Frei Cláudio Nori Sturm, bispo da Diocese de Patos de Minas e Confissões.

**Domingo – 07 de Agosto**

6h30 – Via-Sacra

7h, 9h, 10h30, 14h, 17h e 19h – Missa no Santuário

8h e 10h – Missas no Oratório do Bem Aventurado Eustáquio

11h30 – Batizados

12h – Novena

17h – Missa campal e coroação da imagem de Nossa Senhora da Abadia pelas Comunidades Rurais.

18h30 – Terço

19h – Missa Novena e confissões

**Segunda-feira – 08 a 11 de agosto**

6h30 – Via-Sacra

7h, 10h, 14h, 16h e 19h – Missas no Santuário

12h – Novena

**Sexta-feira – 12 de Agosto**

6h30 – Via-Sacra

7h, 10h, 16h e 19h – Missas no Santuário

9h – Missas no Oratório do Bem Aventurado Eustáquio

12h – Novena

19h – Missa presidida pelo bispo da Diocese de Uberlândia Don Paulo Francisco Machado, novena e confissões.

**Sábado – 13 de Agosto**

6h30 – Via-Sacra

7h, 9h, 10h30, 14h, 16h e 19h – Missas no Santuário.

8h, 10h e 15h – Missas no Oratório do Bem Aventurado Eustáquio.

12h – Novena

18h30 – Terço

19h – Missa, presidida pelo Arcebispo Metropolitano Dom Paulo Mendes, com transmissão ao vivo pela Rede Vida de Televisão, Novena e Confissões.

**Domingo – 14 de Agosto**

6h30 – Via-Sacra

7h, 9h, 10h30, 13h, 15h e 19h – Missas no Santuário

8h, 10h e 14h – Missas no Oratório do Bem Aventurado Eustáquio

12h – Novena

17h – Missa Campal e coroação da imagem de Nossa Senhora da Abadia pelos romarienses que residem fora.

19h – Missa, novena e confissões

**Segunda – 15 de Agosto**

Solenidade da Assunção de Nossa Senhora da Abadia  
0h, 2h, 4h, 5h30, 7h, 8h30, 10h, 11h30, 14h – Missas no Santuário

6h, 7h30, 9h, 10h30, 13 e 15h – Missas no Oratório do Bem Aventurado Eustáquio

11h30 – Batizados

12h – Leilão do Gado

16h – Momento Musical na Praça

17h – Solene Celebração Eucarística de encerramento da Festa de Nossa Senhora da Abadia presidida pelo Reitor deste santuário Pe. Márcio Ruback. Procissão luminosa, coroação da imagem de Nossa Senhora da Abadia pela família Jacob de Oliveira. Em seguida encenação da subida de Nossa Senhora ao céu.

**Lançamento do Tríduo preparatório rumo ao Jubileu dos 150 anos de Festa.**

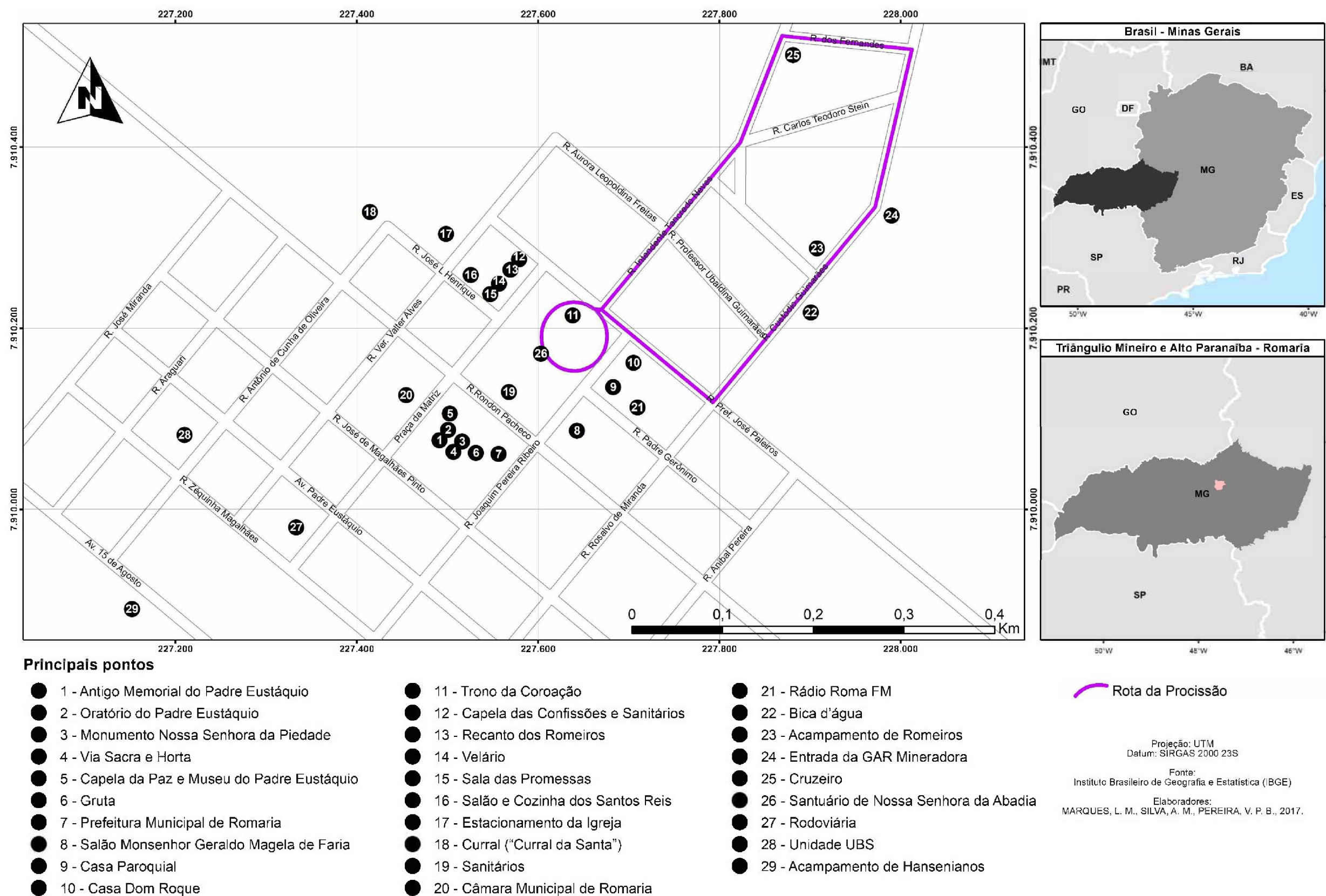
A programação varia de ano a ano, mas tem-se observado o aumento da quantidade de missas nas últimas festas. Algumas delas passaram a ser dedicadas a grupos específicos como os motociclistas e os carreiros. Além disso, é possível observar alguns momentos de lazer até mesmo no calendário religioso, como as apresentações musicais. A festa também é permeada por diversos rituais como os batizados, as novenas, as confissões, procissões e as coroações, feitas em datas e com grupos de pessoas diferentes que acabam representando a abrangência do evento.

Diante de tantas nuances, práticas e sujeitos, a festa cria uma espacialidade própria. Em torno da igreja localizam-se os principais lugares de culto, centralizando-os. Nas ruas próximas ao Santuário é montada uma feira que atende aos moradores e aos visitantes. A periferia da festa também reflete a periferia da sociedade de consumo. Lá estão aqueles à margem da sociedade como os hansenianos, conforme pode ser observado no mapa a seguir.<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> Rosendahl (1997) aponta quatro níveis espaciais ligados ao espaço sagrado: o espaço propriamente sagrado, o espaço profano diretamente vinculado ao sagrado, o espaço profano indiretamente vinculado ao sagrado e o espaço profano remotamente vinculado ao sagrado. Cf. ROSENDAHL, 1997. A autora também trata sobre as dimensões econômicas, políticas e do lugar relacionados aos espaços sagrados em ROSENDAHL, 2014.

## Principais pontos da cidade de Romaria voltados à festa de N. S. da Abadia



Mapa 6: Principais pontos da festa.

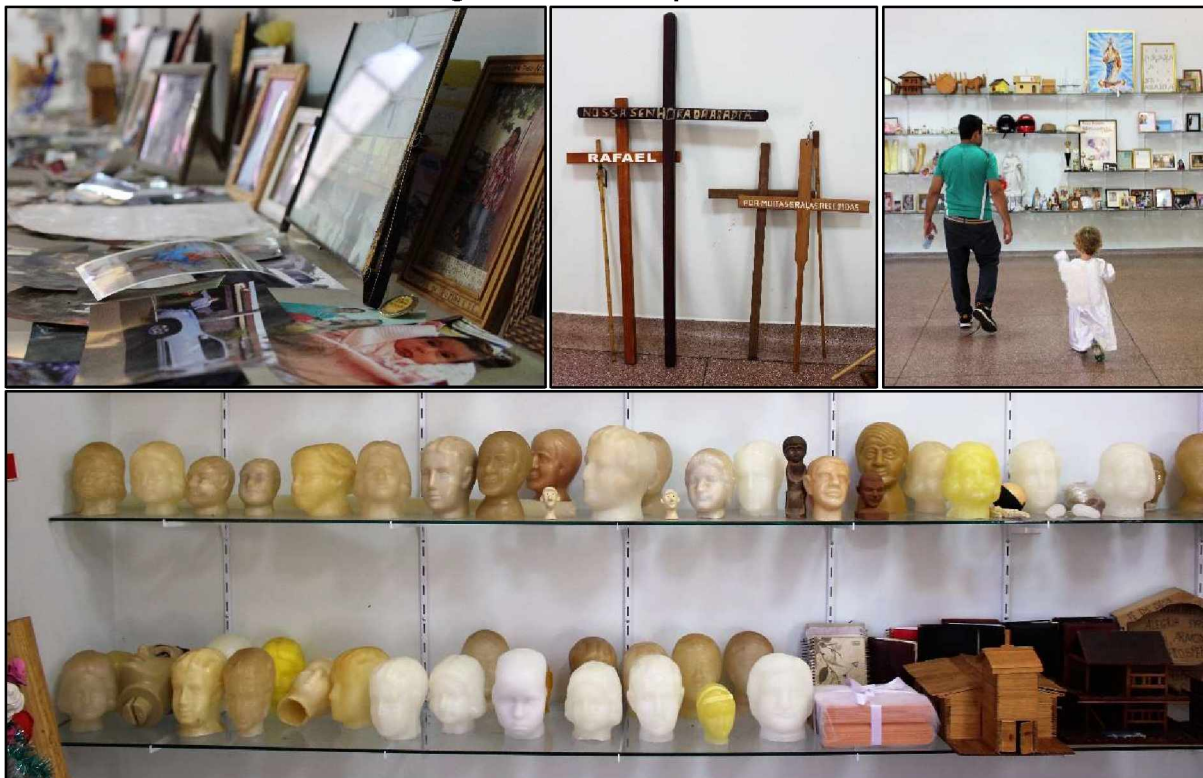
O mapa apresenta apenas a parte onde se concentra a Festa de Nossa Senhora da Abadia e destaca 29 dos principais pontos relacionados ao evento. A partir do documento é possível observar a espacialização da festa, desde a centralidade em torno do Santuário até a marginalização de parte dos sujeitos da festa.

O Santuário de Nossa Senhora da Abadia (ponto 26) é onde fica a imagem da padroeira e, portanto, o centro da devoção. Em torno dele localizam-se diversos prédios da igreja que também tem função religiosa, elencados a seguir:

O ponto 8 é constituído pelo Salão Monsenhor Geraldo Magela de Faria, onde, nos últimos anos, são montados espaços para comercialização de objetos, com destaque à arte sacra e aos souvenirs. Já o Ponto 9 é onde se situa a Casa Paroquial, utilizada como área administrativa da paróquia.

A Sala das Promessas é onde fica as representações dos ex-votos como esculturas de partes do corpo, fotos, cruzes, entre outros objetos que simbolizam as graças recebidas. Destaca-se que os ex-votos são colocados diretamente neste lugar ou nos “pés da santa” e, então, são transferidos para a sala das promessas. Eles revelam os milagres e algumas experiências com o sagrado vividas pelos devotos<sup>52</sup>.

**Imagem 47: Sala das promessas**

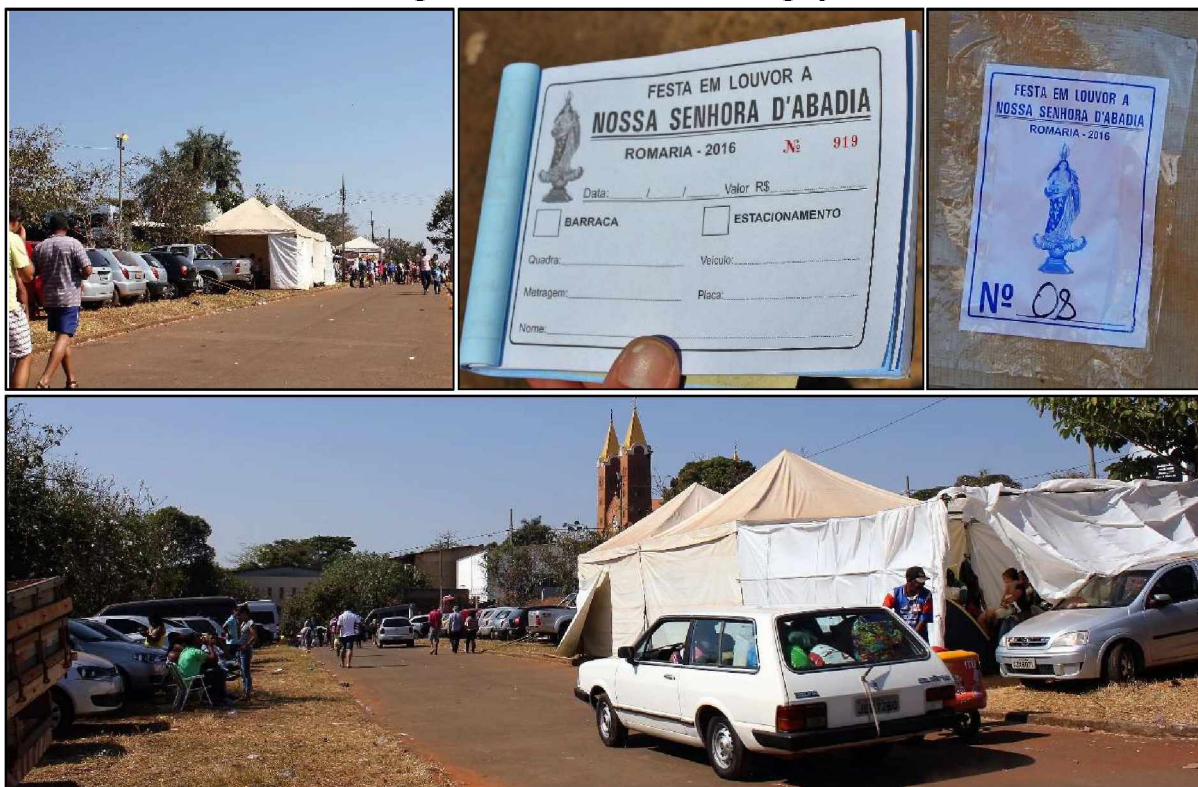


Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto 2016.

<sup>52</sup> Cf. DUARTE, Ana Helena da Silva Delfino. Ex-votos e *poiésis*: olhar estético sobre a religiosidade popular em Minas Gerais. (Dissertação). Uberlândia, UFU, 2002.

Na época da festa o Estacionamento da Igreja (ponto 17) é ocupado por carros e barracas mediante pagamento. O valor é cobrado de acordo com o tamanho do espaço utilizado e o período de permanência.

**Imagem 48: Estacionamento da igreja.**



De cima para baixo, da esquerda para a direita: estacionamento e barracas, recibo do pagamento pela utilização do espaço, adesivo que comprova o pagamento da taxa de utilização do espaço e vista panorâmica do estacionamento com destaque ao Santuário ao fundo. Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto 2016.

Os sanitários públicos estão localizados nos pontos 19, 12 e 26, já o velário se encontra no ponto 14.

**Imagem 49: Sanitário público (ponto 12) e velário.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto 2016.

Próximo à igreja (pontos 1, 2, 4, 5 e 6) localizam-se outros espaços diretamente ligados à devoção. Tratam-se das áreas dedicadas à memória do Bem Aventurado Eustáquio, padre que promoveu muitas mudanças em Romaria.

**Imagem 50: Capela da Paz, Museu Padre Eustáquio e Gruta.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Março 2012, março 2017, março 2012 (respectivamente).

O Curral “da Santa”, localizado no Ponto 18 do mapa, é onde ficam os animais doados à Nossa Senhora da Abadia até o dia da festa, quando é realizado um leilão para trocar os animais por dinheiro para a Paróquia.

**Imagem 51: Curral da santa.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto 2016.

Os pontos 22 e 29, mais distantes do santuário, são tomados pelos marginalizados da festa. O primeiro é uma bica utilizada, recorrentemente, para a higiene daqueles que não tem pouso em romaria, uma vez que nos banheiros públicos não há espaço para banho, já o segundo, localizado em uma das bordas da cidade, é o acampamento dos hansenianos.

**Imagem 52: bica d'água.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto 2016.

O principal acampamento dos carreiros fica no ponto 23. Lá eles montam suas barracas e estacionam os automóveis de apoio e os carros de boi. Apesar da proximidade com a bica d'água, as famílias acampadas normalmente não a utilizam, improvisando espaços próprios para banho, além de latrinas. Cada família ou grupo de famílias constrói seu próprio banheiro particular temporário.

**Imagem 53: Acampamentos: montagens, arranjos e cotidiano.**





Primeira foto: panorâmica do acampamento. Segunda e terceira fotos: destaque para a montagem de banheiro com fossa e área para banho. Quarta foto: arranjos para servir o almoço. Quinta foto: organização da cozinha com jirau ao fundo – destaque para a utilização de forros de mesa e de material impermeável no jirau para decorar e também evitar que a água da lavagem da louça espirre durante o serviço. Sexta foto: mutirão para montagem das barracas, feito do almoço e igreja ao fundo. Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Da esquerda para a direita, de cima para baixo, agosto de 2012, 2013, 2013, 2016, 2014, 2013, respectivamente.

Romaria é profundamente marcada pelas festas, não apenas a festa em devoção à Nossa Senhora da Abadia, mas outros eventos religiosos vividos ao longo do ano como as folias de Santos Reis, as Cavalhadas, as Congadas, etc. Destaca-se que parte dos fiéis da padroeira também são devotos de outros santos. É como se a fé fosse renovada a partir da devoção aos diferentes santos. Cada um tem sua função e todos podem ser conclamados juntos, como no caso de um dos entrevistados que rezou para São Francisco e também para Nossa Senhora da Abadia para encontrar um animal de estimação: *“Aí meu gato já tinha sumido uma vez e ficou quinze dias sumido, por milagre eu consegui achar ele – aí nessas horas a gente apela pra São Francisco também. Aí eu peguei e falei: “nossa, eu sou capaz de prometer de ir pra Romaria se esse gato aparecer”*<sup>53</sup>. Várias outras falas durante os trabalhos de campo indicaram a multiplicidade da devoção a diversos santos católicos. Muitos dos peregrinos que chegam à Romaria também participam de outras peregrinações ou visitam diferentes santuários ao longo do ano.

Nessa perspectiva, Romaria também conjuga diversas festas – religiosas e seculares. Em 2017 o calendário festivo do Santuário é composto por:

<sup>53</sup> Entrevista com devota espírita em Uberlândia em fevereiro de 2017.

---

**Agenda Anual do Santuário de 2017**

---

Janeiro

08 – Encontro de Folias de Santos Reis

Março

31, 01 e 2 de Abril ECC (Encontro de Casais com Cristo)

Maio

07 – Romaria de Araguari

14 – 3ª Romaria das Mães

20 e 21 – Encontro de Jovens

28 – Encontro de Congados, Moçambiques e Catupés

Junho

16 – Festa de São Sebastião

23 – Festa do Sagrado Coração de Jesus

Julho

01 – Romaria do Sagrado Coração de Jesus e Maria

08 – Romaria do terço dos Homens

29 – Abertura da Festa de Nossa Senhora da Abadia

30 – Romaria da Família

Agosto

01 a 15 – Festa de Nossa Senhora da Abadia

Setembro

09 – Romaria de Araxá

23 – Criação do Comipa

24 – Romaria de Carmo do Paranaíba

Outubro

15 – Romaria de Araxá

21 e 22 – DNJ (Dia Nacional da Juventude)

25 a 31 – Festa do Beato Eustáquio

Novembro

1 a 3 – Festa do Beato Eustáquio

12 – Festa das Pequenas Comunidades

---

Fonte: Santuário de Nossa Senhora da Abadia, 2017.

Destaca-se que a cidade também conta com outras festas seculares que não estão elencadas no calendário religioso como as cavalhadas, os shows e o carnaval. Portanto, entende-se que Romaria tem explorado o calendário festivo para se tornar referência na região, uma vez que parte desses eventos são pensados para atrair visitantes de fora da cidade.

**Imagem 54: Folias de Reis em Romaria, MG.**



À esquerda: grupo de folia de Reis se apresentando no meio da Festa de Nossa Senhora da Abadia em agosto de 2012. À direita: encontro de Folias de Reis em Romaria em janeiro de 2017. Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto 2012, janeiro 2017, respectivamente.

## 6.2 Os sujeitos e práticas do tempo-espaço festivo

No tempo-espaço festivo a cotidianidade é formada por sujeitos múltiplos. Tratam-se de moradores, comerciantes, gestores públicos, devotos, assistencialistas, pedintes, religiosos, dentre diversos grupos que promovem arranjos e movimentos na festa, permitindo sua continuidade. Steil (1996) afirma que

Os sentidos dados à romaria pelos diversos grupos que se encontram no santuário são divergentes. Como escreve Sallnow, “*quando o povo converge em peregrinação, os sentidos colidem*” (1991:137). O culto ao Bom Jesus da Lapa se institui incorporando compreensões e práticas divergentes que são veiculadas no santuário pelas diversas categorias de pessoas e grupos que expressam, através deste evento, as experiências vividas nos seus contextos específicos. Manifesta-se aí, na variedade de discursos, muitas vezes contraditórios e competitivos, anunciados por romeiros, moradores e dirigentes, uma grande *polifonia*, onde não apenas as visões e ditos de cada uma destas categorias, mas também os mútuos *desentendimentos* entre elas e as formas como cada uma interpreta as ações e os motivos das outras, fazem parte do culto. (STEIL, 1996, p. 58)

A multiplicidade de pessoas, práticas e de movimentos observada na romaria de Bom Jesus da Lapa, pesquisada por Steil (1996) também pode ser observada na peregrinação ao município de Romaria. Parte da diversidade será explorada a seguir a partir das histórias e falas de alguns sujeitos da festa de Nossa Senhora da Abadia. Os títulos dos tópicos são fragmentos das entrevistas realizadas.

### 6.2.1 “A gente espera o ano inteiro, né? É bom, mais é ruim também”

Ano a ano os moradores de Romaria veem a festa passar, mas não o fazem de forma passiva, eles adaptam sua rotina frente às mudanças provocadas pelo evento. O tempo da festa é entendido como uma oportunidade de aumento de renda, de lazer e de movimento na cidade. Nos meses que antecedem a festa é comum observar os moradores anunciando o aluguel de suas próprias casas para os visitantes que querem passar uma temporada na cidade durante as comemorações feitas à Nossa Senhora da Abadia. Por vezes, a casa é locada com toda a mobília inclusa, como relata um dos entrevistados: *“[o pessoal] aluga [as casas] com os móvel tudo, geladeira, tudo... só fecha o guarda-roupa e sai. A pessoa as vezes tem casa no fundo, né? Aí passa pro fundo e aluga a da frente.”*<sup>54</sup>

Ao disporem de suas residências, os locatários se arranjam no domicílio de parentes, amigos ou até se acomodam em pequenas edículas para captar a renda extra gerada pela festa. Nessa perspectiva, o mercado imobiliário de Romaria se torna singular nos períodos que antecedem a festa, pois é comum que os proprietários bloqueiem seus imóveis para a locação mensal e os destinem apenas aos aluguéis de temporada, uma vez que o valor alcançado em quinze dias de festa pode superar a somatória de vários meses de locação padrão, conforme relato a seguir:

*Olha, o pessoal não aluga casa a partir de março, se você vier morar em Romaria a partir de março é uma dificuldade pra você achar uma casa pra alugar. Casa vazia você encontra, mas não acha pra alugar. Por que? A pessoa deixa pra alugar na festa que ganha o salário de um aluguel de um ano inteiro. Então, de março pra frente quem precisa de uma casa é difícil. [Luana Moreira Marques] Por quanto que o pessoal aluga as casas? Eu já vi vários preços, os mais centrais chegam a cinco mil, seis mil [reais], as casas menores é mil e quinhentos [reais].*<sup>55</sup>

Por outro lado, a festa também reflete a situação econômica do país. Em 2016 diversos moradores, feirantes e visitantes vincularam o desaquecimento da economia brasileira à queda nas vendas, no consumo e nas locações antes e durante o evento:

*Teve muita pouca procura por casa [em 2016], tanto é que até hoje [11 de agosto de 2016] ainda tem casa pra alugar em Romaria, ainda encontra casa. A procura por casa de aluguel pra festa [nos anos anteriores] começa em maio, então todo final de semana batia cinco, seis, sete, oito, dez, todo final*

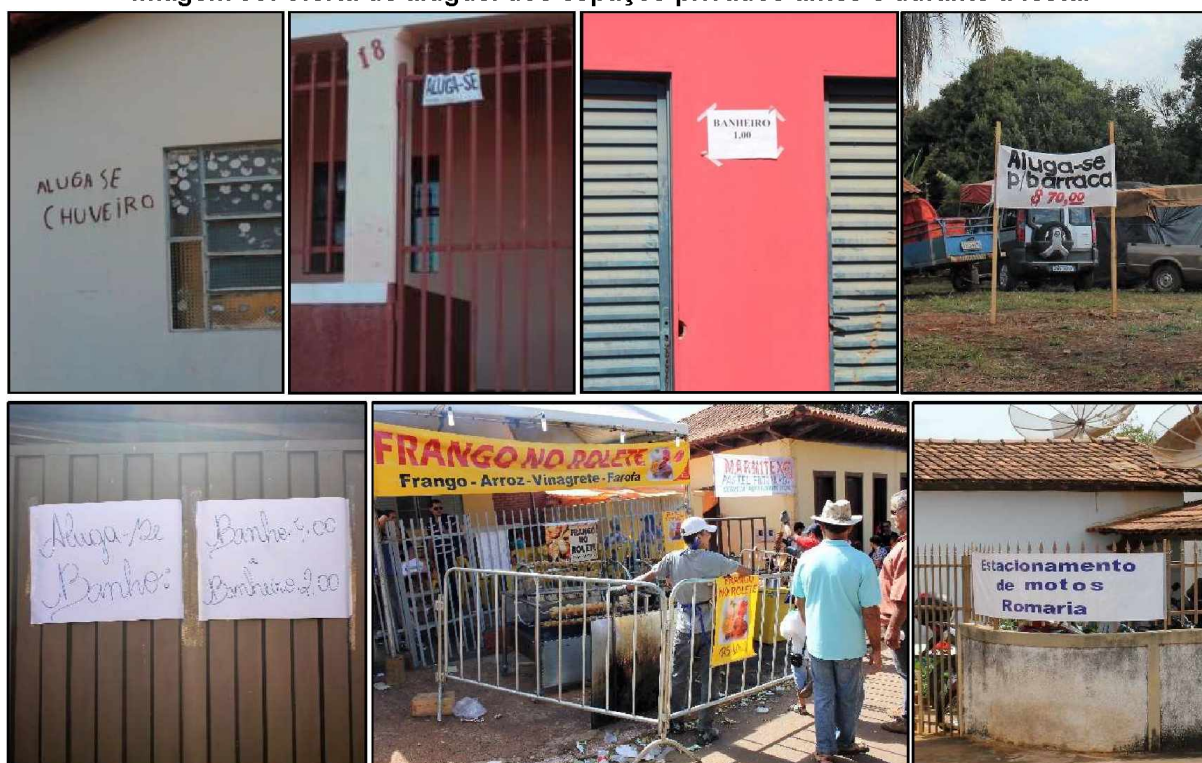
<sup>54</sup> Entrevista com morador de Romaria, em Romaria, em agosto de 2016.

<sup>55</sup> Entrevista com moradora de Romaria, em Romaria, em agosto de 2016.

*de semana. Este ano não houve isso. Eu acredito que foi por conta dessa mudança financeira do país.<sup>56</sup>*

Há também aqueles moradores que alugam banheiros, garagens, quintais... Por vezes, conseguem obter algum dinheiro se inserindo na festa como pequenos comerciantes ambulantes, normalmente de produtos alimentícios como algodão doce, caldos ou qualquer outro produto de fácil manuseio.

**Imagem 55: oferta de aluguel dos espaços privados antes e durante a festa.**



Fonte: MARQUES, Luana M.; Junho 2012. Junho 2012. Agosto 2012. Agosto 2014. Agosto 2016. Agosto 2012, Agosto 2012 (respectivamente de cima para baixo da esquerda para a direita).

Um outro recurso muito utilizado por moradores das ruas próximas ao santuário é o aluguel das calçadas para os feirantes. As calçadas são alugadas por metro, cada morador precifica o espaço em frente à própria residência de acordo com o mercado local. Quanto mais próximo do santuário, maior o valor cobrado. Em 2016 o preço chegou a R\$1.500,00<sup>57</sup> cada metro de frente de calçada. Entretanto, a maioria das barracas alugam um espaço maior, chegando a 10 metros. Nesse caso, o valor

<sup>56</sup> Entrevista com moradora de Romaria, em Romaria, em agosto de 2016.

<sup>57</sup> O valor do salário mínimo vigente no ano foi de R\$ 880,00 (BRASIL, 2015). De acordo com o Ato Declaratório Executivo COSIT N° 26, de 06 de setembro de 2016 (BRASIL, 2016), o valor médio do dólar dos Estados Unidos da América fixado para compra no mês de agosto de 2016, correspondia a R\$ 3,2397.

arrecadado pelo morador seria de até R\$15.000,00. Considerando que boa parte dos moradores de Romaria recebem menos que dois salários mínimos<sup>58</sup>, o montante gerado pela cessão da calçada pode atingir mais do que a renda de um ano inteiro de trabalho.

*Aí tem lugar de mil e quinhentos o metro [de passeio], né? Mil e quinhentos, mil e duzentos... quanto mais no centro, nessa rua principal, né? Conforme o lugar, conforme a metragem...*<sup>59</sup>

*Quem mora aqui em volta aqui da praça [da igreja], até onde aluga assim essas barraca, esse povo racha de ganhar dinheiro.*<sup>60</sup>

A renda extra contribui para o sustento da família que depois passa a sobreviver apenas de salários do trabalho na cidade ou na roça como temporário, uma vez que os moradores de Romaria sobrevivem economicamente, de forma geral, da produção agrícola, do trabalho na prefeitura ou na serralheria que existe na cidade.

*Tipo assim: [o morador] trabalha 15 dias [na festa] pra ganhar mil, mil e quinhentos reais, acha que tá ganhando muito bem, porque a maioria da população ganha um salário mínimo, não tem salário exorbitante aqui na Romaria, então quando chega Festa de Agosto eles pensam: ah, vou fazer isso porque eu vou ganhar mais. Tem gente que vende só café, tem gente que vende só pão de queijo, outros vende suco, água, então... é relativo, cada um procura uma maneira de ganhar um pouquinho a mais.*<sup>61</sup>

Trata-se de um dinheiro extra que permite a aquisição e manutenção de bens de consumo que fogem da possibilidade pela renda cotidiana. Muitos moradores utilizam a renda proveniente da festa para reformar a casa, fazer viagens, trocar de carro, pagar por festas de formaturas dos filhos e até mesmo quitar as contas feitas durante o ano no comércio local e registradas em cadernetas. Há também aqueles que utilizam toda a renda na feira da própria festa. Destaca-se que os preços praticados sobre os produtos são consideravelmente mais baixos se comparados ao comércio da cidade e da região. Por isso, tanto os moradores de Romaria como de outros municípios do entorno aguardam a festa de agosto para fazer compras de todos

<sup>58</sup> De acordo com o IBGE, o salário médio mensal dos moradores de Romaria em 2014 foi de 1,8 salários mínimos. (IBGE, 2016).

<sup>59</sup> Entrevista com morador de Romaria, em Romaria, em agosto de 2016.

<sup>60</sup> Entrevista com moradora de Romaria, em Romaria, em agosto de 2016.

<sup>61</sup> Entrevista com moradora de Romaria, em Romaria, em agosto de 2016.

os tipos: roupas, calçados, acessórios, utensílios domésticos, produtos sacros, bugigangas, etc.

*O morador de Romaria gosta muito de aproveitar a festa pra comprar o que pode. É na festa que eu vou comprar uma panela desse tamanho pra montar um restaurante, é na festa que eu vou comprar aquele sapato barato, é na festa que eu vou comprar uma roupa chique pra eu ir no réveillon, entendeu? A festa é o 100% de tudo. É na festa que eu vou ganhar um dinheirinho que eu vou pra Caldas Novas, é na festa que eu vou fazer a formatura do meu filho, vou pagar a faculdade. Então, assim, aproveitam bastante, né?*<sup>62</sup>

*A maioria gasta o dinheiro na feira mesmo, outros já faz conta pra pagar nessa festa, nas loja, nas farmácia. Hoje não tá tanto assim não, mas os mercado aqui vinda, é... era um grupo pequeno, né? Mas só recebia na festa de agosto, nessa festa agora o pessoal ia lá e acertava o mercado interim, né? O ano inteiro, o dinheiro do aluguel passava pro mercado, aí começava na caderneta de novo, pro próximo ano. Hoje já mudou muito, né? [...] Só que [o preço dos aluguéis] foi subindo e era só lá embaixo, na praça, naquelas três rua perto ali. Hoje esparramou por aí, depois que fez o asfalto nas rua tudo, aí o pessoal foi expandindo.*<sup>63</sup>

Os arranjos motivados pela festa se estendem pelo comércio local. Parte daqueles que conseguem suprir a demanda como as lanchonetes, padarias e supermercados tendem a alterar os preços, sobretudo os que se situam próximos ao santuário. Já os outros comércios como lojas de roupas e calçados fecham suas portas por vários motivos: o preço dos produtos, o alto fluxo de pessoas e a escassez de mão de obra. O preço dos produtos vendidos nas barracas é consideravelmente mais baixo do que os praticados no comércio local, uma vez que parte dos feirantes são os próprios fabricantes do que é vendido, além disso, não se consegue atender ao alto fluxo de visitantes nas lojas da cidade. Por último, os atendentes e vendedores do comércio local acabam desempenhando outros tipos de trabalho na festa. É comum que a população local – inclusive crianças – sejam contratadas pelos feirantes para ajudar no atendimento dos visitantes, sobretudo nos dias de maior fluxo. Esses trabalhadores temporários são contratados por dia. Dependendo do movimento, das vendas e do tempo de trabalho recebem de R\$50,00 a R\$100,00<sup>64</sup> por dia (preços praticados no ano de 2016).

<sup>62</sup> Entrevista com moradora de Romaria, em Romaria, em agosto de 2016.

<sup>63</sup> Entrevista com morador de Romaria, em Romaria, em agosto de 2016.

<sup>64</sup> Relembrando que o valor do salário mínimo vigente no ano foi de R\$ 880,00 (BRASIL, 2015) e o valor médio do dólar dos EUA fixado para compra no mês de agosto de 2016, correspondia a R\$ 3,2397 (BRASIL, 2016).

Além dos moradores, também existem os proprietários de casas em Romaria, mas que residem em outros municípios e visitam esta cidade apenas nos períodos de festa. Eles mantêm suas propriedades fechadas durante todo o ano, sendo abertas normalmente algumas semanas antes do evento. Um deles reside em São Gotardo – MG e lembra ter comprado sua casa no ano de 1986 por 20 mil cruzeiros. Durante o período festivo ele recebe parentes e amigos fazendo uma festa particular concomitantemente à Festa de Nossa Senhora da Abadia. De acordo com o entrevistado, a mobília e os utensílios mais básicos como camas, colchões, geladeira, fogão, entre outros, permanecem na casa, mas os demais itens como roupas de cama, mesa e banho, além de tapetes e outras utilidades domésticas são trazidos de São Gotardo.

*Eu ficava depois ali numa tapera [alugada] pra cá assim e eu já tinha esse casal de filho e naquele tempo aqui num tinha um banheiro, num tinha nada e era uma porcariada danada, esse corgo virava um catingão. Aí minha menina pegou uma pneumonia aqui, cheguei lá [em São Gotardo] e fiquei cinco dias no hospital. Aí eu falei pra ela [esposa] assim: “tamo precisando comprá uma casa aqui pra nós, um ranchim a toa só pra nós ficá mais agasalhado”, porque eu tinha uma barraquinha [que levava pra acampar]. Aí ela me gozou, chateou, aí eu vim trazer um pessoal no Celso Bueno [...] fui almoçá, aí tô lá almoçando e tinha um veizim oferecendo essa casinha aqui pro pessoal lá, pros caminhoneiro, eles num quis. Esperei acabá o assunto e falei assim: “deixa eu acabá de cumê aqui e nós vai lá vê esse trem, eu compro esse trem do senhor.” E o pior é que eu tinha tirado um carro naqueles dia, novim, né um Corcel 2, [ano] 86, do mesmo ano que eu comprei a casa. E naquela época era o Sarnei que era presidente e o juro tava correndo froxo, né? Eu tinha uns cubrim na poupança. Montei nesse carro e vim com ele aqui, quando cheguei aqui eu falei assim: “Quanto o senhor quer nisso aqui?” – era a última casa aqui na frente [...] num tinha casa pra cima lá não. Aí eu falei assim: “Quanto o senhor quer nessa casinha?” Ele falou assim: “Eu quero vinte e cinco mil cruzeiro”. Eu falei assim: eu vou contar uma história pro senhor duma vez, eu num quero explorar do senhor porque eu sou pobre e eu venho trabaiano desde que eu nasci. Eu vou explorar do senhor não, mas eu dou o senhor vinte mil e num dou mais nenhum centavo. Se o senhor quiser é isso, se o senhor num quiser eu tô indo embora que eu tenho trezentos quilômetro pra rodar. Aí ele falou assim: “não, pois eu vou te entregar”.<sup>65</sup>*

Desde então o entrevistado e sua família mantém a casa, que já passou por reformas e melhorias, para receber os amigos e passar temporadas em Romaria no período da Festa de Nossa Senhora da Abadia. Assim como este interlocutor relembra das dificuldades do passado em Romaria, vários outros entrevistados recorreram, de

<sup>65</sup> Entrevista feita com proprietário de casa em Romaria em agosto de 2016.

forma espontânea, à memória. Todos eles afirmam que a infraestrutura da cidade melhorou muito, principalmente em decorrência da chegada da energia elétrica, da disponibilização de sanitários e do asfaltamento das vias tanto dentro da cidade quanto nos acessos a ela.

*Mudou muito a cidade aqui. Quando eu vinha aqui isso aqui era pura terra vermelha, você não achava uma calçada igual aqui, era uma pobreza das mais triste. Melhorou muito, a igreja melhorou demais. Agora hoje tem muito mais gente.*<sup>66</sup>

*Só tinha carro de boi, num tinha um asfalto em lugar nenhum, a cidade era piquinininha. Só tinha aquele carçamento em volta da praça, tinha mais nenhuma rua calçada e era a maioria carro de boi, tudo sujo, num tinha água procê bebê, porque não tinha água encanada em vorta da igreja ali. Aí só via carro de boi armado, mas na época a festa era bem diferente de hoje, num era uma festa comercial, cheia de gente, cheio de cachaça. Dez hora da noite cê num via ninguém, lâmpada incandescente, aquele escuuuro, aquela escuridão.*<sup>67</sup>

*Era luz de lamparina, a gente levantava durante o dia, ia lavar o rosto e limpar o nariz por dentro assim, de fumaça preta, que é uma coisa assim fedendo a querosene por dentro do nariz. Água: por exemplo, era aqui a barraca, aqui pra cima, a gente ia uns cinco ou seis meninos, cada um com uma lata de dezoito litros, lá na praça da igreja, fazia fila de latas, aí enchia as latas e trazia e ia enchendo o tambor. [Então] voltava lá e trazia, voltava e trazia até encher. Era a água pra casa, pra tomar banho, pra comer, pra tudo, pra cozinhar. E banheiro? Era o mato que tem lá na frente ali, no cerrado. A gente ia lá, primeiro você tinha que procurar um lugar, porque não tinha, todo lugar tava sujo. Eu falei: e a gente sobreviveu e a gente não adoeceu, a gente não morreu.*<sup>68</sup>

Apesar da melhoria na infraestrutura da cidade ao longo dos anos, ainda há grande demanda para implantação de serviços básicos em Romaria, sobretudo no que tange ao saneamento básico. O município não conta com tratamento de água e esgoto. Por isso, são comuns os casos de doenças intestinais no período da festa causadas pelo consumo de água contaminada, sobrecarregando a UBS – Unidade Básica de Saúde da cidade.

Os arranjos e adaptações motivados pela festa alcançam as escolas de Romaria. O calendário escolar é alterado em função do evento. Tanto a escola estadual, como a municipal modificam suas férias e entram em recesso no período

<sup>66</sup> Entrevista com devota em Romaria, agosto de 2016.

<sup>67</sup> Entrevista com devoto em Uberlândia, fevereiro de 2017.

<sup>68</sup> Entrevista com filho de devota em Romaria, agosto de 2016.

anterior à festa. Assim como as instituições de ensino, o posto de saúde encerra suas atividades para o atendimento de rotina e trabalha apenas com as prevenções e emergências, recebendo tanto a população local quanto os romeiros.

A festa também gera outros efeitos, como o considerável aumento da produção de resíduos sólidos. Normalmente, são necessários vários dias para conseguir limpar a cidade, mas em 2016 foram contratados diversos trabalhadores que se revezavam para fazer a coleta do lixo e a varrição das ruas nas áreas da festa, melhorando consideravelmente o aspecto da paisagem.

Muitos moradores pontuam o odor que a festa gera. De acordo com os relatos, parte dos feirantes não têm acesso a sanitários. O problema piora durante a noite, pois muitos dormem no interior das barracas para vigiar as mercadorias. É comum, então, que façam suas necessidades fisiológicas na rua, gerando grande odor de urina e de fezes. Nos últimos anos, o problema parece ter sido amenizado pela utilização de sacos e de garrafas PET. Os feirantes sem acesso aos sanitários passaram a urinar dentro desses recipientes e deixá-los na rua. Assim, o odor não se espalhava. Ao se caminhar com olhos atentos pela área da festa, sobretudo no período da manhã, é comum observar garrafas cheias deixadas pelos cantos.

**Imagem 56: descarte de urina em garrafas PET durante a festa.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto 2016.

Para um dos entrevistados, a cidade só consegue se ver livre da sujeira e do odor causados pela festa após a ação da natureza:

*Enquanto não chove, enquanto a natureza não manda água mesmo, não sai aquele cheiro, aquele chão que você vê que tá impregnado. Sabe quando você faz uma festa na sua casa, aí fica só pra você arrumar que você viu, bebida no chão, tudo quanto há, e aquilo demora a sair...*<sup>69</sup>

<sup>69</sup> Entrevista com moradora de Romaria, em Romaria, agosto de 2016.

Apesar dos inconvenientes, na festa os moradores parecem exorcizar as dificuldades do dia a dia. É como se ela fosse o ápice do ano. Para muitos romarienses, o ano começa e termina na festa, conforme a fala de um entrevistado: *“Aqui, a ideia de muitas pessoas – os mais antigos, agora já tá mudando um pouquinho – é que o ano começa e termina na festa de agosto. Então se mede o ano pela festa de agosto. Chegou agosto o natal já tá ali na porta.”* Também é consenso que a festa contemporânea tem sido maior e mais rápida. Talvez a ideia da modificação no tempo da festa – que passa a ser muito rápida – se dê pelo avanço das tecnologias que permitem os deslocamentos acelerados. O tempo parece correr mais rápido, enquanto os moradores veem passar por suas portas milhares de pessoas em todos os dias da festa.

*Antigamente a gente via essa festa começar e acabar, hoje ela faz assim: “hoop” [exprimindo rapidez]. Antes vinha chegando de carro de boi, era divagar, agora isso aqui enche de carro aqui e depois aqui anoitece cheio de gente, aí amanhã amanhece quase ninguém aqui, você entendeu?*<sup>70</sup>

*A gente espera o ano inteiro, né? É bão, mais é ruim também.*<sup>71</sup>

*Festa de agosto é um sonho, isso aqui é um sonho, fica o ano inteiro pensando nela, a hora que chega é rapidinho. É igual quando cê tá sonhando, hora que você acorda já cabô.*<sup>72</sup>

No tempo lento do carro de boi respeitava-se as passadas do animal. O desmonte das barracas e o esvaziamento da cidade após o fim da festa era demorado e seguia o ritmo da natureza. No tempo veloz dos motores e do asfalto, a saída é rápida. Adentra-se numa máquina e em poucas horas percorrem-se muitos quilômetros. Se antes as famílias permaneciam vários dias na cidade para fazer “valer a pena” a dificuldade dos deslocamentos, hoje a tendência é dos passeios rápidos e curtos. O romeiro contemporâneo, de forma geral, chega cedo e à tarde já está novamente em casa.

*A cidade hoje esvazia rápido devido a quantidade de transporte. Ônibus, van, cada um tem seu carro, né? Antigamente eu mesmo cheguei a vim aqui, a gente contratava um caminhão vinha cinco, seis família num caminhão, aí*

<sup>70</sup> Entrevista com proprietário de residência em Romaria, agosto de 2016.

<sup>71</sup> Entrevista com morador de Romaria, em Romaria, agosto de 2016.

<sup>72</sup> Entrevista com moradora de Romaria, em Romaria, agosto de 2016.

*ficava né, aí [perguntava] que dia que vai [embora]? Ah, nós só pode buscar tal dia. Antes não tinha como você ir, né? Aí é onde talvez demorava a cidade a esvaziar, né?*<sup>73</sup>

*Outra coisa também que diminuiu um pouco aquele tumulto de gente a festa inteira é que qualquer lugar que cê sair aqui cê sai no asfalto [na rodovia], Uberaba, Araxá, Patrocínio, Araguari... tudo é asfalto. Então o cara envinha aqui, alugava uma casa aqui e ficava a semana inteira ou então eles fazia barraca, alugava um lote no fundo e fazia barraca, esses lote vago, alugava, fazia barraca e dormia ali dentro, de noite o ladrão chegava, limpava os trem deles com dinheiro e tudo, eles fazia comida naqueles fogãozinho de pedra no chão... Hoje quem vem de Uberaba [até] aqui gasta uma hora e vinte, então ele vem de manhã cedo pra cá, né? Fica aqui o dia inteiro e vai embora de noite.*<sup>74</sup>

Ao longo do tempo a festa foi aumentando e se espalhando em torno da igreja. A feira se expandiu, assim como os visitantes. Enquanto em 2014 estimou-se que 300.000 pessoas tenham passado por Romaria, o número divulgado em 2016 pela igreja foi de 500.000 visitantes. Este pode ser um número superestimado, mas é notável que a festa tem crescido e se adaptado. Nas imagens coletadas durante o período da presente pesquisa, por exemplo, foi possível notar a mudança da paisagem e do comportamento dos devotos. Se no início da década de 2010 os romeiros faziam fotografias da santa com suas câmeras digitais, em meados da mesma década, esses aparelhos desapareceram, sendo substituídos pelos *smartphones*. Pode-se observar, também, a modificação dos produtos vendidos nas barracas de acordo com o que está em voga ou na moda naquele ano. As cores, os modelos e os formatos dos produtos são modificados ano a ano de acordo com a demanda. Portanto, há sempre a permanência conjugada à modificação dos elementos da festa. A captura de imagens continua, mas a partir de outro aparelho. O comércio permanece, mas acompanhando a moda. Os visitantes seguem chegando em Romaria, mas cada qual de acordo com o que é possível.

Um dos grupos que seguem frequentando a Festa de Nossa Senhora da Abadia são os pedintes. Em geral, os moradores não os veem com bons olhos e os consideram “mendigos profissionais de festa”, pois migram de evento em evento a fim de recolher doações.

*É triste ver muitas coisas assim como esses mendigos que não são mendigos daqui. Eles vêm, eles levam o nome da cidade, deixam o nome da cidade*

<sup>73</sup> Entrevista com proprietário de residência em Romaria, agosto de 2016.

<sup>74</sup> Entrevista com morador de Romaria, em Romaria, agosto de 2016.

*como suja, porca, que só tem doente, e não é isso. [...] De uns anos pra cá foi proibido doação na praça [da igreja] por conta do tumulto. Quando se via uma pessoa que levava a mão no bolso pra oferecer e via aquele maço de dinheiro – que isso aí é normal na festa de agosto – fazia como se fosse uma formiga em cima de açúcar, em tempo de matar a pessoa. Por segurança deles [pessoas que fazem as doações] os padres que estavam aqui viu isso, pôis segurança na praça, orientou: “não entrega aqui, tem um meio de se entregar qualquer coisa, alimento, roupas, dinheiro, o que for”.<sup>75</sup>*

Por outro lado, os mendigos reclamam e se apropriam da festa. Dizem pertencer a elas e ter uma função fundamental nesse tipo de manifestação, já que muitos fiéis fazem votos de oferecer bens materiais e dinheiro aos pobres e inválidos, conforme apontado a seguir.

#### 6.2.2 “A igreja é de todos, tanto rico como pobre e até do mendigo”

Os pedintes, também conhecidos como “pobres” chegam em Romaria em função da festa de Nossa Senhora da Abadia. Nessa categoria se enquadram diversos tipos de pessoas: mendigos, aleijados, viciados em drogas, famílias comuns, entre outros. Alguns são considerados “profissionais” porque peregrinam de festa em festa com o fim de angariar as esmolas, já os outros, sobretudo aqueles das cidades vizinhas, só atuam como pedintes nesta festa.

Em geral, eles são mal vistos pela população de Romaria e também pela igreja que os consideram oportunistas. Durante os dias de maior movimento a rádio transmite de tempo em tempo alertas para os romeiros não darem esmolas aos pedintes. Entretanto, eles resistem. Apesar de proibidos de fixarem ponto na frente do santuário, eles o fazem e acabam provocando problemas com a polícia. Minutos após serem expulsos das áreas proibidas acabam retornando e esse ciclo de expulsão e resistência permanece durante todo o período festivo.

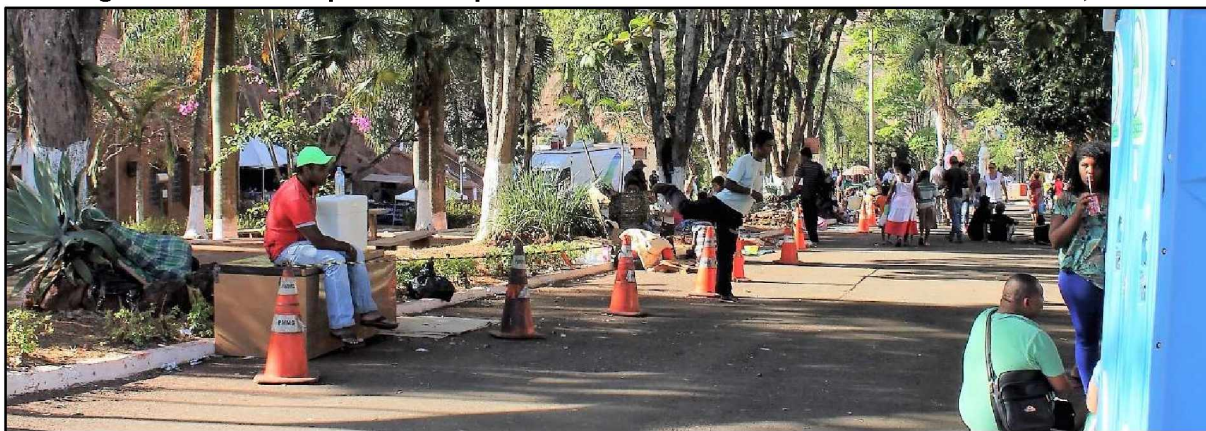
Do outro lado, há sempre o fiel que faz voto de dividir parte do seu dinheiro com os pobres durante a festa ou mesmo de fazer outros tipos de doação, sobretudo de alimentos e roupas. Alguns saem distribuindo moedas sistematicamente entre os pedintes, correndo o risco de serem atacados – situação bastante comum no entorno da igreja.

---

<sup>75</sup> Entrevista com moradora de Romaria, em Romaria, agosto de 2016.

Em 2016 foi demarcado um espaço ao lado do santuário para que parte desses esmoleiros ficassem. Todavia, muitos deles evitam tal espaço por afirmarem que lá é comum “dar confusão”. Os pedintes acabam se agredindo na disputa pelas esmolas. Uma das entrevistadas afirmou: *“Fico aqui, fico ali mais pra cima, pra cima ali [apontando a área separada pelos cones] não, ali dá muita briga – se for repartir alguma coisa ali o pessoal até machuca a gente, né? Porque eles avançam. Eles avança e machuca a gente.”*<sup>76</sup>

**Imagem 57: Área dos pedintes separada com cones e faixas ao lado do santuário, 2016.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto de 2016.

É comum ver famílias inteiras reunidas pedindo. Muitos adultos utilizam as crianças para comover os romeiros. Por outro lado, alguns pedintes dizem que trazem as crianças porque não têm com quem os deixar. Sobre isso, um dos entrevistados disse que *“Muitas delas [mães] também é porque não têm com quem deixar os filhos. Olha, vem eu, minha tia e esse primo meu desde que nós era criança. Quem é que ia ficá em casa cuidando deles?”*<sup>77</sup>

Outra tática utilizada para chamar a atenção é expor ferimentos, entonar pedidos como mantras e munir-se de expressões de dor e sofrimento. Fora do tempo do trabalho mendicante, parte desses sujeitos se estabelecem em barracas na periferia de Romaria. É comum vê-los tomando banho, lavando roupa ou se refrescando em uma bica de água próximo aos acampamentos na saída da cidade.

Os pontos escolhidos são flutuantes. Os pedintes escolhem um ponto em determinada hora, ao sair podem “perder” o lugar e ter de escolher outro ponto ao

<sup>76</sup> Entrevista com pedinte residente em Monte Carmelo-MG, em Romaria, agosto de 2016.

<sup>77</sup> Entrevista com pedinte residente em Brasília-DF, em Romaria, agosto de 2016.

voltar. Um dos grandes problemas sentidos pelos romeiros é o assédio. Em todos os momentos e por todas as partes próximas ao santuário os visitantes são abordados com pedidos de doação.

**Imagem 58: famílias de pedintes em Romaria, 2016.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto de 2016.

Um dos entrevistados reclamou com bastante veemência da festa e da postura da igreja em relação aos pedintes, principalmente por generalizar todos eles dizendo que são desonestos e oportunistas. Ele, que é cadeirante, disse precisar de doações para se manter em sua cidade de origem – Brasília. O entrevistado destacou que a igreja é de todo mundo, por isso ele poderia ficar onde quisesse, ao contrário do que acontecia, pois estava sendo constantemente expulso da frente da igreja, onde não era permitida a mendicância.

*Na minha opinião a igreja é de todos, tanto rico como pobre e até do mendigo. Vai um mendigo sentar ali [mais perto da igreja] procê ver... é um milagre a gente tá aqui [na praça em frente à igreja]. Eu mesmo com fé em Deus não quero mais vim aqui [na festa de Romaria]. [...] Muitas vezes eles [representantes da igreja] falam: não dê dinheiro a ninguém, entendeu? O próprio padre daqui fala isso, aí tipo assim, aí como a gente é pobre é mais fraco e ele sempre é a autoridade maior, tem um ditado que fala: “a corda só arrebenta pro lado mais fraco”. [...] E se você for falar com o padre ele vai falar mal da gente, isso eu tenho certeza absoluta, entendeu? Ele vai dizer que uns vem pra roubar, outros vem pra beber, outros pra fazer não sei o que, só que ele tem que ver quem é quem, entendeu? Ele tem que ver quem é quem [...] Num é pra chegar aqui e dizer que todo mundo aqui é isso aqui e o outro não, entendeu? Porque na minha opinião, como eu vou fazer alguma coisa de errada eu [estando] aqui na cadeira [de rodas]? Não tem como, eles bota é a pulícia pra prendê nós. Oh, o meu primo, ele tava catando latinha, e*

*foi preso. Até agora eu tô sem entendê. [...] Tem outra festa [em outra cidade] que o padre mesmo diz: “vamo ajudar, vamo ajudar quem precisa”. [...] O tanto que esse padre ganha [de dinheiro] aqui? Ele num podia ajudá nós não? [...] O que eu tô falando aqui é o que eu vejo.”<sup>78</sup>*

Os embates entre seguranças, igreja, polícia e pedintes são constantes em Romaria. Nos lugares de maior fluxo a prática da mendicância é veementemente reprimida. Trata-se da marginalização de quem já é marginalizado, pois a festa e a rua são públicas, mas o pedinte acaba atrapalhando a ordem social estabelecida. Ele existe e sua existência parece incomodar os olhos de quem realmente pode ver.

Os hansenianos também chegam à festa pelas doações, mas o fazem de forma organizada, como pode ser observado no tópico a seguir.

### 6.2.3 “Aqui vem gente doar de todo lado”

Lá no “canto” da cidade, quase escondido, fica o acampamento temporário dos hansenianos. Há décadas esse grupo de pessoas se reúne em Romaria buscando doações. Apesar de parte deles hoje ter acesso a tratamentos médicos e também não precisarem das doações, eles continuam se encontrando na cidade e participando do evento. Trata-se da reunião, da tradição, da prática religiosa e do encontro proporcionado pela festa.

*A gente tá com 119 pessoas cadastradas, já tivemos até 220. Vem gente de várias colônias e cidades. Essa área aqui é alugada, a prefeitura paga a maior parte do aluguel pra gente. Coloca água, cede energia da prefeitura e cada um faz sua própria barraca. Todo mundo tem seu fogãozinho, faz seu jirauzinho de fazer comida, mas do dia 8 em diante dificilmente as pessoas fazem comida, porque vem muita comida pronta [doação]. Aqui vem gente doar de todo lado.”<sup>79</sup>*

**Imagem 59: Acampamento dos hansenianos na Festa de Nossa Senhora da Abadia em Romaria, 2016.**

<sup>78</sup> Entrevista com pedinte residente em Brasília-DF, em Romaria, agosto de 2016.

<sup>79</sup> Entrevista com hanseniano, em Romaria, agosto de 2016.



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto de 2016.

O acampamento é bem organizado. Dias antes da festa algumas pessoas chegam para preparar o terreno, colocar água, dividir os espaços. A prefeitura ajuda como pode, paga boa parte do aluguel da área ocupada e disponibiliza água e energia para o grupo. Existe um coordenador geral conhecido como “chefe”, assim como há aqueles que recolhem as doações, os que as organizam para distribuição e pelo menos um trabalhador que recepciona e agradece aos doadores benevolentes. Todos aqueles que fazem doações aos hansenianos recebem orações e agradecimentos ao deixar o acampamento.

*Tem um que coordena e o pessoal chama de chefe porque é o coordenador chefe, porque pra fazer o trem funcionar [fazer a divisão das coisas, cadastrar o pessoal], né? E tem um que organiza as coisas pra gente liberar [as doações]. E tem um que fica fazendo agradecimento e mais uns outros que carrega e descarrega os caminhões, busca a mercadoria no centro da cidade que vem em ônibus. Vem muita coisa de Franca, aí vem de ônibus.<sup>80</sup>*

As imagens a seguir destacam o centro de distribuição das doações e algumas barracas no interior do acampamento. Todas as doações são alocadas nesta barraca central. Após a realização de agradecimentos e de preces é feita uma fila e cada um recebe parte do que foi arrecadado. Isso facilita a organização e evita confusões no momento de distribuição. Já nas barracas, cada família constrói seu próprio jirau e se organiza de acordo com suas possibilidades.

**Imagem 60: Organização do acampamento dos hansenianos em Romaria, 2016.**

<sup>80</sup> Entrevista com hanseniano em Romaria, agosto de 2016.



À esquerda tem-se o centro de distribuição das doações, à direita algumas barracas onde famílias vivem durante a festa.

Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto de 2016.

O acesso ao acampamento é, relativamente, livre. Muitos preferem se estabelecer neste espaço em função do preconceito que ainda resta em relação à doença. É comum ouvir reclamações e julgamentos da população de Romaria em função dos hansenianos. Um dos entrevistados do acampamento afirmou que há colegas que evitam utilizar espaços públicos como restaurantes e pousadas pelo preconceito alheio. Assim, vão para o acampamento, onde se sentem acolhidos e mantêm uma identificação mútua com os demais convalescentes.

*Tem 30 anos que venho, então conheço todo mundo. Alguns não precisam [vir para aquele espaço], igual certas pessoas de idade. Eles vêm porque conhecem todo mundo e não têm liberdade de frequentar um restaurante, de frequentar os lugar. Aqui tem liberdade de ir onde quiser, conversar com todo mundo, chegar na barraca do outro e entrar, bater papo, sem preconceito. [...] O preconceito não deixa de existir nunca, mesmo sabendo que hanseníase tem cura o pessoal ainda tem muito preconceito.<sup>81</sup>*

Apesar do preconceito, boa parte dos acampados acompanham as missas diárias no Santuário. Como espaço do sagrado, o Santuário se estabelece como um lugar onde o olhar e o julgamento do outro parece se tornar menos importante que a aproximação de Deus e o contato com o metafísico. É como se o lugar sagrado fosse um território neutro, onde se torna proibido julgar ou menosprezar o próximo.

Diferente do espaço do santuário, algumas pessoas não são bem-vindas no acampamento dos hansenianos. São os considerados “pobres” – os mendigos ou pedintes que competem ou mesmo roubam as ofertas dadas ao grupo de

<sup>81</sup> Entrevista com hanseniano em Romaria, agosto de 2016.

hansenianos. Muitos deles se estabelecem nas calçadas próximas ao acampamento, assim como ao lado do santuário, e se aproveitam do grande fluxo de doadores para também conseguir esmolas. Por vezes, eles chegam a saquear os carros que chegam com grande quantidade de ofertas. É comum ouvir pela cidade episódios de violência entre os pedintes por conta de algumas doações.

Enquanto dentro do acampamento há uma organização hierárquica e uma tentativa de divisão mais equânime das doações, fora dele os doentes, os mendigos e as famílias carentes disputam as ofertas na acepção “cada um por si e Deus por todos”.

*A maioria das doações aqui são promessa, você pode ficar aí na frente e ver, todo mundo que vem aqui doar recebe uma reza, uma oração, um agradecimento, todos. E todo mundo reza. Aqui tinha o moço que vinha e doava nota de vinte reais, era um empresário de Araguari. Ele trazia R\$40.000,00 e dividia na cidade com o pessoal. Primeira vez ele tomou uma porretada ali [fora do acampamento] que rachou a cabeça dele, mesmo assim ele continuou vindo, ia lá e doava. Ele ficava em pé e pessoal ia passando e recebendo. Ali ele veio vários anos, aí parou de vim, cada um passava, um de cada vez [em fila]. Os [acampados] daqui num pede na praça não, se sair pra pedir, aqui não fica! Os daqui recebe só o que vem [de doação] aqui.<sup>82</sup>*

Um dos moradores de Romaria confirma a abundância das doações para o grupo de hansenianos:

*Hoje mesmo eu presenciei. Um carro de Indianópolis trouxe, eram quatro barris de leite, tipo de 150 litros de leite que entregaram pro pessoal dos hansenianos. Então, quer dizer, já está organizado, as pessoas agora não fica lá na praça. Tem pessoas que vem pra festa somente pra doar comida pra eles, são votos que as pessoas fazem com Nossa Senhora.<sup>83</sup>*

Assim, os hansenianos do acampamento se restringem àquele espaço, sobretudo no que tange à arrecadação de ofertas. Trata-se de um acordo tácito entre eles, a população, a igreja e a administração de Romaria que parece tolerá-los há décadas durante as festividades.

Há outras categorias de sujeitos da festa, são os visitantes, devotos ou não, que chegam em Romaria no período da festa. Eles serão tratados a seguir.

<sup>82</sup> Entrevista com hanseniano em Romaria, agosto de 2016.

<sup>83</sup> Entrevista com moradora de Romaria, em Romaria, agosto de 2016.

#### 6.2.4 “Hoje eu já não sei porque eu venho mais, eu sei que não é porque eu sou devota da santa”

Na terceira seção foi apontada uma classificação proposta por Smith (1992) que prevê uma relação entre peregrino e turista a partir de seu envolvimento com o sagrado e com o secular. Trata-se do “*pious pilgrim*”, “*pilgrim over tourist*”, “*pilgrim as much as tourist*”, “*tourist more than pilgrim*” e “*secular tourist*”. A partir dessa classificação pode-se observar diferentes nuances entre os sujeitos que participam das romarias. Alguns são extremamente fiéis, outros nem chegam a ir ao santuário e parte deles conjuga, em suas práticas, a devoção e a diversão. Todos eles convergem na festa tornando-a única e complexa. Nessa perspectiva, torna-se inviável (e provavelmente impossível) apreender a totalidade dos visitantes da festa com suas especificidades. Todavia, essa barreira não impede um esforço de compreensão de algumas particularidades de parte desses sujeitos e de suas práticas.

Como observado nos caminhos para Romaria, os visitantes da festa são múltiplos. Cada um carrega consigo diferentes motivações e práticas que configuram sua individualidade e, no coletivo, constituem a festa. Durante os trabalhos de campo, foram abordados aleatoriamente diversos desses sujeitos. Suas histórias são únicas. Algumas delas serão tratadas a seguir.

#### **A devota que não vai mais ao santuário**

Uma das entrevistadas aluga anualmente uma casa em Romaria durante a festa da padroeira e lá recebe os amigos e a família. A casa é simples, com pouca mobília e sem laje. Ela tem apenas dois quartos e um único banheiro no quintal que é compartilhado entre os locatários e a família locadora que se muda temporariamente para uma edícula improvisada no fundo do terreno. O aluguel por cerca de duas semanas custou, em 2016, R\$2.000,00<sup>84</sup>, preço muito acima do valor de mercado da cidade se considerado o período fora da festa. Entretanto, no fim de semana que antecede a festa, a residência acolhe dezenas de familiares e amigos da locadora. Colchões são espalhados por todos os cômodos e a festa segue dia e noite.

---

<sup>84</sup> Relembrando que o valor do salário mínimo vigente no ano foi de R\$ 880,00 (BRASIL, 2015) e o valor médio do dólar dos EUA fixado para compra no mês de agosto de 2016, correspondia a R\$ 3,2397 (BRASIL, 2016).

É interessante que, apesar de muito devota de Nossa Senhora da Abadia, a locadora não visita mais a igreja. Pela idade avançada e dificuldade de locomoção, estar em Romaria já é suficiente para a prática da devoção e da diversão. Durante o período da festa, ela aguarda as visitas e até hoje ainda denomina a casa como “barraca”, resquício dos anos que não havia a opção de alugar um imóvel de alvenaria e os romeiros se alocavam em barracas.

Quando questionado se pensa em deixar de ir à Romaria algum dia, ela expressa sua vontade de parar, mas diz que não consegue. A festa já faz parte de seu cotidiano, de seu ser e de seu pertencer ao lugar. Agosto é mês de romaria em Romaria, definitivamente, até o fim. Nas palavras da entrevistada, *“Eu acho que não dou conta [de parar de vir à Romaria], eu falo assim pros outros que vou parar, mas sei não, parece que não dou conta não.”*<sup>85</sup>

### **A espírita que permanece indo à festa e acampando na cidade**

Alguns metros após a casa alugada há um terreno com uma barraca improvisada. Lá fica embarracada a família de uma das filhas da entrevistada anterior. Ela faz diversos arranjos para ir à Romaria anualmente. Primeiramente, se recusa a alugar uma casa, só vai para a cidade se for para permanecer em barraca. Então aluga um terreno (que em 2016 custou R\$750,00 com água, ponto de luz e banheiro improvisado) e monta a barraca da família. No ano em questão, a chegada em Romaria se deu no dia oito de agosto e o grupo foi formado por 13 pessoas. Entretanto, no decorrer dos dias, parentes e amigos vão chegando e a barraca atinge seu ápice de ocupação no final de semana anterior à festa e na data do evento.

Ela conta que em um ano específico até se dispôs a ficar em uma casa alugada, mas não se adaptou e acabou improvisando uma barraca no fundo do terreno. Afirma fazer isso para mudar a rotina, já que vive em casa e gosta de acampar. Por outro lado, seu irmão afirma que a ideia de estar em Romaria está diretamente conectada à permanência em barracas, por isso ela continuaria reproduzindo tal prática. *“[Minha irmã] ela não aceita alugar casa. Ela fala: “sobre eu vim de casa alugada parece que não tem sentido vim pra Romaria, não tem graça”.*”<sup>86</sup>. O pensamento do irmão é oposto, para ele o que não faz sentido é viver com pouca estrutura quando é possível

<sup>85</sup> Entrevista com devota em Romaria, agosto de 2016.

<sup>86</sup> Entrevista com irmão de devota em Romaria, agosto de 2016.

se hospedar com mais conforto. Ele afirma: “*Mas é um sofrimento lá. Joga água no chão, depois os meninos pisam, faz lama misturada com poeira. Eu falo: “como você aguenta nos dias de hoje fazer isso?”*”<sup>87</sup> Ambos os pontos de vista têm sentido. Por isso, a festa se torna tão diversa. Os olhares e as ações são diferentes, mesmo que as pessoas estejam conectadas.

Os arranjos feitos pela entrevistada atingem práticas do ano todo. Os móveis levados para a barraca, por exemplo, não são os utilizados no dia a dia. Ela afirma ter em sua residência, na cidade de Indianópolis, um quarto destinado ao armazenamento dos móveis e utensílios utilizados em Romaria. Eles ficam guardados o ano todo até que na época da festa são retirados e transportados em um caminhão até o destino. Ela leva cadeiras, mesas, colchoes, sofás, forno elétrico, televisão, roupas de cama, mesa e banho, utensílios de cozinha, geladeira e tudo mais que é necessário para garantir o conforto da família.

*Nois traz tudo. Vem de caminhão. Traz de tudo. Minhas coisas de vir pra cá eu chego e guardo num cômodo. Eu só vou mexer o ano que vem na época de vim. Eu tenho um cômodo na minha casa e minhas coisas de vim pra cá fica guardada. Depois no ano que vem na época de vim eu tiro de volta. [...] Eu trazia minhas cadeiras da minha cozinha. Andou estragando muito, aí eu já nem trouxe, aluguei essa aqui pra trazer. Aluguei lá e trouxe. Mas meu marido que fez essas coisas de pau pra eu fazer [mostra alguns móveis feitos em madeira]. Tem esse aqui, tem as prateleiras, ele que fez. Tem banco de pau, tudo foi ele que fez e tem muitos anos já.*<sup>88</sup>

**Imagem 61: barraca armada em terreno em Romaria, MG.**

<sup>87</sup> Entrevista com irmão de devota em Romaria, agosto de 2016.

<sup>88</sup> Entrevista com visitante de Romaria, em Romaria, agosto 2016.



Destaque para os equipamentos elétricos como televisão, forno, fogão e geladeira. Fonte: MARQUES, Luana Moreira, agosto 2016.

Como há a disponibilidade de energia elétrica, a entrevistada compra alimentos perecíveis como carnes e verduras que são guardados na geladeira. Não há mais a necessidade de se preparar os alimentos com antecedência, como no passado. A carne de lata e as almôndegas conservadas na gordura animal ficaram raras nas residências e barracas de Romaria, enquanto os eletrodomésticos estão presentes por todos os lados. Perguntada se faz carne em conserva, a entrevistada nega: *“Não, já teve ano de fazer isso. Hoje não faço mais não. Tem muito tempo que a gente compra aqui. Acho que tudo evoluiu muito.”*<sup>89</sup> O sentido de evolução está relacionado à tecnologia. Não há mais a necessidade de se fazer conservas, uma vez que a geladeira desempenha tal função. Nessa perspectiva, enquanto a geladeira aparece a lata desaparece, mas o consumo da carne permanece, mesmo que diferente. A festa também é assim, ela permanece porque se adapta ao tempo e ao espaço.

Para a entrevistada, o custo de passar uma temporada em Romaria é alto, mas desde 2015 ela contorna esse problema fazendo um consórcio entre amigos. Assim, consegue reunir o dinheiro para financiar a viagem. Além disso, também negocia as férias no trabalho para estar livre nos dias da Festa de Nossa Senhora da Abadia. Tais ações constituem-se como arranjos para a participação do evento.

<sup>89</sup> Entrevista com visitante de Romaria, em Romaria, agosto 2016.

[Luana Moreira Marques] *É muito caro vir pra cá?*

[Entrevistada] *É, não é barato não. Eu nunca fiz [reserva durante o ano pra juntar dinheiro], mas desde o ano passado eu fiz um consórcio pra eu vir. Fiz e já vou fazer outro e... já vou começar outro agora. Cabeí esse esse mês e começo outro em setembro.*

[Luana Moreira Marques] *como funciona esse consórcio?*

[Entrevistada] *É entre amigos. A gente junta 12, 14 amigos, né? A gente é funcionário público e todo dia de pagamento a gente tem uma colega responsável e ela recolhe esse dinheiro e faz pagamento. Eu uso pra vir pra Romaria. Eu usei esse ano e vou usar o ano que vem pra cá.<sup>90</sup>*

O estabelecimento de tanto esforço e superação de barreiras pode ser pensado como o resultado de uma grande devoção à Nossa Senhora. Entretanto, apesar da formação católica, a entrevistada não faz a viagem pela devoção à santa.

*Eu já vinha pra Romaria recém nascida e estou [vindo] até hoje. Nunca faltei de vir, eu acho que quando pequena a gente vinha porque tinha uma devoção. Talvez a gente seguia os pais, né? Hoje eu já não sei porque eu venho mais, eu sei que não é porque eu sou devota da santa, porque eu sou católica... Não. Hoje não é isso mais. Eu venho porque eu gosto hoje, né? E... minhas filhas também, né? Vem com o costume da gente vir e também gostam muito. [...] Eu sou espírita. Mas acredito muito, né? Em Nossa Senhora da Abadia. Ela é um espírito de luz com certeza, né? Mas é... num tem o que falar de ir lá na igreja, cumprir promessa, ver a imagem, comigo não tem isso mais. Mas eu vou na igreja, levo as crianças... mas falar que eu vou lá assistir uma missa, que eu vou lá adorar a imagem, não! Não vou. Tenho certeza que tem esse espírito de luz que é Nossa Senhora da Abadia, tenho sim, né?<sup>91</sup>*

“*Eu sei que não é porque eu sou devota da santa*” diz muito sobre a continuidade da peregrinação de vários sujeitos que não tem mais o catolicismo como religião. Mesmo com a mudança, eles permanecem indo à Romaria porque aquele lugar proporciona mais do que a prática da fé, ele também permite as sociabilidades, o lazer, o reavivamento da memória, etc. No caso da entrevistada, ela não realiza mais os rituais propostos pelos católicos, mas mantém Nossa Senhora como um “espírito de luz”, sendo alocada num patamar elevado para o espiritismo. Nessa perspectiva, a devoção se adapta à novas práticas e realidades dos sujeitos.

Uma outra devota encontrada durante os trabalhos de campo, também espírita, segue participando das peregrinações a Romaria por um sentimento parecido. Desde a infância ela acompanhava a mãe até a festa da padroeira e após o falecimento da matriarca, tomou Nossa Senhora como referência de mãe, de intercessora:

<sup>90</sup> Entrevista com visitante de Romaria, em Romaria, agosto 2016.

<sup>91</sup> Entrevista com visitante de Romaria, em Romaria, agosto 2016.

*Uai, nós é criada no catolicismo, né? Eu não gostava de lá [festa de Romaria] não, aí você cresce na Igreja Católica, eu crismei... então você não perde tudo disso. A gente questiona muita coisa, eu saí justamente por questionar a religião que eu achava que era essa questão do doutrinamento, desse tanto de alegoria... a gente estuda história e a gente desanima, mas aí tem coisa que a gente não perde. A maioria dos espíritas são ex-católicos e a maioria dos espíritas que eu vejo lá [no centro espírita] batiza filho [risos] faz tudo, então a gente não perde isso [...] Acho que a maioria [da devoção] veio da minha mãe. É no desespero, na hora que cê não tem pra quem recorrer, cê recorre. É como se fosse mãe mesmo, sabe aquela hora que você grita e fala: “mãe!” É mãe! E trata como mãe mesmo e eu tenho um respeito absurdo. Mesmo antes disso, na hora que você vê a manifestação de fé ali, por mais que você não seja da religião, é bonito demais! É uma energia esquisita. Cê olha e fala: “meu Deus!”, então, é bonito... e me socorreu! E num falo que num desespero eu num prometeria ir a pé não, porque eu ia mesmo.<sup>92</sup>*

A viagem até Romaria também tem o sentido de mudança de paisagem, do lazer e da desobrigação dos afazeres. O tempo vivido é livre, trata-se do tempo do não trabalho, mesmo que ele seja espontaneamente efetivado, isto é, a rotina segue sendo realizada, mas de forma desobrigada. *Muda um pouco da rotina, mas é a mesma coisa. [...] Se levantar cedo levantou, se não levantar cê fica de boa, sem muita preocupação. É diferente, mas a gente acaba levantando cedo, não consegue ficar deitada. Já acostumou a levantar, né?*<sup>93</sup>

Quando questionada em relação às próximas romarias, a entrevistada alocada na barraca tem uma fala bem similar à fala da própria mãe: cogita deixar a peregrinação, mas diz não conseguir fazê-lo.

*Uai, então, já teve um monte de vezes a gente pensa em não vir, não vem, não vem, não vem, não vem, né? Aí chega nos dias e eu não consigo me ver lá [na cidade de residência]. Não consigo. Também não consigo me ver vindo aqui um dia e voltar. E assim, eu não quero ficar [na cidade de origem].<sup>94</sup>*

Tanto para a mãe como para a filha, a festa já não faz sentido em relação ao sagrado devocional, mas faz sentido em relação à prática cultural e ao lugar. Ir à Romaria dá sentido à vida. O lugar é sagrado para ambas, mesmo que a viagem não seja mais diretamente motivada pela santa padroeira.

### **O grupo que, apesar de ter automóveis, criam bois para ir com eles à festa**

<sup>92</sup> Entrevista com visitante de Romaria, em Romaria, agosto 2016.

<sup>93</sup> Entrevista com visitante de Romaria, em Romaria, agosto 2016.

<sup>94</sup> Entrevista com visitante de Romaria, em Romaria, agosto 2016.

Do outro lado da cidade existe uma área particular destinada às barracas. É lá que fica a maioria das comitivas de carreiros. Após chegarem na cidade e receberem a bênção do pároco, começam a montar o acampamento. Neste espaço há pontos de iluminação, mas não existe outro tipo de estrutura como banheiros ou água encanada, tudo é improvisado e o trabalho se dá em forma de mutirão. Apesar de ser uma área comum, cada comitiva estabelece sua organização própria, com seus próprios mutirões e práticas.

O mutirão é a ação coletiva em prol de algo ou alguém. Os mutirões eram (e permanecem sendo em alguns lugares) atividades muito comuns nas comunidades rurais, sobretudo em épocas como a do plantio e da colheita. Nesse período, as famílias se ajudavam mutuamente. Ajuda que, no caso dos mutirões para o sagrado, não é considerada trabalho ou fardo, conforme afirma Brandão:

A diferença entre o mutirão (com ou sem “traição”) é que mesmo quando há bastante trabalho de homens e mulheres em uma “festa de santo”, ou em uma “chegada de folia”, tudo o que se faz então é considerado um não-trabalho. Uma oferta de um “serviço voluntário”, mas, na verdade, quase obrigatório pelo código local de trocas de bens, serviços e sentidos, às pessoas da casa, ao grupo ritual ou mesmo aos seres sagrados festejados. (BRANDÃO, 2009, p. 46)

No caso das romarias de carros de bois, diversos mutirões continuam acontecendo antes, durante e depois da festa. No acampamento, esse tipo de “não-trabalho” se dá, principalmente, durante a montagem e desmontagem das barracas e no preparo da alimentação, conforme pode ser observado nas imagens a seguir.

**Imagem 62: mutirão para montagem das barracas no acampamento e almoço para a comitiva.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto de 2013; agosto de 2016; agosto de 2016, respectivamente.

A montagem das barracas e a organização do acampamento encerra a primeira fase da peregrinação dos carreiros até Romaria. As famílias, de modo geral, permanecerão neste destino até o dia seguinte da coroação de Nossa Senhora da Abadia, quando farão o caminho de volta às suas casas.

Os dias de acampamento seguem numa rotina de tempos e espaços sagrados e profanos, compostos por passeios nas barracas de feiras (que comercializam diversos tipos de produtos), pelo preparo das refeições, pelas festas, por visitas ao Santuário para aproximação física com o sagrado, pela participação em missas, enfim... o tempo de acampamento é um misto de devoção e diversão. Nas palavras do patriarca de uma família e de sua filha:

*[Luana Moreira Marques] O que vocês ficam fazendo lá nesses dias que vocês tão lá acampados?*

*[Patriarca] Uai, esses dias que fica fazendo lá é o seguinte: umas parte vai lá na cidade passear, outras ficam assando carne, batendo papo, jogando baralho... jogando truco, ficam aí... passa o dia assim.*

*[Filha] Mas alguns vai é por promessa, o meu tio foi por muitos anos cumprindo promessas. Alguns vai cumprindo promessa, sempre tem as novenas, quer dizer, homenagens pros carros de boi...<sup>95</sup>*

Quando a entrevistada fala das homenagens aos carros de bois, ela se refere à missa dos carreiros – evento inserido no calendário da festa a partir do ano de 2010. Essa missa tem sido realizada nos dias 14 de agosto de cada ano (um dia antes da festa de encerramento e coroação da padroeira). As celebrações são marcadas pelo ritual de se levantar as varas de ferrão utilizadas para o carreio dos bois visando a benção e reconhecimento do esforço da peregrinação pelo sacerdote católico.

**Imagem 63: Carreiro e candieiro munidos de suas varas de ferrão.**



<sup>95</sup> Entrevista com carreiro e sua filha em Monte Carmelo, setembro de 2013.

O carreiro é quem “toca” os bois. Ele sempre vai atrás da boiada (neste caso o Senhor de camisa azul na foto à esquerda). O candieiro é quem guia a boiada, quem faz o carreio. Ele sempre se põe em frente à boiada (neste caso o Senhor de camisa clara na foto à esquerda). Fonte: arquivo pessoal de Márcio Limirio Coelho. Agosto de 2010; MARQUES, Luana Moreira, Agosto de 2016.

A fala do patriarca de uma das famílias enaltece a divisão espacial dos lugares da devoção e da diversão. Perguntado sobre a que horas eles rezavam, a resposta foi a seguinte:

*Na barraca nem reza, só reza lá na igreja e lá na praça da igreja ali na hora da missa. Na barraca não reza terço, não reza nada.  
[Luana Moreira Marques] E pra sair na carreada?  
Pra sair reza o seguinte, reza na hora de sair e na hora de chegar, mas cada um reza pra si [individualmente e silenciosamente].<sup>96</sup>*

Ou seja, não são realizados rituais sagrados no espaço do acampamento. Ali é o lugar do truco, da comilança, do churrasco, da diversão... A devoção se dá no espaço do sagrado. Para rezar, os romeiros vão à igreja ou fazem suas próprias orações silenciosas e isoladas. Portanto, no tempo e espaço da romaria, existem os momentos da diversão e da devoção, mas eles estão separados, apesar de interligados.

A coroação de Nossa Senhora da Abadia se dá na noite do dia 15 de agosto. Esse é o marco do fim da festa. Mas a desmontagem das barracas e a volta para a casa se dá na manhã do dia 16. Nesta data, todas as comitivas têm o mesmo comportamento: mutirão para o desmonte, preparação dos carros, junção e “canga” dos bois e, por fim, a estrada.

**Imagem 64: o retorno da romaria em carros de bois.**



Fonte: arquivo pessoal de Márcio Limirio Coelho. Agosto de 2010 e agosto de 2011 (respectivamente).

<sup>96</sup> Entrevista com carreiro em Monte Carmelo, setembro de 2013.

### **A visitante que aguarda o ano todo para fazer compras na feira**

Entre os visitantes de Romaria também estão aqueles que chegam à festa com foco principal no consumo. Durante os trabalhos de campo algumas pessoas afirmaram esperar o ano todo para fazer compras na feira da festa, uma vez que os preços praticados são significativamente mais baixos que nas lojas comuns. *“Eu espero o ano inteiro, porque muitas coisas é o mesmo padrão e é bem mais em conta [na feira], talvez até 50, 60, vai até 70% mais barato, aí eu espero pra comprá lá na feira da Romaria.”*<sup>97</sup>

Além do consumo próprio, muitos comerciantes da cidade e região também aproveitam o evento para abastecerem seus estoques. Compram os produtos da feira e depois revendem mais caro em suas lojas. *“Os barraqueiros, lógico, vem pra ganhar dinheiro. Muita gente vem comprar deles barato pra revender em outros lugar, né?”*<sup>98</sup> É importante lembrar que os preços praticados na feira são mais baixos porque muitas barracas vendem a produção diretamente da fábrica, o que reduz os custos. Além disso, não são recolhidos alguns impostos referentes à manutenção de lojas físicas, uma vez que os feirantes itineram pelos eventos no Brasil todo.

### **Os jovens que chegam à Romaria só pela diversão**

Dentre os múltiplos sujeitos que participam da Festa de Nossa Senhora da Abadia, em Romaria, estão aqueles que lá chegam apenas pela diversão. Muitos sequer visitam a igreja, mas promovem e participam de festas paralelas, de forrós, de churrasco, além de fazerem compras, paquerar, dentre uma série de práticas ligadas ao lazer.

*Tem os que vem pra balada mesmo, pra beber, pra festá, né? Igual meu menino mesmo, uma vez, os colega dele veio, botou barraquinha aqui pra toda banda [no terreno alugado]. [Eles] veio só pra bebê, pra farriar, pra... acho que eles nem sabia que que tava acontecendo aqui nessa Romaria.*<sup>99</sup>

Tal comportamento também pode ser observado em outras festas religiosas e romarias pelo Brasil. Steil (1996), ao estudar a romaria de Bom Jesus da Lapa, na

<sup>97</sup> Entrevista com visitante de Romaria, em Monte Carmelo, setembro de 2013.

<sup>98</sup> Entrevista com visitante de Romaria, em Romaria, agosto de 2016.

<sup>99</sup> Entrevista com visitante de Romaria, em Romaria, agosto de 2016.

Bahia, encontrou esse mesmo perfil de visitantes, conforme trata no fragmento de texto a seguir:

Juntamente com os romeiros também vêm outros visitantes, atraídos pela festa e a excitação da romaria. Comumente viajam de carro particular ou de ônibus de linha e têm uma participação bastante periférica nas *atividades religiosas*. Entre estes, encontrei um número expressivo de jovens que estavam na Lapa em busca dos divertimentos que a romaria proporciona, freqüentando especialmente os bailes, as mesas dos bares, os rodeios. (STEIL, 1996, p. 71)

Assim como em Bom Jesus da Lapa, os visitantes que chegam à Romaria em virtude da festa e do movimento também são, em sua maioria, jovens vindos das cidades do entorno de Romaria. Muitos aproveitam o pouso oferecido por parentes que estão embarracados ou mesmo que alugam casas para permanecerem nos finais de semana na cidade. Seguindo a linha dos participantes da festa motivados pelas práticas não religiosas estão os feirantes.

#### 6.2.5 “Querendo ou não quem faz a festa é o feirante”

O título dado ao presente tópico vem da fala de um feirante que trabalhou na festa de agosto de 2016. Apesar da devoção à Nossa Senhora da Abadia legitimar a festa, a participação dos feirantes foi e continua sendo fundamental para seu crescimento e projeção na região. Conforme apontado anteriormente, a feira atrai muitos visitantes que chegam à cidade com a intenção de aproveitar as ofertas. Dizem, por exemplo, que muitas pessoas só renovam seus guarda-roupas apenas em agosto.

**Imagem 65: Comércio informal durante a Festa de Nossa Senhora da Abadia, 2012.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto de 2012.

Os comerciantes informais se instalam no entorno da igreja e ruas mais movimentadas para comercializar artigos religiosos, alimentos, roupas, utensílios domésticos, eletrônicos e *souvenirs*. Toda essa movimentação promove grandes fluxos que mobilizam a cidade de Romaria e a população do entorno, mas tal movimentação é fugaz, concentrando-se anualmente na primeira quinzena do mês de agosto. Entretanto, a feira não é exclusividade da festa de agosto. Durante os encontros de Folias de Reis nos meses de janeiro, por exemplo, alguns comerciantes chegam à cidade para montarem suas barracas. Como esperado, a feira de janeiro tem uma dimensão significativamente menor se comparada à de agosto, mas ela está presente e movimenta, mais uma vez, na cidade.

**Imagem 66: Feira em Romaria.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Janeiro de 2017.

Os feirantes se instalam nas calçadas dos residentes de Romaria e pagam taxas pelo “aluguel” do espaço. Também pagam uma taxa para a prefeitura que autoriza seu estabelecimento temporário em espaço público. Os valores são diferentes, dependendo da localização da calçada em relação ao Santuário e também da metragem ocupada. Quanto mais perto do templo e maior o espaço ocupado, mais alto será a taxa e o aluguel do espaço. Em 2016 os valores praticados chegaram a R\$1.500,00<sup>100</sup> o metro da calçada. O valor cobrado não se refere ao metro quadrado, mas à quantidade de metros que a barraca ocupará na frente da casa onde é instalada. No mesmo ano, a taxa para ligação da energia elétrica girou em torno de 300,00, dependendo da quantidade de lâmpadas a serem instaladas na barraca.

<sup>100</sup> Relembrando que o valor do salário mínimo vigente no ano foi de R\$ 880,00 (BRASIL, 2015) e o valor médio do dólar dos EUA fixado para compra no mês de agosto de 2016, correspondia a R\$ 3,2397 (BRASIL, 2016).

Destaca-se que é proibido utilizar extensões para aproveitar os pontos de energia elétrica das casas, mesmo que o morador permita. Isso aumenta ainda mais o custo da instalação das barracas. Por último, eles são obrigados a pagar pelo alvará de funcionamento da prefeitura que foi de R\$90,00 no ano em questão. Tal taxa é cobrada a todos os comerciantes informais, incluindo os ambulantes que andam pela feira vendendo diversos tipos de produtos. Um adesivo colado nos estabelecimentos comprova o pagamento do alvará e evita problemas com os fiscais que circulam pela feira a todo o momento.

**Imagem 67: Alvará disposto em uma das barracas da feira e vendedora ambulante circulando pela festa.**



Fonte: MARQUES, Luana Moreira. Agosto de 2016.

Todos os feirantes entrevistados reclamaram dos valores cobrados para sua instalação na cidade. Entre eles, é unanimidade que o preço dos alugueis têm sido abusivos. Muitos afirmam que a festa já não consegue ser financeiramente atrativa.

*Todo ano eles [os moradores] num qué aumenta de trinta reais no ano, eles qué aumenta de cem, cento e cinquenta. Tem lugar aí que eles aumenta é quinhentos num ano pro outro. Ai quer dizer: a pessoa vem esse ano, aí esse ano ele toma um prejuízo, o outro ano ele num vem, aí vem outro, aí o outro toma um prejuízo, aí num vem, aí um vai falando pro outro: “tá doido, aquela festa tá muito cara, num tá compensando não”. Ai vai matando a festa, eu conheço muitas festa que cabô. Hoje você chega nas festa que era cheia de feirante e você num vê feirante mais, é só novena, entendeu? Ai vai matando a festa, eu conheço várias assim. Trindade: quem diria que Trindade faltava ponto. Esse ano sobrou ponto [por ter encarecido demais].<sup>101</sup>*

<sup>101</sup> Entrevista com feirante em Romaria, agosto de 2016.

É comum que os feirantes se estabeleçam no mesmo ponto todos os anos. No fim da festa o aluguel do espaço já fica pré-combinado com o proprietário da casa. Um dos entrevistados começou a participar da festa em 2006. Ele circula, principalmente, entre as festas do interior de Goiás e de Minas Gerais, mas já não considera a festa de Romaria atraente. Afirma que no passado pagava \$200,00 pelo metro da calçada, agora o valor já chega a R\$550,00. A partir de sua experiência ele aponta que os comerciantes sem muita experiência acabam chegando apenas às vésperas da festa, conseguindo um ponto de venda muito ruim a um custo muito alto, o que faria com que tivessem prejuízo. É importante lembrar que o valor cobrado pelo passeio não está diretamente relacionado à quantidade de dias que o feirante permanecerá no espaço. Por isso, alguns chegam até mesmo antes do início das festividades. Observa-se, portanto, que o lucro parece ser incerto, tendo ocasiões em que o feirante consegue ser bem-sucedido, entremeado por anos de menor lucro ou mesmo de prejuízo.

O mercado de aluguéis de calçadas em Romaria tem ganhado um novo elemento: os “corretores”. Alguns moradores passaram a mediar os aluguéis entre comerciantes e moradores, ganhando uma margem de lucro pela da mediação. De acordo com um dos entrevistados, o ponto é passado ao intermediador que o repassa ao comerciante com uma margem muito grande de lucro, aumentando ainda mais o custo de estabelecimento da barraca na festa:

*Isso daqui é uma máfia, toda festa aqui é máfia, tem pessoas aqui [da cidade] que pega os pontos das pessoas, pega as pessoas no meio do ano, compra os pontos deles, certo? Vamos supor: você é dona de uma calçada, aí – pega o ponto, compra e revende o ponto bem mais caro.<sup>102</sup>*

Do lado oposto, os moradores relatam golpes dados pelos feirantes, uma vez que muitos combinam de pagar o aluguel no final da festa, pois somente nesse momento teriam dinheiro para repassar ao morador, mas na véspera da data combinada abandonam a barraca no meio da noite deixando de acertar o aluguel do espaço. Além disso, os moradores também desconfiam da fala dos feirantes, pois parte deles retorna todos os anos para trabalhar na cidade:

*Ah, esses barraqueiro eles fala que num ganha, aí cê pode ver, cê anda assim tudim procê ver, aí ano que vem cê vê que cê vai ver os mesmo que fala que num ganhou dinheiro tá ali. Por isso que eu falo que eu acho que eles*

<sup>102</sup> Entrevista com feirante em Romaria, agosto de 2016.

*ganham, porque se num ganhasse num ficava reclamando, num vinha, porque todo ano eles tá lá no mesmo ponto, no mesmo lugar.*<sup>103</sup>

As queixas dos feirantes não se restringem ao custo de participar da festa da padroeira em Romaria. Eles também lamentam a falta de estrutura de apoio para os trabalhadores informais, o que consideram falta de respeito da administração pública. Além disso, destacam a importância da atuação do feirante na festa, uma vez que sem sua presença, o evento não atrairia tantas pessoas e não geraria renda para a cidade, se reduzindo aos rituais do sagrado.

*Aí vem mais aquele outro detalhe: tem aquele descaso que além de você pagar – olha, ninguém tá aqui de graça, mesma coisa de um lojista é a gente, a gente tem que pagar imposto, tem que pagar transporte, chega aqui tem que pagá ponto pra trabalhar, tem que pagá o alvará, certo? E as vezes a gente vê muito assim a falta de respeito dos administradores da cidade, os político, como se diz, o desrespeito que eles tratam nós, os feirante, entendeu? Num oferece um banheiro, num oferece nada, num oferece um apoio pro feirante. Olha aqui procê ver se você vê um banheiro químico, alguma coisa... Não tem! Se você vai usar um banheiro por aqui, particular, é R\$2,00 pra usar o sanitário. Ou você paga um banho separado, ou você paga muito caro numa casa pra ficá, se tiver com quem dividir... hoje o aluguel duma casa é duzentos, trezentos reais fora da festa, na época da festa os cara paga quatro mil, cinco mil... Então a gente fica admirado pela falta de respeito e, eu acho assim, os administradores da festa tinha que ter mais respeito com os feirante, porque querendo ou não quem faz a festa é o feirante, porque se não tiver o feirante aqui, a missa vai tê, mas assim, vai lá e depois vai embora, num deixa renda na cidade, num deixa nada. Que que vai deixar na cidade? E aqui a gente deixa renda na cidade.*<sup>104</sup>

A falta da infraestrutura de apoio leva aos arranjos feitos pelos sujeitos, como urinar em garrafas e evacuar em caixas de sapato, como já relatado anteriormente. Mas muitos se arranjam em pequenas casas dividindo-as com outros comerciantes. Tais lugares se tornam um ponto de apoio. Apesar disso, a prática de dormir na barraca para vigiar a mercadoria permanece.

Conforme apontado anteriormente, o comércio informal age diretamente no comércio local das cidades. O preço competitivo dos produtos ofertados nas barracas atrai muitos visitantes. As lojas de Romaria interrompem suas atividades nos dias mais movimentados da festa. Tal interrupção permite o aproveitamento da mão de obra romariense em trabalhos informais e temporários. Uma vendedora de loja ou um

<sup>103</sup> Entrevista com moradora de Romaria, em Romaria, agosto de 2016.

<sup>104</sup> Entrevista com feirante em Romaria, agosto de 2016.

jovem estudante, por exemplo, pode tomar conta de um estacionamento improvisado no quintal de sua residência ou mesmo ajudar no atendimento dos peregrinos nas barracas da feira.

A chegada dos comerciantes itinerantes não altera somente as instituições privadas do lugar, mas lançam modificações no cotidiano dos moradores locais, dos peregrinos, dos trabalhadores formais de Romaria, entre outros. Há efeitos, também, na paisagem da cidade, na disputa pelo território, entre tantos outros alcances da festa em relação à modificação do cotidiano.

#### 6.2.6 “Quem toca o sino não acompanha a procissão”

Em Romaria quase todos os moradores sabem que a festa da padroeira também fomenta a prostituição, apesar de poucos comentarem. A profissão tida como a mais antiga do mundo é exercida em pelo menos duas casas durante a festa. Uma delas funciona há mais de 17 anos e está no mesmo lugar desde 2013. Assim como os demais comerciantes, o casal que gere o prostíbulo aluga a casa pelo período das festividades. Em 2016 ela começou a funcionar no dia três de agosto e encerrou suas atividades no dia 18 do mesmo mês.

A casa reuniu mulheres de várias origens como Araguari, Monte Carmelo, Catalão, Araxá, Abadia dos Dourados, Uberlândia, entre outras. A divulgação, tanto para convidar as mulheres ao trabalho quanto para atrair os clientes, é feita oralmente e informalmente. Uma mulher convida ou indica a outra e, assim, a cada ano é formada uma nova rede de profissionais. Algumas trabalham em todas as festas, outras chegam pela primeira vez, como é o caso de uma das entrevistadas:

*Meu amor, esse ano é a primeira vez que eu venho aqui. Eu sou maranhense, mas agora tô morando em Uberlândia. Tem três anos que eu tô em Uberlândia. Eu trabalho assim, na casa das meninas né? Aí a moça falou que aqui era bom, então eu disse: vamo lá conhecer, tem que ir lá conferir pra ver se é bom. Eu tô gostando, até agora eu tô gostando.<sup>105</sup>*

“Ver se é bom” significa notar se a festa é rentável. Até a ocasião, a entrevistada tinha uma visão otimista sobre o evento. Portanto, trabalhar em Romaria parece também compensar financeiramente ao setor da prostituição. Soube por um morador que o valor do aluguel de casas para esse fim é mais alto em função do estigma desse

<sup>105</sup> Entrevista com prostituta em Romaria, agosto de 2016.

tipo de trabalho. Isso faz com que em algumas ocasiões os donos dos prostíbulos temporários loquem casas com finalidade de ocupação familiar, o que é modificado ao longo da festa com a chegada gradual das garotas de programa.

Apesar da aparente informalidade, as regras internas são claras e as trabalhadoras respondem à dona do estabelecimento. O público também é variado, conforme aponta outra entrevistada: *“Pessoas de todos os tipos, pessoas da cidade, de fora da que já conhece. Porque aqui é de boa, eu não gosto de bagunça, tem que manter a linha.”*<sup>106</sup> Os programas, em geral, são feitos fora do estabelecimento. A casa constitui-se, então, num ponto de encontro e de festa diária.

As prostitutas também participam da festa. Algumas mais, outras menos. Uma delas afirma:

*A gente não tá participando lá na frente [na festa da igreja] porque diz que quem toca o sino não acompanha a procissão. De vez em quando eu dou uma rodadinha lá, vou na igreja e volto pra cá de novo, mas eu tô gostando. Nós támo trabalhando aqui e não tem tempo pra ficar lá [na festa da igreja] direto. Ou uma coisa ou outra!*<sup>107</sup>

Uma das prostitutas entrevistadas conta ser grande devota da santa padroeira. Ela diz frequentar a cidade para o pagamento de um voto mesmo antes de iniciar na profissão. A devota mantém uma promessa há 17 anos, motivada pela cura do filho após um pedido à Nossa Senhora da Abadia. Em todas as festas ela vai ao Santuário e acende velas na mesma quantidade da idade e da altura do filho. Em 2016, ela relata, foram 17 velas e faz questão de afirmar que seguirá assim todos os anos, enquanto ela tiver vida, a cada ano aumentando uma vela em comemoração ao aniversário do filho e ao milagre realizado pela padroeira. Para esta devota, Nossa Senhora da Abadia “é tudo”, principalmente porque curou o filho de uma pneumonia adquirida logo após ele nascer.

Diante disso, a festa sagrada se conjuga ao tempo-espço do profano. Ela se purifica na consagração a uma divindade. As festas religiosas tomam o cotidiano do sujeito social amparadas pelo mito sagrado, ao mesmo tempo em que permitem o extravasamento do tempo do trabalho na prática do lazer e da subversão. Nessa perspectiva, a festa da padroeira em Romaria comporta o comércio, os “forrós”, os encontros e a prostituição, dentre uma sorte de elementos considerados profanos.

<sup>106</sup> Entrevista com prostituta em Romaria, agosto de 2016.

<sup>107</sup> Entrevista com prostituta em Romaria, agosto de 2016.

De forma isolada, os casos e falas citadas não permitem a compreensão da peregrinação e da festa em louvor à Nossa Senhora da Abadia como um conjunto de práticas que se estabelece em redes. Entretanto, quando unidas, elas constituem uma manifestação complexa, com sujeitos múltiplos e práticas diversas, que, por sua vez, incidem e alteram o espaço, as pessoas, as instituições e as paisagens direta e indiretamente ligadas à romaria. Nessa perspectiva, quando se trata do cotidiano social não existem linearidades, padrões ou mesmo elementos desconectados, mas sim movimentos integrados que se delineiam no espaço e o modificam constantemente.

Esta diversidade de grupos e de formas de inserção neste evento mostra, como observou Sanchis, “*que a romaria não é uma simples reunião de indivíduos que participam numa mesma visão de mundo*” (1983:97), nem um ato *puramente religioso*, tomado num sentido moderno, de uma esfera separada das outras dimensões da vida humana. Mas, como afirmam Eade & Sallnow, aparece antes “*como uma espécie de espaço ritual capaz de acomodar sentidos e práticas diversas*” (1991: 15). (STEIL, 1996, p. 71)

Diante disso, observa-se que a festa muda o cotidiano das pessoas de diversas formas. Não só de moradores dos lugares onde são realizadas, mas também de quem participa diretamente do evento na condição de turista, de pagador de promessa, de comerciante, etc. Mesmo aqueles que não fazem a romaria ou não participam diretamente do evento e permanecem na espera do ente querido que partiu para uma jornada de devoção e diversão passa a ter seu cotidiano modificado por tal manifestação cultural.

Ao fim do tempo festivo, a rotina é restabelecida e naturalmente os sujeitos e instituições regressam às suas práticas corriqueiras. Entretanto, eles não encontram a mesma cidade. Os fluxos e acontecimentos observados no decorrer dos dias e da festa modificam formas, estabelecem novas redes e conexões, alteram a paisagem, mas a essência da prática cotidiana – que é pautada na *práxis* diária – permanece. Assim, de ano a ano o movimento se repete, trazendo consigo novas possibilidades de trocas, ganhos, supressões e fluxos que agem diretamente no espaço e em seus sujeitos.

A festa é o ápice da devoção à Nossa Senhora da Abadia em Romaria. Mas fora dela, a cidade permanece como um lugar sagrado, sendo, inclusive, espaço de outras manifestações religiosas como o encontro de Folias de Reis. Por que isso

acontece? Isto é, por que Romaria se estabeleceu como uma hierópolis? A partir de tudo que foi discutido é possível apresentar uma resposta e verificar, por conseguinte, como os lugares se tornam sagrados, temas que serão discutidos a seguir.

## 7. Considerações Finais

Ao longo do texto foi possível acompanhar a gênese e o desenvolvimento do município de Romaria e sua constituição como um lugar sagrado. As peregrinações chegaram a este lugar como uma forma de aproximação com o divino. Mas o que faz determinados lugares em todo mundo como Lourdes, Meca, ou Romaria, reservadas as especificidades de cada um, ganharem ou desenvolverem uma vocação de lugar de devoção e se tornarem hierópolis? A formação dos lugares sagrados se dá, em princípio, a partir de três movimentos: as hierofanias; os elementos históricos ou míticos do lugar e os arranjos econômicos, sociais, políticos, religiosos e culturais.

As hierofanias são caracterizadas por algum tipo de manifestação do sagrado no mundo material. Tratam-se de aparições ou materializações percebidas por sujeitos comuns, mas que trazem mensagens advindas do mundo metafísico, de uma instância superior, de alguma deidade. São bastante comuns na religião católica e se tornaram base para o início de diversas devoções, como as já citadas devoções à Nossa Senhora de Lourdes, em Lourdes (França); Nossa Senhora de Fátima, em Fátima (Portugal); e ainda o culto à Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, surgida em Paris (França); Nossa Senhora da Conceição Aparecida, em Aparecida, Brasil; e, também, a Nossa Senhora da Abadia, iniciada após uma hierofania em Amares, Portugal. Em todos os casos citados converge-se o mesmo tipo de situação: o sagrado se revela por meio de algum tipo de manifestação. Em Lourdes, Fátima e Paris houve visões de Nossa Senhora. Em Amares e Aparecida registrou-se o aparecimento das imagens de Nossa Senhora da Abadia e de Nossa Senhora da Conceição em uma pequena gruta e em meio ao rio Paraíba do Sul, respectivamente. Após as hierofanias são relatados vários fenômenos, caracterizados como milagres dedicados a tais deidades e nesses lugares (ou proximidades) foram construídos santuários que materializam a sacralidade do lugar.

Não é necessário que a hierofania seja reconhecida globalmente para que o lugar seja considerado sagrado. No Brasil, recorrentemente ouvimos histórias de imagens que vertem lágrimas ou sangue, janelas que refletem a imagem de santidades, entre outras possíveis hierofanias que acabam atraindo centenas de fiéis em busca do exercício de sua fé. Tal reconhecimento coletivo já é capaz de iniciar a sacralização do lugar.

O segundo movimento se constitui de elementos históricos que transformaram lugares do cotidiano em pontos importantes para a construção de algumas religiões. Tem-se como exemplos a ascensão do profeta Maomé aos céus a partir do ponto que hoje está localizada a grande Mesquita de Al-Aqsa, na cidade de Jerusalém, tornando-se lugar sagrado para os muçulmanos (ASSER, 2012). Há, também, o Muro das Lamentações – resquício da parede de sustentação que fazia parte do perímetro do antigo templo de Salomão, considerado o local mais sagrado do mundo para os judeus (CHABAD, s/d; ASSER, 2012). Em relação aos lugares sagrados para os cristãos pode ser citado o Monte das Oliveiras, local onde Jesus teria orado por diversas vezes e proferido sermões; e o Monte Calvário, ponto onde Ele, de acordo com a fé Cristã, foi crucificado (CASONATTO, 2013; BÍBLIA SAGRADA, 1977).

As hierofanias e os elementos históricos ou míticos dos lugares se aproximam pela sua condição de relação do homem com o metafísico, mas conseguem se distinguir em suas características. O primeiro – hierofania – se dá numa condição de manifestação de algo que já é sagrado, enquanto o segundo se constitui na formação histórica do que ainda será considerado sagrado. Por exemplo: quando a Imaculada Conceição aparece a Catherine Labouré em 1830, em Paris, tem-se uma clara manifestação do que já é sagrado. Assim, automaticamente o lugar já guarda em si uma dimensão de sacralidade. Em contrapartida, quando Jesus reza no Monte das Oliveiras, Ele contribui para a construção da história do lugar que, em curto prazo permanece como espaço ordinário, mas com o desenrolar dos eventos, seguidos pela criação do Cristianismo e o reconhecimento de seus simbolismos, tal lugar passa a ser considerado sagrado.

O terceiro movimento capaz de transformar um espaço em lugar sagrado é constituído pela tessitura de arranjos sociais, políticos e culturais. Isso pode acontecer, por exemplo, no caso de algumas cidades que não têm vocação econômica ou cultural bem definidas. Assim, atendendo a reivindicações sociais ou mesmo vislumbrando no sagrado uma possibilidade de desenvolvimento ou inserção regional investem neste segmento e constroem grandes símbolos religiosos.

Portanto, a devoção religiosa pode ocorrer também onde não são registradas hierofanias. Nestes espaços a sacralização teve início com os arranjos profanos, mesmo que vislumbrando uma sacralidade. Um exemplo desse movimento, mas feito de forma pontual, é o Templo de Salomão, localizado na cidade de São Paulo, Brasil. O Templo de Salomão, sede mundial da Igreja Universal do Reino de Deus, não

modifica a vocação econômica do município, mas se torna um espaço referência para os evangélicos neopentecostais, sobretudo os da igreja em questão que foi fundada e presidida pelo Bispo Edir Macedo. De acordo com Pascoal (s/d), o templo tem capacidade para mais de 10.000 pessoas, altura de um prédio de 18 andares, 36 salas de evangelização (Escola Bíblica), auditório para 500 pessoas, estacionamento para quase 2000 carros, estúdios de TV e rádio, além de vários apartamentos. A construção se sobressai pela grandiosidade e somente esse fato já o destacaria de seu entorno. Mas a sua vocação espiritual o torna um lugar do sagrado, criando um movimento de peregrinação pouco comum para as denominações evangélicas. Outro exemplo de lugar que foi pensado e construído em função do sagrado é a Canção Nova, uma comunidade católica que foi fundada na década de 1970 no Brasil e tem sua sede no município de Cachoeira Paulista, estado de São Paulo. Para lá convergem milhares de peregrinos todos os meses para participarem de eventos e de programas de televisão e de rádio que são transmitidos para todo o Brasil e para alguns destinos internacionais.

Todos os três movimentos citados podem tornar um lugar sagrado. Mas eles não agem necessariamente sozinhos. É possível que um se alie ao outro para fortalecer a localidade. Por exemplo, algumas instituições (como o governo ou a igreja) de um destino onde houve uma hierofania podem se aproveitar dessa condição/vocação religiosa e instalar pontos de apoio aos romeiros, escritórios de turismo, entre outras estruturas para trabalhar a recepção de peregrinos e visitantes. Isso é amplamente observado nos destinos que recebem muitos peregrinos. Além disso, os que têm reconhecimento internacional frequentemente possuem materiais em vários idiomas para acolher melhor os visitantes. Nessa perspectiva, o lugar sagrado se complexifica. Ele traz consigo toda uma dinâmica que ultrapassa a barreira da sacralidade e passa a se assentar nas relações e dimensões profanas.

Em Romaria, Minas Gerais, não houve uma hierofania, tampouco tal município nasceu ou guarda elementos históricos ou míticos. Nada em sua origem remete ao sobrenatural. Relembrando o que foi posto na segunda seção, Água Suja – hoje Romaria, nasceu pela atividade mineradora, mas com o passar dos anos tal atividade econômica entrou em declínio. Com a recessão econômica, o sagrado ganhou espaço e foi fortalecido pelo trabalho dos padres europeus que chegaram nesse destino com o objetivo de disseminar a “verdadeira” religião católica. Portanto, Romaria se tornou um lugar sagrado a partir de arranjos econômicos, sociais, políticos e religiosos

estabelecidos entre o povo e a igreja – que no período administrava a Paróquia de Água Suja.

No mesmo período, outros municípios da região como Uberaba, Uberlândia e Araguari investiam em diferentes atividades econômicas. Além disso, a construção da Estrada de Ferro Mogiana ajudou a ligar tais destinos ao interior de São Paulo, facilitando e estimulando o escoamento de produtos e o deslocamento de pessoas. É importante lembrar que na época o Brasil vivia a constituição da República que, por sua vez, separava o Estado da Igreja tornando-o laico. Todos estes fatores somados à dificuldade de acesso à Água Suja e ao fortalecimento da Igreja Católica no local fez com que a cidade se despontasse como polo devocional na região. Ao longo do tempo, surgiram e foram difundidas as histórias dos milagres, tanto de Nossa Senhora da Abadia como de Padre Eustáquio, o que corroborou para a fama de Água Suja/Romaria como lugar sagrado.

É interessante que a devoção se vincula a lugares específicos. No caso do culto à Nossa Senhora da Abadia, o município de Romaria tem lugar de destaque. Muitos peregrinos deixam as igrejas consagradas à padroeira em suas cidades de residência e entendem Romaria como o lugar original da padroeira. Uma das entrevistadas na festa de 2016 representa a crença desses devotos. Ela afirma que em sua cidade há uma igreja consagrada à santa, mas que não a conhece, muito menos a frequenta. Todavia, sempre que pode visita o Santuário de Romaria porque *“Foi aqui que estabeleceu a imagem primeiro, aí esparramou né, então aqui é a original. O povo vem muito por causa de ser a imagem original. E eu não conheço lá [em sua própria cidade]. Lá é pertim de mim e eu nunca fui.”*<sup>108</sup>

Recorrendo à conceituação de lugar e de sagrado tem-se um espaço com vínculo identitário (lugar) que é separado das coisas mundanas e do pecado (sagrado). Para aqueles que creem numa entidade metafísica com poderes sobrenaturais, ir ao lugar sagrado permite a aproximação com o divino. Nessa perspectiva, um lugar se torna sagrado pela necessidade do homem se aproximar materialmente de uma divindade. Estar no lugar sagrado significa ficar mais perto de Deus, independente se este lugar for constituído por um santuário, uma hierópolis, um cemitério ou mesmo um altar montado em casa.

---

<sup>108</sup> Entrevista com devota em Romaria, agosto de 2016.

É nesse espaço que ele consegue materializar seus cinco sentidos e realizar seus rituais, sobretudo nos períodos festivos. A festa tem cheiro, som, forma, beleza e gosto. Tocar nos pés da imagem de Nossa Senhora, se alimentar das almôndegas das Festas de Santos Reis e ouvir as batidas dos tambores das congadas podem remeter o devoto à memória da devoção e da festa, reafirmando-o enquanto ser social que se reconhece nas práticas culturais-religiosas. Esse reavivamento fortalece o sujeito enquanto ser social. Na festa religiosa ele se liga a seus pares e também à divindade, mesmo que horas depois siga para uma feira, um bar ou um forró para completar o duo devoção-diversão.

Diante disso, os fiéis buscam os lugares sagrados para exercitarem sua fé. Trata-se da materialização da crença. Lá eles conseguem se aproximar do divino que, muitas vezes, se materializa num símbolo. No caso estudado, a deidade se representa materialmente pela imagem de Nossa Senhora da Abadia. Assim, ano a ano, os peregrinos se põem em romaria até os pés da santa, contrariando as dores, contornando as dificuldades e estabelecendo arranjos. Eles seguem, passo a passo, quilômetro a quilômetro, até o fim, mesmo que o fim esteja na morte do próprio corpo. *“Enquanto vida eu tiver e guentar eu quero vim na Romaria.”*<sup>109</sup>

Revivendo os passos da minha própria romaria, desde menina até o fim deste trabalho, percebo que algumas das questões que antes me inquietavam agora já não me trazem desassossego. Hoje consigo entender o sentido da dor e do sofrimento vivido nos caminhos da peregrinação. Não se trata somente do culto a uma deidade, mas de estar próximo do divino. Rezar em qualquer capela não tem o mesmo significado de ir à “casa” ou ao lugar do santo padroeiro. Não é por acaso que, em geral, buscamos enterrar nossos mortos num solo sagrado. Há um simbolismo em andar dezenas de quilômetros até um lugar para se curvar a uma imagem de barro, mesmo que uma imagem semelhante esteja a alguns minutos da própria casa. Percebi isso quando me dei conta que, com o passar do tempo, Romaria também se tornou um lugar sagrado para mim.

Durante os anos de doutoramento entrei em contato com minha criança que cresceu frequentando as festas de padroeira. Eu a vi seguindo com seus pais rumo à

---

<sup>109</sup> Entrevista com devota em Romaria, agosto de 2016. Destaca-se que essa fala foi repetida, inclusive utilizando termos semelhantes, por diversos sujeitos da pesquisa quando perguntados se pretendem continuar indo à Romaria, principalmente os mais devotos que renovam, anualmente, seu voto de permanecer visitando a imagem da santa.

Romaria, relembrei as feições dos romeiros que davam seus passos cansados e o agradecimento daqueles que recebiam assistência. Segui pela estrada a bordo do fusquinha amarelo dos meus pais sentada em meio a latões cheios de suco de laranja e de laranjinhas<sup>110</sup> que refrescavam os peregrinos. Se antes eu não os entendia, hoje eu os entendo, pois também me coloquei na estrada.

Em mim vive uma parte de cada um dos sujeitos que encontrei nos caminhos de Romaria. Vive em mim a devota que não conhece a igreja da padroeira situada em sua própria cidade, vive o deficiente que se revolta com a imposição de poder dos mais fortes, vive a prostituta que se lança pelo mundo para viver novas experiências, vive o feirante que faz arranjos para sobreviver, vive o carreiro que tenta reviver as práticas do passado trazendo-as para o presente, vive a devota espírita que mesmo fazendo questionamentos, segue em romaria. No decorrer dos meus anos vi Romaria mudar enquanto eu também mudava. A romeira que depravava seus pares enquanto pagava a promessa de sua mãe também faz parte de mim, assim como o hanseniano, o morador e a devota que não vai mais à igreja, pois todos estamos ligados e fazemos parte de uma só teia global.

No percurso, Romaria também se tornou o lugar da minha história; história que, apesar de sagrada, também é composta por elementos profanos, por arranjos, por fluxos. Nela, as pessoas, formas e lugares passam e me transformam cotidianamente. Entretanto, o essencial permanece, da mesma forma como é feito na festa da padroeira e na história de Romaria. Ambas são fluidas, mas guardam em si sua essência.

Nessa perspectiva, ao percorrer os caminhos que levam à Romaria consegui chegar a mim mesma, talvez guiada por esse metafísico que encanta e nutre tanta gente. Mesmo contrariando minhas crenças, foi para Nossa Senhora que rezei quando me perdia nos desafios da pesquisa. Nesse emaranhado de redes e conexões, Romaria continua se constituindo como um lugar sagrado para muitos sujeitos. Lugar que se sacralizou a partir de arranjos. Eu sou um desses sujeitos. Desses que aprenderam a se sentir mais realizados em lugares sagrados. Por toda essa complexidade do ser humano, por necessidades materiais e espirituais, por razões individuais e coletivas, por anseios de realização de sonhos e de utopias, por

---

<sup>110</sup> Conforme apontado anteriormente, o termo “laranjinha” indica um picolé no saquinho e também é conhecido como geladinho, sacolé, chup chup, din din, etc.

necessidade de complementação da razão da própria vida é que os lugares se tornam sagrados.

## REFERÊNCIAS

A.N.D.D.P. Association Nationale des Directeurs Diocésains de Pèlerinages. **Charte des pèlerinages**. s/d. Disponível em : <<http://www.pelerinages.org/charte.htm>>. Acesso em 27 mai. 2016.

ABREU, Raphael Lorenzeto de. **Map locator of Minas Gerais's Romaria city**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/File:MinasGerais\\_Municip\\_Romaria.svg](http://en.wikipedia.org/wiki/File:MinasGerais_Municip_Romaria.svg)>. Acesso em 31 jul 2012.

**AGENDA ROMARIA 2005**. Agenda do Santuário de Nossa Senhora da Abadia do ano de 2005. (Distribuição local). 2005.

ALÉM, João Marcos. Travessia: a instituição imaginária da peregrinação a Romaria-MG. In: **BRASA IX Conference Information**. 2008. Disponível em: <[http://www.brasa.org/Documents/BRASA\\_IX/Joao-Marcos-Alem.pdf](http://www.brasa.org/Documents/BRASA_IX/Joao-Marcos-Alem.pdf)>. Acesso em 17 nov. 2013.

ALL EVENTS. **Peregrinação à Senhora da Abadia e a São Bento da Porta Aberta**. Nov. 2016. Disponível em: <<https://allevents.in/terras%20de%20bouro/peregrina%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-senhora-da-abadia-e-a-s%C3%A3o-bento-da-porta-aberta/1805301189732730#>>. Acesso em 07 mar 2017.

ALVES, Isidoro Maria da Silva. **O carnaval devoto**: um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis: Ed. Vozes, 1980.

ANDRADE, Solange Ramos de. O catolicismo popular no Brasil: notas sobre um campo de estudos. In: **Revista Espaço Acadêmico**. N° 67. Dezembro de 2006. Disponível em <[www.espacoacademico.com.br/067/67andrade.htm](http://www.espacoacademico.com.br/067/67andrade.htm)>. Acesso em 21 nov. 2013.

ARRILLAGA, José Ignacio de. **Introdução ao estudo do turismo**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

ARRUDA, Samara. **Romaria**: peregrinação movimentada rodovias da região. 06 ago. 2014. Disponível em: <<http://gazetadotriangulo.com.br/tmp/noticias/romaria-peregrinacao-movimentada-rodovias-da-regiao/>>. Acesso em 28 mar. 2017.

ASSER, Martin. Por dentro da mesquita de Al-Aqsa. 21 março 2002. In: **BBC Brasil**. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/020321\\_alaqsaam.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/020321_alaqsaam.shtml)>. Acesso em 05 maio 2016.

AUGÉ, Marc. **Le dieu objet**. Paris: Flammarion, 1988.

AZEVEDO, Ana Lúcia. Tragédia em Minas Gerais: seis meses após desastre em Mariana, moradores vivem em meio à devastação. 04/05/2016. **O Globo**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/seis-meses-apos-desastre-em-mariana-moradores-vivem-em-meio-devastacao-19225581>>. Acesso em 06 maio 2016.

BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. 8ªed. São Paulo: Editora SENAC, 2003.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

**BÍBLIA SAGRADA** - Edição Popular. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.

BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BORGES, Maristela Corrêa. **Os errantes do Sagrado**: uma geoantropologia dos tempos e espaços de criadores populares de cultura em São Romão, Norte de Minas Gerais. 244 f. Dissertação de mestrado (Mestrado em Geografia). Ufu, Uberlândia, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis**: um estudo sobre representações de Cristãos e Mouros em Goiás. Goiânia: Oriente, 1974.

\_\_\_\_\_. Fronteira da fé – Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. In: **Estudos Avançados**. 18 (52), 2004.

\_\_\_\_\_. **Notas de Aula da Disciplina Tópicos Especiais em Geografia**: Geoantropologia da Religião. Uberlândia: UFU, agosto/2013.

\_\_\_\_\_. **O mapa dos crentes**: sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. OnLine.

\_\_\_\_\_. O trabalho como festa: algumas imagens e palavras sobre o trabalho camponês acompanhado de canto e festa. In: GODOI, E. P.; MENEZES, M. A.; MARIN, R. A. (orgs.). **Diversidade do campesinato**: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BRASIL. Ato Declaratório Executivo COSIT nº 26, de 06 de setembro de 2016. Divulga taxas de câmbio para fins de elaboração de balanço relativo ao mês de agosto de 2016. **Receita Federal Brasileira**. Brasília, DF, 08 set. 2016. Disponível em: <<http://normas.receita.fazenda.gov.br/sijut2consulta/link.action?visao=anotado&idAto=77198>>. Acesso em 12 dez. 2016.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 8.618, de 29 de dezembro de 2015. Regulamenta a Lei nº 13.152, de 29 de julho de 2015, que dispõe sobre o valor do salário mínimo e a sua

política de valorização de longo prazo. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 29 dez. 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/decreto/d8618.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/decreto/d8618.htm)>. Acesso em 12 dez. 2016.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. **Santuário**: caminhos de contemplação da beleza de Deus. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 37, n. 156, p. 231-239, 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/2704/2055>>. Acesso em: 05 jan. 2012.

CALIMÉ, Pierre. Rome et le pèlerinage. In: **Tourisme Religieux**. Coleção Les Cahiers Espaces. Nº 30, Março 1993.

CAPES. **Portaria Nº 69, de 2 de maio de 2013**: Regulamento Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior - PDSE. 2013. Disponível em: <[http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria\\_069\\_RegulamentaPDSE\\_22Maio2013.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria_069_RegulamentaPDSE_22Maio2013.pdf)>. Acesso em: 19 dez 2014.

CAPRA, F. **As Conexões ocultas**: Ciência para uma Vida Sustentável. São Paulo: Cultrix, 2005.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

CARROS DE BOI. In: **Documentário**: Festa de Nossa Senhora da Abadia de Água Suja. Monte Carmelo: Bonovox/Cenatres, 2012. 1 DVD (21 min.).

CASONATTO, Odalberto Domingos. **Dificuldades em torno da localização geográfica do Calvário na cidade de Jerusalém**. 19 dez. 2013. In: A BÍBLIA.ORG. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=7157>>. Acesso em 05 maio 2016.

CHABAD.ORG. **O Muro das Lamentações**. s/d. Disponível em: <[http://www.pt.chabad.org/library/article\\_cdo/aid/2760853/jewish/O-Muro-das-Lamentaes.htm](http://www.pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/2760853/jewish/O-Muro-das-Lamentaes.htm)>. Acesso em 05 maio 2016.

CHIAVENATO, I. **Introdução à Teoria Geral da Administração**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CLAVAL, Paul. **A geografia Cultural**. 2ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

\_\_\_\_\_. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COLEMAN, Simon; ELSNER, John. **Pilgrimage: past and presente in the world religions**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1995.

CONFRARIA DA NOSSA SENHORA DA ABADIA. **Confraria Abadia - Fotos**. 28 maio 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/confrariaabadia/photos/a.1556967864529500.1073741827.1556452067914413/1568903286669291/?type=3&theater>>. Acesso em 07 mar 2017.

CORTAZAR, José Angel García de. El hombre medieval como "Homo Viator": peregrinos y viajeros. In: **IV Semana de Estudios Medievales**, Nájera 1993. Publicado em 1994. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=554277>>. Último acesso em 16 maio 2016.

COSTA, António Carvalho da. Senhora da Abadia. In: \_\_\_\_\_. **Corografia Portuguesa**. 1706. S/p.

CPS/FGV - CENTRO DE POLÍTICAS SOCIAIS - FACULDADE GETÚLIO VARGAS. **Retratos das Religiões no Brasil**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cps/religiao/>>. Acesso em 23 ago. 2011.

CPT CEARÁ. 17ª Romaria da Terra e 1ª Romaria das Águas do Ceará aconteceram no domingo. 03 ago. 2015. In: **Comissão Pastoral da Terra**. Disponível em: <<http://www.cptnacional.org.br/index.php/acoes/romarias-da-terra-e-da-agua/romarias-2015/2749-17-romaria-da-terra-e-1-romaria-das-aguas-do-ceara-aconteceram-no-domingo>>. Acesso em 31 mai. 2015.

CUNHA, Arlindo Ribeiro da. **Senhora da Abadia** – Monografia histórica-descritiva. 2ª ed. Braga: Oficinas Gráficas do Diário do Minho, [1951] 1977.

CURI, Leandro. D.A. Press. In: ACONTECEU NO VALE. **Cemitério do Peixe é invadido por artistas do Brasil e do mundo**. Disponível em: <<http://aconteceunovale.com.br/portal/?p=60492>>. Acesso em 13 fev. 2017.

D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Diversidade e Identidade Religiosa**: uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiânia e Trindade – GO. Jundiá: Paco Editorial, 2014.

DAMASCENO, Maria das Dores. **Do Diamante ao Milagre Fé**: Romaria, Ex-Água Suja. Uberaba: Ed. Vitória, 1997.

DELFINO, Mayara. **Blog da Mayara Delfino**. 2017. Disponível em: <<https://blogdamayaradelfino.wordpress.com/>>. Acesso em 14 fev. 2017.

DUBOIS, Stéphane. **Le fait religieux dans le mond d'aujourd'hui**. Paris: Ellipses, 2015.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva S.A, 1979.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa** (o sistema totêmico na Austrália). São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

EMBRATUR - **Glossário de turismo**. Disponível em: <[http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/espaco\\_academico/glossario/index.html](http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/espaco_academico/glossario/index.html)> Acesso em 24 set. 2014.

FERNANDES, Marcos Toledo. **IBGE Cidades**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=315640>>. Acesso em 31 jul 2012.

FERNANDES, Narcisio Carneiro. **Guia do Peregrino ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia** – Bouro (Santa Maria) - Amares. Braga: Tipografia Tadinense, sd.

FERRAZ, Flávia. Tradição elevou 15 de agosto a feriado regional. 14 ago. 2011. In: **JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA**. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/tradicao-elevou-15-de-agosto-a-feriado-regional/>>. Acesso em 22 ago. 2014. GONTIJO, Neid Emília de Oliveira. **Pe. Eustáquio**: seus primeiros passos no Brasil. Uberlândia: Assis Editora, 2010.

FRICK, Willard B. **Psicologia Humanística** – Entrevistas con Maslow, Murphy y Rogers. Buenos Aires: Editorial Guadalupe, 1973.

FUCHS, Angela Maria Silva; FRANÇA, Maira Nani; PINHEIRO, Maria Salete de Freitas. Guia para normalização de publicações técnico-científicas. Uberlândia: EDUFU, 2013. 286 p.

G1 TRIÂNGULO MINEIRO. **Barraca inicia apoio aos fiéis na BR-365 entre Uberlândia e Romaria**. 04 ago. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2015/08/barraca-inicia-apoio-aos-fieis-na-br-365-entre-uberlandia-e-romaria.html>>. Acesso em 28 mar. 2017.

G1 TRIÂNGULO MINEIRO. **Em ato de fé, peregrinos de Uberaba cavalgam de mula até Romaria**. 13 jul. 2014. Disponível em: < <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2014/07/em-ato-de-fe-peregrinos-de-uberaba-cavalgam-de-mula-ate-romaria.html>>. Acesso em 28 mar. 2017.

GALIMBERTI, Umberto. **Rastros do sagrado**: o cristianismo e a dessacralização do sagrado. São Paulo: Paulus, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, Gláucia Carvalho. Modernização técnica e planejamento regional: reflexões sobre a “geopolítica econômica do Cerrado” os sentidos de sua regionalização no ordenamento territorial brasileiro. In: MARQUES, Luana Moreira. (Org.) **Geografias do Cerrado**: sociedade, espaço e tempo no Brasil Central. Uberlândia: Edibrás, 2014. pp.15-30

GONTIJO, Neid Emília de Oliveira. **Pe. Eustáquio**: seus primeiros passos no Brasil. Uberlândia: Assis Editora, 2010.

GOOGLE MAPS. **Maps**. Disponível em : < <https://www.google.com.br/maps>>. Acesso em 27 jan. 2015.

GRAVARI-BARBAS, Maria. Nouvelles fêtes, nouveaux lieux, nouvelles spatialités: Vers une géographie des événements festifs à Paris. **Cidades: A cidade e a festa**, Presidente Prudente, v. 8, n. 13, p.183-206, Jan./Jun 2011. Semestral.

GURGEL, Luiz Henrique. Povoado de fantasmas. 25 de novembro de 2011. In: **REVISTA BRASILEIROS**. Disponível em: <[http://www.revistabrasileiros.com.br/2011/11/25/povoado-de-fantasmas/#.U\\_s1yvmwLM8](http://www.revistabrasileiros.com.br/2011/11/25/povoado-de-fantasmas/#.U_s1yvmwLM8)>. Acesso em 25 ago. 2014.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

IBGE. **Cidades**. 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 31 jul 2012.

IBGE. **Cidades**. 2017. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php?>>>. Acesso em 15 fev. 2017.

IBGE. **Romaria**. 2017. Disponível em: < <http://cod.ibge.gov.br/BH8>>. Acesso em 13 fev. 2017.

IEPHA-MG. **IEPHA/MG informa**: versões para a origem de Cemitério do Peixe. 2013. Disponível em: <<http://www.iepha.mg.gov.br/banco-de-noticias/1166-i>>. Acesso em 13 fev. 2017.

JÁCOME, G. A. Conheça o povoado de Cemitério do Peixe. In: **Prefeitura Municipal de Conceição do Mato Dentro**. Set. 2010. Disponível em: <<http://cmd.mg.gov.br/povoados/cemiterio-do-peixe>>. Acesso em 06 maio 2016.

JM ONLINE. **Ciclista romeiro morre ao ser atropelado na rodovia MG-190**. 14 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,5,pol%CDcia,66979>>. Acesso em 28 mar. 2017.

JÚNIO, Farley. Romeiro de Patos de Minas é atropelado por caminhonete e morre na BR 365. In: **Patos Hoje**. 12 ago. 2011. Disponível em: <<https://patoshoje.com.br/noticia/romeiro-de-patos-de-minas-e-atropelado-por-caminhonete-e-morre-na-br-365-13477.html>>. Acesso em 28 mar. 2017.

KOKAY, Érika. Religião é componente genético, afirma autor. In: **Revista Galileu**. S/D. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,EMI138443-17770,00-RELIGIAO+E+COMPONENTE+GENETICO+AFIRMA+AUTOR.html>>. Último acesso em 25 abril 2016.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo** – Para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989. 235 p.

LACAR - Laboratório de Cartografia e Sensoriamento Remoto. Mapas. **Mapa Político da Mesorregião**. Disponível em: <<http://www.lacar.ig.ufu.br/sites/lacar.ig.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/mapa%20pol%C3%ADtico%201-2.500.000.pdf>>. Acesso em 21 nov. 2013.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, Ática, 1991.

LÉVÊQUE, Pierre. **Animais, deuses e homens** – O imaginário das primeiras religiões. Lisboa: Edições 70, 1996.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. **A capitania das Minas Gerais**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1978.

LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. **A oeste das minas**: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista, Triângulo Mineiro (1750-1861). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2002. p. 252.

\_\_\_\_\_. **Campesinato e fronteiras**: história e espaços camponeses no povoamento pioneiro do Triângulo Mineiro (1780-1820). In: Anais do V Congresso de

Ciências Humanas, Letras e Artes. Ouro Preto, 2001. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/PES/pes0402.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. **O Triângulo Mineiro, do Império à República: o extremo oeste de Minas Gerais na transição para a ordem capitalista (segunda metade do século XIX)**. Uberlândia: EDUFU, 2010. 316 p.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura Popular e Desenvolvimentismo em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950 - 1985)**. 1998. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

MARCEL, Gabriel. **Homo Viator: prolegómenos a una metafísica de la esperanza**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.

MARQUES, Luana Moreira. **A festa em nós: fluxos, coexistências e fé em Santos Reis no distrito de Martinésia – Uberlândia/MG**. Dissertação. 237 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Geografias do Cerrado: sociedade, espaço e tempo no Brasil Central**. Uberlândia: Edibrás, 2014.

MARTINS, J. S. As temporalidades da história na dialética de Lefebvre. In: MARTINS, J. S. (org.) **Henry Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MASLOW, A. H.. **Religions, Values, and Peak-Experiences**. Penguin Books Limited, 1976. Disponível em: < [http://www.bahaistudies.net/asma/peak\\_experiences.pdf](http://www.bahaistudies.net/asma/peak_experiences.pdf)>. Última consulta em 25 abril 2016.

\_\_\_\_\_. Entrevista con el doctor Abraham Maslow. In: FRICK, Willard B. **Psicologia Humanística – Entrevistas con Maslow, Murphy y Rogers**. Buenos Aires: Editorial Guadalupe, 1973.

\_\_\_\_\_. **Toward a psychology of being**. New York: D. Van Nostrand Company, 1968.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

MONTEIRO, Clarice. Preparativos para festa de Romaria já começaram. 22 jul. 2011. In: **JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA**. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/preparativos-para-festa-de-romaria-ja-comecaram/>>. Acesso em 22 ago. 2014.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. 5ª Ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

NEVES, Eliane. Fiéis são atropelados durante caminhada para Romaria na BR-45. In: **Correio de Uberlândia**. 02 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/fieis-sao-atropelados-durante-caminhada-para-romaria-na-br-452/>>. Acesso em 28 mar. 2017.

NIX, Elizabeth. 8 Things You May Not Know About “The Wizard of Oz”. 26 maio 2015. In: **History**. Disponível em: <<http://www.history.com/news/history-lists/8-things-you-may-not-know-about-the-wizard-of-oz>>. Acesso em 09 maio 2016.

O AMARENSE. **Milhares de pessoas na Peregrinação Arciprestal à Senhora da Abadia**. 31 mai. 2015a. Disponível em: <<http://www.oamarense.com/noticia.php?id=7248#>>. Acesso em 07 mar 2017.

\_\_\_\_\_. **Peregrinação do Arciprestado de Amares à Abadia** no dia 22 de Maio. 18 abr. 2016. Disponível em: <<http://www.oamarense.com/noticia.php?id=9830>>. Acesso em 07 mar 2017.

\_\_\_\_\_. **Romaria a Nossa Senhora da Abadia começa amanhã**. 05 ago. 2015b. Disponível em: <<http://www.oamarense.com/noticia.php?id=7769>>. Acesso em 07 mar 2017.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Turismo religioso**. São Paulo: Aleph, 2004 (Coleção ABC do Turismo).

OLIVEIRA, Jefferson Rodrigues. **Hierópolis carismática em Cachoeira Paulista**: Canção Nova e as Peregrinações Pós-Modernas. In: Espaço e Cultura (UERJ), n. 28, p. 71-80, jul./dez. 2010.

ORDÓÑEZ, Laura; FRANCILINS. Pelas almas e por São Miguel. In: **Revista Globo Rural**. Edição 277. Nov/08. Disponível em: <<http://revistagloborural.globo.com/GloboRural/0,6993,EEC1691353-1641-1,00.html>>. Acesso em 06 maio 2016.

OSTERRIETH, Anne. Pilgrimage, travel and existential quest. In: STODDARD, R. H.; MORINIS, A. (Orgs.). **Sacred places, sacred spaces**: the geography of pilgrimages. Baton Rouge: Geoscience Publications, 1997. p. 25-39

PARIZI, V. G. Psicologia Transpessoal: algumas notas sobre sua história, crítica e perspectivas. In: **Psicologia Revista**. São Paulo, v. 15, n. 1, pp. 109-128. 2006. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/18098/13454>>. Último acesso em 25 abril 2016.

PASCOAL, Hares. Templo de Salomão. s/d. In: **Cidade de São Paulo**. Disponível em: <<http://www.cidadedesapaulo.com/sp/br/o-que-visitar/atrativos/pontos-turisticos/4527-templo-de-salomao>>. Acesso em 09 maio 2016.

PIRES, Vanessa. Homem morre atropelado na BR-365 entre Uberlândia e Romaria. In: **G1 Triângulo Mineiro**. 17 jul. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013/07/homem-morre-atropelado-na-br-365-entre-uberlandia-e-romaria.html>>. Acesso em 28 mar. 2017.

POTDEVIN, Jean-Marc. Foudroyé sur la route de Compostelle. In: **L'1 visible**. Numéro Spécial Compostelle 2015.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O catolicismo rústico no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **O campesinato brasileiro**: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. Petrópolis, Vozes; São Paulo, Ed. USP, 1973, p. 72-99.

RAU, Virgínia. **Feiras medievais portuguesas**: subsídios para o seu estudo. 2ª. Ed. Lisboa: Ed. Presença, 1983

RESENDE, Fernanda. **Festa de Nossa Senhora da Abadia custa mais de R\$ 300 mil a Romaria**. In: G1. Triângulo Mineiro. 14 ago. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2015/08/festa-de-nossa-senhora-da-abadia-custa-mais-de-r-300-mil-romaria.html>>. Acesso em 14 fev. 2017.

RIBEIRO, H. Andar com fé e o sentido do chegar. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 2, n. 4, p. 1-7, 2002. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/21193/andar-com-fe-e-o-sentido-do-chegar/i/pt-br>

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. Triângulo Mineiro e a construção da identidade regional de autonomia e modernidade. In: **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. 2º sem. 2008. Nº 39, ano 21, p. 19-30.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: \_\_\_\_\_. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. pp. 79-85.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e o espaço. IN: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; e CORRÊA, R. L. (orgs.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. Cultura, turismo e identidade. In: SILVA, José Borzacchiello da; LIMA, Luiz Cruz; ELIAS, Denise. (Orgs.). **Panorama da Geografia Brasileira 1**. São Paulo: Annablume, 2006. Pp. 123-130.

\_\_\_\_\_. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.) **Introdução à geografia cultura**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. Pp. 187-224.

\_\_\_\_\_. **Hierópolis: o sagrado e o urbano**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2009.

\_\_\_\_\_. Território e Territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

RUFIN, Jean-Christophe. **Pelas trilhas de Compostela: o relato de uma viagem laica** [Edição Kindle]. Tradução: Véra Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

SÁ CARNEIRO, Sandra M. C. de. Caminho de Santiago de Compostela: percurso, identidade e passagens. In: BIRMAN, Patrícia. (Org.). **Religião e espaço público**. São Paulo: Attar, 2003. Pp. 259-281.

SANCHIS, Pierre. Peregrinação e Romaria: Um Lugar para o Turismo Religioso. In: **Revista Ciências Sociais e Religião**. v. 8, n. 8 (2006). Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2294/998>>. Último acesso em 19 maio 2016.

SANTOS, Jacinto dos Santos. Complexidade Do Ser E Definição De Mundo No Pensamento Eco-filosófico De Heráclito. 2008. In: **Rede Netsaber**. Disponível em: <[http://artigos.netsaber.com.br/artigos\\_de\\_sebastiao\\_jacinto\\_dos\\_santos](http://artigos.netsaber.com.br/artigos_de_sebastiao_jacinto_dos_santos)>. Acesso em 03 jul. 2012.

SANTOS, Jean Carlos Vieira. **Região e destino turístico: sujeitos sensibilizados na geografia dos lugares**. São Paulo: All Print Editora, 2013.

SANTOS, Maria da Graça Mouga Poças. **Espiritualidade, turismo e território: estudo geográfico de Fátima**. Portugal, São João do Estoril: Princípia, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 6ª Ed. São Paulo: Edusp, 2012.

\_\_\_\_\_. **Técnica, espaço, tempo – Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008b.

SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA ABADIA. **Galeria**. Disponível em: <<http://www.senhoradabadia.com.br/galeria/albumgal.php?cod=54>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

SARTIN, Philippe Delfino. SOBRE LIMINARIDADE: RELENDO VICTOR TURNER EM CHAVE PÓS-ESTRUTURAL. In: **Revista de Teoria da História**. Ano 3, Número 6, dez/2011. Disponível em: <<http://www.revistadeteoria.historia.ufg.br/up/114/o/Artigo%208,%20SARTIN.pdf?1325192820>>. Acesso em 23 maio 2016.

SILVA, Mary Anne Vieira. Cotidiano e lugar: interpretações conceituais numa leitura geográfica para uma prática de ensino. In: **II EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino**. 2007. Disponível em: <[http://www.ceped.ueg.br/anais/IIedipe/pdfs/cotidiano\\_e\\_lugar.pdf](http://www.ceped.ueg.br/anais/IIedipe/pdfs/cotidiano_e_lugar.pdf)>. Acesso em 07 ago. 2014.

SILVA, Vicente de Paulo da. **Efeitos Sócio-espaciais de Grandes Projetos em Nova Ponte – MG**: Reorganização do Espaço Urbano e Reconstrução da Vida Cotidiana/ Vicente de Paulo da Silva – Rio de Janeiro: UFRJ / IGEO / PPGG, 2004. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, CCMN, Programa de Pós Graduação em Geografia, 2004.

SIPA - SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO ARQUITECTÓNICO. **Santuário de Nossa Senhora da Abadia**. 2013. Disponível em: <[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=354](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=354)>. Acesso em 07 mar. 2017.

SMITH, V. L. Introduction: The Quest in Guest. In: **Annals of Tourism Research**. 1992. Vol. 19(1). pp. 1-17.

SOARES, Ana; WONG, Bárbara. A história de Ulisses. s/d. In: **Olimpvs**. Disponível em: <<http://www.olimpvs.net/index.php/mitologia/a-historia-de-ulisses/>>. Último acesso em 18 maio 2016.

SOUZA, Claudia. Odisseu. s/d. In: **InfoEscola**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/mitologia-grega/odisseu/>>. Último acesso em 18 maio 2016.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSSUR, E. S. (Org.). **Turismo religioso**: Ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas: Papirus, 2003.

STODDARD, R. H. Defining and classifying pilgrimages. In: STODDARD, R. H.; MORINIS, A. (Orgs.). **Sacred places, sacred spaces: the geography of pilgrimages**. Baton Rouge: Geoscience Publications, 1997. P. 41-60

TABRAJ, Marcelo Barzola. A romanização da Igreja Católica no Brasil. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; SANFELICE, José Luís (Orgs.) **Anais do IV Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"**. Campinas, 1997. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario4/trabalhos.htm](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario4/trabalhos.htm)>. Acesso em 15 jan. 2017.

TOLEDO, Francisco Sodero. Religiosidade popular católica. In: **Nossa Terra, Nossa Gente**. Disponível em: <<http://www.valedoparaiba.com/terragente/artigos/art0132000.html>>. Acesso em 21 de nov. 2013.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A viagem: caminho e experiência**. São Paulo: Aleph, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

VIEIRA, Monsenhor Primo. **Nossa Senhora d'Abadia: a história de uma devoção**. Romaria: Academia Senhora da Abadia, 2001.

VILHENA, Maria Ângela. O peregrinar: caminhar para a vida. In: ABUMANSSUR, E. S. (Org.). **Turismo religioso: Ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papirus, 2003.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. In: **Temáticas**. Campinas, 22, (44): 201-218, ago/dez. 2014. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144>>. Acesso em 15 mar. 2017.

VISITAR PORTUGAL. **Amares (concelho)**. Disponível em: <<http://www.visitarportugal.pt/distritos/d-braga/c-amares>>. Acesso em 20 jun. 2016.

WADE, Nicholas. **The faith instinct: how religion evolved and why it endures**. New York: The Penguin Press, 2009.

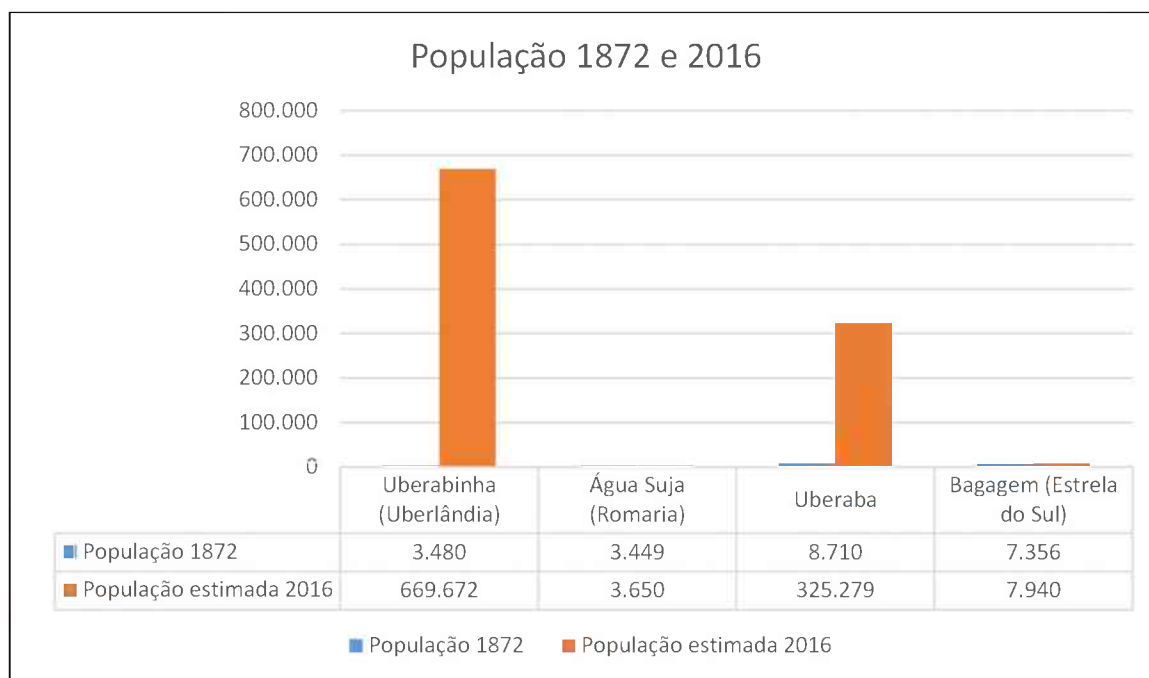
WEIL, Pierre. **A consciência cósmica: Introdução à Psicologia Transpessoal**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

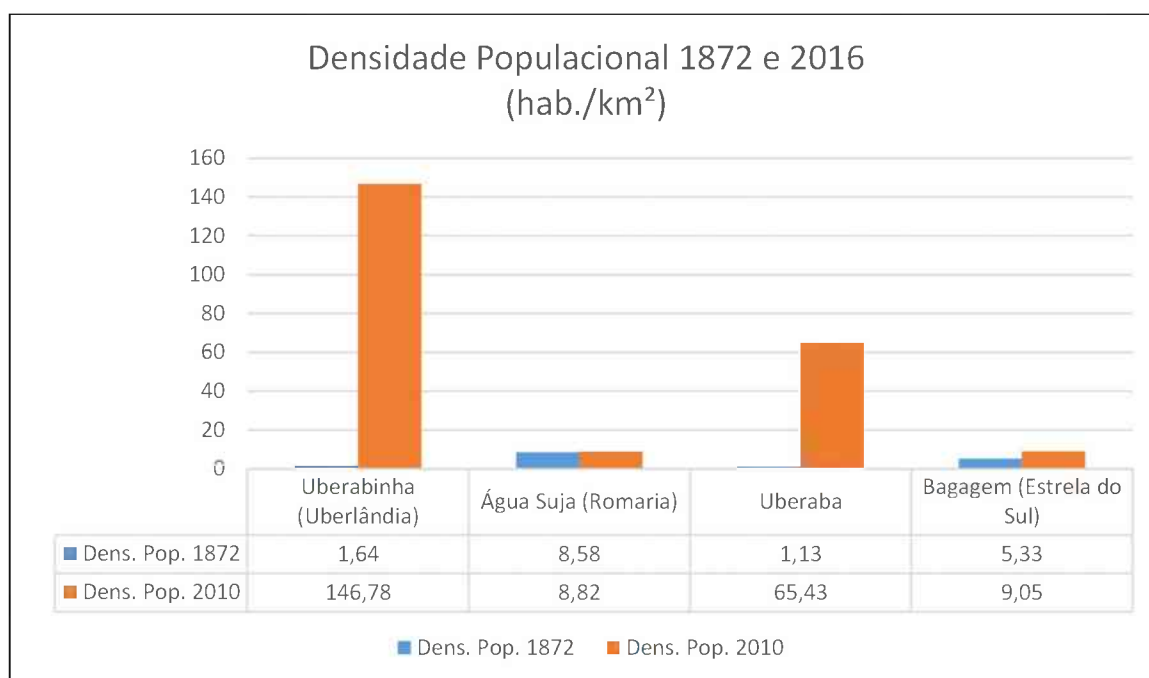
ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus**: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

## APÊNDICE A – Gráficos comparativos referentes à população e à densidade populacional de Uberlândia, Romaria, Uberaba e Estrela do Sul em 1872 e 2016



Fontes: LOURENÇO (2010); IBGE, 2017.

Organização: MARQUES, L. M.



Fontes: LOURENÇO (2010); IBGE, 2017.

Organização: MARQUES, L. M.

## APÊNDICE B – FLUXO DE VISITANTES NO MUSEU PADRE EUSTÁQUIO EM 2013, ROMARIA - MG

U.F.	Municípios	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	TOTAL
MG	Uberlândia	90	38	37	28	13	51	64	446	128	20	25	14	954
MG	Patrocínio	39	8	8	3	6	6	20	317	12	10	86	7	522
MG	Araguari	21	14	9	3	128	10	31	219	8	1	6	6	456
MG	Romaria	76	64	29	43	25	15	32	80	16	32	11	8	431
MG	Patos de Minas	6	2	6	7	5	10	31	182	28	9	10		296
MG	Araxá	7	13	4	10	13	11	14	67	83	16	7	5	250
MG	Monte Carmelo	39	9	14	22	24	25	14	75	7	9	4	3	245
MG	Carmo do Paranaíba			3					23	188	3			217
MG	Uberaba	2	12	8	5	4	12	20	108	15	15			201
DF	Brasília	10	7				3	10	27		2	4	9	72
SP	Franca		5			4			51	2			2	64
MG	Indianópolis			1	3		5	7	45	2				63
MG	Sacramento	2							26		30			58
GO	Catalão	1							53					54
MG	Perdizes	9						10	20		3		10	52
GO	Goiatuba					10		6	31					47
MG	Coromandel								8		37	1		46
MG	São Gotardo	10		4		2		2	16		11			45
MG	Lagoa Formosa	4	3	2		2	2		27		1	2		43
MG	Frutal	16							3			20		39
MG	Ibiá	21							13	5				39
GO	Goiânia			2	4	5	4	2	18			1		36
MG	Belo Horizonte	6	3				1	1	14	2	1		1	29
MG	Rio Paranaíba	1							11	11	1	3		27
MG	Estrela do Sul	3		2					19	1	1			26

MG	Serra do Salitre	1			6		18		1		26	
MG	Cruzeiro da Fortaleza	3		6	3		2	3	7		24	
SP	São Paulo	4	3				6	8		1	22	
MG	Tupaciguara				2			16	3		21	
SP	Monte Alto						20				20	
MG	Vazante							20			20	
MG	Iraí	3	2			1	3	6	1	3	19	
MG	Pedrinópolis						18	1			19	
MG	Prata		1		10		2	6			19	
MG	Guimarânia							8	2	3	4	17
MG	Ituiutaba						3	14				17
GO	Cumari	2						14				16
GO	Itumbiara			5		2		7	2			16
MG	Santa Juliana	3	9		3							15
GO	Corumbáiba							11		3		14
MG	Nova Ponte	7				2		5				14
GO	Caldas Novas		5					4		4		13
MG	Cascalho Rico	4						9				13
GO	Trindade	3						10				13
MG	Bom Despacho	12										12
MG	Santa Luzia							2		7	2	11
PR	Curitiba	9			1							10
RJ	Rio de Janeiro					3		2	5			10
GO	Anápolis	3			2	1		2		1		9
SP	Campinas		2						2	2	3	9
SP	Ribeirão Preto							8		1		9
MG	Unaí						1	1	7			9
GO	Campinorte							8				8
MG	Monte Alegre			2				3		3		8

MG	Divinópolis	2	2	3	7
GO	Pontalina	1	3	3	7
MG	Abadia dos Dourados			2	4
MG	BambuÍ			5	1
GO	Luziania	1		5	
GO	Ouvidor			6	
MG	Campos Altos		3	2	
MG	Guarda-mor			5	
PR	Iporã		5		
MG	João Pinheiro			4	1
SP	Manduri				5
MG	Pirapora	2	1	2	
MG	Tapira			5	
GO	Vianópolis			5	
MG	Canápolis			2	2
MG	Capinopolis			4	
GO	Formoso			4	
MG	Gameleiras			4	
PR	Indisponível	2			2
SP	Jaboticabal	4			
PR	Maringá			1	3
MG	Pará de Minas			4	
SP	Pedregulho			4	
PR	Pérola				4
GO	Quirinópolis	4			
GO	Rio Verde			2	2
MT	Rondonopolis	4			
GO	Águas Lindas de Goiás	3			
GO	Aparecida de Goiânia	1		1	1

GO	Aragarças				3	3
MG	Arapuá			3		3
GO	Bom Jesus		1	2		3
MG	Buritzeiro	1			2	3
PR	Cianorte			3		3
MG	Conceição das Alagoas				3	3
MG	Conquista				3	3
GO	Goianésia	1		2		3
SP	Igarapava				3	3
RO	Indisponível	1			2	3
MG	Juiz de Fora			3		3
PR	Londrina		3			3
PR	Marialva				3	3
SP	Palmares Paulista		3			3
GO	Panamá			3		3
MG	Paracatu			3		3
SP	Patrocínio Paulista	3				3
SP	Pindamonhangaba		3			3
MG	Presidente Olegário			3		3
SP	Salto				3	3
GO	Santa Rosa de Goiás		3			3
MG	Santa Vitória			3		3
PR	Terra Boa	3				3
MG	Varjão de Minas			3		3
MG	Arcos	Q		2		2
MG	Baldim		2			2
SP	Cachoeira Paulista		2			2
MG	Campo do Meio			2		2
GO	Cidade Ocidental			2		2

MG	Contagem			2		2
MT	Cuiabá				1	1
SP	Guaíra			2		2
AM	Indisponível					2
AL	Indisponível			2		2
INT	Int. Deurne, Holanda			2		2
MG	Ipiacu			2		2
SP	Ipuã			2		2
SP	Ituverava			2		2
SP	Jacareí		2			2
MG	Janaúba		1		1	2
MG	Lavras	1			1	2
SP	Lucélia		2			2
MG	Luz		2			2
MS	Miranda					2
SP	Mogi Guaçu				2	2
MG	Monte Santo					2
MG	Passos			2		2
MG	Perdões			2		2
GO	Pirenópolis				2	2
MG	Porteirinha	2				2
GO	Rio Quente			2		2
GO	Rioalma				2	2
SP	Santa Bárbara d'Oeste			2		2
MG	Santo Antônio do Monte			2		2
SP	São José do Rio Preto	1	1			2
SP	São José dos Campos	2				2
MG	Tiros			2		2

MS	Três Lagoas		2	2
GO	Urutaí	2		2
MG	Alfenas		1	1
RS	Anta Gorda		1	1
SP	Bauru			1
RS	Bento Gonçalves		1	1
AM	Boa Vista do Ramos		1	1
MG	Bonfinópolis		1	1
MG	Bonito de Minas		1	1
GO	Brazabantes	1		1
SP	Brodowski		1	1
MG	Cássia		1	1
GO	Caturai	1		1
GO	Ceres		1	1
MG	Comendador Gomes	1		1
MG	Dores do Indaiá	1		1
MA	Estreito		1	1
MG	Estrela do Indaiá	1		1
BA	Feira de Santana	1		1
GO	Formosa		1	1
MG	Francisco Sá		1	1
MG	Fruta de Leite	1		1
SP	Guarulhos		1	1
MG	Guaxupé		1	1
CE	Icó		1	1
INT	Int. Barcelona, Espanha	1		1
INT	Int. Nova Iorque, EUA		1	1
GO	Ipameri	1		1

MG	Itacambi		1	1
GO	Itaguaçu	1		1
MG	Itapecerica		1	1
PR	Jesuíta			1
PB	João Pessoa		1	1
MG	Lagamar		1	1
MG	Martinho Campo			1
MG	Matutina		1	1
AM	Maués		1	1
SP	Mogi das Cruzes		1	1
MG	Munhoz			1
GO	Niquelândia		1	1
RJ	Niterói		1	1
GO	Nova Aurora		1	1
PR	Nova Esperança			1
MG	Oliveira		1	1
SP	Orindiuva			1
MG	Pains		1	1
MG	Palma	1		1
TO	Palmas		1	1
GO	Paranaiguara			1
MG	Pedra Azul			1
GO	Porteirão		1	1
SP	Praia Grande		1	1
MG	Recreio	1		1
PA	Redenção		1	1
SC	Santa Catarina	1		1
SP	São Carlos		1	1
MG	São Roque		1	1

MG	São Sebastião do Paraíso								1						1
PR	Sertanópolis								1						1
GO	Silvânia								1						1
GO	Três Ranchos								1						1
PR	Umuarama								1						1
RJ	Volta Redonda	1													1
		447	223	148	143	257	180	348	2237	563	230	211	97		5084

## **ANEXO A – Reportagem - Amares: Nossa Senhora da Abadia quer acolher mais peregrinos**

### **Amares: Nossa Senhora da Abadia quer acolher mais peregrinos**

*Terça-feira 26 de janeiro de 2016 às 00:27*



A Confraria de Nossa Senhora da Abadia de Bouro, em Amares, quer investir cerca de 4 milhões de euros na criação de alojamento nos quartéis existentes junto àquele santuário, para dinamizar o turismo religioso, informou o presidente.

Carlos Portela, presidente da confraria, explicou à Lusa que o projeto passa pela criação de alojamento direcionado, por um lado, para grupos de jovens que ali queiram pernoitar e, por outro, para famílias que optem por uns dias de férias no local.

“O projeto está pronto e estamos a trabalhar, conjuntamente com a câmara, numa candidatura aos fundos comunitários”, referiu.

O objetivo é o aproveitamento dos antigos quartéis, que outrora eram utilizados para a pernoita dos romeiros mas que entretanto foram ficando “esquecidos”.

Segundo Carlos Portela, “há ali muito espaço, que dava perfeitamente para instalação de umas camaratas para jovens e para alojamento de tipologia T1 ou T2”.

A ideia passa ainda pela criação de um espaço museológico e pela reserva de um espaço para instalação de uma ordem religiosa.

“No fundo, queremos criar condições de atratividade, para incrementar o turismo religioso”, referiu, sublinhando que aquele é “o santuário mariano mais antigo de Portugal”.

O santuário está na “linha de passagem” dos romeiros para a Basílica de S. Bento da Porta Aberta, em Terras de Bouro, mas a confraria quer que ele se assuma como um “ponto de paragem e de pernoita”.

Entretanto, encontra-se em consulta pública, até 2 de março, o projeto relativo à classificação como conjunto de interesse público do Santuário de Nossa Senhora da Abadia.

Para o presidente da câmara de Amares, a classificação será “um passo importante para que o monumento seja reconhecido nacionalmente”.

Manuel Moreira manifestou-se confiante de que este processo conduzirá a “uma maior atenção por parte do Estado” àquele santuário, que classifica como a “uma pérola do concelho”.

“Faremos todos os esforços para dar à Abadia a dignidade e a importância que merece, para que se assuma, cada vez mais, como um local de culto religioso e paragem obrigatória dos circuitos turísticos”, sublinhou o autarca.

BOM DIA LUXEMBURGO. <http://bomdia.lu/amares-nossa-senhora-da-abadia-quer-acolher-mais-peregrinos/#> ACESSO EM 07 MAR 2017.

## **ANEXO B – Caracterização da Ermida de Nossa Senhora da Abadia em Amares – Portugal**

### **Ermida de Nossa Senhora da Abadia / Santuário de Nossa Senhora da Abadia**

IPA.00000354

Portugal, Braga, Amares, Bouro (Santa Maria)

Santuário mariano, maneirista, barroca e rococó, do tipo sacro-monte, com acesso por ampla rampa, ladeada por capelas da Via Sacra, tendo no terreiro, o edifício dos peregrinos de dois pisos e com arcadas e varandas a enquadrar o templo. Integra o Caminho de Santiago e desenvolve-se a partir de um forte culto medieval numa pequena capela de que não subsistem vestígios, reformada no séc. 17 e com obras de renovação no século imediato, altura em que se edificam as capelas na rampa de acesso ao terreiro, certamente na sequência da visita do arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, responsável pela construção do escadório do Bom Jesus do Monte, em Braga (v. IPA.00005694). A construção seiscentista seria menos elevada que a atual e tem a marcação da antiga estrutura, com fachada tripartida e remate em empena ou frontão, onde se rasgaria um óculo, atualmente entaipado e visível no interior. A ampliação em altura do edifício está bem visível na fachada posterior, onde se mostra a primitiva cornija em cantaria e no interior, onde a grade setecentista encimada pelas armas da Ordem de São Bento, gestores do espaço, resulta desproporcionada em comparação com a altura deste corpo, revelando o seu alteamento no final do séc. 18, para a introdução do novo retábulo-mor. A atual fachada data das obras do séc. 18 e uniu num corpo de exo-nártex, as duas torres sineiras maneiristas, com uma interessante cobertura em cúpula, possuindo um amplo nicho central revestido a azulejo de padrão seiscentista e contendo retábulo de talha pintada rococó com uma imagem do orago. As torres possuem mostradores de relógios em cantaria, envolvidos por molduras recortadas, do tipo cartela. A igreja é de três naves escalonadas, de cinco tramos, definidos por colunas toscanas, permitindo a iluminação direta e uniforme da totalidade do espaço, e capela-mor com sacristia no eixo, tendo coberturas interiores diferenciadas, com anacrónicas abóbadas de arestas de madeira nas naves e abóbada de berço na capela-mor. Fachada principal do tipo harmónico com remate em empena reta, com as torres sineiras salientes, permitindo a criação de um exo-nártex, para onde abrem três portas de verga reta e remates em frontões triangulares. As fachadas têm cunhais apilastrados e remates em frisos e cornijas, as laterais rasgadas por portas travessas. O interior está profusamente revestido a talha e mantém silhares de azulejo de tapete do séc. 17. Os arcos, janelas e todos os vãos possuem molduras de talha e amplas sanefas e sanefões com decoração de enrolamentos e de elementos vegetalistas vazados. Os retábulos são semelhantes, com colunas de fustes lisos e terço inferior marcado por anéis de festões de drapeados, destacando-se o mor, com planta côncava e três eixos, com remate em frontão semicircular. Possui um órgão do mesmo período, simples, com a mísula marcada por uma figura mecanizada, em forma de carranca. A cobertura das naves, em madeira, é tardo-barroca, formando falsas abóbadas de arestas, pintadas e com pingentes de talha. As casas dos romeiros seguem o esquema seiscentista, com dois pisos e a enquadrar o terreiro de acesso ao templo, marcado por cruzeiro do final de Setecentos. Possuem arcadas no piso inferior e varandas alpendradas no superior, o do lado direito adaptando-se ao desnível do terreno, possuindo mais dois pisos inferiores. As Capelas da ladeira de acesso são distintas, as mais simples representando uma Via Sacra de sete Passos, surgindo oito capelas com cenas da vida da Virgem, de maiores dimensões e octogonais com interessantes fachadas tardo-barrocas, com profusas molduras de volutas e óculo de perfil contracurvo no eixo. O local é alvo de devoção dos pescadores da Póvoa de Varzim, com vários ex-votos, como tábuas e telas pintadas e fotografias, arrecadas no Museu.

FOTO.00013100

Número IPA Antigo: PT010301190012

## Descrição

Santuário composto por acesso ascendente, pontuado por várias capelas, criando uma Via Sacra, com grupos de figuras religiosas evocativas de passos da vida de Cristo e da Virgem, que liga a um amplo terreiro, no centro do qual surge a igreja, e fronteiro a esta, dois edifícios confrontantes de apoio aos romeiros, conhecidos como a Casa de Ofertas e os Quartéis, para abrigo noturno dos peregrinos. No centro do largo existe um cruzeiro e junto a um dos edifícios dos romeiros, surgem duas fontes, surgindo, ainda, no acesso a Gruta da Aparição e um recinto para piqueniques. IGREJA de planta poligonal composta por três naves, capela-mor profunda e sacristia em eixo, tendo duas torres sineiras salientes, unidas por um corpo, formando exonártex, de volumes articulados e escalonados com coberturas diferenciadas em telhados de uma água nas naves laterais e duas águas na nave central e capela-mor, sendo em cúpula coroada por pináculo nas torres. Fachadas rebocadas e pintadas de branco, exceto a principal, em alvenaria de granito aparente, percorridas por socos de cantaria, flanqueadas por cunhais apilastrados e rematadas em frisos e cornijas; todos os vãos estão emoldurados a cantaria. Fachada principal virada a O., com o corpo do nártex rematado em empena reta, interrompida por pedra de armas e coroa fechada, sobre a qual evolui pequeno espaldar recortado e volutado com cruz latina no topo. O acesso ao nártex processa-se por três arcos frontais, dois deles sob as torres, assentes em pilares crucíferos, os laterais de volta perfeita e encimados por cartelas enrolados e o central de perfil em arco abatido e com o fecho marcado por pedra de armas; lateralmente, na base das torres, dois acessos por arcos de volta perfeita. Neste espaço, rasgam-se três portais de acesso ao templo, todos de verga reta e rematados por frontões triangulares, os laterais com bandeira. A fachada principal possui, ainda, no segundo registo, amplo nicho em arco abatido, com acesso por portas de verga reta a partir das torres, tendo o interior revestido a azulejo de padrão policromo e cobertura em falsa abóbada com pinturas murais, contendo estrutura retabular com a imagem do orago. O vão está protegido por guarda metálica pintada de verde. As torres sineiras, vazadas inferiormente, têm mais dois registos, separados pela continuidade da empena, o intermédio com relógios inscritos em cartelas decoradas por volutas e o superior com quatro ventanas de volta perfeita, de fechos salientes e assentes em pilastras. Rematam em friso e cornija, tendo, nos ângulos, pináculos piramidais com bola. As fachadas laterais são semelhantes, rasgadas, nos corpos das naves laterais, por portas travessas de vergas retas e três janelões em capialço, sendo encimado por janelas em capialço no volume da nave central. O corpo da capela-mor possui porta e três janelões, surgindo, no corpo da sacristia, mais baixo, mas com dois pisos, uma janela no piso inferior e duas no superior, todas com molduras a prolongarem-se inferiormente, formando falsos brinços. Fachada posterior rematada, no corpo da sacristia, em empena reta, possuindo registo de azulejo, alusivo ao orago, sendo visível, sobre este corpo, o nível da primitiva empena da capela-mor, marcado a cantaria. INTERIOR com três naves, cada uma delas com quatro tramos, sustentados por colunas toscanas, as dos topos adossadas aos muros, com arcos formeiros de volta perfeita, protegidos por sanefas de talha policroma, que se ligam entre elas; as que iniciam os segundos tramos, têm pias de água benta concheadas e de perfis galbados. As paredes estão rebocadas e pintadas de branco, as das naves percorridas por silhares de azulejo de padrão policromo, com coberturas em falsas abóbadas de aresta de madeira pintada, com pendentes centrais e assentes em mísulas e em cornija de cantaria; pavimento em lajeado. As janelas com molduras de cantaria e pequenas molduras de talha dourada, estão encimadas por sanefas de talha pintada de branco, verde e dourado, com remates recortados. O portal axial está protegido por guarda-vento de madeira, sobrepujado por óculo elíptico, entaipado, e amplo sanefão de talha e, no lado da Epístola, surgem as escadas de acesso à torre S.. No lado do Evangelho, púlpito de talha quadrangular e assente em pilar do tipo balaústre, com ampla base e guardas plenas de talha pintada de branco, verde e dourado, com cartelas de querubins, envolvidas por folhagem. Confrontantes, surgem quatro capelas retabulares laterais, protegidas por teia metálica interrompida por acrotérios de talha pintada de marmoreados fingidos; são dedicadas a São Sebastião e Santo Amaro (Evangelho) e a São Brás e São José no lado oposto. Ainda confrontantes, surgem dois nichos embutidos na parede e emoldurados a talha pintada, o do Evangelho com Nossa Senhora de Fátima e, no lado oposto, Nossa Senhora da Abadia. Arco triunfal de volta perfeita, assente em pilastras, tudo revestido a talha pintada de marmoreados fingidos, encimado por amplo sanefão; está protegido por grade encimada por espaldar recortado, que centra as armas dos beneditinos. O arco está ladeado por duas capelas retabulares colaterais dedicadas a São Lourenço (Evangelho). Capela-mor com as paredes rebocadas e pintadas de branco e cobertura em falsa abóbada de berço,

rebocada e pintada, assente em frisos e cornijas. As janelas possuem guardas metálicas, molduras de talha e sanefas semelhantes às da nave. No lado do Evangelho, surge, sobre tribuna, o órgão de tubos e nas paredes laterais existem portas de acesso a escadas de acesso ao piso superior, encimadas por sanefas. Sobre supedâneo de granito, o retábulo-mor, de talha pintada de castanho, verde, branco, marmoreados fingidos e dourado, de planta côncava e três eixos definidos por quatro colunas de fustes lisos e o terço inferior estriado, assentes em plintos paralelepípedicos, de faces almofadadas e ornadas por motivos fitomórficos. Ao centro, ampla tribuna em arco de volta perfeita, com cobertura em quarto de esfera e fundo apainelado a enquadrar trono expositivo, tendo, na base, pequeno baldaquino de madeira com a imagem do orago. Os eixos laterais formam apainelados com peanhas contendo imaginária, surgindo, na base, as portas de acesso à sacristia. A estrutura remata em espaldar flanqueado por consolas e aletas com anjos dourados, encimados por cartela, ladeada por anjos tenentes, contendo as iniciais "AM" e por frontão semicircular com o topo ornado por folhagem. Altar paralelepípedo, encimado por sacrário. As CAPELAS DA VIA SACRA são sete, de plantas retangulares e representam "Cristo no Horto", "Flagelação", "Coroação de Espinhos", "Ecce Homo", "Queda no Caminho do Calvário", "Despojamento das vestes" e o "Calvário". As CAPELAS DA VIRGEM são octogonais, em número de oito, representando: "Nascimento da Virgem", "Apresentação da Virgem no Templo", "Esponsórios da Virgem", "Anunciação", "Visitação", "Natividade", "Adoração dos Reis Magos" e "Chegada ao Egito". Os EDIFÍCIOS DOS ROMEIROS são idênticos, de plantas retangulares simples, o do lado esquerdo, formando uma pequena inflexão e adaptando-se ao declive do terreno, com coberturas homogêneas em telhados de duas águas. Evoluem em dois e quatro pisos, o do lado S., com fachadas rebocadas e pintadas de branco, as viradas ao terreiro, percorridas por alpendres em arcos em asas de cesto, encimados por varandas alpendradas, sustentadas por colunas toscanas, rasgadas por portas de verga reta e molduras simples; o acesso aos pisos superiores é feito por escadarias de pedra centrais. O corpo S. tem quatro pisos, o inferior marcado por arcadas, a que correspondem, no superior, janelas de peitoril retilíneas. No segundo piso do corpo N., surge o Museu, e, no piso térreo da ala S., a Casa das Estampas.

#### **Acessos**

Bouro (Santa Maria), Lugar da Abadia, EM. 1243

#### **Protecção**

Categoria: CIP - Conjunto de Interesse Público / ZEP, Portaria n.º 254/2016, DR, 2.ª série, n.º 166, de 31 agosto 2016 \*1

#### **Enquadramento**

Florestal, isolado, situado a cerca de 4 Km de Santa Maria do Bouro, implantado a meia encosta, rodeado de montanhas, em plena Serra do Gerês (v. IPA.00005841), nas imediações do rio Nava, que corre a S. do complexo, e que forma várias cascatas naturais, possuindo vestígios das antigas azenhas no seu percurso. A vegetação é deslumbrante e variadíssima, destacando-se os plátanos que marginam a alameda de acesso ao terreiro.

#### **Descrição Complementar**

O nicho da fachada principal tem RETÁBULO de talha pintada de bege, branco e dourado, de planta convexa e um eixo definido por duas colunas de fustes lisos e pilastras com os fustes ornados por folhagem. Ao centro, nicho de perfil contracurvo, com a imagem coroada da Senhora. A estrutura remata em friso e cornija contracurva. Os SANEFÕES do arco triunfal, da parede fundeira e dos arcos são semelhantes, de talha pintada e dourada, composta por espaldares de enrolamentos vazados e decoração fitomórfica, possuindo falsos lambrequins rendilhados. As CAPELAS RETABULARES são todas semelhantes, de talha pintada de verde, branco, marmoreados fingidos e dourado, com corpo de planta côncava e um eixo definido por duas colunas de fustes lisos e com o terço inferior marcado por anel de festões de drapeados, e por duas pilastras, com pequenas molduras exteriores, assentes em plintos paralelepípedicos, de faces almofadadas. Ao centro, nicho de perfil contracurvo e molduras salientes, as exteriores com pequenas mísulas para imaginária, contendo peanha de perfil côncavo sustentando imaginária. A estrutura remata em friso e cornijas, encimadas por anjos de vulto, folhagem e espaldar curvo, rodeado por elementos vegetalistas e contendo elemento oval, sobrepujado por cornija de perfil contracurvo, de inspiração borromínica. Altares paralelepípedicos, o de São Lourenço encimado por sacrário com a porta ornada por ostensório. OS NICHOS LATERAIS são semelhantes com acesso por arcos de volta perfeita, envolvidos por talha pintada de branco, vermelho e de

marmoreados, criando quatro pilastras ornadas por acantos, sobre plintos almofadados. O interior forma apainelados de talha com almofadados e o fundo está pintado com falsos drapeados, a abrir em boca de cena, enquadrando a imagem. Os altares reaproveitam antigas mesas com gavetas e pés galbados. ÓRGÃO assente em coreto amplo, sobre mísula com carranca mecanizada, e guarda em falsos balaústres vazados. A caixa de órgão é de talha pintada de branco, vermelho e dourado, composto por três castelos e dois nichos intermédios, separados por pilastras e rematados em cornijas e albarradas. O castelo central tem o perfil de meia-cana, sendo os dois exteriores em ângulo, com os tubos em disposição diatónica em teto, protegidos por gelosias fitomórficas, dispostas em boca de cena. Os nichos, com os tubos em disposição cromática têm gelosias em forma de harpa. Na base dos castelos, os tubos de palheta, em leque. Consola em janela, ladeada pelos botões dos registos, ladeados por apainelados vazados. As CAPELAS DA VIA SACRA são de planta retangular simples, com coberturas em telhados de duas águas, com as fachadas rebocadas e pintadas de branco e acesso por porta de verga reta. Os interiores têm coberturas em abóbadas de berço em cantaria, assentes em cornijas e pavimento em lajeado. A do Cristo no Horto tem as paredes rebocadas e pintadas de branco, sendo a da Flagelação pintada com falsos marmoreados, definidos por molduras retilíneas com motivos fitomórficos, pintadas de vermelho, tendo, na cobertura, uma falsa balaustrada. A capela da Coroação de Espinhos possui fundo pintado com cenários de falsos drapeados com espaldar recortado e lambrequins. A Capela do Calvário é de maiores dimensões e encontra-se forrada a azulejo. As CAPELAS DA VIRGEM são de planta octogonal, com coberturas em telhados de oito águas e fachadas rebocadas e pintadas de branco, percorridas por socos de cantaria e com cunhais apilastrados, firmados por pináculos do tipo pera, e rematadas em frisos e cornijas, curvas na face frontal. As fachadas principais possuem portais de perfis curvos, com molduras recortadas, formando volutas nos ângulos, encimados por cornijas e óculos contracurvos. No centro do largo existe um CRUZEIRO assente em plataforma quadrangular de dois e três degraus, devido ao declive do terreno, com plinto paralelepípedo, decorado por festões e volutas nos ângulos; neste, assenta coluna de fuste liso e com o terço inferior estriado e capitel coríntio. No topo, cruz latina de braços trilobados com imagem do Crucificado. No recinto, surgem, ainda o CORETO, de planta octogonal, constituído por uma base em alvenaria de granito, varandim em ferro e cobertura metálica, piramidal, suportada por oito elementos metálicos, e o OBELISCO, em homenagem aos mesários da Confraria. A GRUTA DA APARIÇÃO foi escavada pela confraria e nela surge um pequeno lago e uma réplica da imagem da Senhora. No lado direito, lápide com a inscrição: "PREITO DE AMOR E FÉ DOS / DEVOTOS DE NOSSA SENHORA / AO ENCERRAR O BIMILENÁRIO / DO SEU NASCIMENTO, INAUGU / RADO PELO ARCEBISPO PRIMAZ / DOM EURICO DIAS NOGUEIRA / ABADIA - 25 de MAIO DE 1986". No percurso e junto ao templo, surgem a FONTE DE SÃO MIGUEL, adossada a um muro de suporte de terreno, composto por espaldar de perfil curvo e remate em cornija contracurva, encimada pela imagem de São Miguel, possuindo cartelas decorativas e uma bica que verte para tanque de perfil galbado. Junto ao templo, um FONTENÁRIO com nicho de volta perfeita e aduelas de silharia fendida, contendo boca que verte para taça trilobulada. No caminho, uma FONTE adossada a muro de alvenaria, composta por obelisco e bica que verte para taça de perfil retilínea, sobre plinto. A imagem do BOM JESUS DA PAZ no alto do Monte de São Tiago tem plataforma de granito e imagem monolítica, em mármore.

#### **Utilização Inicial**

Religiosa: capela

#### **Utilização Actual**

Religiosa: santuário

#### **Propriedade**

Privada: Igreja Católica (Diocese de Braga)

#### **Afectação**

Sem afectação

#### **Época Construção**

Séc. 17 / 18

#### **Arquitecto / Construtor / Autor**

CARPINTEIROS: Daniel Machado (1859); José Pedro Ribeiro (1796); Leandro José Gomes (1780); Manuel Gomes (1780). FUNDIDOR: José Félix Pereira dos Santos (1799); José Rodrigues (1730-1732). ORGANEIRO: Manuel de Sá Couto (1797-1798). PEDREIROS: Domingos Fernandes (1763-1765); Francisco José (1800); José Ribeiro (1795).

### **Cronologia**

Séc. 08 - provável construção de um ermitério no Monte de São Miguel, para beneditinos segundo alguns autores (COSTA, 1706, p. 258), ou para eremita agostinhos, segundo outros (MARIA, 1712, pp. 34-35); 845 - a igreja do Mosteiro paga tributo à Catedral de Braga; séc. 11 - existe no local o ermitério de monges beneditinos; D. Paio Pais Guterres, após a morte da esposa, recolhe ao cenóbio e acha, segundo a tradição, a imagem da Virgem numa pequena gruta; deslocação do ermitério do alto do monte para este local; séc. 12 - o mosteiro é dirigido pelo abade Nuno; 1107 - saem do local, três monges para o Mosteiro de Rendufe; 1148 - vem ao local D. Afonso Henriques, criando um couto e doando a vila de Santa Marta do Bouro; 1158 - D. Afonso Henriques doa ao mosteiro os dízimos do sal da vila de Fão; séc. 14 - provável execução da imagem do orago; 1644 - data no portal de acesso ao templo; 1648 - concessão de uma Bula de indulgências à Confraria de Nossa Senhora da Abadia, pelo papa Inocêncio X; 1660 - data do ex-voto mais antiga que subsistiu; 1687 - construção do altar-mor, pago por Carlos Fernandes, milanês, feito pelo padre Frutuoso da Costa; 1691 - data numa grade existente na sacristia de cima; 1712 - Frei Agostinho de Santa Maria refere que o local tem perpetuamente romeiros e a imagem é mediana, de pedra pintada, sem nunca ter sofrido qualquer repinte; 1725 - construção da atual igreja, no local da antiga capela românica; construção das capelas da Via Sacra; 23 agosto - D. Rodrigo de Moura Teles visita o Santuário; 1730 - 1732 - aquisição do sino grande da torre e do sino do relógio, feitos em Braga na Oficina de José Rodrigues; 1742 - introdução de um confessionário para mulheres na igreja; 1755, 12 novembro - contrato entre o presidente Frei Bernardo de Meio e o pedreiro João Rodrigues de Santiago de Poiares para a execução da capela junto à Fonte do Minhoto, concluída no ano seguinte; 1763 - execução da Capela da Natividade, por ordem de Frei Paulo de Brito executada por Domingos Fernandes, de Navarra, que recebe 269\$772; 1763 - 1765 - construção da Capela dos Reis pelo mesmo pedreiro e pelo mesmo valor; 1769 - D. Gaspar de Bragança concede uma indulgência de 40 dias a quem orar junto à imagem do orago; 1780 - conclusão da obra de carpintaria dos Quartéis Novos, pelos irmãos Manuel e Leandro José Gomes; 1788 - substituição do retábulo-mor, sendo o anterior enviado para a Igreja de São Julião de Paços; 1789 - aquisição do sino pequeno da torre do relógio; 1793, 07 janeiro - concessão de privilégio ao altar e aos Confrades da Senhora pelo Papa Pio VI; 29 julho - concessão de privilégio ao altar de São Lourenço pelo Papa Pio VI; 1795 - contrato com José Ribeiro, de Cervães, para a construção do cruzeiro por 290\$000; 1796 - feitura do arcaz e respetivo espaldar da sacristia pelo carpinteiro do Porto, José Pedro Ribeiro; 1797, 22 julho - 1798, 15 abril - execução do órgão por Manuel de Sá Couto por 600\$000; 1799 - aquisição do sino pequeno do relógio e da sineta de São Miguel, a José Félix Pereira dos Santos, por 117\$015; 1800 - feitura da Capela da Fuga para o Egipto, pelo pedreiro Francisco José, de Paredes; 1820 - feitura da Fonte do Anjo de Além da Ponte; 1834 - extinção das ordens religiosas, saindo os frades do Santuário e do Mosteiro de Santa Maria do Bouro; 16 junho - arrolamento dos bens do templo, sendo deixado apenas dois cálices; a administração do templo passa para o domínio da Diocese; 1859 - após a expulsão dos frades, o culto fica a cargo de um capelão, sendo o primeiro o Padre Inácio Joaquim Vieira Rebelo; 1883 - data na peanha da imagem do orago; 1886, 07 agosto - aprovação dos Estatutos da Confraria de Nossa Senhora da Abadia pelo Governo Civil de Braga; 13 agosto - instituição canónica da Confraria pelo arcebispo D. António José de Freitas Honorato (1883-1898); 1897 - inauguração das Cruzes da Via Sacra no interior do templo; 1905, 17 novembro - o arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha visita o Santuário e inscreve-se como confrade da Irmandade; 1910, 28 janeiro - pedido do Capelão para transferir a data da festa do primeiro sábado da Quaresma para o domingo seguinte; 1920 - reforma dos Estatutos da Confraria; 1937 - construção da estrada de acesso, comparticipada pelo Ministério das Obras Públicas; 1947, 15 agosto - bênção da imagem do Sagrado Coração de Jesus (Bom Jesus da Paz) no alto do Monte de São Miguel; 1948, 28 janeiro - uma tempestade danifica a parede do largo junto à fachada posterior e a ponte do Caminho de Santa Isabel; 1973, 16 novembro - Despacho de homologação da classificação do edifício como Imóvel de Interesse Público, que incidirá apenas sobre a igreja de três naves, segundo o parecer da 4.<sup>a</sup> Subsecção da 2.<sup>a</sup> Secção da Junta Nacional de Educação; 1986 - feitura de uma réplica da imagem de Nossa Senhora da Abadia para colocar na Gruta da Aparição; 1990, 22

abril - inauguração do Museu Etnográfico e de Arte Sacra, instalado no edifício dos quartéis; 2004 - adjudicação da renovação da iluminação do santuário e do museu; 2013, 06 março - publicação da abertura do procedimento de classificação e fixação da respetiva zona especial de proteção provisória, em Anúncio n.º 100/2013, DR, 2.ª série, n.º 46; 2016, 19 janeiro - publicação do projeto de decisão relativo à classificação como Conjunto de Interesse Público do Santuário de Nossa Senhora da Abadia, incluindo o património integrado, e à fixação da respetiva zona especial de proteção, em Anúncio n.º 11/2016, DR, 2.ª série, n.º 12.

#### **Dados Técnicos**

Sistema estrutural de paredes portantes.

#### **Materiais**

Estrutura em alvenaria e cantaria de granito, parcialmente rebocada e pintada; modinaturas, cunhais, pináculos, pilares, colunas, frisos, cornijas, pias de água benta, pavimentos, supedâneo em cantaria de granito; tetos de madeira; coberturas da nave, molduras, sanefas, sanefões, púlpito, retábulos e órgão de talha pintada e dourada; grades e guardas em ferro; azulejo de padrão tradicional; coberturas exteriores em telha cerâmica.

#### **Bibliografia**

A Arte e a Devoção. Catálogo da exposição Peregrinação e Ex-votos de Poveiros no Santuário de Nossa Senhora da Abadia. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2008; «Abadia aposta na área da saúde» in Diário do Minho. Braga: 24 janeiro 2004, p. 11; COSTA, Carvalho da (Padre) - Corografia Portuguesa... Lisboa: Valentim da Costa Deslandes, 1706, vol. I; CUNHA, Padre Arlindo Ribeiro da - Senhora da Abadia. Barcelos: Tipografia Vitória, 1951; MARIA, Agostinho de Santa - Santuário Mariano... Lisboa: Oficina de António Pedrozo Galram, 1712, tomo 4.º; MARQUES, Mário César, Ex-votos de poveiros no Santuário da Abadia. Lisboa: ORBIS - Edições Ilustradas, Lda., 1970; VALENÇA, Padre Manuel - A Arte Organística em Portugal. Braga: Editorial Franciscana, 1990, vol. II; VASCONCELOS, João - Romarias - II - um inventário dos Santuários de Portugal. Lisboa: Olhapi Editores, 1996, vol. II.

#### **Documentação Gráfica**

DGPC: DGEMN:DSID

#### **Documentação Fotográfica**

DGPC: DGEMN:DSID, Arquivo Pessoal de Ilídio de Araújo (IAA); Associação de Reitores dos Santuários de Portugal / Paulinas

#### **Documentação Administrativa**

DGPC: DGEMN:DSID-001/003-003-0332/18, DGEMN:DSARH-010/027-0040

#### **Intervenção Realizada**

PROPRIETÁRIO: 1859, 15 agosto - pagamento de 80\$000 ao carpinteiro Daniel Machado da obra do pavimento das varandas dos quartéis; 1860 - restauro da Fonte do Minhoto e condução da água por caleiras até à mesma; DGEMN: 1976 - desinfestação da talha da cobertura e das estruturas retabulares; PROPRIETÁRIO: 1986 - restauro da talha; DGEMN: 1987 -desinfestação da talha do edifício, pela GASO - Esterilizadora, Lda.; PROPRIETÁRIO: 1987 - obras de restauro do cruzeiro e de uma capela; 1958 - restauro do órgão e substituição do teclado; 2003 - obras de conservação da sacristia; recuperação dos trilhos pedestres da Via Sacra; recuperação do quartel N..

#### **Observações**

\*1 - DOF: Santuário de Nossa Senhora da Abadia, incluindo o património integrado.

#### **Autor e Data**

Paula Figueiredo 2013 (no âmbito da parceria IHRU / Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja)

## ANEXO C – Programações das Festas em Louvor à Nossa Senhora da Abadia em Amares, Portugal e em Romaria, Brasil, no ano de 2015

**Programação da Festa em Louvor à Nossa Senhora da Abadia em Amares, Portugal, agosto de 2005:**

### 6 a 14 de Agosto

19h00 – Novena de preparação: Terço, Eucaristia e reflexão.

### 9 de Agosto Domingo

FESTA EM HONRA DE S. LOURENÇO

10H00 – Eucaristia Dominical;

17H00 – Novena, Terço e Eucaristia em honra a S. Lourenço com procissão no final, desde o Santuário até o Cruzeiro.

### 14 de Agosto Sexta-Feira

09H00 – Via Sacra pelas várias Capelas do Calvário;

20H00 – Novena, Terço e Eucaristia. No final, procissão de velas até ao 2º Calvário.

### 15 de Agosto Sábado

FESTA EM HONRA DE NOSSA SENHORA DA ABADIA

10H30 – Procissão desde o 2º Calvário até ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia. À chegada celebrar-se-á a Eucaristia Festiva.

18H00 – Procissão em Honra de Nossa Senhora da Abadia.

19H00 – Eucaristia.

**06 de Agosto Quinta-Feira** – Abertura da Barraca, com animação.

**07 de Agosto Sexta-Feira** – Animação na Barraca.

**08 de Agosto Sábado** – Animação na Barraca.

**09 de Agosto Domingo** – Animação na Barraca.

**10 de Agosto Segunda-Feira** – Animação na Barraca.

**11 de Agosto Terça-Feira** – Animação na Barraca.

**12 de Agosto Quarta-Feira** – Animação na Barraca.

**13 de Agosto Quinta-Feira**

21H30 – Atuação do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Amares.

**14 de Agosto Sexta-Feira**

22H00 – Atuação do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Amares.

**15 de Agosto Sábado**

9H30 – Entrada da Banda Filarmónica de Bouro Santa Maria – Amares.

Durante a tarde: Concerto pela referida Banda.

19H45 – Marcha de despedida da Banda Filarmónica de Bouro Santa Maria – Amares.

21H30 – Atuação do Rancho Folclórico de Pandoses – Parada do Bouro

**16 de Agosto Domingo** – Animação de Rua.



Fonte: <http://www.oamarense.com/noticia.php?id=7769>

**Programação da Festa em Louvor à Nossa Senhora da Abadia em Romaria, Brasil, agosto de 2005:**

**Sábado – 1º de Agosto**

05h30 – Alvorada Festiva

08h, 10h 14h 16h e 19h missas no Santuário

Abertura Oficial da Festa de Nossa Senhora da Abadia 2015

12h – Abertura com Banda de Música Corporação Musical Abel Ferreira de Patrocínio

19h – Missa solene e inauguração do Velário e Sala das Promessas.

**Domingo – 02 de Agosto**

08h, 10h, 14h, 16h e 19h – Missas no Santuário.

7h e 9h – Missa no Oratório do BV. Pe. Eustáquio

11h – Batizados no Santuário

14h – Missa com Coral da Paróquia de São Sebastião de Uberlândia MG.

19h – Missa, procissão e coroação da Imagem de Nossa Senhora da Abadia pelos Jovens do Santuário.

**Segunda, Terça e Quarta-Feira – 03, 04 e 05 de Agosto**

8h, 10h, 15h e 19h – Missas no Santuário.

**Quinta-feira – 06 de Agosto**

Abertura Solene da Novena

5h30 – Alvorada Festiva

8h, 10h, 14h, 16h e 19h – Missas no Santuário.

11h30 – Apresentação da Banda de Música

12h- Abertura das Solenidades, levantamento das Bandeiras de Nossa Senhora da Abadia e do Divino Espírito Santo.

19h – Missa com bênção do Santíssimo, Novena e Confissões.

**Sexta-feira – 07 de Agosto**

6h30 – Via-Sacra

7h, 10h, 14h, 16h e 19h – Missas no Santuário

9h – Missa no Oratório do BV. Pe. Eustáquio.

12h – Novena

18h30 – Terço

19h – Missa, Novena e Confissões

**Sábado – 08 de Agosto**

6h30 – Via-Sacra

7h, 9h, 11h, 14h e 19h Missa no Santuário

8h e 10h – Missas no Oratório do Bv. Pe. Eustáquio

11h – Missa dos Motociclistas no Santuário

12h – Novena

16h – Missa Rádio América de Uberlândia presidida por

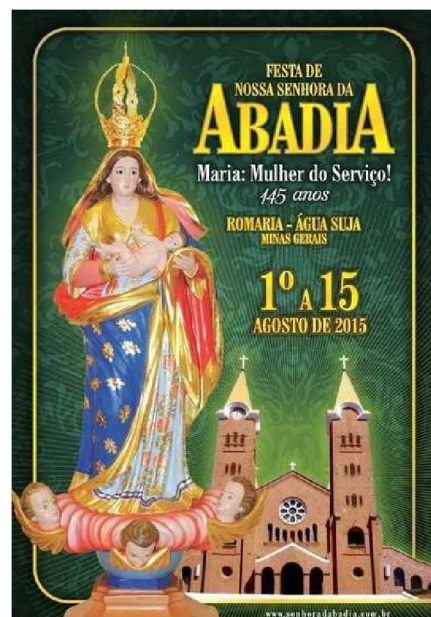
Pe. Edvaldo

18h30 – Terço

19h – Missa com bênção do Santíssimo, Novena e Confissões.

**Domingo – 09 de Agosto**

6h30 – Via –Sacra



7h, 9h, 10h30, 14h, 17h e 19h – Missa no Santuário

10h30- Missa e coroação da Imagem de Nossa Senhora da Abadia pela Romaria do Paizinho de Uberaba MG.

8h e 10h – Missas no Oratório do Bv. Pe. Eustáquio

11h30 – Batizados

12h – Novena

17h – Coral Nossa Senhora Aparecida de Perdizes MG – Missa Sertaneja. E coroação da imagem de Nossa Senhora da Abadia pelas Comunidades Rurais.

18h30 – Terço

19h – Missa com bênção do Santíssimo, Novena e confissões.

### **Segunda, terça, quarta e quinta – feira – 10/11/ 12 e 13 de Agosto**

6h30 – Via- Sacra

7h, 9h, 10h30, 14h e 19h – Missas no Santuário

8h, 10h – Missas no Oratório do Bv. Eustáquio

12h – Novena

18h30 – Terço

19h – Missa, Novena e Confissões.

### **Sexta-feira – 14 de Agosto**

6h30 – Via-Sacra

7h, 9h, 10h30, 15h e 19h – Missas no Santuário

8h, 10h e 14h – Missas no Oratório do Bv Eustáquio

12h – Novena

16h – Momento Musical na Praça com o Ministério de Música

17h – Missa Campal presidida por D. Paulo Mendes Peixoto nosso Arcebispo Metropolitano. E coroação da imagem de Nossa Senhora da Abadia pelos romarienses que residem fora.

19h – Missa, Novena e confissões.

### **Sábado – 15 de Agosto**

Solenidade da Assunção de Nossa Senhora da Abadia

0h, 2h, 4h, 5h30, 7h, 8h30, 10h, 11h30 – Missas no Santuário

6h, 7h30, 9h, 10h30, 13h e 15h – Missas no Oratório Bv Pe. Eustáquio

11h30 – Batizados

12h – Leilão do Gado

16h – Momento Musical na Praça

17h – Solene Celebração Eucarística de encerramento da Festa de Nossa Senhora da Abadia presidida por Pe. Márcio Ruback Reitor deste Santuário. Procissão luminosa, coroação da imagem de Nossa Senhora da Abadia, pelas paróquias: Nossa Senhora de Fátima e São Judas Tadeu de Uberlândia – MG. Em seguida encenação da subida de Nossa Senhora ao céu.

### **Domingo – 16 de Agosto**

Festa do Divino Espírito Santo, Co-Padroeiro da Paróquia

8h, 10h, 14h, 16h Missas no Santuário

19h – Missa e Procissão do Divino Espírito Santo

### **Segunda-feira – 17 de Agosto**

8h, 10h, 14h, 16h e 19h Missas no Santuário.

Fonte: <https://blogdamayaradelfino.wordpress.com/2015/07/15/programacao-festa-de-nossa-senhora-da-abadia-em-romaria-2015/>